

9

D. MANOEL CORRÊA DE BASTOS PINA

BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL

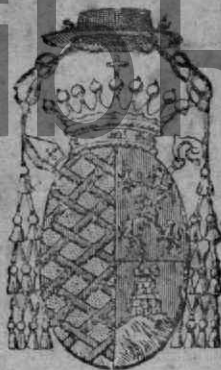
ESBOÇO BIOGRAPHICO

POR

MARQUES GOMES

Da Real Academia de Historia de Madrid, da Academia Real
das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1898



I

Nascimento e primeiros estudos. — Forma-se em direito e abraça em seguida a vida ecclesiastica.

O sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, 61.^o bispo de Coimbra, assistente ao solio pontificio, 25.^o conde de Arganil, par do reino, Senhor de Coja e Alcaide-mór de Avô, nasceu no lugar da Costeira, da freguezia de Carregosa, concelho de Oliveira d'Aze-meis, a 19 de novembro de 1830. Foram seus progenitores o sr. Antonio Corrêa de Bastos Pina e sua esposa a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Joaquina da Silva, honrados e bemquistos proprietarios ruraes, que, se não tinham avós nobres a afidalgar-lhes o berço, tiveram filhos illustres a enaltecer-lhes o lar.

Destinado por seus paes a uma carreira litteraria, fez os primeiros estudos na sua terra natal, vindo depois para Ilhavo estudar francez e logica com o dr. José Antonio Pereira Bilhano, depois arcebispo d'Evora. Os restantes preparatorios estudou-os em

Coimbra, matriculando-se na Universidade em outubro de 1848, no primeiro anno da faculdade de direito. Alli foi commensal do sabio e bondoso lente de theologia o sr. dr. José Manuel de Lemos, antigo vigario capitular do bispado, vice-reitor da Universidade e velho amigo de seu tio o padre José Corrêa de Bastos Pina, parocho da freguezia das Febras, no concelho de Cantanhede, e que em breve se lhe affeioou por tal fôrma que veio a ser o seu melhor e mais dedicado amigo. Foi seu tio José Corrêa quem custeou todas as despesas da sua formatura e o confiou aos cuidados d'aquelle sabio lente. Em julho de 1853 concluia com muita distincção o curso de direito, e, desejando consagrar-se às lides do fôro, foi poucos mezes depois para a comarca da Feira praticar com o habil advogado João de Castro Corte-Real.

O sr. D. José Manuel de Lemos, apresentado bispo de Bragança em 25 d'outubro de 1853, foi confirmado e sagrado no anno seguinte. Em janeiro de 1854, prestes a partir para a sua diocese, recebeu a visita do seu antigo commensal o sr. dr. Bastos Pina, que propositadamente fôra a Coimbra para se despedir d'elle. N'essa occasião o novo bispo mostrou-se de véras contristado com uma separação tão longa como era a que se ia seguir, mas a isto retorquiu aquelle que tal separação se não daria se s. ex.^a lhe permittisse acompanhá-lo para Bragança, porque desejando ordenar-se queria receber a sua ordenação das proprias mãos do seu protector e amigo.

O bondoso prelado recebeu com grande praser esta resolução e em seguida nomeou-o seu secretario.

Pelo sr. D. José Manuel de Lemos foi ordenado presbytero em 19 de novembro d'este mesmo anno.

II

E' nomeado chantre e vigario geral da diocese de Bragança. Passa a exercer idênticas funcções na de Vizeu, e em seguida na de Coimbra. Primeira e segunda vez vigario capitular *sede vacante* em Vizeu. Scisma incipiente promptamente desfeito. Os seus actos merecem a sanção da Santa Sé e do governo portuguez.

Vago o chantrado da Sé brigantina pela nomeação, para deão da Sé de Leiria em 7 de novembro de 1854, do dr. João Maria do Amaral Pimentel, mais tarde bispo d'Angra, foi s. ex.^a, por proposta d'aquelle prelado, apresentado n'esta dignidade capitular por decreto de 6 de dezembro.

Por provisão de 20 de janeiro de 1855 foi o sr. dr. Bastos Pina nomeado vigario geral da diocese e em 6 de novembro encarregado da regencia d'uma cadeira de sciencias ecclesiasticas no seminario diocesano. Vasto campo se abria agora a actividade e illustração do novo vigario geral, que em nada desmereceu da illimitada confiança que desde principio começou a depositar n'elle o seu venerando amigo. Negocios graves da administração diocesana teve desde logo a resolver, mas na resolução acertada de todos deu largas provas da aptidão, que mais tarde havia de manifestar no exercicio do alto cargo que na hierarchia ecclesiastica havia de vir a desempenhar.

Em 5 de março de 1856 é o sr. bispo D. José Manuel de Lemos transferido para a diocese de Vizeu, onde fez a sua entrada solemne a 6 de novembro. Acompanhou-o o seu vigario geral n'aquella diocese, que veio depois a desempenhar aqui idênticas funcções, assim como a de chantre da respectiva Sé, para que foi nomeado em 21 de agosto de 1856,

havendo-se recusado a tomar posse da dignidade de deão, em que havia sido apresentado por decreto de 21 de maio também d'esse anno, por não a julgar canonicamente vaga. Para esta dignidade havia sido nomeado no tempo do sr. D. Miguel um ecclesiastico que o governo constitucional em 1834 expulsou, por julgar nulla a sua nomeação, ecclesiastico que ao tempo ainda vivia. Foi isto que predominou no animo rectissimo do sr. dr. Bastos Pina para não acceitar a nomeação. Não era menos ardua, senão talvez bem mais difficil do que a de Bragança, a administração superior ecclesiastica da diocese de Vizeu, pois apesar d'isso o sr. D. José Manuel de Lemos fez-se por bastantes vezes substituir pelo reverendissimo chantre, seu secretario, que soube honrar agora, como sempre, a confiança que s. ex.^a n'elle depositava.

Vaga a diocese de Coimbra pela elevação a patriarcha de Lisboa do sr. bispo conde D. Manuel Bento Rodrigues, foi aquelle prelado transferido para a Sé vacante em 23 de abril de 1858, transferencia que foi confirmada por Sua Santidade o Papa Pio IX em 27 de setembro. Vindo para Coimbra, o sr. bispo Lemos tratou logo de transferir também para esta cidade o sr. dr. Bastos Pina e achando-se ao tempo também vaga a dignidade de chantre da Sé conimbricense, foi logo para ella nomeado por decreto de 5 de julho. D'esta vez porém s. ex.^a não pôde seguir conjuntamente com o sr. Bispo Conde para a sua nova diocese quando este deixou Vizeu em 22 de novembro (1858), porque tendo sido eleito vigario capitular d'esta diocese, cargo que exerceu com geraes applausos até 5 de outubro do anno seguinte, em que chegou alli o bispo D. José Xavier de Cerveira e Souza transferido de Beja, vindo só então reunir-se ao seu prelado, que o elevou logo á dignidade de seu vigario geral. Aquella eleição não foi devida á insinuação do

governo, o que poucas vezes succede, mas sim ás muitas e justificadas sympathias que o sr. dr. Bastos Pina havia grangeado em Vizeu, sympathias que o cabido partilhava pois elegeu-o por aclamação.

O bispo D. José Cerveira, havendo abandonado a diocese, veio a fallecer na sua casa de Mogofores, em 15 de março de 1862. Logo que em Vizeu houve noticia da morte do prelado, o cabido, sem esperar instrucções do governo, reuniu e procedeu á eleição do vigario capitular, que recahiu n'um dos conegos. Como era de esperar a eleição não teve a approvação superior, e a acta d'ella encontrou-se no caminho com o officio do ministro da justiça de então, que indicava como devendo ser eleito vigario capitular o chantre da Sé de Coimbra, o sr. dr. Manuel Correia de Bastos Pina. O cabido obedeceu, pois, e, procedendo-se a nova eleição, sahiu eleito s. ex.^a. Não passou ainda assim sem protestos o facto, não pela pessoa do novo eleito, porque este tinha a estima e a consideração de todos, mas sim pela interferencia directa do poder civil, que n'este ponto tem sido muitas vezes contestado. Chegou mesmo a estabelecer-se um tal ou qual scisma n'uma parte do bispado, porque muitos não queriam reconhecer como canonica a segunda eleição, quando na verdade o era tanto como a primeira. A pericia, zelo e consummada prudencia do sr. dr. Bastos Pina evitaram que o scisma incipiente se generalisasse, ganhando assim novos titulos á estima e á consideração de todos os seus diocesanos, e merecendo a approvação da Santa Sé e do governo, pelo que escreveu s. ex.^a muitos annos depois com inteira verdade:

« Se n'essa questão, fui fiel ao que devia ao Rei, ás instituições, ás leis e ao meu Paiz; se n'esta parte posso fallar bem alto e desassombradamente deante de alguns liberaes que para ahi estão sempre a gritar contra os Bispos e sem

razão nenhuma, porque estão muito longe de exceder a todos estes em sentimentos patrióticos e em desprendimento e abnegação nas occasiões da lucta e de perigo, não fui menos fiel, como padre catholico, que muito me presava e preso de ser, ao que devia á minha consciencia, á Egreja e á Santa Sé. Posso dizer afoutamente a V. Ex.^a Rev.^{ma} que na minha idade, então de 32 annos, e nas circumstancias em que me achava, poucos levariam tão longe como eu levei o meu respeito, acatamento e obediencia ao supremo Hierarcha da Egreja, principalmente se se attender a que aquelles que primeiro em Vizeu tanto tinham combatido n'esta questão o Estado em beneficio da Egreja, e que a Nação tanto louvara, eram mais tarde os mesmos que me diziam em documentos officiaes que, nas condições que se davam, seguisse e attendesse eu o que mandava o Estado e não o que mandava a Egreja, conselho que officialmente lhes declarei que não seguia.

Sinto muito não poder publicar aqui todos os promenores e documentos d'este grande conflicto; mas essa publicação que daria não pequeno volume, não é compativel com esta carta já tão extensa. Todavia V. Ex.^a Rev.^{ma}, que a meu pedido se dignou vêr e examinar os documentos originaes d'esta questão, poderá dar testemunho da inteireza de character que n'ella guardei como clérigo e como cidadão; e quando mais tarde se escrever a historia d'ella, conhecer-se-ha bem a verdade do que digo, e quanto deve ser cauteloso quem escreve sobre assumptos graves e delicados para não censurar quem o não merece » ⁽¹⁾.

A historia d'esta gravissima questão está ainda por fazer; e muitas vezes o sr. Bispo Conde tem dito que ha de publicar todos os documentos que lhe dizem respeito, se Deus lhe der saude e vida.

⁽¹⁾ A extinção do convento de Sá em Aveiro e os jornaes portuguezes religioso-políticos. Carta ao excellentissimo e reverendissimo senhor Nuncio apostolico Vicente Vanutelli, arcebispo de Sardia pelo bispo de Coimbra. Coimbra — Imprensa da Universidade — 1886, pag. 31, 32.

III

De novo vigario geral em Coimbra. Sae victorioso na luta da nomeação do escrivão da camara ecclesiastica.

Nomeado bispo de Vizeu, o sr. D. Antonio Alves Martins em 25 de julho de 1862, tomou posse por procuração em 7 de novembro d'esse anno. Desde então deixou de exercer o governo d'aquella diocese o sr. Bastos Pina, que veio para Coimbra continuar a desempenhar as funcções de vigario geral, e luta não menos formidavel o esperava aqui. Tendo vagado o lugar de escrivão da camara ecclesiastica de Coimbra, o ministro da justiça, o conselheiro Gaspar Pereira da Silva, proveu n'elle o dr. Antonio Maria Ferrão, cujos serviços politicos era mister premiar. Para a sua nomeação não foi ouvido o respectivo prelado que havia previamente proposto para aquelle lugar, como era praxe estabelecida, um ecclesiastico muito digno e da sua inteira confiança. O sr. D. José Manuel de Lemos, sentindo a desconsideração com que o governo o tinha tratado e ainda mais que se galardoasse um individuo com quem a sua consciencia repugnava servir, resistiu ao decreto, recusando-se a dar posse ao agraciado. Levou o bondoso prelado a tomar esta resolução o seu vigario geral, que assim procurou levantar a auctoridade episcopal, offendida, facto novo nos annaes da egreja portugueza apoz o restabelecimento do governo constitucional. O ministro que não contava com a resistencia aliás justissima do sr. Bispo Conde que declarou não poder dar posse ao nomeado, e que, para evitar a prolongação d'um conflicto desagradavel, pedia respeitosamente licença a Sua Magestade para impetrar de Roma a resignação da mitra. Foi nobre e digno o

procedimento do prelado conimbricense, que afinal sahiu victorioso, como era de justiça, pois não lhe foi acceite a resignação, e a nomeação do escrivão da camara ecclesiastica foi declarada sem effeito, cabendo as honras d'esta victoria, porque o foi, ao sr. dr. Bastos Pina.

IV

Nomeado governador do bispado de Coimbra introduz importantes reformas no Seminario. E' apresentado coadjutor e futuro successor do bispo D. José Manuel de Lemos. Morte d'este prelado antes da sua confirmação. Vigario capitular *sede vacante* e nova apresentação na diocese conimbricense. Delongas na confirmação. Carta notabilissima que a tal respeito dirige ao bispo de Bragança D. José Alves Feijó. Falsas accusações de que fôra franco-maçon e era inimigo dos conventos desfeitas. Como se pulverisa uma calumnia. E' enfim confirmado pela Santa Sé. Jubilo com que esta nova é recebida em Coimbra. Luzidissima festa da sua sagração. Pastoral de saudação aos seus diocesanos. Preeminencias da mitra de Coimbra.

A idade avançada, junta aos padecimentos physicos, que não eram poucos, faziam com que o sr. D. José Manuel de Lemos confiasse a resolução de quasi todos os negocios ao seu vigario geral desde que este regressára de Vizeu em janeiro de 1863, e levaram-no dois annos depois, em 1 de janeiro de 1865, a confiar-lhe inteiramente o governo do bispado que s. ex.^a illustrou com uma sábia e prudente administração, conquistando bem depressa a confiança do governo e o respeito e a sympathia de todos os seus diocesanos.

Muitos factos do governo do sr. dr. Bastos Pina como governador do bispado podiamos enumerar

aqui, mas um só fallará por todos — são as reformas que tão sabiamente introduziu no Seminario diocesano, elevando-o a um grau de esplendor a que nunca havia chegado. E' este o maior monumento da sua gloria de então.

Referindo-se ao Seminario dizia ha annos s. ex.^a rev.^{ma}:

«E' n'elle que tenho trabalhado mais e com maior proveito, e é n'elle em que mais me parece ter servido aqui a Religião, a Igreja e o Estado. (1)

Aos perseverantes cuidados que s. ex.^a dedica ao Seminario, não só desde que assumiu o governo do bispado, mas até mesmo no tempo que era apenas vigario geral, deve este instituto de educação e ensino ecclesiastico a justificadissima reputação que ha muito gosa de sér o primeiro no seu genero em todo o paiz. Notavel por muitos titulos é o *Relatorio do Seminario de Coimbra no anno de 1867 a 1868*, que s. ex.^a publicou em 1879. Ha alli informações preciosas, e por elle se vêem quaes as obras já então realisadas, e algumas de que s. ex.^a já tinha o plano e depois se effectuaram.

Se o Seminario de Coimbra deve muito ao seu venerando fundador, o bispo D. Miguel da Annunção, não deve menos ao seu grande reformador. Os dois annexos mandados construir modernamente não desdizem em nada da primitiva fabrica, e equivalem bem ao que se fez na segunda metade do seculo XVIII, pois como muito bem diz o sr. conego Prudencio Garcia, os melhoramentos e accrescentamentos operados n'aquella casa, pela sua grandeza,

(1) *O convento de Sá, etc., pag. 37.*

constituem como que a segunda fundação do Seminário ⁽¹⁾.

O sr. D. José Manuel de Lemos, em fins de 1869 pediu que lhe fosse dado coadjutor e futuro successor e que a nomeação recahisse no seu vigário geral e governador do bispado. O governo accedendo a tão justo pedido nomeou por decreto de 7 de janeiro de 1870, referendado pelo illustre ministro da justiça, o sr. conselheiro José Luciano de Castro, o sr. dr. Manuel Correia de Bastos Pina para coadjutor e futuro successor do bispo de Coimbra. A feliz nova foi recebida com grande enthusiasmo em Coimbra, e com applausos geraes pelo paiz inteiro.

O *Conimbricense*, noticiando-a, escrevia no seu n.º de 11 de janeiro d'esse anno:

«A nomeação do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Manuel Corrêa de Bastos Pina, vigário geral e governador d'esta diocese, para bispo coadjutor e futuro successor de s. ex.^a, o sr. Bispo Conde, da qual demos conhecimento aos nossos leitores no ultimo numero do nosso jornal, é honrosissima para o venerando prelado que a pediu e para o nobre conselheiro da corôa que a referendou; porque recahiu n'um sacerdote de um comportamento moral, sempre grave e exemplar, de uma intelligencia robusta e cultivada, versadissimo em todos os negocios da administração ecclesiastica, e já carregado de relevantes serviços á Igreja e ao Estado.

.....
O sr. Bispo Conde, lembrando ao governo de sua magestade um sacerdote n'estas circumstancias para seu coadjutor e futuro successor, e pedindo instantemente a sua nomeação, deu aos seus diocesanos a maior prova que podia dar-lhes da entranhada affeição que lhes consagra. E o nobre ministro da justiça, annuindo aos desejos do venerando ancião, provou pela sua parte que aprecia o verdadeiro merecimento, e que sabe devidamente galardoa-lo.

⁽¹⁾ Alguns apontamentos para a historia do Seminario de Coimbra. — *Instituições Christãs*, VII anno, n.º 6, 1.ª série.

Honra pois e gratidão a estes dois altos funcionarios. Felicitamos o novo bispo eleito pela eminente dignidade a que foi promovido. E, mais ainda do que a s. ex.^a, felicitamos por tão fausto motivo a toda a diocese de Coimbra».

Não obstante haver tido a aprovação unanime de toda a diocese a apresentação do sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina para bispo coadjutor e futuro successor da mitra de Coimbra, ainda assim não deixou de haver quem procurasse contrariar a sua confirmação em Roma, e tanto que em 26 de março de 1870 fallecia o venerando prelado conimbricense D. José Manuel de Lemos, sem tal confirmação se haver realisado. Teve, pois, de haver nova apresentação que se verificou por decreto de 12 de maio. Antes, porém, em 31 de março tinha s. ex.^a sido eleito vigario capitular. A' apresentação do sr. D. Manuel não antecederam quaesquer combinações com a Nunciatura sobre a escolha do nomeado, nem tão pouco s. ex.^a procurou alcançar as boas graças de alguém pertencente ao partido que tinha preponderancia alli, como succedeu com outros collegas de s. ex.^a. D'aqui a guerra injustissima que em Roma se fez á confirmação do sr. D. Manuel, que, apresentado em maio de 1870, como dissémos, só em meados de setembro de 1871 baixou ordem da Santa Sé para se começar o processo da confirmação. S. Ex.^a não fez nada para destruir a mesma guerra, para não parecer que tinha ambição de ser bispo, como o prova esta carta que escreveu ao sr. bispo de Bragança, D. José Alves Feijó:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Am.^o e Sr. — Não admire, nem me leve a mal a demora que tenho tido em responder á estimada carta de V. Ex.^a, na qual tem a bondade de participar-me a indicação do sr. A. para eu fazer espontanea uma declaração a Sua Santidade, segurando-me de que, logo que a faça, serei confirmado como foram outros que seguiram e abraçaram igual indicação e conselho.

A minha pouca saude n'estes ultimos dias, como já disse a V. Ex.^a, as festividades e hospedes que tenho tido, e o muito que me embarça esta indicação com que já não contava, pelo que tinha dito a V. Ex.^a, não me tem deixado pensar nem fazer cousa nenhuma. O que eu queria era que me livrassem d'estes trabalhos em que me metteram, e que me deixassem.

Por um lado custa-me muito, só Deus o sabe, que Sua Santidade faça de mim juizo menos favoravel por estar mal informado a meu respeito, e o desejo maior do meu coração era romper já por tudo, ir ajoelhar-lhe aos pés, e mostrar-lhe com provas e documentos na mão que não sou indigno da sua Benção.

Por outro, parece-me já tarde para fazer agora pela fórma que se indica aquella declaração. Perdoe-me o sr. A. esta duvida que se me antolha na indicação de S. Ex.^a. Se fosse mais cedo, podia ella ter-se ainda como manifestação e protesto de amor, obediencia e submissão a Sua Santidade; mas hoje, chegadas as cousas ao ponto em que estamos, eu receio que, por mais benevolencias que haja para commigo, não se veja no que eu fizer espontaneamente, como se indica, senão a ambição da Mitra, senão o emprego d'um meio para a conseguir; e este receio prende-me muito, porque nada fica tão mal a um Clerigo que se préza, e que em tudo deve mostrar modestia e abnegação, como procurar e diligenciar honras e dignidades e principalmente o Episcopado.

Eleva a Providencia Divina a tão sublime ministerio quem lhe apraz; e se o desejal-a sómente nem sempre é exempto de peccado, como diz Santo Thomaz, o que não será o emprego de meios directos ou indirectos para o conseguir, fóra d'aquelles que o Direito e os Sagrados Canones prescrevem como necessarios para habilitação canonica?

Assim, pois, se alguém, sabendo da declaração de que se trata, a considerar menos benevolmente para mim, por não saber a auctoridade que me aconselha, eu não posso justificar-me com o sr. A., porque é muito particular, muito confidencial e amigo o conselho de S. Ex.^a; e em tudo o que eu fizer que pareça ser de interesse pessoal desejo ficar sempre habilitado para justificar as minhas intenções e destruir as suspeitas que porventura as envenenem.

Mas não se pense que eu hesite sobre a justiça e bondade absoluta e relativa d'um conselho dado pelo sr. A. Pelo contrario presto á sua auctoridade o maior assenso.

Porém S. Ex.^a entende que o filho, vendô que o pae não lhe mostra agrado, deve, em todas as circumstancias e occasiões, dirigir-se a elle, perguntar-lhe a causa da sua frieza e pedir-lhe perdão; e eu, emquanto ao filho innocente que não tiver dado causa para semelhante desagrado, e que saiba que o pae está para decidir se ha de ou não contemplal-o com algum beneficio, entendo que no caso de o pae não lhe perguntar cousa alguma, deve esperar que este se decida, e justificar depois a sua innocencia e testemunhar-lhe o seu amor filial.

Antes d'isso, o seu procedimento pôde ser tão suspeito e até tão reparado pelo proprio pae, como depois ha de necessariamente ser por todos julgado nobre e digno. E quando da demora no cumprimento de alguns dos nossos deveres não resulta offensa para Deus e para os homens, nem damno para a consciencia, pede a obrigação, que temos, de edificar sempre os outros, que, á semilhança do Apostolo, nos abstenhamos de cousas licitas e até indifferentes para attendermos á fraqueza do nosso Irmão e para não o scandalizarmos temerariamente.

A estes escrupulos, pois, talvez exaggerados e sem fundamento, mas em todo o caso sinceros, accresce ainda que, tendo o sr. N. estado sempre um pouco fechado para mim n'esta questão, eu tenho hoje todo o melindre em ir agora por devoção e sem pretexto pedir o seu auxilio e intercessão n'este negocio, melindre que não posso vencer pela idéa de que, sendo este negocio meu, não me fica mal o tratá-lo, porque me parece que negocios d'esta natureza não devem ser tratados e diligenciados pelas partes interessadas.

Tambem alguns Conegos, Lentes, Padres e pessoas muito respeitaveis d'esta cidade, que honram aqui a Religião com as suas virtudes e que são um modelo de dedicação á Santa Sé, admirados da demora na minha confirmação, teem-me dito e aconselhado por differentes vezes que espere resignado, que não a solicite nem faça cousa alguma, e que confie no tempo que ha de fazer-me justiça, e mostrar que o Cabido de Coimbra, que é uma corporação muito respeitavel, não teria elegido unanimemente seu Vigario Capitular e honrado sempre com a sua approvação e confiança um Clerigo indigno.

Fazer, pois, agora o contrario do que me têm sempre aconselhado pessoas de tanto saber e de tanta piedade, pôde denotar não manifestação de homenagem a Sua Santidade, mas ambição e impaciencia de ascender ao Episcopado; o

que me faria perder no seu conceito, com o qual muito me honro e lisongeo.

Por isso todo o meu desejo é deixar este negocio á Providencia Divina. Se Ella tiver disposto que eu, embora sem merecimentos, seja Bispo de Coimbra, hei-de sel-o; se não tiver, não quero fazer nada para o ser, nem contrariar os seus designios.

Além d'isso, eu não sei bem de que havia de fazer a declaração indicada, não se me dizendo alguma cousa primeiro.

Com relação a factos passados, eu não sei que n'elles tenha offendido a doutrina catholica, como já mostrei por documentos a V. Ex.^a e ao sr. A.; mas se em alguns, e sem o saber, me aparteí d'ella e desagradei á Santa Sé, eu já declarei a Sua Santidade, quando fui nomeado, que peccára por erro de entendimento e não de vontade, porque a minha intenção, o meu desejo e o meu dever sempre tinham sido, eram e haviam de ser, seguir, em tudo e por tudo, a doutrina da Santa Igreja, approvar tudo o que ella approva e reprovar tudo o que ella reprova.

E ainda que a demora na minha confirmação tenha dado logar, como é natural, a que ella se attribua ora a um facto, e depois a outro, e a diversos, segundo o que ouço por aqui dizer, são todos felizmente tão sem razão, alguns tão destituidos de fundamento e outros até tão irrisorios, que eu não prezaria a minha dignidade e o meu character, se lhes respondesse sem me ser formulada a accusação d'elles, e não faria do Vaticano o elevadissimo conceito que faço, se visse que alguém ousava levar perante elle taes calumnias e necedades.

Todavia dá que pensar, e devem ser muito graves as razões por que de todos os Bispos ultimamente apresentados sou eu aquelle a quem se demora tanto a confirmação; e, sendo assim, mal pôde destruil-as uma simples declaração por mim feita. Pouco peso pôde ter o que o pretendente diz em abono de si ao superior de quem depende, e na occasião da dependencia; e se ha faltas ou crimes commettidos, mal poderão as suas declarações justifical-os. O réo innocente, que, para ser absolvido, declarar ao juiz que não commetteu o crime que lhe imputam, poderá ser perdoado, mas por esta declaração sómente não fica justificado perante a sociedade e perante o proprio juiz, se não constar a este por outros meios e por outro modo a sua innocencia. O filho ingrato, que na occasião de precisar de um

benefício do pae, lhe for declarar o seu amor filial, póde conseguir o que pretende, mas não lava com esta declaração sómente, e feita em tal occasião, a nodoa da sua ingratidão; e eu desejo não só que Sua Santidade me conceda a graça da confirmação e sobre tudo a da sua Benção Apostolica, que é o mais; mas que se convença, e que se convençam todos, de que eu não tenho commettido crimes que me tornem indigno d'ella, aliás ficaria desairado para sempre, e mal poderiam depois os fieis confiar em quem vissem que não confiava o Supremo Pastor da Egreja.

Desejo por isso que o tempo descubra toda a verdade, e que as averiguações, por todos os modos feitas, e para as quaes offereço, não palavras e declarações que estão ao alcance de todos, mas os meus 11 volumes grandes de copiadores, toda a minha vida publica e particular, e todas as minhas correspondencias existentes nas Secretarias de Estado, tornem bem publico e patente se alguma vez escandalizei os fieis com os meus costumes, acções e palavras deshonestas, ou se fui visto em parte alguma sem trajo que não fosse rigorosamente ecclesiastico, e sem a decencia e gravidade que o meu estado exige: se no exercicio da auctoridade ecclesiastica tenho deixado de pugnar com força e vigor pelos direitos e disciplina da Santa Egreja: se em tantos Parochos que tenho collado, e em tantos negocios ecclesiasticos que tenho tratado sacrifiquei alguma vez a justiça e o bem da Egreja a considerações e respeito humanos: se já pertenci ou pertenço a partido algum politico, ou a associações politicas de qualquer ordem e natureza que sejam, ou se, finalmente, póde ter comparação o Seminario e a disciplina da Diocese hoje com o que era em outro tempo.

Perdoe-me porém V. Ex.^a, se ao que digo pareço revelar jactancia e presumpção de merecimento proprio. E' a tranquillidade de consciencia que me inspira esta linguagem desassombrada, mas talvez pouco modesta pela necessidade em que me vejo de fallar de mim. E' tambem o estado do meu espirito, que não póde combinar como eu, com tantos serviços e com uma vida sem manchas, sou tão mal informado para a Santa Sé, ao passo que são cobertos de benções, como eu vejo, muitos outros clérigos, que, embora com mais merecimentos, não têm trabalhado nem pugnado, como eu, pelo bem da Egreja e pelos seus direitos.

Deixando porém tudo isto, e voltando á declaração que se me aconselha, se ella é relativa ao meu procedimento no futuro, eu lamento que não me façam a devida justiça; que

supponham que eu ignoro os deveres de um Bispo Catholico, e que, sabendo-os, seja capaz de acceitar tão sublime ministerio sem tenção de os cumprir e de lhe supportar os encargos. Seria um perfido, e um ministro não de Jesus Christo mas de satanaz, se fizesse similhante cousa, e ninguém pelos meus actos e por toda a minha vida passada pôde formar de mim similhante conceito.

Além d'isso o Bispo apresentado, antes de ser confirmado, tem de prestar juramento sobre o cumprimento dos seus deveres futuros, e eu não concebo como uma declaração possa obrigar-me com mais força do que um juramento prestado com todas as formalidades, porque sou catholico mediante a graça de Deus, e não juro o seu santo nome em vão.

Vai porém já longa de mais esta carta, e talvez mais solta do que devia tenho eu deixado correr a penna. Peço a V. Ex.^a que me perdoe este desafogo; e se no que fica exposto entender que estou em erro, respeite-me ao menos as intenções e a boa fé.

Também lhe peço que exponha estes meus escrúpulos ao sr. A., e julguem ambos da sua procedencia ou improcedencia; e qualquer que seja o seu juizo, convençam-se de que agora toda a minha ambição e empenho é informar a Sua Santidade, abrir-lhe o meu coração e merecer a sua Benção, como já disse; mas desejo fazel-o de modo que não dê logar a suspeitas, porque, se tratasse do interesse de outrem, ou do bem e utilidade da Igreja, pouco me importavam ellas; mas, tratando-se de interesse meu e da elevação da minha humilde pessoa a tão sublime dignidade, eu quero ser como a mulher de Cezar, desculpe-me esta comparação tão profana. Hoje principalmente são necessários estes escrúpulos e cautelas, porque, attenta a pouca moralidade dos nossos tempos, attribue-se com muita facilidade o provimento nas Dignidades Ecclesiasticas a ambição, a patronatos e a simonia; e eu não quero por fórma nenhuma dar logar a que de mim se supponha similhante coisa.

Todavia, eu não gosto de exaggerações nem de parecer que sou orgulhoso, e custa-me que os meus amigos andem por uma parte a advogar a minha causa, e que eu esteja sempre a perdel-a pela outra. Peço a V. Ex.^a que me desculpe, e creia que é grande o meu sentimento por não lhe fazer a vontade, mas não posso vencer os meus escrúpulos, e as indicações em contrario da minha consciencia; e, con-

cluindo já, peço a Deus que dê a V. Ex.^a paciência para me aturar, e que me ajude a mim a sahir d'estas difficuldades, e a mostrar sempre o affecto e gratidão com que sou — De V. Ex.^a — amigo velho, muito affectuoso e devedor — *Manuel, Bispo Eleito de Coimbra*. — Coimbra, 20 de agosto de 1871 ».

O mesmo processo, porém, foi rapido, destruindo por completo as falsas arguições que haviam sido feitas pelo jornal *A Nação* ao illustre sacerdote, cuja reputação illibada e valiosos serviços prestados á Igreja e ao Estado lhe davam direito á alta dignidade a que fôra elevado. No consistorio de 22 de dezembro de 1871 foi confirmado bispo de Coimbra o sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina por Sua Santidade o Papa Pio ix.

Aquellas accusações, qual d'ellas mais infundada e torpe, resumiam-se em se dizer que s. ex.^a revd.^{ma} era maçõ, inimigo dos conventos e das ordens religiosas, finalmente que consumia em obras de luxo e em aulas de gymnastica os rendimentos do Seminario da diocese. A resposta eloquente a esta ultima calumnia é o estado de prosperidade em que ha muito se encontra o Seminario, graças aos esforços de s. ex.^a revd.^{ma}, que, desde que assumiu o supremo governo da diocese, nunca cessou nem cessa de lhe prodigalisar os mais paternaes cuidados e tão irrefutavelmente descriptos e documentados no esplendido *Relatorio*, publicado em 1879 por s. ex.^a revd.^{ma}, e em muitas pastoraes-officios e relatorios posteriores, alguns dos quaes importantissimos sobre qualquer ponto de vista sob que sejam apreciados.

De que não é nem foi jámais inimigo dos conventos e das ordens religiosas, proclamam-no bem alto estes periodos d'um officio que em 14 de março de 1870, quando ainda vigario geral, s. ex.^a dirigiu ao ministro dos negocios ecclesiasticos:

«Abstrahindo da edificação e influencia salutar que produz nos fieis o quadro que lhe apresentam constantemente as esposas do Senhor, separadas do mundo e votadas unicamente ao serviço de Deus, e os beneficios que podem obter da Misericordia Divina por meio das suas orações e penitencia, que são a condição da religião catholica e a base da vida ascetica e contemplativa, eu fallo só nas desgraças e desgostos de familia a que não poucas vezes valem os conventos das religiosas, como ninguem desconhece. Só depois d'elles não existirem é que se conhecerá a falta que fazem n'esta parte. Além d'isso os governos liberaes fortificam-se e conquistam a estima dos povos pela recta administração da justiça, e pela egualdade de todos perante a lei; e se a lei concede a todos o direito de associação para o consequimento de seus fins sociaes, não ha razão alguma para o negar aos que pretendem do mesmo modo associar-se para conseguir o fim religioso, que é egualmente reconhecido e garantido na lei e mais nobre que todos os outros.

Bem sei que se pretende justificar a prohibição d'esta associação com os perigos e riscos que d'ella podiam resultar para o regimen liberal, e talvez que a licença hoje para as profissões religiosas servisse de pretexto para queixas da politica especulativa, e para temores e apprehensões da opinião publica.

Porém se é certo que os governos liberaes devem viver da opinião publica, não é menos certo que devem illustrar-a e dirigir-a, e de modo nenhum sacrificar o bem da nação aos seus destinos; e na verdade seria irrisorio hoje, nas circumstancias em que nos achamos, ter medo de umas poucas de mulheres fechadas em uma casa, sujeitas em tudo aos seus prelados e com directores e confessores da escolha e approvação d'estes.

Paizes mais liberaes e adiantados do que o nosso permitem as profissões religiosas sem terem semelhantes medos, e mal segura estaria entre nós a liberdade, pouco valeria a nossa confiança n'ella, se temessemos ser abalados com tão pouco» (1).

(1) *A extincção do convento de Sá em Aveiro e os jornaes portugueses religioso-politicos. Carta ao excellentissimo e reverendissimo senhor Nuncio apostolico Vicente Vanutelli, arcebispo de Sardia, pelo Bispo de Coimbra — 1886 — pag. 168.*

Sobre o mesmo assumpto ouvimos ha poucos annos a s. ex.^a revd.^{ma} o seguinte, que mais uma vez confirma quanto calumniosa era a affirmativa de ser inimigo dos conventos:

« Mas as evoluções da sociedade, e os preconceitos tantas vezes injustos dos homens não permitem já que se edifiquem os fieis, como outr'ora, com a pratica d'estas virtudes monasticas:

— não permitem que a donzella, que sente em seu coração arder o fogo da fé e o desejo de se conservar pura e santa, possa refugiar-se de tantos perigos e maus exemplos do mundo em uma casa religiosa, onde mais facilmente possa realizar a perfeição da sua vida christã, embora com o consentimento de seus paes, e com todas as garantias da lei civil, para que não se abuse d'este refugio em prejuizo da familia e da sociedade:

— não permitem que a Esposa, a quem a desgraça e até algumas vezes só as simples desconfianças, impossibilitaram para a vida da familia e para o respeito e consideração da sociedade, possa entrar de repente em um convento para, a salvo de todos os perigos, e a coberto de todas as intrigas, murmurações e calumnias, se rehabilitar outra vez, para o affecto do Esposo e para o amor dos filhos, com a meditação que a fará cahir mais em si dentro da clausura, e com o balsamo, ali mais salutar, da religião e da fé, o qual, pela dôr do arrependimento e pela humildade do perdão perante Deus, ha de tambem conquistar-lhe perante os homens esquecimentos e generosidades para o passado, esperanças e certezas de emenda para o futuro:

— não permitem finalmente, que a senhora bem nascida e bem educada, mas a quem os revezes da fortuna lançaram na pobreza e na miseria, possa dentro das paredes d'um convento esconder a sua desgraça e o pejo e vergonha de, na sua posição social, andar mendigando no seculo o pão negro da sua subsistencia, e vendo trocados por tristissimos abandonos e completos despezos hoje os respeitos e cortezias d'outr'ora, porque *tempora si fuerint nubila, solus eris*.

E por este modo, não são sómente as necessidades religiosas e as aspirações puras e santas das almas que não se attendem, são tambem o bem da familia e o seu decoro que não se protegem, e tantas desgraças sociaes que não se remedeiam.

.....

« Queremos, pois, as ordens religiosas, não para resuscitarem o passado, ou para lisongear uns e molestar outros; mas sim para animarem e favorecerem o espirito religioso e christão entre os povos, e para acompanharem com elles as evoluções da sociedade no presente e no futuro :

Queremol-as, não para prejudicarem a familia, ou para que se vão buscar ao seio d'ella e ao lar domestico, ás escondidas, e sem o consentimento paterno, e em nome d'uma piedade bem intencionada, mas muito mal entendida, donzellas e filhas familias que não tenham a verdadeira comprehensão de seus deveres, e que sejam necessarias e indispensaveis ao amparo de seus paes; mas sim, queremol-as, para que não se tolha áquellas que não estiverem n'este caso, e que tiverem o consentimento de seus paes ou de quem as represente, a liberdade de seguir a sua vocação religiosa, entregando-se fóra do bulicio do mundo a uma vida mais perfeita,—ou sómente de piedade discreta, pura e santa, como *Maria*,—ou ao mesmo tempo tambem de trabalho esclarecido e civilizador na educação da familia, como *Martha*, e como se faz n'esta casa » (1).

E além d'estes quantos testemunhos tão eloquentes como sinceros se encontram em outros muitos discursos e escriptos de s. ex.^a revd.^{ma}? Innumeros.

A asserção infamissima de que houvera pertencido á maçonoria era o desforço satanico que o partido absolutista queria tirar de em tempo s. ex.^a se haver recusado a fazer parte da sociedade secreta de S. Miguel da Ala, que o mesmo partido organisára e mantivera durante alguns annos, não obstante os anathemas da Egreja, de que se dizia ser o verdadeiro paladino. Por isso, e, por ser bem sabido de todos que s. ex.^a em tempo algum jámais fizera parte de qualquer sociedade secreta, causou geral indignação em

(1) *Ordens religiosas* — Discurso proferido pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios no collegio de Santa Joanna d'Aveiro em 19 de agosto de 1891 — pag. 3 e 4.

Coimbra o procedimento mil vezes indigno do jornal que se fizera echo d'uma mentira tão torpe como era aquella.

Bastantes annos depois o mesmo jornal reproduziu a calumnia n'umas correspondencias anonymas enviadas de Aveiro por occasião da extincção do convento de Sá d'esta mesma cidade. Verberámos então a infamia no *Campeão das Provincias* ⁽¹⁾, pulverizando a mentira com o mais formal desmentido documentado em factos que obrigou o seu auctor a vir, no mesmo jornal, confessar o seu erro e retractar-se do que disséra ⁽²⁾.

No domingo 14 de janeiro de 1872 realizou-se na Sé Cathedral de Coimbra um solemne *Te-Deum*

(1) N.º 3:374, de 21 de março de 1885.

(2) Em nosso auxilio veio então logo no seu *Conimbricense* o nosso presado amigo e mestre sr. Joaquim Martins de Carvalho. Dos interessantes artigos que s. ex.^a alli publicou, transcreveremos os seguintes periodos que completam o desmentido já infligido:

« A *Ordem*, illustrado e muito acreditado jornal religioso de Coimbra, publicou, nos seus differentes numeros do mez de outubro de 1884, as revelações feitas em tempo por o *Conimbricense* a respeito da maçonaria, as quaes contém em resumo toda a historia da celebre associação e das lojas, que em differentes epochas funcionaram em Coimbra, com os nomes dos *veneraveis* e mais *confrades*; e no n.º 650, ou 653 na relação dos referidos nomes lê-se o seguinte:

GUARD. . . CH. . . — MANUEL MARIA CORRÊA (B. P. LAFAYETE.)

Se este sr. Manuel Maria Corrêa B. P. é outro cavalheiro, com o mesmo nome do sr. Bispo Conde, ou seu parente, e não s. ex.^a revd.^{ma}, cumpre ao *Conimbricense* deslindal-o, por isso que fez a revelação, que a *Ordem* transcreveu, e que servia de base ás nossas referencias, a fim de que seja reposta a verdade e se faça a justiça devida.

Se o *Conimbricense* assim o fizer, como de certo fará, visto que é, por todas as razões, assumpto de gravidade, e nos termos que façam fé, apressar-nos-hemos a dar a s. ex.^a revd.^{ma} as satisfações a que tiver direito, ficando tranquilla a nossa consciencia, por isso que não calumniámos, nem inventamos e fizemos obra pelas revelações citadas, varrendo por isso a nossa *testada*.» (*A Nação*, n.º 10:396 de 19 de março de 1885).

Ora ahi está! Como em 1848 fez parte da *Carbonaria* em Coimbra um individuo chamado Manuel Maria Corrêa, segue-se necessariamente

mandado celebrar pelos Conegos e Professores do Seminario, em acção de graças pela confirmação do sr. D. Manuel. Officiou o dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, conego mestre-escola, e disse então o *Conimbricense* que não havia memoria de se haver celebrado em Coimbra festa tão apparatusa e tão concorrida, e que deixasse tão agradaveis impressões em quantos a presenciaram. Tres dias depois, em 17 de janeiro, foi s. ex.^a revd.^{ma} investido pelo cabido na posse do cargo de bispo da diocese de Coimbra, sendo n'esse dia levantado o docel da cadeira

te que era o actual ex.^{me} bispo conde D. Manuel Corrêa de Bastos Pina!

Ficaram, porém, logrados os miseraveis intrigantes.

O *Guard. Ch.* da *Alta Venda*, ou poder superior da *Carbonaria*, n'esta cidade, em 1848, com o nome symbolico de *Lafayette*, era o distincto academico e nosso patricio e amigo, o sr. Manuel Maria Corrêa, que falleceu sendo *bacharel formado em Mathematica*; havendo frequentado o 6.^o anno, chegando a defender theses em 14 de junho de 1855, mas sem se doutorar. » (*O Conimbricense* n.^o 3:921).

« O nosso estimavel collega do *Campeão das Províncias*, apesar de não dispôr dos elementos que temos com respeito ao assumpto, respondeu energicamente no seu ultimo numero ao falsario articulista da *Nação*.

Notou o collega a má fé do tal falsario, relativamente á applicação do B. P. ao nome de Manuel Maria Corrêa.

Precisamos, porém, de fazer algumas reflexões ácerca do que diz o collega na seguinte parte do seu artigo:

« Buscámos os numeros citados (da *Ordem*) e no n.^o 653 de 21 de outubro de 1884 lemos o seguinte:

Guard. Ch. — Manuel Maria Corrêa (B. P. LAFAYETE).

Será isto o mesmo que transcreve a *Nação*? E' sem duvida, mas com uma variante que lhe altera inteiramente o sentido. O leitor confrontando as duas transcripções verá que na primeira se substituiu o triangulo maçonico, que na segunda precede as iniciaes B. P., por um simples ponto final, a fim das mesmas iniciaes parecerem a designação d'um appellido e não de um cargo na *Carbonaria*, como com effeito são.

A *Ordem*, que transcreveu os folhetins que publicámos no *Conimbricense*, em 1868, alterou a collocação dos pontos triangulares, na historia da *Carbonaria*, invertendo-os como sendo os da *Maçonaria*, que aliás tem fórma diversa.

Porisso o nosso collega do *Campeão das Províncias*, que provavelmente não possui o nosso jornal d'aquella epocha, foi enganado pela *Ordem* e pela *Nação*, chamando-lhe triangulo *Maçonico*, que assim é o que os referidos periodicos publicaram alterado, mas não o que se vê

prelatacia, que se achava abatido desde o dia da morte do sr. D. José Manuel de Lemos. Da sagração, que teve logar no dia 19 de maio, e que foi luzidissima, fez o *Conimbricense* esta descripção:

« Verificou-se, finalmente, no domingo ultimo a sagração do nosso Prelado, o ex.^{mo} e revd.^{mo} sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina; e com ella completaram-se os votos sinceros, cordealissimos, dos habitantes da diocese de Coimbra!

Se alguém podesse duvidar, ainda, da verdade d'esta asserção, não tinha mais do que entrar n'aquelle dia na nossa magnifica Sé Cathedral, e veria com que empenho, com que verdadeiro enthusiasmo os fieis de ambos os sexos e de to-

em o n.º 2:186 do *Conimbricense* de 7 de julho de 1868, que é o triângulo *Carbonario*.

Diz mais o collega do *Campeão das Províncias* que as iniciaes B. P., com o triângulo que as precede (aliás se segue a ellas) são a designação de um cargo na *Carbonaria*.

Isto é engano. B. P. (Benigno Primo) é apenas um tratamento de benevolencia de uns para outros socios da *Carbonaria*, e não designam cargo algum, pois é dado a todos sem excepção.

Os — *Estatutos Geraes da Carbonaria Lusitana*, — impressos e adoptados em 1848 para por elles se reger a *Carbonaria*, então organisada em Coimbra, dispõem o seguinte:

« Art.º 23 — Os Carb.º chamam-se entre si BB.º P.º — e o tratamento, que se dão, é sempre fraternal. »

Como se vê — B. P.º, por abreviatura, ou *Benigno Primo*, por extenso, é apenas uma formula de tratamento.

Na *Maçonaria* o tratamento adoptado é de I.º Irmão. E' o mesmo tratamento de I.º Irmão, é o dos miguelistas na sua sociedade secreta e revolucionaria de S. Miguel da Ala.

.....
« Os cargos da Alta Venda eram 12; e publicámos por extenso os nomes profanos de todos os eleitos com os cargos que lhes ficaram pertencendo, e os nomes symbolicos que haviam adoptado.

Todos esses nomes symbolicos são precedidos pela formula — B. P.º

Bem viu isto o falsario articulista da *Nação*; mas, suppondo que não haveria quem lhe arrancasse a mascara, applicou ao final do nome de um dos eleitos — *Manoel Maria Corrêa* — as iniciaes, B. P., com o seu complemento triangular supprimido, para se ficar suppondo que tinhamos querido dizer *Manuel Maria Corrêa Bastos Pina*; occultando perfidamente que as mesmas iniciaes, com o triângulo, precedem todos os nomes symbolicos dos outros onze eleitos; e suppondo além d'isso que os leitores são tão idiotas, que não vêem que em o nome do ex.^{mo} sr. Bispo Conde não se inclue o de *Maria*! (O *Conimbricense* n.º 3:922.)

das as classes e profissões, se apresentaram a dar testemunho publico dos sentimentos de respeitosa estima e profunda veneração, que tributam ao seu dignissimo Pastor!

Grande deve ser o sobresalto de s. ex.^a, conhecendo, como certissimamente conhece, o peso que acabou de tomar sobre seus hombros, e a tremenda responsabilidade que assumiu; mas, por outro lado, grande, mui grande deve ser a sua consolação ao vêr Clero, Nobreza e Povo rivalisando em demonstrações de jubilo pela sua elevação ao principado da Igreja Conimbricense.

Cremos poder affirmar, sem receio de desmentido, que nunca Prelado algum portuguez foi investido na dignidade episcopal com tão pleno assentimento, com tão geral alegria dos habitantes da sua diocese.

Mas tambem affirmaremos, e ainda sem receiar contestação, que poucas vezes terá subido áquelle eminente cargo pessoa com titulos tão legitimos á honrosa opinião de que gosa.

A' grande pratica dos negocios ecclesiasticos, adquirida no governo, já bem diuturno, d'esta e d'outras dioceses, reúne s. ex.^a subidos dotes de intelligencia, zelo inexcedivel pelo serviço do Igreja, prudencia consummada, e, o que a tudo sobreleva, um amor de justiça que reconhecem os proprios que d'ella têm sido victimas. Accrescem, para recommendar o illustre Prelado, excellentes qualidades pessoas, que lhe grangeiam a sympathia de quantos têm a fortuna de conhecê-lo.

Com tão raros e apreciaveis predicados não admira que o sr. Bispo Conde seja geralmente querido e respeitado tanto na sua diocese, como fóra d'ella; sendo por isso natural a porfia no empenho de abrilhantar a solemnidade da sua sagração, que foi na verdade luzidissima.

A concorrência no vastissimo templo foi, apesar de não haver convites, numerosa, como nunca, de memoria de presentes, se vira.

A ampla capella-mór estava ricamente decorada. Nas cadeiras capitulares sentavam-se, além dos revd.^{os} Conegos, os ex.^{mos} srs. Duque de Loulé, Marquez de Sabugosa, Anselmo Braamcamp, Conde de Linhares, Visconde de Villa Maior, José da Costa Souza Pinto Basto, Bispo Eleito do Algarve e Chantre do Cabido de Cedofeita, irmão do ex.^{mo} sr. Bispo Conde.

As bancadas dos beneficiados e capellães eram occupadas, além do Clero da casa, pelo ex.^{mo} sr. vice-reitor do Se-

minario, pelos Arciprestes, por grande numero de Parochos e outros clérigos da diocese, e pelo definitório da veneravel ordem terceira da penitencia d'esta cidade, de que s. ex.^a é dignissimo irmão.

Viam-se em outros assentos os ex.^{mos} srs. Secretario Geral, servindo de governador civil, a Camara Municipal, o Corpo Cathedratico da Universidade e do Lyceu na sua quasi totalidade, os ex.^{mos} srs. Administrador do concelho, Juiz de direito e Delegado do Procurador Regio, Governador militar, Director das obras publicas do districto, Director das obras do Mondego, Thesoureiro pagador e outros funcionarios de varias repartições publicas.

Tomavam tambem logar dentro dos cancellos da capella-mór os ex.^{mos} srs. tenente-general Abreu, conselheiro Adriano Machado, Visconde de Foz d'Arouce, Visconde de Taveiro, Barão de Santa Comba-Dão, Conselheiro Cancio de Lima, vice-presidente da Relação do Porto, Conselheiro Antonio de Vasconcellos, Juiz da Relação de Lisboa, e muitos outros cavalheiros da cidade e de fóra d'ella. Sentavam-se ainda abaixo dos cancellos grande numero de pessoas distinctas, que já não poderam accomodar-se dentro d'ellas. Nas janellas da capella-mór estavam a familia do ex.^{mo} sr. Miguel Osorio, a do ex.^{mo} sr. José Ribeiro da Cunha, de Lisboa, e outras. As duas tribunas dos órgãos, estavam cheias de senhoras; e muitas outras occupavam o largo espaço que se lhes reservara no centro do arco cruzeiro. O resto da igreja estava apinhadissimo de assistentes. As complicadas cerimoniaes da sagração foram executadas, com todo o rigor prescripto na liturgia, debaixo da direcção do revd.^o sr. Prior da freguezia do Sacramento, de Lisboa, ecclesiastico competentissimo n'este ramo, coadjuvado pelo rev.^o Mestre de Cerimonias da Sé do Porto e pelos da casa.

O Bispo sagrante foi o ex.^{mo} sr. Bispo de Bragança, por ser o Prelado mais antigo. Serviram-lhe de acolytos os revd.^{os} Parochos da Sé e de Santa Cruz; e de presbytero assistente o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Bernardino de Menezes. Os Bispos assistentes ao ex.^{mo} sr. Bispo Conde foram os ex.^{mos} srs. Bispo resignatario de Angola e Bispo do Porto. Nas lavandas ministraram aos srs. Bispos sagrante e sagrado os srs. Duque de Loulé, Anselmo Braamcamp, Marquez de Sabugosa, Conde de Linhares, Visconde de Villa Maior, dr. José Maria de Lima e Lemos e Chantre de Cedofeita.

A orchestra, que era composta de 82 musicos, desempenhou magistralmente o *Veni Creator Spiritus*, a missa e o *Te-Deum*, sob o direcção do sr. Conego Monteiro. Tudo enfim concorreu para tornar esta solemnidade pomposissima a todos os respeito. Duraram as mysticas cerimoniaes perto de 5 horas; e apezar d'isso conservou-se a Igreja sempre cheia, tal era o interesse que lhes ligavam os assistentes.

.....
Foi geral a commoção quando durante o *Te-Deum* o ex.^{mo} Prelado, já mitrado e empunhando o baculo, percorreu o templo, acompanhado dos bispos assistentes, lançando a benção aos seus diocesanos; e quando, no fim d'aquelle hymno sagrado, s. ex.^a, sentado na cadeira episcopal, recebeu a homenagem de obediencia do Cabido, dos Arciprestes, Parochos e mais clérigos presentes. O proprio Prelado não pôde conter as lagrimas, quando começou aquella edificantissima cerimonia.

Repiques festivaes nas torres da Sé e numerosas girandolas de foguetes annunciaram á cidade a conclusão do acto da sagração do seu Prelado. As torres das outras Igrejas responderam áquelle signal. A' noite illuminaram-se a frontaria da Cathedral, a do governo civil, a da camara e as de muitas casas particulares.

Terminaremos a breve descripção d'esta festa, applicando de todo o coração ao nosso estimadissimo Prelado, por nós e em nome dos habitantes d'esta diocese, a saudação que s. ex.^a dirigiu, segundo o rito, no fim da cerimonia ao ex.^{mo} Bispo que o sagrou. *Ad multos annos!*

Por muitos annos queira o Céu conservar a vida e saude robusta ao ex.^{mo} Bispo Conde para satisfação dos seus numerosissimos amigos, e sobretudo para o bem espirital e temporal da Santa Igreja Conimbricense.» (1)

Na notabilissima pastoral, primor de linguagem e de doutrina que o sr. Bispo Conde publicou no dia da sua sagração, referindo-se aos seus antecessores na cadeira episcopal de Coimbra, disse s. ex.^a revd.^{ma}:

(1) O *Conimbricense* n.º 2:590 de 21 de maio de 1872.

« Dotados de talentos singulares, cujos fulgores ainda hoje brilham na historia do Episcopado portuguez; e favorecidos, além d'isso, com os meios e haveres que lhes proporcionava a largueza de tempos mais ditosos; souberam elles grangear para esta santa Egreja a fama e importancia de que ella ainda goza entre as outras d'este Reino Fidelissimo: por fórma que, tão rica de tradições nobres e gloriosas é a herança que nos legaram nossos Antecessores, quão pobre dos dons do espirito e da fortuna é o herdeiro que n'ella tem de succeder.

Vae pois quebrar-se em nossa pessoa, santa Egreja Conimbricense, a cadêa de varões apostolicos, sabios e virtuosos, que têm presidido ao vosso governo; e vão talvez converter-se em tristeza e desalento os dias de esplendor e prosperidade, que tendes gozado á sombra do nome sempre glorioso de vossos prelados.»

A cadêa porém não se quebrou, antes se enriqueceu com mais um precioso elo, pois no nobilissimo Prelado que ora a rege se continua a longa serie de varões prestantissimos, sabios e santos que cingiram a mitra conimbricense como foram, entre outros, D. João Galvão, D. João Soares, D. Miguel da Annuniação, D. Francisco de Lemos, D. Francisco de S. Luiz e D. José Manuel de Lemos.

Como dissêmos, o sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina é o 25.º conde de Arganil. O titulo de conde de Arganil, que anda annexo á mitra da diocese de Coimbra e é presentemente o titulo mais antigo de conde em Portugal, foi conferido por D. Affonso v ao bispo da mesma diocese D. João Galvão e por Carta de 25 de setembro de 1472, em que ordenou que « todos seus successores bispos de Coimbra, sejam e se chamem e intitulem Condes da Villa de Arganil. » Tambem andam annexos á mitra de Coimbra o senhorio de Coja e a alcaidaria-mór de Avô. Aquelle foi-lhe concedido por D. Affonso Henriques e esta por D. Sancho II. O bispo D. Fran-

cisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho ainda usou dos titulos de Senhor de Coja e Alcaide-mór de Avô, e D. Joaquim de Nazareth do de Senhor de Coja, mas o sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina nem tão pouco o seu antecessor o sr. D. José Manuel de Lemos uzaram de qualquer d'elles, não obstante não haver lei ou decreto que d'isso os inhiba. Ainda lhe anda ligada uma outra preeminencia que consiste em o chapéu semi-pontifical ser igual no numero de floços ou borlas aos dos arcebispos de Braga e Evora.

V

Visitas pastoraes. Campanha contra os arrozaes. Procura beneficiar as tristes condições da pesca na ria d'Aveiro.

Mezes depois da sua sagração, encetava o sr. Bispo Conde as suas visitas pastoraes que constituem um dos mais bellos fastos do seu brilhantissimo episcopado. Na diocese conimbricense não havia memoria de vivos, que de facto identico dêsse noticia. S. ex.^a começou a sua visita em 10 de novembro com a pompa e aparato religioso prescripto no ceremonial e no meio d'um enthusiasmo sem igual por parte de todos os habitantes das povoações que s. ex.^a visitava, bem como das que com ellas confinavam e muitas bem distantes, pois todos corriam pressurosos a receber de suas mãos os sacramentos da Eucharistia e da Confirmação; e, reverentes, ajoelhavam á beira dos caminhos á sua passagem, procurando soffregamente approximar-se d'elle, ás vezes quasi de tropel, para poderem beijar-lhe o anel e até a

batina. Estas visitas episcopaes repetiram-se nos annos seguintes, de fórma que são hoje pouquissimas as egrejas do seu grande bispado que não tenha já visitado. E a que fadigas e incommodos se não tem sujeitado o sr. Bispo Conde para se desempenhar d'esta sua tão santa missão! Os seus trabalhos, porém, foram como diz s. ex.^a, abençoados por Deus, pois o resultado d'elles foi o robustecer-se a fé e afevorar-se a piedade, comporem-se desavenças e reformarem-se costumes, levantar-se a disciplina e a auctoridade parochial, repararem-se templos e construir-se outros de novo. (1)

A tudo isto ha ainda a juntar muitas obras de caridade praticadas por s. ex.^a, o que s. ex.^a não disse, mas que é sabido de todos, pois os pobres, os hospitaes, as cadeias, os asylos, as associações de beneficencia, emfim em toda a parte onde ha lagrimas para enxugar, fome ou desgraça para mitigar, lá chega a affectuosa e inexaurivel caridade do venerando Prelado, que, se não possui as rendas e thesouros dos seus antecessores, os sobreleva a todos na pratica d'esta grande virtude, pois indo além dos recursos de que dispõe fica sempre muito áquem dos impulsos generosos do seu magnanimo coração. Sobre a sua visita pastoral em 1875 escreveu s. ex.^a o seguinte, que se póde applicar bem ás dos outros annos:

« Longa e penosissima foi a visita d'este anno, pois que, apezar dos povos concertarem os caminhos por onde tinhamos de passar, chegando alguns com geral admiração a fazerem caminhos de novo; ainda assim tivemos de percorrer, debaixo d'um sol ardente, grandes distancias a pé por montanhas fragosas e entre desfiladeiros e precipícios, para chegarmos ás Egrejas de algumas freguezias sertanejas, onde nos diziam que não podiamos ir; mas as quaes

(1) *O convento de Sá em Aveiro. etc., pag. 13.*

nós por caso nenhum deixariamos de visitar, porque não ha trabalhos, incomodos ou perigos que possam embarçar o pastor de ir vêr as suas ovelhas, onde quer que estejam, nem jámais nós commetteriamos similhante fraqueza no cumprimento de nossos deveres, nem dariamos aos Parochos e Clerigos d'aquellas localidades tão deploravel exemplo.

Porém mais pesado e mais custoso para nós era o trabalho de cinco, seis e sete horas por dia, que, depois d'uma jornada penosa, tinhamos dentro das Egrejas, e muitos dias seguidamente, para celebrar o santo sacrificio da Missa, dar muitas vezes por nossas proprias mãos a Sagrada Communhão aos Fieis, administrar o sacramento da Confirmação a centenas e milhares de pessoas, orar em procissão solemne pelos defuntos, examinar todos os objectos consagrados ao culto divino, e exhortar os povos, os Parochos e os Clerigos ao cumprimento de seus deveres, nas praticas e homilias que sempre lhes fizemos em todas as Egrejas que visitámos.»

N'uma das suas visitas pastoraes, na de 1880, teve s. ex.^a occasião de vêr que nos concelhos de Pombal e Soure havia muitas povoações cruelmente victimadas pelas doenças resultantes da cultura do arroz, sem que ninguem procurasse promover remedio para tamanho mal. S. ex.^a emprehendeu então uma grande crusada contra a orysicultura de que sahio victorioso e coberto de benções, apesar dos protestos e insultos de certa imprensa. Havendo convocado para o seu paço episcopal no dia 17 de fevereiro de 1881 uma reunião de tudo o que de mais distincto havia em Coimbra e circumvisinhanças, a que ninguem faltou, s. ex.^a rev.^{ma}, depois de expôr n'um lucidissimo discurso, coberto de applausos pela selectissima assembleia, os males que resultavam da cultura do arroz, mandou ler um projecto de representação enviado a El-Rei pedindo a completa prohibição d'aquella cultura.

Principiou o illustre prelado por dirigir ao minis-

tro do reino um longo officio com as informações de diferentes parochos, ácerca dos tristes resultados da cultura do arroz; e com data de 15 de janeiro de 1881 dirigiu s. ex.^a rev.^{ma} uma pastoral aos arciprestes e parochos dos concelhos de Pombal, Soure, Montemor-o-Velho, Coimbra e Cantanhede sobre a mesma cultura, e onde em periodos cheios de uncção religiosa se desentranha o enorme affecto que o venerando prelado consagra aos seus queridos diocesanos e o cuidado com que procura promover todo o seu bem tanto espiritual como temporal.

Eis alguns d'esses periodos:

« O nosso ministerio pastoral, cujo desempenho e importancia tanto excedem as nossas debeis forças, não se limita só, como sabeis, a ensinar e préggar a religião santa de que somos ministros, e a preparar as almas para a vida futura, embora seja este o negocio mais que todos necessario e indispensavel. Vae mais além a missão do sacerdote christão no meio dos povos, e nem o affecto e amor que consagramos ao rebanho, que o Espirito Santo confiou á nossa guarda, consentiria que deixassemos de velar pela sua conservação, e de procurar por todos os modos o seu maior bem na vida presente. Occupam-nos, pois, dia e noite, não só a sua salvação ou perda eterna, mas também as suas necessidades e males terrenos, quer sejam physicos ou moraes, ou d'ordem religiosa ou civil; e tanto nos abatem e mortificam estes, como nos levantam e consolam as suas prosperidades e alegrias, que são sempre também as nossas.

Assim, nas ultimas visitas episcopaes que fizemos, se por um lado nos alegraram muito no Senhor os testemunhos que por toda a parte nos deram os nossos amados filhos da sua religião e piedade, e as benções que tão visivelmente cahiam do céu sobre os nossos trabalhos pastoraes, também por outro consternam profundamente o nosso coração de pae e pastor, ainda que indigno, as muitas doencas e enfermidades que nos disseram haver, e que nós mesmo observámos pessoalmente que havia em algumas das freguezias que visitámos, nas quaes se cultiva hoje o arroz em maior escala; e mal podeis avaliar quanto preoc-

cupa o nosso espirito a ideia do incremento que podem tomar estes males gravissimos, senão forem com tempo atalhados.

.....
 « Não é caridade nem ministerio parochial só a esmola que se dá, os sacramentos que se administram, e a doutrina christã que se ensina; são-no tambem a vida agricola, social e domestica que se melhora; as ignorancias que se desbravam; as cegueiras que se illuminam; o mais proveitoso amanho das terras que se aconselha; a salubridade e condições hygienicas das povoações que se promovem; as doenças e enfermidades que se acautelam; a justiça e bem do povo que se advoga; os pobres e desvalidos que se protegem; o egoismo e as ambições desordenadas que se combatem, e o amor do proximo e as virtudes christãs que se prégam.

Tudo isto entra muito cheio nos deveres da verdadeira missão do sacerdote christão e pastor d'almas, porque de tudo nos deixou bem frisante exemplo a lição Aquelle de quem somos discipulos e a quem devemos fazer por imitar; e por isso, compenetrados e convencidos d'estas verdades, como nos parece que todos vós estaes, amados irmãos e cooperadores nossos, forcejæ sempre, quando poderdes, por cumprirdes fielmente, e em todas as suas partes, os deveres que vos impõe o vosso character de sacerdotes e pastores de Jesus Christo, e no ponto, de que nos occupamos, pintæ aos vossos freguezes, e bem ao vivo, com a observação e experiencia de todos os dias, e com os innumerados factos de que muitos de vós tendes conhecimento, os estragos que faz na saude publica a sementeira do arroz, e as afflicções e desgraças que ella acarreta ao individuo, á familia e á parochia: ponderæ-lhes e dizei-lhes que os lucros e interesses que da mesma auferem, e que tanto parecem cegal-os, são muitas vezes ephemeros e illusorios por causa das doenças que se contraem, das despezas que se fazem, dos trabalhos que se deixam e dos braços que se perdem.» (1)

Os esforços do virtuoso Prelado foram coroados de feliz exito e os povos d'esta parte da sua vasta diocese bemdizem hoje a gentilissima iniciativa do

(1) Carta pastoral de 15 de janeiro de 1882.

seu Pastor. Mas não pára aqui o santo zelo do nobre Prelado, primoroso modelo de verdadeiro Apostolo, em procurar melhorar as condições physicas e moraes do seu rebanho. Informado, pelo engenheiro director da 2.^a Circumscripção Hydraulica em janeiro de 1891, de que tinha sido mal comprehendido pelos povos do districto de Aveiro que exploram a ria do mesmo nome o Regulamento de 2 de outubro de 1886, agora posto em pratica para regular o exercicio da industria da pesca, s. ex.^a rev.^{ma} deu-se pressa em dirigir uma pastoral, modelo de bom senso e salutar conselho em que recommenda especialmente aos arciprestes, parochos e mais clérigos dos concelhos de Aveiro, Ilhavo, Vagos e Mira que expliquem bem aos pescadores d'estas circumscripções visinhas d'aquella ria a conveniencia de deixarem regular por modo justo e razoavel os processos de pescar, para que seja mais abundante e lucrativa a sua industria no futuro, e tendo como sempre em vista a sua missão de paz e caridade, que é o seu melhor e mais nobre brazão, o illustre Prelado pede ao governo para que prorogue ainda uma vez o prazo necessario para a substituição das redes pelas que forem prescriptas nos regulamentos, offerecendo ao mesmo tempo a quantia de 200\$000 réis para auxilio dos pescadores pobres poderem transformar as suas redes, dando assim mais um eloquente testemunho da sua grandissima generosidade. Para se avaliar bem este notavel documento é preciso lel-o, como a todos os outros a que anda ligado o nome do nobilissimo Prelado, mas já que o não podemos publicar na sua integra, destacaremos d'elle estes periodos:

«E nós, que temos sempre pugnado, por palavras e obras, pela conciliação e harmonia da Igreja e do Estado, e pelo mutuo auxilio que deve haver entre estes dois poderes, jámais nos recusamos a auxiliar as auctoridades civis em tudo o que nos pedirem e que fôr justiça e interesse

para o bem publico, e jámais podíamos deixar de fazel-o agora, porque, além de estar n'este caso, como é obvio, o assumpto de que se trata, não fazemos senão advogar uma causa já advogada tambem por uma illustre auctoridade ecclesiastica que ahi governou antes de nós, e procurar e defender, como a nossa consciencia nol-o indica, o que reputamos ser de maior interesse e maior bem para os vossos freguezes, nossos Amados Diocesanos; e nem vós nem elles podeis pôr em duvida os sentimentos que nos animam para com todos, porque tendes visto o muito que nos desvelamos por essa parte hoje do nosso Bispado para nós de tantas recordações, e sempre tão querida.

Portanto, Amados Irmãos e Cooperadores nossos a quem nos dirigimos, explicae bem aos pescadores, vossos freguezes, que não se quer prohibir-lhes a pesca; que seria uma insensatez e uma tristeza dar credito a similhante dislate; que o que se quer é regular por modo justo e razoavel os processos de pescar, para que seja mais abundante e mais lucrativa a sua industria no futuro. Convencei-os d'isto com as vossas palavras, e com a influencia e auctoridade que vos dá junto d'elles o vosso santo ministerio; e visto que a vossa e nossa missão é prégar a todos constantemente a caridade e a paz, a obediência ás leis e o respeito á auctoridade publica, como quer o nosso Divino Mestre, que d'estas virtudes nos deu tantos exemplos, lembrai-lhes que a paz é o mais importante dos bens que elles pôdem ter, porque sem este são impossiveis todos os outros; pedi-lhes em vosso e nosso nome que não se deixem desvairar por tentativas de resistencia aos mandatos do governo, porque pôdem encontrar n'ellas, não o remedio para os seus males, mas a desgraça para elles e para os seus filhos e familias; e certificae-os finalmente de que nós nos compadecemos da sua sorte e da sua pobreza, e de que estaremos sempre ao lado d'elles para advogarmos aquella e soccorremos esta, tanto quanto a justiça e as nossas circumstancias o permittirem: São todos nossos Amados Filhos em Jesus Christo, e por isso são nossos tambem os seus soffrimentos. E porque, segundo nos consta, são muitos e muito grandes os que lhes causa a mudança rapida dos antigos processos de pesca para os novos que se lhes exigem, por não terem feito caso, e menos avizadamente ao que parece, do edital de 24 de julho de 1890, que publicou e declarou em vigor os artigos do Regulamento de 1886, não queremos nem devemos abandonal-os na sua penosa situação;

porque, se lhes fôr prohibida a pesca de prompto com as antigas redes sem terem outras, e muitos d'elles sem terem os meios necessarios para as substituirem, ficam impedidos de exercer ao menos por algum tempo a sua industria, e de ganhar o pão da subsistencia, tão amargurado como é, para elles e para as suas familias.

Dizei-lhes pois tambem, Amados Irmãos e Cooperadores nossos, que nós nos associamos aos pedidos que, segundo vêmos, vão ser feitos ao governo de Sua Magestade, para lhes prorogar outra vez o praso necessario para substituirem as suas redes por outras novas, conforme o que exigirem os respectivos Regulamentos; e que, desejando nós tambem soccorrer pela nossa parte os que forem mais pobres, nas despesas a que esta substituição os obriga, fazemos um esforço para pôrmos desde já, como pomos, á disposição do M. R. Conego Arcipreste d'Aveiro, em cuja rectidão e caridade muito confiamos, a quantia de duzentos mil reis, a fim d'elle soccorrer, pelo modo que entender, os pescadores da ria d'Aveiro, nossos Diocesanos, que elle julgar estarem n'aquellas circumstancias, e que provarem, com informação escripta da Circumscripção Hydraulica, que substituiram ou estão substituindo as suas redes; tão grande é o nosso desejo de que seja devidamente policiada e melhorada a creação do peixe na mesma ria, e de que não continue a desbaratar-se pelo mais criminoso dos desleixos esta abundantissima fonte de riqueza e de beneficios para o Paiz e para os nossos Amados Diocesanos d'aquella região; e tal é tambem o empenho que pomos em que se conciliem até onde fôr possivel os indispensaveis Regulamentos com a industria e subsistencia dos pobres pescadores».

VI

Liberaes e Absolutistas. Imparcialidade politica. A questão dos capellães do convento das Therezinhas resolvida a contento de todos. Medidas salutaes quanto a missões. Allocução que é um verdadeiro modelo de piedade e de doutrina. Estrenuo defensor do seu clero. Condemna que este se envolva nas luctas politicas.

Da cordura, imparcialidade e consumada prudencia com que o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina imprime em todos os actos do seu governo episcopal e de que poderiamos citar muitissimos exemplos, vamos apontar um ou dois factos. Quando em 1866 falleceu em Heubach o sr. D. Miguel de Bragança, o partido legitimista de Coimbra fez celebrar solemnisimas exequias na Sé Cathedral Conimbricense por sua alma e para presidir a ellas convidou o governador do bispado, que então era o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, que acedeu ao convite, sendo um dos absolventes; annos depois, em 1894, o partido liberal de Coimbra querendo commemorar o feliz anniversario da entrada do exercito constitucional na mesma cidade, em 8 de maio de 1834, promoveu a celebração d'um *Te-Deum* tambem na Sé Cathedral e convidou para officiar n'elle o sr. Bispo Conde, ao que s. ex.^a accedeu logo, mostrando assim que não tem outra politica que não seja o bem da religião e da patria, como uma e muitas vezes s. ex.^a tem sustentado. N'uma das interessantissimas notas que s. ex.^a juntou a um discurso pronunciado no seu Seminario, diz s. ex.^a: «O nosso partido é o da religião, da verdade e da justiça; e o respeito que temos hoje pela monarchia constitucional, tel-o-íamos amanhã do

mesmo modo pela monarchia absoluta; e no dia seguinte por outra qualquer fôrma de governo que o paiz escolhesse e adoptasse como mais conforme ao seu temperamento, aos seus interesses, á sua religião, aos seus costumes e á sua civilisação.»

A celebração d'aquelle *Te-Deum* coincidiu com o começo d'uma campanha que uma parte da academia e depois todo o partido liberal da mesma cidade emprehendeu contra dois padres jesuitas que estavam missionando na egreja do convento de Santa Thereza e que com os seus exageros de devoção iam compromettendo enormemente a estabilidade d'esta exemplarissima casa religiosa, modelo de piedade que Coimbra e o paiz inteiro sempre respeitou e respeita. Logo que o sr. Bispo Conde teve conhecimento de taes excessos de devoção e piedade como eram o consumirem quasi todo o dia e uma grande parte da noite com o serviço religioso, prendendo assim alli muita gente, principalmente das aldeias e logares visinhos, providenciou de modo a cessarem de prompto taes excessos. E foram tão acertadas, tão energicas as providencias adoptadas por s. ex.^a rev.^{ma}, que os clamores do publico cessaram bem depressa, convertendo-se em louvores a s. ex.^a os protestos a que aquelles padres haviam dado aliás justa causa. Mas não se pense por isto que s. ex.^a é contrario ás missões e exercicios de piedade. O que s. ex.^a tem procurado sempre é cohibir abusos que só servem para desprestigiar a religião santa de Jesus Christo e nada mais. Concedendo licença para uma missão no seu bispado em 1874, dizia s. ex.^a ao paracho que lh'a havia impetado: «Louvamos muito este pedido de V. S.^a, porque denota o seu zelo e empenho pelo bem espirital do rebanho que lhe está confiado, e não cessaremos nunca de encarecer e louvar, tambem os beneficos resultados das missões, quando feitas conveniente-

mente, e a sublime dedicação com que tantos Ministros do Senhor, ardendo em zelo pela salvação das almas, acodem a toda a parte a prègar a fè e a doutrina de Jesus Christo, affrontando o rigor das estações, a intemperie dos climas, e supportando trabalhos, fadigas e inclemencias que parecem quasi superiores á fraqueza da natureza humana. Bemdizemos o Senhor, que para tanto os auxilia e anima e damos muitas graças á sua infinita misericordia pelo muito que consola os bons e confunde os maus com estes exemplos das maravilhas que opera o seu santo amor n'aquelles que do mesmo modo se deixam inflamar.» Continuando, diz s. ex.^a que é mister porém evitar quanto ser possa n'estas missões os pretextos a que recorrem e que avidamente procuram aquelles a quem ellas incommodam para as desacreditar, attribuindo-lhes interesses e intuitos mundanos, e que por isso concedendo gostosamente a licença pedida, recommenda que o impetrante, durante a missão, tome sempre o seu logar de parochio e que pratique por si proprio todos os actos da jurisdicção parochial, como a administração da Sagrada Communhão, a presidencia, direcção e designação da hora de todo o serviço religioso, e as providencias necessarias para a manutenção da policia dentro do templo; que sendo a primeira Communhão um acto privativo e exclusivo da jurisdicção parochial, que demanda o ensino da doutrina christã e o devido preparo com muita antecipação, reservasse para si esta solemnidade, não dando na occasião das missões a Sagrada Communhão pela primeira vez, senão em casos especiaes, e a meninos em idade conveniente e approvados por elle na doutrina christã; que as missões principiem e terminem dia claro, evitando-se assim os dictos e murmurações a que dá causa de ordinario principiarem muito antes de ser dia e concluirem já depois de noite; que os RR. Missionarios não recebessem nem con-

sentissem que outrem com auctorisação sua receba obulo algum por a inscripção em irmandades ou distribuição de bentinhos, contas e livros piedosos, pois por isso se agridem muito as missões, attribuindo-lhe a conta d'essa despeza, que elle remetteria a s. ex.^a rev.^{ma} para a satisfazer do seu bolso «porque embora seja muito tenue a nossa congrua, dizia-lhe s. ex.^a, é grande o desejo que temos de a empregar toda em utilidade e proveito espiritual dos nossos amados e queridos Diocesanos.»

Mas ha mais ainda.

Em 1885, por occasião de ministrar a Sagrada Communhão ás Associadas do Santissimo Coração de Jesus na extincta Sé d'Aveiro proferia s. ex.^a uma eloquente homilia de que fazem parte estes trechos, modelos de piedade e verdadeira doutrina:

«Exultamos de alegria e contentamento ao ver por este modo que não têm entrado, nem entram n'esta parte tão querida do nosso Bispado nem os ventos da impiedade, nem os gelos da indifferença; e que, pelo contrario, são cada vez mais viçosas as flores da Religião que se cultivam n'este Jardim da fé, e cada vez mais suave e mais doce a fragrancia das virtudes que o perfuma.

.....
Porém, a despeito d'estas verdades que vos dizemos e que são incontestaveis, e de tantas incertezas, desassocegos e desgostos que amarguram a nossa brevissima existencia, deveis vós renunciar á vida do mundo e ao cumprimento dos deveres que vos impozer o vosso estado e profissão? sepultar-vos em tristezas e desanimos com as difficuldades e soffrimentos do nosso viver e com o medo da morte e da eternidade, tristezas e desanimos que vos impossibilitariam para o desempenho da nossa missão sublime na religião, na familia e na sociedade?

Nem Nosso Senhor Jesus Christo ordena, nem nós, que somos successsr dos seus discipulos, e seu embaixador ainda que indigno, vos aconselhamos semelhante cousa.

A Religião divina, que Elle sellou com o seu sangue e que nós temos a ventura de professar, e a Santa Igreja Catholica, mestra infallivel da sua doutrina, querem e man-

dam que vós satisfaçais os seus preceitos conforme elles são prescriptos, e para que nunca a vossa vontade deixará de ter occasião e o tempo preciso; mas não mandam nem querem que vós abandonéis o governo das vossas casas e os cuidados que deveis ter com vossos paes, vossos maridos e vossos filhos para vos entregardes a praticas de piedade e a devoções religiosas, que, embora muito louvaveis em si, não sejam compatíveis com o cumprimento d'estes vossos grandes e impreteriveis deveres.»

Será longa mas interessantissima, pois é cheia de bons exemplos e sublimes doutrinas, a historia da administração ecclesiastica do sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, quando se chegar a escrever. Na da egreja portugueza occupará o primeiro lugar, pois ainda prelado algum excedeu s. ex.^a rev.^{ma} em hombridade e justiça, em clemencia e rectidão; sabendo como poucos manter as leis e disciplina da egreja, sustenta e protege como nenhum outro os direitos do clero no exercicio do seu ministerio; por isso escrevia s. ex.^a ha annos, com a convicção nascida do coração que é um dos grandes apanagios da sua nobilissima alma, «que antes de alguém passar por cima dos meus padres ha-de passar por cima de mim», e n'um officio dizia ao governo: «Ainda ha pouco tempo alguns povos d'uma freguezia d'este Bispado, instigados por despeitos e paixões politicas, insurgiram-se sem razão alguma contra um clerigo apresentado e inuito justamente na Egreja da mesma freguezia, imaginando que podiam induzir-me, com as suas queixas contra o mesmo clerigo, a não o collar na Egreja em que tinha sido apresentado. Agora, instigados tambem por motivos que não têm nada de justos, levantam-se em outra freguezia a favor d'um clerigo e contra outros; e eu pela minha parte tenho obstado sempre e hei de continuar a obstar a que se ponha á mercê das conveniencias ou paixões politicas, ou dos interesses e ambições pes-

soaes e particulares, a justiça e o bem da religião, e o credito e reputação dos meus padres que eu prezo e zelo como devo.» (1)

Mas se s. ex.^a rev.^{ma} é sollicito em premiar, tambem nem por isso é remisso em castigar quando as circumstancias a isso o obrigam, mas com a differença de que isto o faz sempre muito violentado. Não é pequeno o numero de processos instaurados na respectiva camara ecclesiastica contra parochos e outros clerigos, por se haverem envolvido demasiadamente em luctas eleitoraes, pois sua ex.^a rev.^{ma} não cessa de recommendar ao seu clero que se abstenha d'ellas como prejudiciaes á independencia do seu ministerio. As razões por que s. ex.^a procede assim estão bem expressas n'esta parte d'uma nota com que s. ex.^a fez acompanhar o discurso que proferiu no seu Seminario na sessão solemne da Academia de Santo Thomaz de Aquino, em 1883:

«Reconhecemos com o Santissimo Padre Leão XIII, nosso mestre e nosso guia, que o poder vem de Deus; mas que aos povos pertence escolher a pessoa ou pessoas que o hão de exercer e o modo como. Nada pois temos com essa escolha na nossa qualidade de Bispo e de ministro de Jesus Christo. E será sempre erro flagrantissimo, acrescenta o mesmo sabio Bispo (2), collar o altar ao throno, porque, despedaçado o throno, pôde despedaçar-se tambem o altar; e este não se fez para se collar ao throno dos Reis, ou ás cadeiras dos Presidentes das Republicas, ou ás dos Ministros, ou ás dos Deputados. E' mais alta e mais serena a região, em que deve collocar-se para conquistar e merecer o respeito e a veneração de todas as classes, de todas as intelligencias e de todos os partidos.

Todavia não se julgue que nós queremos isolar o Padre da sociedade, e circumscrever a sua missão só á vida mystica e contemplativa, só aos fervores da oração, á administração dos sacramentos e á salvação das almas, como

(1) *A extinção do convento de Sá, etc.*, pag. 42 e 43.

(2) Bispo d'Amiens.

pretendem não poucos dos seus inimigos, para se livrarem talvez do prestígio e influencia que elle tem no meio dos povos. Vai muito mais além o dever do sacerdote christão, como temos ponderado ao nosso amado clero em differentes cartas pastoraes. A Religião Santa que professamos não cuida só da bemaventurança na vida futura, mas tambem da felicidade na vida presente; e o Ministro de Jesus Christo, que não vive no espaço, mas na sociedade, e que reune ao seu character sacerdotal a sua qualidade e direito de cidadão, não pôde nem deve ser indifferente ao bem ou ao mal da sociedade em que vive, e por consequencia á politica do seu paiz, que tão poderosamente concorre para um ou para outro.

Cumpre-lhe por isso n'esta parte advogar, fóra das suas funções religiosas, os principios do direito e da justiça, e aconselhar o exercicio livre e consciencioso dos direitos politicos, e especialmente o de votar em todas as eleições geraes ou parciaes por ser este o mais importante, e de que provém maior bem ou maior damno para os interesses sociaes; e além d'isso pôde tambem com o seu exemplo beneficiar a politica do seu Paiz, indo votar nas differentes eleições só nos homens dignos e honestos, e conforme tão sómente com os dictames da sua consciencia, e tendo sempre a maxima cautela para não prejudicar com o exercicio dos seus direitos de cidadão a fidelidade no cumprimento dos seus deveres como ministro de Jesus Christo, e para não ferir os interesses da religião, a que deve attender primeiro que tudo, com os zelos pouco prudentes e discretos pelos interesses da politica. E' por isso da maior necessidade e conveniencia, que não entre nas luctas e contendendas eleitoraes filiado e arregimentado nos partidos e facções politicas, para não converter em inimigos da Religião e dos seus ministros aquelles que por esse facto se reputarem os seus adversarios politicos.

Quem, desapaixonado, meditar seriamente no que sobre este ponto tem succedido no nosso Paiz, ha de convir necessariamente, em presença dos factos, que muitas das medidas governativas que n'elle têm prejudicado a Religião e a Egreja, antiga e modernamente, foram tomadas não tanto com o fim de prejudicar e offender uma e outra, como para tirar vingança e desforço dos seus ministros, que partidarriamente combateram os governos ou os partidos que as decretaram.

E não admira isto muito, porque mesmo em relação

áquelles que nunca entraram n'estes combates, e que nunca pertenceram nem pertencem a partidos alguns, raras vezes estes e os seus jornaes se conservam na posição serena da verdade e da justiça.»

VII

Cria no Seminario uma nova cadeira destinada ao ensino da philosophia thomista. *Instituições christãs*. Academia de Santo Thomaz d'Aquino e as suas brilhantissimas festas litterarias. Trechos notaveis dos eloquentissimos discursos que pronunciou nas sessões solemnes de 1883, 1884, 1885, 1887, 1888, 1889, 1890 e 1892.

Havendo em agosto de 1879 Sua Santidade Leão XIII recommendado na sua Encyclica *Aeterni Patris* o ensino da philosophia de Santo Thomaz d'Aquino, o sr. Bispo Conde creou logo em outubro d'esse anno no seu Seminario uma cadeira para o mesmo ensino, cuja regencia confiou ao sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, illustre ornamento da faculdade de theologia na Universidade e professor do Seminario. Para completar tão grande commettimento, fundou s. ex.^a tambem a Academia de Santo Thomaz, para cujas sessões solemnes mandou construir depois um esplendido salão, o mais vasto que existe em Coimbra. A mesma Academia, em janeiro de 1883, passou a ter um órgão na imprensa — as *Instituições Christãs*, — um dos melhores senão o melhor jornal que no seu genero se tem publicado em Portugal. As primeiras sessões da Academia de Santo Thomaz realizaram-se na Sala da Bibliotheca do Seminario sob a presidencia do ex.^{mo} sr. Bispo Conde, verificando-se a primeira em 2 de maio de 1880 e a segunda em 14 de maio de 1882.

Em 20 de maio de 1883 foi inaugurado o gran-

dioso salão, especialmente consagrado ás sessões solemnes da Academia.

Tivemos a honra de ser convidado para assistir a mais d'uma das sessões d'esta Academia. Da que se realisou em 31 de maio de 1885, escrevemos por essa occasião no *Campeão das Províncias*:

«Foi solemníssima a academia que se celebrou no domingo no Seminario de Coimbra em honra do grande luminar da egreja catholica Santo Thomaz d'Aquino. Foi esta uma das festas mais brilhantes a que temos assistido e d'ella guardaremos gratíssima recordação, assim como não esqueceremos tambem o honrosíssimo convite que recebemos do promotor d'ella, o venerando prelado d'esta diocese o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde. São bem conhecidos no paiz e fóra d'elle os esforços empregados pelo virtuosíssimo prelado conimbricense, para que o ensino da philosophia Aquinatense se eleve á sua devida altura, por isso escusado será dizer quanto se não empenharia s. ex.^a rev.^{ma} para que fosse grandiosíssima a festa que tem por fim commemorar os novos louros, ganhos cada anno, por mestres e discipulos, na cadeira especial que para o ensino d'aquella philosophia estabeleceu no Seminario da sua diocese, e que foi a primeira que em Portugal se creou depois que o Santo Padre Leão xiii publicou a sua Encyclica *Aeterni Patris*. E foi na verdade grandiosíssima. Entre os grandes melhoramentos ultimamente realizados no Seminario de Coimbra, o melhor do reino e um dos bons da Europa, occupa a primeira plana o corpo lateral onde se construiu o vasto salão em que se realizou a festa. E' elegante a sua estrutura geral, primorosos os ornatos do tecto e excellentes as suas condições acusticas. A tantas bellezas correspondia a ornamentação do momento, que por ser desprestenciosa, não deixava de ser bella. Ao fundo do sa-

lão e em frente da porta da entrada estava erguido o solio. Era de veludo encarnado, e estava encimado por uma cruz o docel, cobrindo os degraus magnificas alcatifas sobre que pousavam elegantes vasos com plantas e flôres. Aos lados havia duas primorosas molduras, contendo uma o retrato de Sua Santidade Leão XIII, e outra uma esplendida tela representando o sabio Santo Thomaz. Ao correr da sala e em todos os vãos das janellas viam-se os retratos a oleo do actual sr. Bispo Conde, de prelados da diocese coimbricense já fallecidos, e diversos quadros religiosos, alguns de merito, e todos ricamente emmoldurados. Sobre a cornija que corre em torno da sala destacavam-se entre galhardetes differentes braços d'armas e inscrições latinas. Magnificos lustres de cristal pendendo do tecto, e elegantes serpentinas sahindo das paredes illuminavam este vasto recinto.

A sala era dividida por uma balaustrada que formava a teia, em cuja área estava o solio, e as cadeiras para os funcionarios e outras pessoas convidadas, sendo a sua mór parte de pau santo com estofo de damasco carmezim e guarnições douradas. Nos primeiros logares estavam sentados os srs. Bispo de Beja, monsenhor Guidi representando o Nuncio de Sua Santidade monsenhor Vanutelli, governador civil substituto e demais auctoridades administrativas e judiciaes, e nos outros lentes das diversas faculdades da Universidade, professores dos Seminarios de Coimbra e Aveiro, representantes dos de Leiria e Vizeu e muitas outras pessoas cujos nomes nos não occorrem.

Eram 8 e meia horas da noute quando o ex.^{mo} sr. Bispo Conde entrou na sala, tocando por essa occasião a orchestra, composta na sua maior parte por alumnos do Seminario, um hymno, findo o qual o sr. vice-reitor do mesmo Seminario levantou vivas a Sua Santidade Leão XIII, a Sua Magestade El-Rei

o sr. D. Luiz I, ao sr. Nuncio Apostolico monsenhor Vanutelli e ao sr. Bispo Conde, que foram calorosamente correspondidos por toda a assembleia.

Em seguida proferiu o sr. Bispo Conde o discurso de abertura. S. ex.^a, em linguagem levantada e fluente, fez a apologia da philosophia thomistica, relatou os progressos que o seu estudo tem attingido no Seminario da sua diocese e bem assim quanto a religião e a patria tem a esperar dos ecclesiasticos n'elle educados, dirigindo palavras de louvor e incitamento aos lentes e discipulos. S. ex.^a foi religiosamente escutado pela numerosissima assembleia que, ao terminar, o saudou respeitosa e entusiasticamente, tal foi a unção religiosa e sã doutrina que expendeu na sua magistral allocução.

.....
Fechou a sessão o venerando prelado, o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde, agradecendo aos espectadores a sua concorrência e aos oradores a sua brilhantissima cooperação.

Pela nossa parte agradecemos penhoradissimos a s. ex.^a rev.^{ma} o convite com que nos honrou ».

Na sessão de 1883 o sr. Bispo Conde faz em traços rapidos mas eloquentes a historia da Academia de Santo Thomaz, apreciando com o mais elevado criterio a philosophia d'este grande luminar da Igreja catholica, e a maneira brilhantissima como esta a desenvolveu e propagou. São d'esse discurso estes trechos e por elles se póde aquilatar o seu altissimo valor:

«Secundemos pois o louvavel e santo empenho do Vigario de Christo na terra, que, firme na esperança de que Deus Nosso Senhor ha de converter o mal em bem, quando lhe aprouver, não cessa de aconselhar e recommendar o que devemos fazer para apressar esse desejado momento. E se, como não póde deixar de ser, devem collocar-se ao seu lado

todos os que amam a Religião e a Patria, os Seminarios catholicos, mais que todos, devem cumprir este dever e dar este bom exemplo.

E não se diga que a Egreja pretende com aquella restauração pôr barreiras ao progresso scientifico, fazer retrogradar a philosophia aos tempos tenebrosos da idade media, matar a liberdade das escholas, e apagar, com a sciencia d'um frade do seculo xiii, os clarões luminosos de Kant, Hegel, Krause e Comte.

.....
A Egreja, pois, quer o progresso e o estudo profundo de todas as sciencias, incluindo as physicas e as mathematicas; mas o que não quer são os sabios que, apenas com umas simples noções de chimica e geologia, e com as observações feitas em um silex qualquer, julgam, muito senhores de si, que pôdem argumentar contra a Biblia e destruir a Religião e o seu Auctor.

—Quer a civilisação, o progresso e todos os melhoramentos materiaes que cercam a nossa existencia de esplendor, de encanto e de belleza, progresso e melhoramentos que ella está continuamente louvando e abençoando pela bocca dos seus Papas, dos seus Bispos e dos seus Ministros; mas o que não quer é que se reduza tudo só á materia, e que se julgue que se pôde salvar o mundo com o vapor, com a electricidade, com os prodigios da industria e com as applicações da dynamite, ou que se pôde restituir a paz ás nações conturbadas, o respeito á Auctoridade, a obediencia ás leis e a honestidade aos costumes só com a abundancia do ouro e das riquezas.

—Quer que se estudem todas as sciencias sociologicas e experimentaes; que se estude o direito, que se estude a medicina; mas não quer que se vote ao desprezo o conhecimento do Soberano Creador de todas as cousas, o conhecimento do homem e dos deveres que tem para consigo mesmo, para com os outros homens, com quem vive em sociedade, e para com Deus, de quem vem como seu primeiro principio, e para quem vai como seu ultimo fim.

—Quer o estudo da verdadeira Philosophia que, dando as mãos á Religião de que é irmã, como filhas que são ambas da mesma intelligencia infinita, ponha como fim de todos os seus trabalhos e lucubrações o melhoramento da vida pratica do homem e da sociedade; mas não quer o estado philosophico moderno, que ou vai para um falso idealismo, que chega a negar as realidades exteriores das cou-

sas, ou para um materialismo grosseiro, que nega a alma e nega a Deus.

— Quer finalmente a verdadeira evolução racional, que nos leva do visível para o invisível, do creado para o increado, do finito para o infinito, da obra para o obreiro e do mundo para Deus.»

A' sessão solemne de 25 de maio de 1884 veio expressamente assistir o Nuncio Apostolico Monseñhor Vanutelli, a quem o sr. Bispo Conde começa por se dirigir no notabilissimo discurso da abertura por esta fórma:

«Dignou-se V. Ex.^a de vir honrar a Santa Egreja de Coimbra e o seu Prelado, este Seminario e a Academia de Santo Thomaz d'Aquino com a sua respeitabilissima presença n'esta festa religiosa e litteraria; e nós, que nem mesmo agora podemos deixar de tomar a presidencia d'ella, por não o permittirem os desejos de V. Ex.^a e dos Academicos Aquinatenses de respeitarem por este modo a nossa auctoridade diocesana, subimos os degraus d'este solio com passos tremulos e vacillantes como nunca; pois tanto nos intimida e assusta a humildade e incompetencia da nossa pessoa para desempenhar cargo tão elevado e de mais a mais na presença de V. Ex.^a, como nos confundem, commovem e deslumbram os esplendores d'esta assembleia, composta de tudo quanto aqui ha de grande na Religião e na Politica, nas sciencias e nas lettras, na Egreja e no Estado.

Mas ao mesmo tempo, bemdito seja Deus, levanta-nos o espirito, fortalece-nos o animo, e inunda-nos o coração de consolações e alegrias, de enthusiasmo e de esperanças esta vida e movimento religioso e litterario, este banquete sumptuoso das intelligencias, e este convivio franco e sincero, que, extremamente reconhecido, vimos hontem e vemos hoje, do Sacerdocio com o Imperio, dos ministros de Jesus Christo com os ministros de Cesar.

Sejam, pois, as primeiras palavras por nós proferidas d'esta cadeira, como é de razão e justiça, para saudarmos a V. Ex.^a com o respeito e especialissima veneração que temos pela dignidade sublime que exerce n'este Paiz. e pelos altos dotes e merecimentos que tanto adornam a V. Ex.^a; e ao mesmo tempo para agradecermos, com todas as véras da nossa alma, a honra incomparavel d'esta visita, esponta-

neamente offerecida logo depois da vinda de V. Ex.^a para Portugal, e que por muitas e muitas razões ha de ficar registrada no Seminario e Bispado de Coimbra com letras d'ouro e em o nosso coração com os sentimentos da mais fina e indelevel gratidão.»

No discurso pronunciado pelo snr. Bispo Conde na Academia de 1885 tanto ou mais eloquente do que os precedentes, demonstrou s. ex.^a rev.^{ma} a necessidade para a ordem social da educação e instrução da mocidade nos Seminarios. São d'elle estes trechos:

« Cuidemos, pois, todos muito seriamente da educação e instrucção do nosso Clero. Não façamos como os nossos Reformadores de 1834, que, allucinados pela revolução e talvez pelo desejo de vingança contra aquelles que tão erradamente se involveram nas questões partidarias e luctas fraticidas d'esse tempo, ás quaes deviam ser estranhos pelo seu character sacerdotal, ao passo que desenvolviam a instrucção civil creando Lyceus, Academias e Polytechnicas com toda a profusão, destruíam completamente e loucamente todos os institutos de instrucção ecclesiastica, que eram a vida da Religião e da Egreja, sem os substituir por cousa nenhuma. E mais tarde queixavam-se da ignorancia do clero, e apregoavam e assoalhavam as suas faltas! Injustiça revoltante, porque de si proprios deviam queixar-se tambem; e em vez de queixas ainda havia motivo para louvar que o Clero, tendo sido votado ao mais completo desprezo, se comportasse ainda como no geral se tem comportado.

.....
A religião e doutrina catholica é de todos os tempos, de todos os logares e de todos os regimens, e quanto mais estes se quizerem afastar d'ella, tanto mais os padres os devem attrahir para si, não com accusações, represalias e objurgatorias, mas com a delicadeza da fórma no combate dos seus erros, com o exemplo do zelo, desinteresse e rectidão no seu procedimento, e com o respeito, consideração e cortezia para todos.

Aos Ministros do Deus de misericordia, que abre os seus braços na cruz para receber a todos, justos e peccadores, não é permittido delimitar campos como se apregôa e pre-

tende, e muito menos fugir dos que reputarem contaminados de vícios e de peccados, de erros e de crimes. Pelo contrario, é no meio d'esses que mais devem estar, porque são os que mais precisam dos serviços do seu ministerio, não para exprobar culpas e applicar castigos que pôdem descoroçar e perder, mas para attrahir, remir e salvar com o desinteresse temporal do zelo, com as doçuras da caridade, com a eloquencia do exemplo, com a generosidade e clemencia do perdão até onde elle poder ir, e sobretudo com a completa isenção de questões partidarias.»

Na Academia de 1887 (5 de junho) o sr. Bispo Conde aproveitando o effeito magico que haviam produzido á sua entrada na sala os vivas levantados a Sua Santidade Leão XIII, a Sua Magestade El-Rei e a s. ex.^a rev.^{ma}, começou assim o seu notavel discurso de abertura:

«Não podemos exprimir-vos as idéas que nos vêm á mente, e os sentimentos que nos dominam o coração, ao subirmos os degraus d'este sólio para presidirmos a esta sessão solemne da Academia de Santo Thomaz d'Aquino; e ao ouvirmos as duas saudações com que ella tão justissimamente acaba de ser aberta—ao Gloriosissimo e immortal Pontifice, que ora felizmente preside á Egreja Universal de Deus, e ao Magnanimo e illustrado Monarcha, que ora tambem felizmente preside ao governo da nobilissima e fidalga Nação Portugueza: pois n'estas duas saudações, unidas ambas pelo mesmo laço da obediencia, do affecto e da gratidão, está a gratidão dos nossos mais intimos sentimentos, e o alvo de todos os trabalhos e esforços do nosso ministerio;—obedecer a Deus e a Cesar, servir a Religião e a Patria.

E por entre estas duas balisas, em que se pôdem expandir todos os ardores da fé e inflamar todas as chamas do amor patrio, temos nós feito caminhar sempre este Seminario, que, sendo ha mais de vinte annos o objecto constante dos nossos disvelos, e a synthese dos maiores cuidados e vigílias, dos maiores espinhos e amarguras da nossa vida episcopal, tudo nos paga e compensa sobejamente com a satisfação intima que nos causam os grandes serviços que elle presta á Religião e á sociedade, e com as san-

tas alegrias que nos dá hoje com este testemunho publico e solemne do seu empenho e esforço para acompanhar o grande movimento da Philosophia Aquinatense nos outros paizes, áquem dos quaes não devia ficar o nosso; para conservar o facho das sciencias sempre acceso e rutilante nas cadeiras do magisterio, no banco dos discipulos, nas conferencias publicas d'uns e d'outros, no tribunal da Imprensa, e no ministerio do pulpito continuamente frequentado por Mestres e alumnos; e sobretudo para preparar dignamente para o serviço dos altares na Santa Egreja de Coimbra sacerdotes illustrados e virtuosos, que hão de ser mais tarde, esperamol-o em Deus, operarios diligentes da vinha do Senhor, zelosos pastores das almas, obreiros incançaveis do verdadeiro progresso religioso e social, e os Cyrineus, tão precisos e desejados, que nos hão de ajudar a levar o pezo da nossa Cruz. »

O sr. Bispo Conde na Academia de 1888 demonstrou eloquentemente como eram infundados os receios dos que suppunham que a Egreja é incompatível com o Estado, e que não ha nem pôde haver razão alguma que justifique as desconfianças e divergencias entre a sociedade religiosa e a civil.

Depois de dizer que um ou outro escriptor catholico, apaixonado pela politica ou provocado pelos inimigos da Egreja pôde ter dado logar algumas vezes áquella supposição, accrescenta s. ex.^a rev.^{ma}

« Fundadas e instituidas por Deus Nosso Senhor, e ambas com o seu Chefe e a sua hierarchia — uma, para guardar o deposito das verdades divinas, para conceder aos fieis as graças e dons espirituaes que Jesus Christo veio trazer ao mundo, e para promover e procurar a salvação das almas e o reino da bemaventurança; outra para proteger e defender os nossos interesses terrestres, os nossos bens, as nossas pessoas e a nossa liberdade, — estas duas sociedades, apezar de ser distincto e especial o fim de cada uma, têm ambas a mesma origem, o mesmo principio, e nasce para ambas da mesma fonte o fundamento da auctoridade, que é Deus, pelo que não podem ser incompativeis uma com a outra.

.....

.....a Igreja reprova e condemna todos estes excessos; e, sempre respeitadora do Estado, não o embarça no seu governo, não invade os seus direitos, e nem se intromette no que é das suas attribuições e competencia, e sobre que elle administra, legisla e decreta como entende: antes é a primeira a recomendar obediencia ás suas leis e aos seus decretos, e deixa sempre a cada Nação escolher a fórma do governo ou o regimen politico que mais lhe convier e fôr mais justo, ou a auctoridade passe para um ou mais individuos por meio de herança ou por meio de suffragio. Com todos vive e com todos se conforma, não se offendendo os direitos que lhe outhorgou o seu Divino Fundador, e não se tolhendo o exercicio da sua missão divina.

Tambem nunca impediu nem impede o progresso e o melhoramento da sociedade civil tanto no ponto de vista material como intellectual e moral.

Essa doutrina memoravel da liberdade, egualdade e fraternidade, que as sociedades modernas tanto apregôam nas suas bandeiras e nos seus Codigos, foi a Igreja quem primeiro a ensinou ao mundo, no seu verdadeiro sentido, em nome de Jesus Christo; e com os seus preceitos, com a sua caridade, com o seu exemplo, e com a influencia salutar que exerce nos costumes e nos sentimentos dos povos, beneficia constantemente a sociedade civil, ora calmando paixões, ora reprimindo e evitando crimes, ora consolando infortunios e soccorrendo misérias, e ora finalmente contribuindo não pouco para apasiguar essas luctas que hoje tão frequentemente se levantam entre o rico e o pobre, entre o industrial e o operario.

Pela bocca dos seus Papas, dos seus Bispos e dos seus Ministros ella louva e abençoa os progressos das sciencias e das artes e as descobertas e melhoramentos materiaes que cercam de gozo e de commodidade a nossa vida terrena; e á sua iniciativa e prégação constante das suas doutrinas e do Evangelho de Jesus Christo, que tantos Martyres defenderam e sellaram com o seu sangue, devemos nós a doçura dos nossos costumes, a prática sublime da caridade e amor do proximo, e todos esses Estabelecimentos de beneficencia, que hoje felizmente tanto se multiplicam e que são a honra do nosso seculo e o esplendor da nossa civilisação.»

Do discurso pronunciado por s. ex.^a rev.^{ma} na Academia de 1889 destacaremos estes trechos, pois

elles só são mais que sufficientes para aquilatar do seu enorme valor:

«E' doutrina corrente e bem sabida, como temos repetido já n'esta mesma cadeira, que todo o poder vem de Deus—*Per me reges regnant*—, mas não é menos sabido que Deus deixa livre aos homens e a cada Nação o exercerem esse poder pelo modo e forma que entenderem, ou por meio de herança ou de suffragio, ou por um individuo só, ou por muitos.

A Egreja não se intromette nos systemas politicos e nas formas de governo que os povos escolhem á sua vontade e como mais lhes convier. Com todas vive, com todas se conforma e a todas se accomoda uma vez que sejam justas, e que nem offendam os direitos que lhe outorgou o seu divino Fundador, nem tolham o exercicio da sua missão divina.

Prejudicar-se-hia muito o catholicismo, como diz Balmes, se, fazendo o contrario, o circumscrevessem a um circulo em que elle não póde caber com a sua immensa grandeza. E o Vigario de Christo na terra, e pae commum dos fieis, tanto reconhece como seus filhos os catholicos que se assentam nos bancos das assemblêas Americanas, como aquelles que mais humildemente obedecem ás ordens do mais poderoso Monarcha. Abençoa do mesmo modo os Monarchicos e os Republicanos, os Absolutistas e os Constitucionaes; e tão promptos foram ainda ha pouco tempo os seus pezames aos Imperadores d'Allemanha, como as suas felicitações ultimamente ao Presidente da Republica Frãnceza.

Tambem a Egreja, longe de contrariar, applaude, louva e abençoa o derramamento da instrucção por todas as classes da sociedade, as descobertas modernas e os melhoramentos materiaes que cercam de gozo e de encanto os individuos, as familias, as nações e a humanidade; e jámais deixou de proteger as bellas artes que tanto se levantaram outr'ora obedecendo á inspiração religiosa e christã, como podem rebaixar-se hoje, se obedecerem ou a um realismo perigoso, ou a um naturalismo brutal.

Todas estas verdades e doutrinas tem sido nos ultimos tempos solemnemente proclamadas do alto da Cadeira de S. Pedro pela maior auctoridade do mundo.—pelo grande e immortal Pontifice Leão XIII, cuja sabedoria, altissimo criterio e desvelo pelas sciencias e pelo bem da humanidade todos os sabios respeitam, e todas as nações admiram.

Pois não obstante tudo isto, grita-se para ahi constantemente contra a Egreja, porque quer o obscurantismo e o absolutismo; contra os padres portuguezes, porque são reaccionarios, e porque combatem o regimen liberal e a actual dynastia para favorecerem o partido absoluto; e contra os Jesuitas, porque são um grande perigo para as instituições e para a liberdade, e porque está o reino cheio d'elles.

Abrangendo no centro do paiz a grande porção de territorio que vae do Vouga até ao Liz e até ao Zezere perto do Tejo, e das montanhas do Caramulo, do Colcorinho, da Pampilhosa da Serra e de Dornes até ao Oceano Athlantico, desde a Praia de S. Jacintho ao norte até ao porto de S. Martinho ao Sul, a Diocese de Coimbra tem 4 cidades, 25 villas ou concelhos administrativos a fóra os das cidades, 320 freguezias, 11 casas religiosas, 2 seminarios e alguns collegios, ordens terceiras, Misericordias, e hospitaes; e em parte nenhuma d'este territorio, e em nenhuma d'estas freguezias e casas religiosas ha um unico padre Jesuita nacional ou estrangeiro.

E todavia clama-se e affirma-se que o reino está povoado e cheio de Jesuitas, que elles minam e ameaçam a liberdade por toda a parte, que são os culpados de tudo, e até de não se fazerem n'esta Diocese por'ora, contra os desejos de muitos, nem baptismos, nem casamentos, nem enterros civilmente, grande mercê de Deus. (1).

E dos Parochos e clerigos, espalhados por este grande Bispado, ao todo 640 e tantos afóra os d'esta cidade, que vós conheceis bem, senhores, não ha nenhum, que nós saibamos e de que tenhamos o menor conhecimento, que se insurja contra o regimen constitucional, e publicamente faça propaganda a favor do absolutismo, nenhum que reaja contra o seu Bispo e contra as auctoridades civis e politicas, ou que se recuse a prestar o seu auxilio e cooperação para tudo o que por estas lhe for solicitado a bem do serviço e da utilidade publica.

O Sr. Dr. Costa Lobo, que tão dignamente está governando este Districto e que temos a honra, que muito apre-

(1) Tão immerecidas como estas serão muitas outras accusações que lhes fazem. Um dos grandes talentos e mais avançados da Camara dos Senhores Deputados declarou em plena sessão, não ha ainda muitos dias, segundo referem os Jornaes, que lhe causava espanto e arrojo com que os partidos liberaes, exigindo para si o direito de propaganda, pretendem impedir a propaganda dos Jesuitas.

ciamos e agradecemos, de vêr aqui presente, e os Ex.^{mos} Governadores Cíveis de Leiria e de Aveiro não poderão deixar de corroborar com o seu testemunho o que acabamos de dizer.

O clero do Bispado de Coimbra respeita e obedece ao poder constituído, nem mais nem menos. E se algumas vezes alguns Parochos e clérigos entram nas luctas politicas e nas questões eleitoraes, a despeito de todas as nossas recommendações em contrario, não é a favor do partido abso-lutista ou por causa do absolutismo, mas a favor dos parti-dos liberaes e a instancias dos seus partidarios, que não cessam de lhes pedir o seu appoio cada uns pelo seu lado, para alguns lhes pagarem não poucas vezes depois com des-prezos e ingratidões.»

No discurso inaugural da Academia de 1890 tra-ctou s. ex.^a rev.^{ma} sabia e proficientemente a questão social e operaria, como se vê d'estes periodos:

« Descendendo d'um pobre e d'um artista, que do seu trabalho tirava o pão de cada dia, Jesus Christo abençoa e santifica a pobreza e o trabalho, prega a caridade e o amor do proximo com a sua palavra e com o seu exemplo, e diz do mesmo modo tambem ao pobre no seu Evangelho que veja na sua pobreza um signal de similhaça com o seu Di-vino Redemptor; que, se a soffrer com resignação e pacien-cia, tendo sempre a Deus no coração, será mais feliz que os ricos, porque a felicidade não vem da terra, mas do Céu e da conformidade de cada um com a sua sorte; e que a nu-dez, o frio, a fome, os trabalhos e soffrimentos d'esta vida lhe serão sobejamente compensados e premiados com a bemaventurança na outra — *Beati pauperes. Beati qui lugent quoniam ipsi consolabuntur.*

Portanto, se a fé e o ensino do Christianismo penetras-sem fundo no coração e na consciencia do rico e do pobre, não seria muito difficil a resolução da questão social que nos amedronta. O rico, longe de querer saciar a sua cobiça á custa da miseria e desgraça do seu semelhante, protegeria as artes, ajudaria os operarios, e soccorreria a pobreza com o que podésse dispensar das suas despesas para manter o decoro e magnificencia ralativa do seu estado, e para prover á educação e futuro dos seus filhos; e em vez dos remorsos que, procedendo d'outro modo, lhe trariam os seus desper-

dícios e a satisfação dos seus prazeres criminosos, teria as bênção do Céu, o respeito e a estima dos homens, e o goso íntimo de praticar o bem, que é a maior consolação que pôde ter uma alma bem formada. E o pobre, longe de se revoltar contra a sua pobreza e de abrigar em seu coração invejas, odios e vinganças contra o rico, acceitaria aquella como filha da vontade de Deus, com a qual a sua se deve conformar, e substituiria estes pela moderação nos seus desejos e appetites, pela virtude e honestidade da sua vida, e pela diligencia e fidelidade no seu trabalho, que lhe conquistaria a protecção e estima dos seus superiores; e, em vez das inquietações e noites mal dormidas dos ricos, e das torturas constantes que lhes causam as suas ambições sempre crescentes e sempre insaciáveis, gosaria o seu descanso sem preocupações e vigílias que o atormentassem, e com a paz no espirito e a tranquillidade na consciencia, que fazem a felicidade d'esta vida; pois não é feliz quem tem muito, mas quem sabe viver e contentar-se com pouco, e quem, fortalecido e apoiado na sua fé, pôde dizer no meio dos seus infortunios: — E' Deus que m'os manda, e Deus que é bom e justo e que não quer o meu mal, recompensar-me-ha n'esta vida ou na outra.

Vieram do Calvario e da Cruz, de Jesus Christo e do seu Evangelho, estas doutrinas que fizeram raiar no mundo uma aurora de luz e de redempção, e nos individuos, na familia e na sociedade, o respeito dos seus direitos e a nobreza e dignidade do seu destino. São ellas que, moderando os ricos na sua ambição, soccorrendo os pobres na sua pobreza, reprimindo os fortes na sua fraqueza, e consolando os desgraçados na sua desgraça, amparam e unem uns aos outros pelos laços da paz, da justiça, da caridade e do amor. São ellas que, dando aos espiritos a sua guia, aos corações as suas virtudes, ás consciencias os seus remorsos e aos costumes a sua doçura, têm produzido tudo quanto na Europa ha de nobre, generoso e bello nas suas leis, nas suas instituições e na sua civilisação. E são ellas ainda hoje as que mais pôdem estabelecer a paz e relações amigaveis entre os industriaes e os operarios, e acalmar essas conspirações d'uns contra os outros; e que, organisadas ao perto e ao longe, ás claras e ás occultas, ameaçam paralisar o commercio, matar as industrias, destruir as leis economicas e subverter a ordem publica; pois é bem sabido que as crenças religiosas e moraes, inspirando os sentimentos, regulando os habitos, formando o character e os costumes e

protegendo os direitos e os deveres contra a avidez dos interesses e a violencia das paixões, são o cimento mais resistente e a alavanca mais forte para consolidar e sustentar o edificio social.»

Na Academia de 1892 occupou-se novamente s. ex.^a rev.^{ma} além d'outros assumptos da questão social que tractou com são criterio e alevantada eloquencia como sempre, como o podem testemunhar estes trechos colhidos ao acaso do seu esplendido discurso:

«Assustam-nos sobre tudo os grandes perigos e horrores da chamada questão social, não porque seja menos legitimo e menos sympathico a quem tiver um coração bem formado o direito com que os operários procuram mais alguma porção de gozo e de bem-estar social para a sua classe, mas porque são d'exterminio e de todo o ponto anarchicos, subversivos e medonhos os processos com que pretendem conseguir o seu fim.

..... Estamos colhendo, infelizmente, n'estes fins do seculo XIX o que tanto se tem semeado desde os fins do seculo XVIII até agora; e quando devíamos estar em delicias á sombra da arvore da liberdade que dá a vida, estamos quasi em agonia á sombra da mancenilha que dá a morte, por terem sido em grande parte avariadas e venenosas as sementes deitadas á terra. E' por isso que se torna tão pavorosa e assustadora a grande questão social, porque um povo sem fé, sem costumes, sem resignação e paciencia sanccionada na esperanza da vida futura, é um povo infeliz e ingovernavel: é um leão sem cadeias e sem jaula, como diz Montesquieu.

..... Com a alliança que se estabeleceu entre os operarios e a Religião Catholica no presepio de Belem, em que o Menino Deus e Maria, sua Mãe, a joven obreira de Judá, e José o humilde carpinteiro seu Esposo, não tiveram para berço e albergue senão umas palhas e um estabulo de gado; com o amor e caridade que esta Religião Santa ficou tendo desde então para com todos os desherdados da fortuna, de quem é Mãe e protectora; com o exemplo do seu Divino

Fundador, que durante muitos annos comeu o pão ganho com o suor do seu rosto; e com as doutrinas que Elle depois ensinou e prégou todas d'amor, de complacencia e de auxilio para com todos os que soffrem,— só a Religião Catholica, com estes exemplos e prêgações, e com as suas esperanças e recompensas d'além tumulo, pôde unir, pelos dulcissimos laços da caridade christã, os corações desavindos dos ricos e dos pobres, dos operarios e industriaes, e abrandar n'elles o egoismo e ambição d'uns, e a desesperação e revolta d'outros: só ella, proclamando a fraternidade christã, e a egualdade e dignidade de todos os homens em Jesus Christo, pôde combater as grandes desigualdades sociaes, e proteger a justiça contra o arbitrio, a liberdade contra a escravidão, e a propriedade e o capital contra o communismo, porque só ella obriga uns e outros, e com a mesma força, ao respeito de todos os direitos e ao cumprimento de todos os deveres. »

Das passagens e trechos que deixamos transcritos, e, de tantissimos outros que por brevidade omittimos, das allocuções e discursos pronunciados por s. ex.^a rev.^{ma} nas sessões sollemnes da Academia de S. Thomaz, qual d'elles mais eloquente e notavel, e todos espelho limpidissimo das suas muito acrisoladas e evangelicas virtudes se depreheende bem o brilhantismo que alcançou, graças aos seus esforços, esta notabilissima criação do seu glorioso episcopado.

VIII

Nova circumscripção diocesana. E' contrario tanto ao augmento como á diminuição territorial do seu bispado. Despede-se commovido das freguezias que por aquella medida governativa passam a fazer parte de outras dioceses. Palavras de saudação que dirige aos que vem agora para o rebanho de que é Pastor. Testemunhos de gratidão e saudade que recebe d'aquelles e provas de subido apreço e fervido enthusiasmo com que é acolhido por estes. Visita Leiria onde deixa em cada habitante um amigo. Auxilia poderosissimamente a construcção de um novo templo em Aveiro e, esta cidade dá-lhe o primeiro testemunho de reconhecimento, fazendo esculpir alli o seu brazão episcopal. Visita Aveiro onde é recebido com grande enthusiasmo. Saudações e cumprimentos que lhe dirige a imprensa local. Emprehe a grande romaria do Rosario. Descripção d'esta imponentissima solemnidade religiosa.

Por carta de lei de 20 de abril de 1876 foi o governo auctorisado a proceder, de accordo com a Santa Sé a annexação, redução e nova circumscripção das dioceses do reino. Dias depois expediu o ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça uma circular confidencial aos prelados diocesanos, pedindo-lhes o seu parecer ácerca do modo como se devia effectuar a mesma circumscripção. O sr. Bispo Conde respondeu á referida circular com officio de 19 de junho de 1876 em que pedia que nem lhe adicionassem freguezias das Dioceses vizinhas, no caso de serem algumas d'estas suprimidas o que elle não desejava, nem lhe tirassem nenhuma das que actualmente lhe pertenciam, « porque attenta a estima e o affecto que tenho aos meus diocesanos, accrescentava s. ex.^a rev.^{ma}, e os laços reciprocos de caridade e de amor que dezeses annos de convivencia e de boas relações tem estreitado cada vez mais entre nós; e a minha pena é

maior ainda por saber, como sei, que elles tem um desgosto profundo com a sua mudança para outro bispado se a isto os obrigarem, o que não esperam.» ⁽¹⁾

Estas mesmas ideias manifestou s. ex.^a rev.^{ma} na reunião dos prelados que para o mesmo fim e a convite do governo se realisou em Lisboa em novembro de 1880, abstendo-se por completo de discutir e votar sobre a supressão dos bispados de Aveiro e Leiria, d'onde apenas podia resultar engrandecimento para o seu. Havendo S. Santidade Leão XIII pelas letras apostolicas *Gravissimum Christi Ecclesiam Regendi et gubernandi munus* de 30 de setembro de 1881 auctorisado a redução e nova circumscripção das dioceses do Portugal, foi esta levada a effeito em setembro do anno seguinte. Por ella foram annexadas aos bispados da Guarda e Vizeu as freguezias do de Coimbra que compunham os arceprestados do Couto do Mosteiro, Sandomil e Santa Marinha, passando a pertencer a este uma parte das extinctas dioceses de Aveiro e Leiria, e algumas freguezias do Patriarchado e bispado da Guarda, ao todo quarenta e sete parochias.

Não foi motivo para jubilos o augmento que recebeu o sr. Bispo Conde do seu bispado, antes pelo contrario o contristou e muito. As suas proprias palavras o testemunham. A' parte do rebanho episcopal que viu fugir-lhe, dirigiu logo s. ex.^a rev.^{ma} uma sentida carta de despedida, e, a magoa que lhe ia n'alma está bem expressa n'estes periodos d'ella:

« Nem nós queremos lembrar-nos de que vão separar-se de nós, e deixar de pertencer a esta Santa Egreja de Coimbra os M. RR. Arciprestes do Couto do Mosteiro, de San-

⁽¹⁾ Carta do Bispo de Coimbra aos M. RR. Arciprestes do Couto do Mosteiro, Sandomil e Santa Marinha, sobre a circumscripção diocesana. — Coimbra 1882, pag. 7.

domil e de Santa Marinha; os RR. Parochos e Clerigos d'estes Arciprestados sempre de nós tão queridos, e que, na maior parte educados e ordenados por nós, eram a nossa consolação e a nossa alegria; tantos mancebos que n'esta região abençoada do Bispado de Coimbra se destinavam ao sacerdócio, e que eram a flôr do nosso Seminario; muitos cavalheiros distinctos, que, honrando a Religião e os seus Ministros na humilde pessoa do seu pastor, levantavam tanto a nobreza dos seus braços, e o respeito e prestigio do seu nome, como penhoravam e confundiam quem jámais os poderá esquecer; e finalmente não poucas familias christãs que pela sua fé, pelas suas virtudes e pelo seu exemplo são o auxilio e o apoio do ministerio pastoral.

.....
Entre tantas difficuldades e desgostos, que hoje amarguram a vida d'um Bispo, creiam V. S.^{as} que ainda nada nos amargurou tanto como esta separação de tres Arciprestes em tudo tão exemplares, e da nossa amizade e inteira confiança; de muitos Parochos e Clerigos tão dignos e que nos eram tão dedicados, e de tantos povos que nas demonstrações de respeito e affecto para com o seu Prelado poderão ser egualados mas não excedidos.»

Aos seus novos e tambem já amados diocesanos, dirigiu logo o sr. Bispo Conde palavras de consolação e conforto como estas:

«E vós, M. RR. Arciprestes, RR. Parochos, Clerigos e fieis, vindos da diocese da Guarda e das extinctas de Aveiro e Leiria para esta nossa de Coimbra, e a quem pela primeira vez saudamos e abençoamos como vosso pastor e pae espiritual ainda que indigno, desculpae-nos se, em vez de jubilos e alegrias, vedes penas e receios n'estas nossas primeiras saudações; mas a verdade que vos devemos, e a quem nunca vos havemos de faltar, não nos permite que n'este primeiro encontro do nosso coração com o vosso vos occultemos os sentimentos da nossa alma, ainda os mais intimos.

Em primeiro lugar, nós sabemos que vos desgosta muito a perda das vossas Dioceses e dos vossos Prelados a que estaveis acostumados, e a vossa vinda para esta que não conheceis, e a que não podem prender-vos como áquellas nem as recordações do passado, nem as esperanças do

futuro. E' natural este vosso sentimento que nós muito louvamos, e crede que tomamos junctamente convosco verdadeira parte n'elle, porque são e hão de ser sempre nossas as alegrias ou as tristezas dos nossos Amados filhos em Jesus Christo.» (1)

Vejamos agora como uns e outros corresponderam á saudade e á solicitude do nobilissimo prelado. Dos sentimentos dos que partiram, são eloquente testemunho estes trechos das cartas que os arciprestes, parochos e mais clero dos tres arciprestados referidos, dirigiram então ao sr. Bispo Conde:

«Recebemos com profunda magua e sentidissimo pezar a carta de V. Ex.^a Rev.^{ma} em que Vosso bondoso coração de Pae, ferido pela perda de filhos estremecidos, é obrigado a vir dar-lhes o triste adeus d'uma inevitavel e perpetua separação.

Tambem para nós, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr., tambem para nós é extremamente doloroso este desmembramento a que uma dura e imperiosa necessidade veio sujeitar-nos; porque, se V. Ex.^a sente com intenso desgosto e viva saudade a troca de subditos que nobremente timbram em ostentar, com toda a pureza de sua fé e com todo o vigor de suas profundas convicções religiosas, o seu amor e dedicação para com o solio episcopal, nós choramos com lagrimas d'infinda amargura a perda d'um Bispo summamente bondoso e caritativo, que foi para nós um Pae extremoso e um Amigo sincero que nos deu eloquentes testemunhos d'estima, que nunca merecemos, e nos recebia sempre com inexcédível e já proverbial affabilidade.

.....
Que o céu ouça a prece que por V. Ex.^a todos os dias lhe dirigimos junto do altar; e que a benção de V. Ex.^a caia sobre estes filhos, que pela ultima vez (bem dolorosa e amarga nos é esta expressão) vêm genuflectir aos pés de V. Ex.^a e beijar-lhe o Anel, como seu Prelado.

S. Romão, 8 de outubro de 1882.»

(1) Provisão do Bispo de Coimbra sobre a circumscripção diocesana em 1882.

Seguem-se as assignaturas de todos os parochos e clero do arceprestado.

«Converteram-se em amargo pranto e pungente dôr as festivas demonstrações de entusiasticos regosijos, que tornaram memoraveis os dias 4 e seguintes do passado mez de junho, quando Vos dignastes visitar as freguezias do Couto, S. Joanninho, Santa Comba-Dão e Vimieiro! Como bondoso Pastor lhes viestes mostrar o paternal affecto e amizade que lhes consagraveis, e a que estes fieis mostraram, quanto lhes era possivel, a sua cordeal correspondencia! Hoje, Ex.^{mo} Sr., vieram pôr o sello a todas as demonstrações da inqualificavel consideração e estima, em que por Vós eram tidos estes Vossos filhos, as paternaes e affectuosissimas expressões com que lhes daes o ultimo adeus, despedida esta que lhes veio ferir o coração, e avivar mais a profunda saudade de tão amoroso Pae e dedicado Amigo! Sim, Sr., ellas tambem nos annunciam a amargura que Vos punge, e torna assaz dolorosa a Vossa separação! Os fieis que não podem ser insensiveis a tantos excessos, nem abafar em seus peitos os affectos de sua dôr sentimental, com as suas plangentes vozes explicam, a seu modo, os motivos d'esta transformação: em sua orfandade, a falta do seu bom e tão amado Pastor!... *Recedit Pastor bonus!* A falta d'um verdadeiro e dedicado amigo, que fez os maiores sacrificios para não vêr quebrados os laços d'amor que o prendiam a esta pequena, mas muito presada porção do seu rebanho!!!

.....
Couto do Mosteiro, 3 de novembro de 1882.»

Seguem-se as assignaturas de todos os parochos e clero do arceprestado.

«E n'este momento, Ex.^{mo} Sr., bem intensa é a magua e profunda a consternação dos povos da Vossa querida Beira, pela sua separação da diocese de Coimbra e do seu muito amado Prelado; separação d'ante-mão annunciada por Vós e que é já hoje uma triste realidade!

.....

Ao contentamento indescriptivel de todos estes povos, manifestado desde a veiga abundante da planura até os sã-

faros alcantis da serrania por occasião da Vossa visita episcopal, succedem agora os sentidissimos prantos d'uma separação eterna e as lagrimas tristes d'uma profunda saudade.

E esta saudade tão vehemente, e que Vossos altos meritos justificam plenamente, não tem nada de exclusivo, Ex.^{ma} Sr.; porque os homens de todas as condições e seres de todos os sexos e edades, deploram sem discrepancia esta perda irreparavel. Todos elles luctariam unanimemente, se os não impedira o dever, por continuarem a ser Vossos subditos, Vossos filhos para sempre.

E como não deveria de succeder assim, se Vós sabeis a fundo a sciencia de ganhar corações? Se em muitas d'estas egrejas existem importantissimos melhoramentos devidos sómente ao Vosso zelo? se em muitas d'ellas se ostentam monumentos que attestarão aos vindouros Vossa alta generosidade? Se por Vossa sabia administração no Seminario de Coimbra Haveis enxugado muitas lagrimas, dado o pão e o nome a muitas familias, elevando ao sublime ministerio do sacerdocio a muitos pobres que jazeriam na miseria?

Paranhos, 11 de novembro de 1882.

Seguem-se as assignaturas de todos os parochos e clero do arceprelado.

Sua ex.^a rev.^{ma} deu-se pressa em fazer a sua visita pastoral á capital da extincta diocese de Leiria, procurando assim mitigar a saudade que nos seus habitantes havia produzido a perda da sua autonomia ecclesiastica. Chegou s. ex.^a alli em 31 de outubro, fazendo no dia seguinte a sua entrada solemne na Sé rodeado de tudo que em Leiria e povoações circumvisinhas havia de mais distincto, e acompanhado por numerosissimo concurso de fieis que não cessava de victoriar o seu novo Pastor.

Foram eloquentes e commovedoras as palavras que da cadeira episcopal dirigiu aos seus novos diocesanos, que pela primeira vez visitava e solemneamente abençoava. Durante dias seguidos s. ex.^a rev.^{ma}

chrisinou e visitou as egrejas conventuaes, os cemiterios, as cadeias, os hospitaes e os enfermos nas proprias habitações, levando a toda a parte a consolação e a esmola. «Em todos os pontos que percorreu, escreve o *Districto de Leiria*, esperaram-no phylarmônicas, arcos, foguetes, e emfim todas as manifestações que o nosso bom povo se esmera em prodigalisar-lhe, ouvindo com os olhos cheios de lagrimas divisando nas suas palavras e na sua fronte serena e intelligente a tranquillidade d'uma consciencia austera e honrada.

.....
 «Sua ex.^a deixa n'esta cidade uma sympathia profunda, que n'esta occasião seria impossivel conseguir alguem que não possuisse os seus dotes eminentes, que lhe dão um dos logares mais distinctos entre o episcopado portuguez.»

A Aveiro porém, não pôde logo s. ex.^a prestar igual gentileza. A sua visita pastoral a esta cidade teve de ser addiada para o anno seguinte, porque tendo sido devorado por um incendio em 1864 o antigo paço episcopal, foi mister converter em um modesto hospicio a hospedaria do convento de Sá, para alli s. ex.^a rev.^{ma} se poder alojar. Mas s. ex.^a rev.^{ma} não esperou a occasião da sua visita episcopal para principiar a prodigalisar os seus beneficios sobre esta parte do seu novo rebanho, que bem cedo conheceu quanto podia contar com a proverbial e fraternal solicitude de tão inclito Prelado. Em abril ou maio de 1882 foi a Coimbra uma commissão composta dos srs. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, Sebastião de Carvalho e Lima, Manuel Anthero Baptista Machado, Francisco da Luz e Costa, Alipio Anthero de Carvalho e de quem escreve estas linhas, em nome dos parochianos da freguezia da Vera-Cruz solicitar o valiosissimo concurso de s. ex.^a rev.^{ma} perante o governo para proseguirem as obras da nova igreja pa-

rochial, paralisadas então como agora por falta de recursos.

S. ex.^a rev.^{ma}, apesar de ser aquella a primeira vez que via, a maioria dos membros da commissão, recebeu-os com a fidalga cortezia que lhe é peculiar, e, da maneira mais expontanea e captivante prometteu ser sollicito patrono não só d'aquella pretensão mas em todas as outras para que Aveiro julgasse ser necessario o seu concurso. E a promessa tornou-se em breve realidade, pois s. ex.^a não só obteve então do governo o donativo de 2:000\$000 réis para as obras da nova igreja, mas alcançou tambem um subsídio da bulla da santa crusada de 500\$000 réis para o mesmo fim, com o que estas receberam grande impulso.

D'estes e d'outros não menos importantes beneficios que a igreja da Vera-Cruz (¹) deve ao sr. Bispo Conde é testemunho eloquente e agradecido, o facto da respectiva Junta de parochia ter mandado esculpir sobre a porta principal do novo templo, o brazão de sua ex.^a rev.^{ma} Noticiando esta resolução, escrevemos então no *Campeão das Provincias*: (²)

«Por mais d'uma vez temos mostrado aqui os muitos beneficios que Aveiro deve ao seu respeitavel e virtuosissimo Prelado o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde. Entre estes beneficios, porém, destaca-se a valiosissima protecção que s. ex.^a rev.^{ma} tem dispensado ao novo templo da Vera-Cruz. E' devida unica e exclusivamente aos seus esforços que a obra do templo, durante muito tempo paralisada por falta de meios, se continuou e attingiu o desenvolvimento que ora tem. Todos em Aveiro são concordes, que

(¹) Sua ex.^a rev.^{ma} além de outros subsidios da Bulla, obteve posteriormente tambem do governo um outro de 2:000\$000.

(²) N.º 3.413 de agosto de 1885.

se não fosse o sr. Bispo Conde tomar sob a sua protecção a nova igreja, esta nunca passaria de alicerces. Tanta dedicação e tanto amor exigia um publico e solemne agradecimento, mas agradecimento eterno, ou pelo menos tão duradoiro como a obra que o motivou. A divida vae pois principiar a saldar-se; a junta de parochia da Vera-Cruz, conscia dos sentimentos de indelevel gratidão de que estão possuidos todos os habitantes da freguezia para com s. ex.^a rev.^{ma} o sr. Bispo Conde, resolveu que o portico que ha de dar accesso ao novo templo fosse coroado pelo brazão do venerando Prelado. Louvavel resolução foi esta. O distinctissimo engenheiro-director da obra, o sr. Ferreira Araujo, fêl-a pôr immediatamente em execução, delineando com a proficiencia que todos lhe reconhecem, o modesto monumento que ha de attestar aos vindouros o muito que Aveiro deve ao ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina. O brazão emoldurado por bellissimos labores, está já concluido, sendo primoroso o trabalho de canteiro, que foi executado pelo habil artista o sr. José Augusto da Silva.

São estas as primeiras armas episcopaes, que vão ser collocadas em Aveiro. Em nenhum templo ou edificio se veem aqui as armas de qualquer prelado, facto que já se não dá com as de differentes familias nobres, pois no arco cruzeiro da igreja de Nossa Senhora da Gloria lá estão as dos padroeiros da capellamór, os Sousas, marquezes d'Arronches depois duques de Lafões, e no da do Carmo, as da sua fundadora D. Brites de Lara, em que se destaca o escudo dos Medicis.

Em parte nenhuma se encontram as armas dos tres bispos que teve a diocese aveirense, nem tão pouco as de alguns antigos bispos de Coimbra, que a esta cidade prestaram relevantissimos serviços, como foram, entre outros, D. João Soares, D. Affonso Cas-

tello Branco, D. João de Mello e D. Antonio de Vasconcellos e Sousa. Imperdoavel esquecimento, que felizmente não se ha de dar com o seu dignissimo successor e benemerito continuador dos seus beneficios e virtudes. O brazão d'armas que vae coroar o portico da egreja da Vera-Cruz é o seguinte:

Escudo oval partido; na primeira pala, á direita, as armas dos Corrêas, descendentes do mestre de S. Thiago D. Paio Peres Corrêa — campo de oiro freado de correias sanguinhas repassadas umas pelas outras de seis peças, tres em banda e outras tres em contra banda: a segunda pala cortada, tendo no quartel superior as armas dos Bastos, descendentes de Gonçalo Viegas de Basto — em campo vermelho cinco leões de prata, taxados de duas faxas de purpura cada um, uma pelo pescoço e outra pela barrigal enxaquetados de ouro, postos em aspa, e no quarte, inferior as armas dos Pinás — em campo vermelho uma torre de prata lavrada de preto, firmada em uma rocha verde, lavrada de azul. Sobre a corôa de Conde o chapéu semi-pontifical de Bispo, de côr preta forrado de verde e guarnecido com cordões de seda verde, tendo dez flocos ou borlas por lado, como competem aos Patriarchas, Primazes e Arcebispos. Por detraz do escudo sobresae a mitra e o baculo episcopal.»

Adiantadas que foram, ainda que longe do seu acabamento as obras do hospicio de Sá d'esta cidade, o sr. Bispo Conde resolveu fazer a sua visita episcopal á capital do districto e antiga séde da diocese em que nascera, e que desde setembro de 1882 fazia parte do bispado que tem a felicidade de o ter por seu Pastor. Chegou s. ex.^a rev.^{ma} a Aveiro na tarde de 28 de julho afim de fazer a sua entrada solemne no dia 29. S. ex.^a rev.^{ma} que teve na Estação do caminho de ferro uma recepção cordealissima, pois concorreram ali to-

das as auctoridades, corporações, funcionarios, proprietarios, commerciantes, imprensa, etc., emfim tudo que na cidade havia de mais distincto, além d'uma massa enorme de povo que enchia completamente a gare e avenidas, pois todos quizeram assim manifestar ao nobilissimo Prelado a conta em que tinham as suas altas virtudes e qualidades e, que por ellas esqueciam a magoa que lhes motivara a perda da sua autonomia diocesana. E se foi cordealissima a recepção que s. ex.^a rev.^{ma} teve ao chegar aqui, a sua entrada solemne foi enthusiastica, dando-lhe então esta cidade provas vivissimas da mais estremada sympathia e dedicação. Foi brilhantissimo, imponente o prestito religioso. Tomaram parte n'elle além do clero das quatorze freguezias que formam o arceprelado de Aveiro, sete irmandades, o corpo docente do curso ecclesiastico, todas as auctoridades e os cavalheiros mais distinctos da cidade e cercanias. Desde Sá até á egreja parochial da Gloria, onde s. ex.^a celebrou missa pontifical, viam-se alas compactas de povo, que reverentemente ajoelhavam á sua passagem, as janellas ornadas de colgaduras e bandeiras, e, as ruas cobertas de flores e verdura. A homilia e saudação pastoral que s. ex.^a pronunciou alli, tendo por onvinte uma assembleia numerosissima e illustrada, foi admiravel, magistral. « A sua palavra eloquente e accessivel a todos, sempre perfumada d'uncção religiosa, ora cheia de suavidade para exprimir os affectos vivissimos da sua caridade paternal com as ovelhas, que lhe advieram ao rebanho, ora convincente, lucida e persuasiva na sustentação e ensino das verdades da religião santa, que professamos; já energica e vigorosa, combatendo denodadamente os erros, e acautelando os fieis contra as falsas doutrinas d'estes ruins tempos, já insinuante e accendida em santo zelo quando relembrava a fiel observancia da lei do Senhor, a firmeza da fé e o cumprimento dos deveres, soube derramar sempre

nos corações o balsamo suave das santas consolações e das mais puras alegrias. Se para uns era alento e conforto, avigorando os animos para a continua lide no serviço de Deus e na salvação das almas; para outros galardão e recompensa, e não raro poderoso estímulo a novos actos de dedicação e trabalho; para todos foi ensinamento, luz, conselho e consolação inefavel, que muito obrigava a veneração e o respeito geral. »

Levar-nos-hia muito longe a descripção da visita que s. ex.^a rev.^{ma} fez nos dias seguintes ás differentes egrejas, conventos e cemiterio durante muitas horas seguidas, pois para o infatigavel e venerando Prelado não houve quasi que um momento de repouso, não esquecendo n'estas suas visitas a cadeia, o hospital e o asylo, onde levou com o pão da esmola o conforto da alma e a esperança da regeneração desempenhando assim brilhantemente as funcções do seu elevado sacerdocio, conquistando novas e mais extremadas dedicações, levantando mais e mais se isso fosse possível ainda o louvavel e santo enthusiasmo de que estava possuida toda esta parte do seu rebanho, que afinal reconheceu que tinha perdido uma diocese mas ganhado um Bispo. Seriam pois necessarias muitas paginas para descrever a extraordinaria actividade que s. ex.^a rev.^{ma} desenvolveu n'esta sua visita pastoral, e bem assim os beneficios que d'ella resultaram para a religião e para os povos, por isso daremos por terminada esta pequenissima parcella da historia do seu já immortal episcopado, transcrevendo dos órgãos na imprensa local dos partidos militantes, progressista e regenerador, as palavras com que apreciaram o modo porque s. ex.^a foi aqui recebido n'esta sua primeira visita :

«Esta recepção cordealissima, disse o *Campeão das Províncias*, que teve o novo Pastor, mostrou-lhe as sympathias de que gosa n'esta cidade que ainda

sente as amarguras resultantes da supressão do antigo bispado. Ninguém deixa de lastimar aquella medida governativa, mas não se tratava de manifestar o desgosto que d'ahi resultava e que não se apagará facilmente. O que se teve em vista era patentear a subida consideração que todos tinham pelas eminentes qualidades de s. ex.^a e leval-o pelo reconhecimento, se é que de tal incentivo carecia o seu coração, a favorecer esta cidade nos seus legitimos interesses, dispensando-lhe sempre e em tudo a sua valiosa protecção. Além d'isto honrando com os seus testemunhos de verdadeira sympathia o sr. Bispo Conde, o povo de Aveiro prestava homenagem ao seu chefe espiritual, considerando-o como successor dos apóstolos e acatando n'elle a auctoridade da egreja. São sempre consoladores estes testemunhos de respeito n'uma epocha de indiferença como a nossa. E se fazem a apologia de quem os presta, também exprimem que os que o recebem são dignos d'elles.»

«A recepção feita em Aveiro ao sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, illustre bispo d'esta diocese, escreve o *Districto de Aveiro*, não podia ser mais brilhante. Aqui encontrou sua ex.^a o acolhimento devido ao seu nobre e distincto character e á sua elevada gerarchia. E já que a iniquidade dos governos d'este paiz que tão profundamente nos feriu, sacrificando aos seus caprichos uma terra de tão honrosas tradições com a extincção d'esta antiga diocese — que o sr. Bispo Conde, como filho d'este districto, e como seu digno chefe espiritual, a ampare nos seus infortúnios, e a auxilie nas suas desditas. Se este povo brioso mas respeitador — que tem paginas gloriosas nas conquistas da liberdade d'este paiz — não sabe faltar aos seus deveres, acatando resignado os mandatos por vezes vexatorios, d'aquelles que nos governam, e prestando sincera e franca homenagem aos homens nobres e dignos — que o benemerito Bispo

Conde o reconheça e lhe dispense a estima e consideração que elle merece. »

A sympathia e enthusiasmo com que os povos das extinctas dioceses de Aveiro e Leiria receberam o seu novo Pastor, demonstram que tinham calado bem fundo nos seus corações estas palavras de tão paternal ternura que s. ex.^a rev.^{ma} antes da sua visita lhes dirigira:

«E, pela nossa parte, já que a Providencia Divina e a Auctoridade Apostolica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII nos trouxeram para esta Santa Egreja e para o nosso rebanho, crêde que vos recebemos n'elle com a maior effusão da nossa alma, e com o coração cheio de affecto e de ternura para todos; pois, assim como no Pae extremoso com grande numero de filhos não diminue nunca o amor pelos mais novos e que vem por ultimo, não diminuirá tambem o nosso para convosco por virdes mais tarde para a nossa jurisdicção e auctoridade paternal; e pelo poder do Espirito Santo, que nos foi dado, sereis como os primeiros que já cá estavam, e sem distincção alguma, os nossos filhos muito amados em Jesus Christo, a nossa familia, as nossas delicias e os nossos desvelos; e a salvação das vossas almas será sempre o objecto exclusivo das nossas meditações e o empenho constante da nossa vida.» (1)

O sr. Bispo Conde na sua pastoral de 27 de setembro de 1883 recommendando o cumprimento das determinações da Encyclica de Sua Santidade Leão XIII, de 1 do mesmo mez, sobre a festa do Rosario, depois de dizer que alguns jornaes de Roma noticiavam que algumas cidades da Italia se preparavam para celebrarem dignamente essa festa, accrescenta: «e é fundada a nossa esperança de que lhe não cederá o passo o nosso Bispado e esta cidade de Coimbra, onde se manifestam tanto os sentimentos reli-

(1) Provisão sobre a circumscripção diocesana de 1882.

giosos dos seus habitantes, como o respeito, obediência e entranhado amor que tem ao Gloriosíssimo Pontífice Leão XIII. » E não se enganou o venerando Prelado como se não engana nunca quando apella para a religiosidade dos seus diocesanos, que o acompanham sempre como o soldado acostumado ao fogo das batalhas obedece á voz de commando d'um chefe prestigioso e querido. Na igreja de Nossa Senhora da Gloria em Aveiro, antiga pertença dos frades de S. Domingos, existe uma capella consagrada á Virgem do Rosario onde se estabeleceu a sua principal confraria logo depois de publicado o Breve de Innocencio XI *Nuper pro parte* de 31 de julho de 1679 ⁽¹⁾. Informado d'isto o sr. Bispo Conde resolveu s. ex.^a rev.^{ma} promover uma grande peregrinação á mencionada igreja para o que fixou o dia 28 de outubro entabulando immediatamente negociações com a Companhia do Caminho de Ferro para o transporte dos romeiros, e procurando assim por todos os meios ao seu alcance remover difficuldades e tornar emfim imponentissima, como o foi, esta festa. Cerimonia mais pomposa e concorrida nunca até então Aveiro havia presenciado. Milhares e milhares de fieis acompanharam de Coimbra a Aveiro o venerando Prelado que foi aqui recebido na Estação do Caminho de Ferro ainda por muito maior numero d'elles, e, com um enthusiasmo sem igual, indescriptivel. Quando chegou o comboio que conduzia o sr. Bispo Conde de toda a parte romperam as mais enthusiasticas saudações, cruzando-se os vivas prolongados e espontaneos sahidos de milhares de labios, sem cessar, com o estridular continuo dos foguetes, os repiques dos

(1) *Arco Iris ou a reconciliação da mãe de Deus com os homens, ordenado por um indigno filho da mesma imperatriz do céu, a quem a dedica e consagra, debaixo do seu singular titulo de Rosario. Aveiro* — Typographia Aveirense — 1861 — 8.º de 119 pag.

sinos de todas as igrejas e dos paços do concelho, e as notas alegres de quatro phylarmonicas, tocando unisonas um hymno consagrado á Virgem do Rosario.

Um jornalista portuense que presenciou a chegada do sr. Bispo Conde, descreve assim no jornal *A Palavra* e com inteira verdade, como o podemos testemunhar, porque presenciamos tambem, esse momento feliz:

«S. ex.^a rev.^{ma} apeou-se do carro salão, em que vinha e foi cumprimentar a camara e as auctoridades, agradecendo-lhes a sua presença alli e pedindo-lhes desculpa do incommodo que lhes havia dado.

O povo tentou abrir alas para deixar passar o illustre Antestite, mas não o conseguiu porque os mais arrebatados lançaram-se em tropel aos pés do seu Pastor, embargando-lhe a passagem, afim de receber a benção e beijar-lhe o sagrado anel.

Era uma confusão enorme. Todos corriam pressurosos, a prestar tributo de respeito e consideração ao popular Prelado, e almejavam a honra de receber a sua benção.

O bondoso Antestite nem um só momento mostrou signaes de enfado. O sorriso candido que lhe é peculiar, transparecia-lhe ininterruptamente nos labios e para todos tinha palavras affaveis, repassadas de bondade.

Houve um momento em que só se divisava a figura austera, imponente, magestática do nobre Prelado, que sobresahia da massa compacta rojada a seus pés para lhe oscular o anel.

O delirio attingiu o seu zenithe.»

A procissão foi enorme, como nunca aqui se vira, imponentissima. Apesar de mediarem entre a estação e a igreja da Gloria mais de dois kilometros, ainda o palio, debaixo do qual ia o sr. Bispo Conde com o Santo Lenho, se não havia posto a caminho e já o

pendão da Virgem do Rosario com que abria o grande prestito religioso entrava n'aquelle templo, isto sem sombra de quebra de continuidade, tal era o numero de irmandades e confrarias que n'ella tomaram parte e tão grande o numero de irmãos que em cada uma d'ellas se incorporou; accrescendo a isto o numerosissimo clero, pois viam-se alli os seminaristas e ordinandos de Coimbra e Aveiro, os clerigos e parochos ruraes das duas cidades, os professores dos dois seminarios e o cabido conimbricense.

A' 1 hora e meia da tarde começou a missa, que foi d'assistencia pela estreiteza do tempo não permitir que fosse de Pontifical. Ao Evangelho subiu ao pulpito o sabio lente da faculdade de theologia e actualmente arcebispo d'Evora o sr. dr. Augusto Eduardo Nunes, já então uma das glorias da nossa oratoria sagrada como hoje é do nosso episcopado. Do seu discurso que no seu genero foi uma maravilha, destacaremos estes trechos:

«Dia solemne e memoravel, entre os mais notaveis e os mais faustos, é este dia providencial, que ficará assignalado como um triumpho esplendidissimo da Religião Catholica em terras portuguezas; como um testemunho irrecusavel da pujança de seiva, da opulencia de vida que ainda entre nós têm as avitas e sanctas crenças de nossos paes; como uma luminosa demonstração de quanto póde e quanto vale ainda a voz d'um Papa e a voz d'um Bispo!

.....
A recommendação descida do solio pontificio encontrou, como sempre, prompto acolhimento e fidelissima acquiescencia no coração piedoso e no espirito verdadeiramente catholico do illustre Prelado d'esta diocese. Unido pelos vinculos da fé e da obediencia á Cadeira Apostolica, e não menos pelos da admiração e acatamento ás nobilissimas qualidades pessoaes do grande Leão XIII. — o Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde empenha toda a extremada sollicitude do seu zelo pastoral em reflectir dignamente a luz que de Roma vem. Não lhe consentiu o generoso animo o restringir-se meramente ás prescripções da Encyclica: lançou mais longe as vistas:

concebeu e traçou o grandioso plano cuja ditosa execução estaes presencendo.

Coimbra, a séde antiquissima do seu bispado, vem representada dignamente pelo que em si encerra de mais illustre e distincto sob o ponto de vista religioso, visitar em piedosa romaria a irmã que ha pouco veio juntar suas glorias e sua nobreza á nobreza e ás glorias da diocese conimbricense: a poetica Rainha do Mondego vem saudar e abraçar com fraternal affecto a formosa Veneza Lusitana; a cidade da Rainha Santa Izabel vem atar perduraveis e firmes laços espirituaes e religiosos com a cidade da Princeza Santa Joanna.

Esta cidade e esta egreja onde se venera aquella formosa imagem da Virgem Santa do Rosario, e onde se acha erecta a confraria geral da mesma invocação, acertadissimo era que fossem escolhidas para theatro d'esta imponente manifestação religiosa, com a qual quiz simultaneamente significar S. Ex.^a o apreço sincero e consideração affectuosa que dedica a Aveiro. Bella inspiração! Feliz pensamento!»

A solemnidade religiosa terminou pela benção de S. Santidade, lançada pelo sr. Bispo Conde, que á tarde foi acompanhado á estação do Caminho de Ferro por milhares de pessoas e que então tambem muito o victoriaram. Merecidissimas foram estas saudações.

IX

Providencias justissimas tomadas a proposito do enterro do visconde de Villa Maior, reitor da Universidade. Replica brilhantissima.

Ninguem melhor do que o sr. Bispo Conde sabe fazer manter a disciplina ecclesiastica e os direitos da egreja. « Forte com a consciencia do grande prestigio do seu nome bemquisto, diz um seu biographo, e da grande auctoridade do seu munus pastoral, não tem recuado ante as difficuldades com que alguns menos prudentes tem pretendido contrariar os seus louvaveis propositos. » Para o caso basta citar um facto a maneira elevada, nobre, correctissima com que s. ex.^a rev.^{ma} tractou a questão do funeral do Visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, fallecido em 20 de outubro de 1884. Tractava-se de salvaguardar os direitos episcopaes e parochiaes offendidos e s. ex.^a rev.^{ma} não trepidou um momento sequer em vir sustentar esses direitos, apezar da offensa ter partido de quem menos devia partir, do vice-reitor da mesma Universidade.

Julgou-se arbitrariamente que na capella da Universidade se podiam fazer como fizeram officios funebres em presença do cadaver do finado reitor, na ausencia do parcho de S. Christovão, e sem o consentimento da respectiva auctoridade ecclesiastica, evocando-se para isso o falso principio de que as isenções da mesma capella davam a isso pleno direito, quando é sabido, observado e praticado que tal isenção é real e não pessoal, concedida ao logar e não ás pessoas, como muito bem o demonstrou o sr. Bispo Conde.

O respeitabilissimo Prelado, querendo evitar a re-

petição de tão condemnaveis actos, e, mostrar de uma vez para sempre qual n'estes casos era a verdadeira doutrina, publicou uma portaria admiravelmente fundamentada, muito polida e cortez, advertindo aquelle parochio para que fosse mais zeloso na defeza dos seus direitos quando cumprisse sel-o, e mandou que d'ella se dêsse conhecimento ao capellão mór da Universidade. O vice-reitor procurou contestar os fundamentos expostos e os factos narrados n'este importantissimo documento, publicando uma portaria tambem sobre o assumpto. Infelicissima contestação foi esta a que o sr. Bispo Conde se deu pressa em responder (7 de janeiro de 1885) grangeando com essa resposta o applauso unanime de todos os que se interessam pela manutenção da disciplina da Egreja e auctoridade dos seus ministros.

Sabio e prudente como sempre, o sr. Bispo Conde foi energico como era mister sel-o, mas á energia juntou a generosidade e a delicadeza com que s. ex.^a costuma tractar todas as questões, ainda as mais escabrosas e difficeis, de fôrma que a sua replica á tristemente celebre, capciosa e irritante contestação do vice-reitor, é um verdadeiro modelo de argumentação, de cortezia e de seriedade. São d'este documento estes periodos:

« Escrevemos os considerandos finaes da nossa Portaria para attenuar e desculpar o procedimento da Universidade, e para dar testemunho do nosso respeito pelas prerogativas e isenções de que está de posse, e que por modo nenhum queremos cercar e invadir; e parece-nos que não podiamos ser mais delicados do que fomos para com o seu Chefe e para com os seus empregados.

Pois a estes nossos sentimentos, que Deus sabe quanto eram sinceros, responde o Snr. Vice-Reitor Bernardo de Serpa com a seguinte arrogancia, a que não estamos acostumados, e toda fôra de proposito:

« Não reconheço no Ordinario da Diocese jurisdicção alguma sobre a Real Capella da Universidade. »

Não temos dito nem queremos dizer agora nada sobre

a jurisdição que temos ou possamos ter a tal respeito e que fica inteiramente de pé. Dizemos só que nem nos proprios Ministros da corôa, com Quem ha muitos annos temos tido a honra de tractar tantos negocios e d'outra importancia e gravidade, vimos nunca semelhante altivez. Bem pelo contrario, são modelos de cortezia para comnosco todas as suas correspondencias, ainda mesmo sobre os assumptos em que o Ministro de Jesus Christo não pôde concordar com o Ministro de Cesar.

Podiamos responder áquella arrogancia com outra, ao menos mais bem cabida e mais justa: — O Bispo de Coimbra não reconhece direito algum no Reitor da Universidade para subtrahir os freguezes da parochia de S. Christovão ao poder e jurisdição do seu Parocho e do seu Prelado Diocesano. — Mas não o fazemos, porque a delicadeza não prejudica os direitos de ninguem, e para as Auctoridades superiores principalmente é um dever tão imperioso como o da justiça.

.....
E tu, filha predilecta de D. Diniz, *alma mater* das letras portuguezas, palladio venerando de tradições nobilissimas, e alvo constante das mais queridas esperanças da patria, acceita os votos ardentes que faz ao Ceu o mais agradecido e dedicado dos teus filhos, para que não decayas nunca dos teus antigos esplendores, e para que transmittas ás gerações vindouras, senão mais enriquecida ao menos sem quebra nem desdouro, a herança que recebeste das passadas, herança de triumphos e de glórias que te conquistaram outr'ora o respeito e admiração dos sabios da Europa, e que são ainda hoje o brazão indelevel do Reino fidelissimo e o titulo mais honroso e mais nobre do orgulho nacional.» (1)

(1) *Instituições Christãs*, III anno—1.ª serie—n.º 2, pag. 73 e 74.

X

Criado pela reforma do exercito de 1894 um corpo de cavallaria em Aveiro, a camara d'esta cidade pede o seu concurso para edificação do quartel onde se ha de alojar o novo regimento. O coração e o dever. Extinção do convento de Sá em Aveiro e quanto procurou evital-a.

Pela reforma do exercito de 1884 foram criados dois novos corpos de cavallaria sob os n.ºs 9 e 10 e designada a cidade de Aveiro para quartel d'este ultimo, que por falta aqui das necessarias accomodações se iria organisar em Vendas Novas. Se foi grande o jubilo que esta medida governativa produziu n'esta cidade, não foi menor o pesar e receio que se apossou de todos os seus habitantes quando mezes depois tiveram conhecimento de que o Porto pedia para alli a transferencia do mesmo regimento, visto não haver em Aveiro quartel apropriado. Promoveram-se aqui logo representações em contrario, reuniram-se comicios, e cuidou-se immediatamente da edificação do quartel, tomando d'isso a iniciativa a camara municipal, presidida pelo sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. As vistas de todos voltaram-se para o velho convento de Sá como o unico edificio capaz de poder ser utilizado para quartel, pois que ha muitos annos já era geralmente indigitado para tal fim, não tanto pela sua vastidão apparente como pela sua posição e local. Não havia discrepancia na escolha, todos julgavam ser ella a melhor senão unica salvação do difficil problema—a edificação immediata e rapida do novo quartel.

Ao sr. Bispo Conde dirigiu-se logo respeitosa-

mente a camara municipal, pedindo-lhe para não oppôr embaraços á projectada edificação, posto não estar ainda extinto o convento, pois existia n'elle uma religiosa professa, impetrando ao mesmo tempo do governo a cedencia do edificio. O sr. Bispo Conde veio immediatamente a Aveiro a fim de ver se seria possivel conciliar os interesses locais com os da existencia d'aquella casa religiosa, e, sobretudo com o bem estar da pobre freira que elle muito respeitava. Maguava profundamente s. ex.^a rev.^{ma} a ideia da extincção do convento, mas no seu nobilissimo coração encontravam tambem echo os votos d'uma cidade inteira, que anciava por um tão grande melhoramento como era a edificação d'aquelle edificio. E d'estes votos, são testemunho eloquente os seguintes periodos d'um officio que sobre o assumpto dirigiu, ao sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, s. ex.^a rev.^{ma} em 1 de dezembro de 1884:

« Mas a Religião não é só a perfeição da vida christã na clausura, os fervores da oração no côro e o culto e os canticos divinos no sanctuario, embora tudo isto seja muito louvavel, edificante e sublime; é tambem a pratica das boas obras, o bem do proximo, o soccorrô aos pobres e até o melhoramento da vida terrena em ordem á eternidade, como diz Santo Agostinho; e eu, que sei quanto é pobrissima e decadente a cidade de Aveiro, composta em grande parte de pescadores, e que avalio e comprehendo bem o grande beneficio que ella recebe da permanencia d'um corpo de cavallaria, que distribuiria cada anno por todas as classes sociaes d'aquella terra mais de cem contos de réis, segundo me informam, não posso e não devo difficultar pela minha parte este grande beneficio para aquelles meus Diocesanos, unicamente por causa da pertinacia, desculpavel, mas pouco justa e esclarecida, d'uma Religiosa valetudinaria e mal aconselhada. Levanta-se mais alto o meu espirito e o meu coração. Por causa do commodo e egoismo d'um só não deve prejudicar-se o beneficio e utilidade de tantos, e ninguém poderá attribuir este meu pensar, que será errado,

mas é consciencioso, a menos interesse pelas casas Religiosas do meu Bispado, porque sabem o que tenho feito por ellas e o quanto sou dedicado por todas, incluindo as de Aveiro.»

O sr. Bispo Conde pediu primeiro á abbadessa de Sá que fosse viver para o convento de Jesus, onde não lhe faltariam nem commodos, nem respeitos e attenções, usufruindo alli socegradamente os rendimentos do seu antigo convento, pois, consolidando assim a existencia d'este transformado então já em collegio de educação e ensino, tornava-se benemerita a toda a cidade pela sua abnegação, ou então que passasse a residir na casa que lhe servia de hospicio, e que elle generosamente punha á sua disposição. Mal aconselhada, a pobre freira não acceitou nenhum d'estes alvitres; então s. ex.^a pediu para que ella continuasse a viver n'uma parte do velho convento, incluída a egreja e o côro que provisoriamente se julgasse dispensavel para a edificação immediata do quartel, fazendo-se para isso as divisões necessarias, e indemnizando-a o município por meio d'uma pensão annual do logradouro que perdia, o que tudo foi superiormente approvado ⁽¹⁾. O correctissimo procedimento do illustre Prelado, digno de muito louvor

(1) Portaria de 3 de dezembro de 1884. Referindo-se a este documento, disse por essa occasião o *Campeão das Provincias*:

«A Camara cumpriu tambem o dever de consignar na acta um voto de profundo agradecimento ao nosso venerando e illustradissimo Prelado, pela maneira distincta com que se houve n'este assumpto, dignando-se attender a representação da Camara e as necessidades materiaes d'esta terra, sem a mais leve quebra da sua sagrada missão espirital.

Effectivamente a tantos e tão relevantes beneficios que Aveiro devia já ao benemerito e exemplar principe da Egreja, devemos accrescentar este, com certeza o maior pela sua importancia e pela sua melindrosa especialidade. Ninguem, como elle, saberia conciliar os difficeis deveres, que a sua posição lhe impõe com as justas exigencias dos interesses civis. Para isso era preciso ter a rara illustração, a elevação de ideas, a hombridade de caracter e a portentosa concepção das necessidades da epocha, que tem este distinctissimo ornamento do Episcopado Portuguez.»

e applauso, concitou contra s. ex.^a rev.^{ma} as furias da imprensa miguelista. No jornal *A Nação* publicaram-se então varios artigos e correspondencias cheias de diatribes e falsidades, e a que a imprensa aveirense respondeu triumphantemente (1).

O sr. Bispo Conde, que tanto trabalhou para que, não fosse incommodada a pobre religiosa e retardada o mais que fosse possível a extincção do convento de Sá, viu de repente frustrados tantos e tão louváveis esforços com um requerimento assignado pela abbadessa, com a data de 13 de janeiro de 1885, e dirigido ao governo, em que esta pedia licença para abandonar o claustro, sendo-lhe arbitrada uma pensão mensal não inferior a 50\$000 réis ou 600\$000 réis por anno. De fórma que foi muito voluntariamente a propria abbadessa, e só ella, quem promoveu a immediata extincção do convento, d'onde, poucos dias antes, dizia que em caso algum sahiria, e que alli queria morrer. O sr. Bispo Conde, consultado pelo respectivo ministro sobre a pretensão da abbadessa, depois de historiar o que se havia passado entre elle e esta religiosa, a fim de conciliar a continuação do convento com a edificação do novo quartel, e de lamentar que ella não quizesse transferir-se para qualquer outro convento, continuando assim a viver em clausura, diz:

« Mas seja o governo generoso com a pobre vélhinha, que não tem culpa nenhuma e que está com os pés á beira da sepultura. E visto que os rendimentos do convento devem exceder os 600\$000 réis que ella pede, dê-se-lhe esta

(1) Quem mais se salientou na luta foi o *Campeão das Provincias*. Afóra differentes artigos da redacção propriamente ditos, publicou-se alli uma serie de *Cartas á Abbadessa* do convento de Nossa Senhora da Madre de Deus de Sá, em que sob o pseudonymo fr. Francisco da Divina Providencia estigmatizámos as falsas apreciações d'aquella imprensa.

quantia, porque infelizmente não se lhe dará por muito tempo, e deixemol-a terminar os seus dias fazendo-se a sua vontade e não a contrariando quando não fôr absolutamente preciso.

E', e foi sempre, este o meu empenho, e peço muito encarecidamente a v. ex.^a que se digne de o attender.» ⁽¹⁾

Pois, apezar d'isto, affirmava *A Nação* que o sr. Bispo Conde hostilisára a petição da religiosa, porisso que a informação de s. ex.^a rev.^{ma} fôra *desfavoravel* áquella pretensão! «Affirmamol-o, dizia o referido jornal, sem o menor receio de sermos desmentidos, porque o sabemos de positivo, e porque estamos scientes e conscientes da verdade; asseveramol-o com pleno desassombro.»

Que consciencias e que catholicos!

Concedido o subsidio pedido, graças á intercessão do venerando Prelado, a abbadessa de Sá abandonou o convento e foi viver para a freguezia de Fermelã, districto de Aveiro, mas já diocese do Porto, para o que s. ex.^a rev.^{ma} concedeu immediatamente as necessarias licenças que para isso por ella lhe foram pedidas.

Extinguiu-se portanto o convento de Sá, mas extinguiu-se, não porque o governo decretasse a sua extincção como em tempo quizera, ou porque o sr. Bispo Conde o promovesse, mas sim porque a sua ultima freira muito voluntariamente o abandonou.

Pois, apezar d'isto, ser sabido e conhecido de todos, veio a mui catholica *Nação* affirmar com a mesma verdade que havia dito que s. ex.^a rev.^{ma} se oppozera á concessão do subsidio, que os liberaes de Aveiro tinham conseguido enfim expulsar do convento de Sá a sua abbadessa, sendo n'isto auxiliados por um Bispo Catholico. A mentira e a calumnia

⁽¹⁾ *A extincção do convento de Sá, etc.*, pag. 85.

poucas vezes terá subido tão alto, mas também pouquíssimas vezes, como n'esta occasião, a verdade dos factos terá vindo tão depressa condemnar e pulverisar tamanha perfidia.

XI

Revive-se a velha intriga de ser inimigo dos conventos; provas evidentiſsimas demonstrando o contrario. Os conventos de Santa Thereza e Santa Clara de Coimbra, padrões de piedade e de gloria, continuam a subsistir em seguida á morte das ultimas professoras, graças á dedicação e aos esforços de s. ex.^a rev.^{ma} Enthusiasmo pela vida piedosa dos antigos mosteiros. Reorganisa o collegio de Santa Joanna Princeza estabelecido no extincto convento de Jesus em Aveiro. Invoca-se o insuspeito testemunho de Lino da Assumpção quanto aos methodos de ensino n'elle adoptados. Cuidados e disvelos com que acompanha aquella reorganisação. Trechos d'um discurso notabilissimo sobre qual deva ser a educação da mulher portugueza. Chama para o seu bispado as Irmãs missionarias de S. José de Cluny. Apreciação entusiastica que das mesmas faz Antonio Ennes. Muito que se interessa pela conservação do edificio do convento de Santa Clara e existencia das suas antigas pupillas. Carta da Rainha sobre o assumpto. Agradecimento de s. ex.^a rev.^{ma} Brado eloquente e energico em prol das recolhidas do convento de Semide.

A vilissima intriga de que o sr. Bispo Conde era inimigo das casas religiosas procurou-se fazer reviver, mas agora, como sempre, sem resultado. Desde 1834 ainda prelado algum em Portugal pugnou mais nem tanto como s. ex.^a rev.^{ma} pela existencia dos conventos, emquanto n'elles ainda vive alguma religiosa, seja qual fôr o motivo allegado para a sua extincção; pela sua conservação como asylos de piedade ou a sua adaptação a collegios de educação e ensino e instituto de irmãs missionarias, quando a morte d'aquellas lhes vem para sempre cerrar as portas; finalmente em amparar e soccorrer as velhas e

dedicadas companheiras da clausura das suas ultimas habitadoras.

A confirmação de tudo isto resalta brilhante, evidentissima, dos formosos trechos que vão seguir-se, colhidos aqui e alli, ao acaso, nos escriptos e homilias do eximio e benemerito Prelado:

S. ex.^a rev.^{ma} não é contrario á continuação e conservação dos conventos, dizendo como disse ao governo em março de 1870, quando ainda só bispo eleito coadjutor e governador do bispado, com nobilissima distincção e não menos auctoridade: «as religiosas professas não podem canonicamente annexar-se, incorporar-se ou transferir-se, fóra dos casos de força maior, sem intervenção e accordo da Santa Sé; e em abono d'este meu parecer está não só o direito que me abstenho de expôr, mas os precedentes d'este paiz ainda do tempo em que mais foram respeitadas as prerogativas da Corôa Portuguesa»; e advogando, como advogou n'este mesmo documento, a necessidade das profissões religiosas, que, deveriam limitar-se a um numero determinado em cada convento em que as mesmas fossem permittidas, podendo a auctoridade civil exercer o direito de inspecção, que se arroga, com relação a idade, condições e solemnidades externas com que devem ser feitas.

«Por este modo, concluia s. ex.^a rev.^{ma}, os negocios da egreja entravam em melhor caminho, como é de necessidade para ella e para o estado, evitavam-se as queixas e as declamações continuas da imprensa religiosa, prestava-se respeito e homenagem aos bons principios, e o governo, adquirindo assim mais força para reprimir excessos e demasias, acreditava-se muito perante as pessoas sensatas que amam o bem da religião e da patria.» (1)

(1) *A extincção do convento de Sá, etc.*, pag. 105-108.

O sr. Bispo Conde não é contrario á conservação dos conventos, offerecendo em 1884 os seus paços para hospital de cholicos a fim de evitar a extincção do de Sant'Anna escolhido para aquelle fim, e obtendo do governo, em 1875, um subsidio para as religiosas do Convento do Desagravo do Santissimo Sacramento de Villa Pouca da Beira, de que falla com este santo enthusiasmo ao respectivo ministro: «Todavia, posto que a pobreza é um dos votos da Religião, e especialmente d'aquellas Religiosas; e ainda que a alegria com que ellas se entregam dia e noite aos rigores de todos os outros, desprendidas completamente de si e do mundo, e até com a subsistencia, toda de jejuns e penitencia, dependente só de esmolas, torna mais sublime e mais inebriante de graças e inspirações celestes a sua vida e a sua virtude, eu desejava bem que v. ex.^a lhe podesse dar um subsidio annual com que ellas podessem attender ás suas necessidades sem precisarem de esmolas, para evitar as censuras acres que se fazem ao governo de Sua Magestade por se ter apoderado dos bens dos conventos, e consentir que algumas Religiosas, muito poucas e todas já decrepitas e valetudinarias, estejam a passar fome e dependentes da caridade dos fieis.

Não seria muito penoso nem por muito tempo o sacrificio do thesouro; e eu, não obstante ter já declarado a estas Religiosas que ellas nunca teriam fome emquanto o seu Prelado tivesse alguma cousa, teria grande satisfação em ver mais beneficiada a sua sorte, e respeitada e acatada pelos poderes publicos a sua justiça e as suas virtudes.» (1)

Sob o mesmo ponto de vista de evitar, ou pelo menos retardar quanto ser possa, a extincção d'um convento, dirigia s. ex.^a rev.^{ma} em 22 de março de

(1) *A extincção do convento de Sá, etc.*, pag. 103.

1889 um longo officio ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, protestando energica e justissimamente contra a ordem expedida pelo ministerio da fazenda de se fazer sahir do mosteiro de Santa Clara uma religiosa do de Sandelgas e outras senhoras seculares, que alli ha muito se achavam recolhidas, a fim da casa onde ainda hoje se guardam os preciosissimos restos da Rainha Santa Izabel, padroeira de Coimbra, ser aproveitada para um presidio militar. N'esse officio, documento valiosissimo para a historia moderna dos conventos em Portugal, dizia s. ex.^a rev.^{ma}:

«Vamos deixando perder e cair em abandono pouco e pouco muitas glorias e grandezas da patria, muitos monumentos e tradições nobilissimas que tornaram respeitado de todo mundo o heroismo portuguez, e que lisongeiavam e sustentam ainda hoje o orgulho nacional.

Não desrespeitemos nem deixemos abandonar e perder esta, que prende na fé e no sentimento religioso do Paiz, que espargé ainda agora nos Paços dos nossos Reis e nos mantos e arminhos da realza os doces perfumes da virtude e da santidade, e que symbolisa no mais subido grau, e com os mais edificantes exemplos, o amor da religião, o amor da familia, o amor do proximo e o amor da patria.

Não estavam no caso do Mosteiro de Santa Clara, e nem com elle tinham similhança, os Conventos de Sant'Anna d'esta cidade e o de Sá d'Aveiro, ambos muito velhos e em ruinas e com uma só Religiosa cada um. E todavia, quando o Governo de Sua Magestade, obrigado por grande necessidade publica, quiz aproveitar os seus edificios ou o terreno e cêrca d'elles para outros destinos, pediu antes de tudo a minha informação, averiguou a possibilidade e modo de transferir d'elles para outros conventos as Religiosas e pessoas que os habitavam, e não deixou de prover á sorte das Religiosas transferidas, como era indispensavel.

Como é pois que, sem se fazer agora nada d'isto, e sem se attender ás especialidades que se dão no Mosteiro de Santa Clara, como acabo de expôr, se me manda por um Empregado da Fazenda, sem mais nem menos, que faça eu sair do Mosteiro a Religiosa e as mais Senhoras que o

habitam, para se fazer entrega d'elle a um commissionado do Ministerio da Guerra?

« Fazer sahir a Religiosa e as Senhoras ou Pupillas que estão com ella; para onde, porque modo, e em que condições?

« E, visto que se prescinde até de toda a attenção e accordo previo com ellas, contra tudo o que se tem feito, ha de violar-se a clausura, e entrar-se no Mosteiro para as arrastar á força e sacrilegamente cá para fóra? Hão-de lançar-se á rua, á miseria e á desgraça, sem dó nem compaixão, essas piedosas e infelizes mulheres que se debulhariam em lagrimas, abraçadas ás portas e ás paredes das suas cellas, e que certamente succumbiriam algumas, nos braços de quem as violentasse a deixal-as por tal fórma, e a separarem-se d'ellas?

.....
« Tenho mostrado sempre quanto me empenho pelos melhoramentos e engrandecimentos de Coimbra, e quanto procuro auxilial-os pela minha parte, e condescender até onde fôr possível com as vistas e empreendimentos do Poder Temporal para a sua realisação. Mas é sempre necessario que se respeitem os direitos adquiridos, que não se violem as coisas santas, e não se offendam nem o sentimento religioso dos povos, nem as tradições nobilissimas da patria. » (1)

N'um livro notavel do nosso talentoso amigo Lino d'Assumpção, ha um capitulo consagrado ás Theresinhas de Coimbra. São d'elle estas linhas:

« A seis de janeiro de 1894 falleceu alli a ultima religiosa, uma vélhinha a quem os achaques tinham de ha muito paralyzado n'uma cadeira enfranquecendo-lhe a razão. Isso, porém, não impediu que a vida do mosteiro continuasse, mercê de desesete pupillas, algumas das quaes com mais de quarenta annos de clausura voluntaria, que accudiam não só aos serviços do côro, como ao amanho da casa, sua conservação e asseio; visto que, conservando na pratica o espirito da reformadora, não tem criadas e cada uma se

(1) *Bispado de Coimbra.—Os mosteiros de Loryão e de Santa Clara e o templo da Sé velha.* Coimbra, 1893, — pag. 17.

encarrega d'um serviço especial e todas do serviço commum. E esta vida religiosa esperam ellas conservar, não só as que usam de véu preto, como as que o trazem branco, o que parece indicar graus differentes de compromissos ou votos religiosos entre ellas, — graças á protecção que lhes dispensa o Ordinario, e á alta influencia de que este dispõe. » (1)

Abençoada protecção e santa influencia, diremos nós, pois foram ellas que salvaram do abandono e da ruína tão precioso thesouro de fé e de piedade, como é o convento de Santa Thereza. Sem inquerirmos como se operou o milagre, enriqueceremos estas pobres paginas com os seguintes periodos da eloquente supplica com que o sr. Bispo Conde pediu e obteve a sua conservação:

« Se Coimbra olha para o mosteiro de Santa Clara ao poente com grande respeito e devoção, e até com uma certa ufanía e desvanecimento por estar n'elle o tumulo que encerra o corpo da sua Santa Padroeira, olha tambem para o convento de Santa Thereza, ao nascente, com muita veneração e piedade por ser d'elle que se derrama ainda hoje por toda a cidade o doce perfume da virtude e da perfeição christã, que chama e attrahe alli tantos fieis de perto e de longe para desafogarem as suas consciencias, e supplicarem o perdão das suas culpas e os auxilios da graça divina.

E v. ex.^a, que é illustrado e crente, não poderá deixar de reconhecer o bem que fazem ás almas e aos corações estes grandes monumentos de piedade e de fé para, com os exemplos e lições que nos dão, e com as recordações salutaes e santas que em nós despertam, evitarem que a geração presente, e principalmente aquella que aqui estuda, se afunde de todo no mar da descrença para que a leva uma certa philosophia de hoje toda positivista e materialista, que tudo destroe e nada edifica.

Costumam dizer, é verdade, e por effeito talvez da mesma philosophia, que são fócios de reacção, de fanatismo e de absolutismo as casas religiosas de vida mais austera

(1) *As ultimas freiras*. Porto, 1894, pag. 258.

e penitente, de culto e piedade mais fervorosa e constante e de chammas mais ardentes do amor divino em que se abraçam; mas com relação á das Theresinhas ninguém poderá dizer isto, hoje principalmente, com o menor vislumbre de fundamento, ou com a menor sombra de receio de que ella desça d'esses ambientes de oração e pureza em que vive, para a atmosphera mephitica dos interesses e das paixões mundanas.

.....
Peço tão sómente que me seja concedido para este convento o que em casos identicos me tem sido concedido sempre para alguns outros do meu bispado pela morte das ultimas religiosas professas.

Ha n'elle 17 pupillas que, em tudo verdadeiras religiosas, excepto na profissão solemne dos votos, mantêm alli o culto, o côro e a observancia rigorosa e austera do seu Santo Instituto exactamente do mesmo modo que no tempo das religiosas professas, e tanto que, estando a que falleceu agora já ha muitos annos entrevada e demente, em nada decahiu da piedade e devoção que a todos inspira. »

Ha annos, por occasião de visitar o convento do Santissimo Sacramento do Lourical, no districto de Leiria, pronunciou alli o sr. Bispo Conde uma formosissima homilia, e que é uma demonstração vivissima do santo enthusiasmo que lhe ia n'alma pela religiosissima vida das suas habitadoras, e quanto anciava pela sua conservação, como eloquentemente o testemunham estas palavras:

« Nós vos louvamos e agradecemos do fundo da alma, filhas queridas de Jesus Christo, esta abnegação sublime com que trocaes a liberdade e os gosos fallazes do mundo por esta clausura, e por todas as mortificações e penitencias a que ella vos obriga, e os gosos e commodidades da vida pelas austeridades d'este Santo Instituto; e mal podemos exprimir-vos as alegrias e consolações que temos por este motivo.

Podem as evoluções dos tempos e o pensar, nem sempre justo e acertado, dos homens impedir a liberdade da Santa Igreja, destruir os templos e arrazar os altares, mas não poderão nunca matar as ideas nem extinguir a fé e o

sentimento da Divindade nos corações. E embora a lei civil não reconheça nem sancione com as suas formalidades externas a consagração das vossas pessoas e de toda a vossa existencia ao serviço da Religião e ao culto e adoração perenne do nosso Divino Redemptor, nem pôr isso serão menos accites por Deus os heroismos da vossa virtude e o fervor das vossas orações. Ponde n'ellas a vossa confiança, e não vos contristeaes com a vossa sorte.

.....
Os lagedos já gastos das vossas cellas e dos vossos claustros pela continuação de tantas penitencias feitas sobre elles; o fogo, ainda condensado n'estes tectos, de tantos corações constrictos e de tantas supplicas ardentes, e as chammas do mais puro incenso, constantemente subido d'aqui para o céu em ondas de caridade e de amor divino, não hão de deixar apagar as lampadas d'este sanctuario, nem amargurar e pungir o coração do vosso pastor com o desgosto de ver fechada para a piedade e para o culto Divino esta casa religiosa, que é o ornato mais precioso da mitra de Coimbra, e a planta de mais sazonados fructos religiosos que se cultiva em terras d'este Bispado.»

D'um interessante opusculo publicado por s. ex.^a rev.^{ma} em 1896, a que nos havemos de referir ainda, vamos transcrever umas formosissimas paginas que se relacionam com a existencia das ordens religiosas. Referindo-se ás pupillas e mais recolhidas dos conventos, que se vão extinguindo, escreveu o sr. Bispo Conde:

« Não lhes bastam as tristezas e crueldades da sorte que as espera no futuro; nem a saudade pungentissima de deixarem a paz e socego d'esse asylo de religião e piedade, em que no geral viviam já mais a vida do céu que da terra; não lhes bastava tambem a dôr de verem em muitas partes apagadas para sempre as lampadas do seu sanctuario; arrancados os pavimentos que tantas almas piedosas gastaram com as suas penitencias; demolidas as paredes e os tectos ainda perfumados com tantas ondas de incenso do amor divino, e revolvidas até nas suas sepulturas as cinzas de tantas filhas do Senhor que n'ellas dormiam o seu somno eterno: era preciso retalhar-lhes o coração com as desconfianças da

sua probidade tão ostentosa e marcialmente manifestadas, e dar-lhes a beber o calix d'estas amarguras por mãos impiedosas e sem respeito pela timidez do seu sexo e pelas angustias da sua posição.

Senhor. Não sei o que possa motivar tão extraordinários rigores para com estas infelizes, porque nem se tem desviado nada dos conventos da minha diocese desde a demencia ha muitos annos da freira de Lorvão, nem aqui, e das minhas dependencias ecclesiasticas. costuma ninguém deitar a mão a valores alheios; e não falta por isso quem veja em tanto zelo pelos interesses da fazenda alguma coisa de má vontade para com as casas religiosas. Sinto profundamente que assim seja, porque não ha razão nenhuma para isso.

Quando foram extinctas as do sexo masculino em razão de se terem envolvido nas luctas politicas, a que deviam ser extranhas, podia ter alguma razão de ser a sua extincção tão violenta, o furor com que destruíram tudo o que era d'ellas pelo receio de que podessem reviver, e os odios que lhes ficaram votando os vencedores seus adversarios, e que até certo ponto explicam nos poucos que já restam a guerra que lhes fazem.

Mas hoje, que já passaram mais de sessenta annos sobre essas luctas fraticidas, e que o progresso das ideas e da civilisação tem transformado completamente os costumes e as condições sociaes da vida portugueza; hoje, que as poucas congregações ou meias religiões que por ahi ha, em vez das riquezas que tinham os conventos outr'ora, e das quaes lhes vinham o seu valor e influencia politica, estão reduzidas á maior pobreza e a viverem de esmolas; hoje, finalmente, que ninguém póde ir para ellas com vistas em considerações e importancias que possam lisongear a vaidade humana, mas unicamente para aspirar á maior perfeição da vida christã no desempenho dos officios de Maria ou de Martha, é pueril e inconcebivel o medo de que meia duzia de mulheres pobres, isoladas de todos os gosos e influencias do mundo, e só com as vistas em Deus e na sua salvação eterna, possam abalar as instituições e destruir a liberdade, ou fechadas em uma casa jejuando e rezando, e entregues constantemente ao mais puro e sancto ascetismo; ou mettidas em uma escola, ensinando e educando crean-

ças pobres; ou trabalhando e preparando em uma cosinha comida barata para os operarios e indigentes; ou correndo as ruas e batendo ás portas pêlo calor, pelo frio e pela chuva, a pedir esmolas de restos de comida e de tudo para os seus vélhinhos; ou acantoadas em um hospital, procurando não poucas vezes a morte no contagio das doenças, e nos trabalhos, vigílias e angustias a que as obrigam as dores e gemidos que a toda a hora e a todo o instante do dia e da noite lhes cortam o coração e dilaceram a alma; ou finalmente dizendo adeus á patria, aos paes, á familia e aos parentes, para, atravessando os mares, irem ganhar á custa da propria vida a de tantos gentios para as luzes da fé, e para os beneficios da civilisação.

Prodigio sublime da religião sancta de Jesus Christo! Emquanto alguns, que talvez não a conheçam nem a pratiquem, se insurgem contra ella, vai até estes extremos de tudo quanto ha na terra de mais sancto e sublime, a caridade e o amor do proximo que ella préga e ensina, e que nos veiu do calvario e da cruz. ⁽¹⁾

Pela morte da ultima professa, em março de 1874, não se fechou o convento de Jesus, de Aveiro, porque o governo attendeu as representações que então lhe fizeram os aveirenses para que fosse entregue a algumas das senhoras que n'elle se achavam recolhidas a fim d'estas estabelecerem alli um collegio de educação para meninas.

Vencendo innumeradas difficuldades, passados mezes fundavam as antigas pupillas do convento as sr.^{as} D. Leonor Angelica Cardoso de Lemos, D. Thereza Tavares Pinheiro e D. Maria Alexandrina Cardoso o collegio sob a invocação de Santa Joanna Princeza. Attribulada foi a infancia do collegio não só por falta de pessoal habilitado, como tambem pelas muitas e urgentes obras que demandava o edificio, gran-

⁽¹⁾ *A execução das Leis de Fazenda na extincção dos conventos, — queixa a Sua Magestade El-Rei... pelo Bispo de Coimbra, pag. 37-40.*

de parte em ruínas: A isto accresceu depois a indicação ou mesmo pedido, que se fazia ao governo, para o convento ser applicado para hospital civil ou para installação das repartições publicas do districto. Deu-se isto por occasião d'esta cidade passar a fazer parte da diocese de Coimbra, o que foi um grande bem para o collegio, pois o sr. Bispo Conde não só se oppoz tenazmente a que ao convento se dêsse qualquer dos indicados fins, mas conseguiu até que o governo ordenasse a reparação immediata do que fosse mais urgente reparar-se, salvando assim a nova instituição e o velho edificio. Desejando levantar o collegio á sua devida altura, mandou o sr. Bispo Conde vir de França uma religiosa Ursulina muito instruida é verdade, mas a quem a nostalgia da patria e a differença do clima obrigaram a deixar Aveiro poucos mezes depois da sua chegada ao collegio. Então s. ex.^a rev.^{ma} pediu e rogou á ex.^{ma} sr.^a D. Thereza Saldanha d'Oliveira e Sousa (Rio Maior) que salvasse o pequeno collegio, tomando-o sob a sua protecção, velando pela sua existencia, insuflando-lhe emfim vida propria mandando para Aveiro as boas e já então benemeritas irmãs Dominicanas. A virtuosissima Senhora, cujo enlevo d'alma é a gloria da religião e a honra da patria, acceitou o aliás espinhosissimo encargo e, em outubro de 1884 assumiam a direcção do collegio, incumbindo-se da guarda da casa e das venerandas reliquias da sua santa padroeira, as irmãs Dominicanas da Congregação de Santa Catharina de Sena, fundada pela mesma senhora, em Lisboa, em 1868. Estava pois consolidada a existencia do collegio, assegurada a sua prosperidade e salvo o monumento querido dos aveirenses,—o convento de Jesus,—porque a isso metteu hombros o respeitavel e venerando Prelado, honra e gloria da patria portugueza.

Fazer a historia do Collegio de Santa Joanna,

d'esse collegio que, sendo hoje um dos primeiros do paiz, é o assombro de todos os que de longe e de perto o visitam, não é agora a occasião nem tão pouco a da benemerita congregação a quem está confiado. Mas, para que se avalie o finissimo criterio com que o sr. Bispo Conde se houve na escolha da congregação a quem confiou os destinos do primeiro collegio da sua vasta diocese, e ver como o brilhante escriptor Lino d'Assumpção, é no caso presente auctoridade insuspeitissima, aprecia os serviços e methodos de ensino das Irmãs Dominicanas. Diz o illustre escriptor:

« O ensino nos collegios, cá fóra, não differe, apparentemente, dos das irmãs terceiras de S. Domingos. N'uns e n'outros se ensina o cathecismo, aliás exigido pelos programmas officiaes; com a differença de que n'estes penetra o espirito da religião, se faz do culto um enlevo d'alma, um entretenimento candido das horas vagas; n'aquelles o cathecismo aprende-se de cór, para se responder aos exames, e o culto reduz-se ao passeio da missa mais em evidencia, para enlevo das meninas nas modas e réclame do collegio. Nem o espirito das creanças nem as aspirações paternas nada ganham com isso. Da religião as creanças apenas adquirem o preciso para terem visões vagas e sobresaltos pueris, sem conquistarem uma força que as auxilie nos tementos da vida.

Assim, pois, a religião nos collegios conventuaes deixa de ser uma lenga-lenga decorada para se converter, como eu vi, n'uma effusão d'alma; deixa de ser a missa mundana para ser a oração quotidiana, o culto realçado por canticos suavissimos, a primeira communhão elevada a uma iniciação tremenda e não convertida n'um passeio apparatuso em trem de praça. Religião por religião, os paes preferem a dos conventos. E o cultivo das rosas na cêrca para adornar os altares; os trabalhos de mãos para ornamento das imagens predilectas e a crença de que se deve confiar na Providencia como auxiliadora das proprias forças, de preferencia á empenhoca na vespera dos exames.

Depois a classe é desejada e não odiada, o estimulo elevado, o castigo nunca deprimente, os processos d'ensino

os mais modernos e logicos; isto é, as linguas auxiliadas pela pratica; o desenho pela copia directa do modelo, a geographia sobre o mappa, a historia nos exemplos; e tudo por um methodo progressivo que não cança nem fatiga, mas enleva e attrahe. E sobretudo carinhos de mãe em todas as professoras, cuidados a todos os instantes nas directoras. Convento e classe convertem-se n'uma communhão tranquilla e alegre de mães e filhos sobre os quaes estende o seu manto celeste a Virgem Maria. Não são ellas, que tendo passado a noite no theatro, cançadas por lições que deram fóra, chegam aos collegios mal humoradas, e mercenaria e rapidamente aviam a classe; não são ellas que discutirão com as discipulas o caso scandaloso do dia, que os jornaes commentaram ao sabor... da tiragem; não serão ellas que com a preocupação do exame no lyceu, só ensinarão sem methodo o que alli se possa perguntar; e quando os collegios mundanos mandam aos paes mensalmente contas que se saldaram por muitas dezenas de mil réis, ellas, as irmãs contentam-se com uma modica mensalidade da qual tiram a sua subsistencia, e os meios de poderem educar de graça dezenas e dezenas de creanças pobres que lhe vão pedir á portaria pão e instrucção.» (1)

Do zelo e cuidados com que s. ex.^a rev.^{ma} acompanhou a mudança operada no estabelecimento, é testemunho este final da sua Provisão de 19 de outubro de 1884, com que a auctorisou e sancionou:

« 1.^a Serão por nós approvados todos os Regulamentos para o serviço interno e externo, religioso, disciplinar e litterario;

2.^a Pertencerá unica e exclusivamente á nossa auctoridade, jurisdicção e superintendencia a direcção e governo do Collegio, a qual exerceremos por nós, ou por clérigo para este fim por nós delegado;

3.^a Todo o pessoal do Collegio, tanto do serviço religioso, litterario e escolar como do serviço disciplinar e economico, será por nós nomeado, appro-

(1) O Dia, n.º 2:421, de 27 de junho de 1895.

vado, ou despedido quando assim o julgarmos conveniente, depois de ouvida a Fundadora ou Superiora;

4.^a Nenhum clérigo da nossa Diocese ou de fóra d'ella poderá confessar alli e dirigir ou exercer qualquer mister, sem ser para este fim especialmente delegado e auctorisado por nós;

5.^a Todos os interesses provenientes do Collegio, serão applicados á sua sustentação e melhoramento, e todos os annos serão vistas e por nós approvadas as contas da receita e despeza.

E, com quanto a illustração, zêlo, prudencia e piedade da nobre fundadora, em quem pômos illimitada confiança, torne desnecessarias estas condições e cautellas, pomol-as aqui para que fique a coberto das difficuldades e malicia dos tempos, que vamos atravessando, esta santa obra em que muito nos empenhamos, e para a qual pedimos a Deus todas as benções e todos os auxilios da sua divina graça.»

Completemos agora o quadro com algumas palavras do grande Prelado. Referindo-se ás mestras e directoras do Collegio de Santa Joanna, dizia alli n'uma luzida festa de distribuição de premios o sr. Bispo Conde:

«Vindas para aqui muito a seu contento, e movidas, não por suggestões alheias ou por ambições e glorias terrenas, mas unicamente pela sua livre vocação de procurarem dentro d'estas paredes, e fóra do bulició do mundo, uma vida mais perfeita e mais santa, estas devotissimas irmãs não tem senão uma inclinação e um amor — o de Deus e o das suas educandas que se completam um ao outro; senão uma occupação e um cuidado — o rosario e a psalmodia no côro, a vigilancia e o ensino no educandado; senão uma vontade — a da sua Superiora, seguida sempre pelos mais doces impulsos do seu coração; e senão, finalmente, um empenho e uma ambição — o adiantamento e felicidade das suas meninas, e o augmento e prosperidade do seu Collegio, não para disputar competencias ou procurar lucros e tempo-

ralidades, mas para que elle se desate em benefícios e agradecimentos cada vez maiores para Deus e para o mundo.» (1)

O sr. Bispo Conde não limitou a sua nobilissima iniciativa á reorganisação do Collegio, interessa-se mais do que ninguem pelos seus progressos e bom nome, procurando por todos os meios o seu engrandecimento e respeitabilidade. N'uma sua provisão de 27 de outubro de 1884, em que nomeava director espiritual e temporal o fallecido conego arcipreste José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, escrevia s. ex.^a rev.^{ma}:

«E, porque é necessario salvaguardar as intenções rectas, puras e santas que presidem á sua criação, contra as desconfianças e malicias do tempo presente, o M. R. Director evitará a demasiada frequencia de pessoas extranhas, d'um ou d'outro sexo, clérigos ou seculares, nas grades, luctorios ou aulas externas d'este Estabelecimento, e não consentirá que nenhuma, qualquer que seja o pretexto, entre n'elle sem sua approvação e licença, e do mesmo modo não consentirá que clérigo algum n'elle confesse, catequise, prégue ou faça praticas sem para este fim ter licença especial por nós concedida, mediante proposta do M. R. Director e da Regente. E deixamos no mais á intelligencia, zelo e bom senso do sobredito M. R. Director, em que muito confiamos, o emprego de todos os meios e cautellas que julgar necessarias para que o novo Collegio de Santa Joanna sirva d'edificação e exemplo para os fieis, de gloria e satisfação para as Mestras e fundadora, de consolação para nós, e de utilidade e proveito para Aveiro, para a Religião e para o Estado.»

No discurso que ha pouco citamos, referindo-se ao regimen do Collegio, dizia s. ex.^a rev.^{ma}:

(1) *Ordens religiosas.—Discurso proferido pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios do Collegio de Santa Joanna de Aveiro, em 19 d'agosto de 1891, pag. 19.*

« Não impedimos que os paes vão ver suas filhas quando quizerem, e averiguem e conheçam como ellas são tratadas, e como é dirigida a sua educação; e por modo nenhum consentiríamos que n'esta se fizesse ou dissesse cousa alguma (que se não diz), que nem remotamente podesse afastal-as da obdiencia, amor e dedicação a seus paes e ás suas familias. A educação que deixasse de ensinar e inspirar o amor, respeito e obdiencia aos paes, não seria educação religiosa; e quanto mais religiosos e esclarecidos forem os mestres, tanto mais vivo deve ser este sentimento nos discipulos.»

Um dos testemunhos mais sinceros e convictos, de quanto o nobilissimo Prelado se interessa pela prosperidade dos collegios de educação religiosa estabelecidos nos antigos conventos do seu bispado, são as formosissimas paginas do discurso que pronunciou em agosto de 1893, no das Urselinas em Coimbra e no de Santa Joanna em Aveiro. Esta oração, quente, brilhantissima, cheia de sublimes ensinamentos e proveitosas lições, modelada n'uma orientação grandiosa, pratica, e, toda christã, é a verdadeira synthese da educação da mulher, tal como ella deve sel-o na sociedade e na familia. D'esse preciosissimo collar desenfiamos algumas perolas para melhor comprovar o que levamos dito, como são estas:

« Não somos retrogrado nem intransigente, nem queremos a mulher estacionaria quando, obdecendo a uma lei da humanidade, tudo progride e caminha; e ainda que não queremos tambem desvanecel-a e prejudical-a como fazem tantos escriptores, glorificando-a em demasia, é força confessar que tem sido ella um factor muito importante da civilisação que gosamos, depois que Jesus Christo a nobilitou, elevando-a de escrava a companheira amiga do homem, e protegendo a sua dignidade e o seu amor com a purificação dos costumes e a sanctificação da familia.

.....
« Nem sempre verdadeiramente religiosa, e por outro lado toda litteraria e scientifica, toda theorica e nada pratica, toda dirigida para a intelligencia e para a sociedade, e nada para o coração e para a familia, e além d'isso muito

aristocratica e muito fidalga, e visando só o grande mundo, a grande sociedade e as grandes fortunas, tal é a educação que se dá hoje geralmente e indistinctamente nos nossos Collegios á mulher portugueza; isto é, a mulher que tem de viver na aldeia com a fortuna mediana de seus paes, trabalhando no governo da sua casa, dirigindo e ensinando as suas creadas, é educada do mesmo modo que a mulher que tem de viver na côrte e nas grandes cidades com a opulencia e grandeza do seu nascimento.

.....

« Assim imaginemos uma menina, sahida d'este Collegio ou d'outros de egual natureza, com a sua educação concluida pela fórma que fica exposta, e com todos os requintes do que mais pôde exigir-se na illustração do seu espirito e na perfeição artistica das suas prendas. Se ella vai para o fausto e opulencia dos seus paes e para uma vida só de sala, de piano, de romances, de bailes, de visitas e de *toilettes*, e tendo além d'isso muitas criadas para a servir, a sua educação foi muito acertada e conveniente, porque foi conforme com o seu destino; e a sua vida, passada d'esse modo e em harmonia com a condição da sua familia, que não lhe faltará com attensões e delicadezas, será um paraizo de felicidade enquanto ella tiver virtude e força para resistir ao fogo das paixões, que em tal meio é sempre maior, e que as mais das vezes abraza e perde quem não fugir ás suas primeiras chispas.

Mas se essa menina, com o espirito muito culto, com uma imaginação muita viva, e collocando por isso muito alto os seus ideaes de felicidade, tiver d'ir viver para algum dos muitos logarejos das nossas aldeias, cujos habitantes, cançados com as fadigas do dia, se deitam todos pouco depois do sol posto, e se fôr filha de paes que, embora remediados, precisam de labutar e trabalhar constantemente para darem mais lustre á sua familia, lustre que principiaram a acalentar com a educação aristocratica e fidalga dada á sua filha, avalie-se quanto esta se julgará deslocada, aborrecida e infeliz em tal meio; principiará talvez por se envergonhar dos seus proprios paes, e difficilmente se acomodará ao seu viver.

.....

Parecia-nos, pois, muito conveniente que, a par da educação religiosa, moral, litteraria e artistica que se dá ás meninas nos nossos Collegios, principalmente nos das pro-

vincias, houvesse uma parte pratica sobre o governo d'uma casa de familia, e que podia consistir no seguinte:

Emquanto ao pessoal, que podia vir de fóra com as devidas cautelas, não o havendo idoneo no Collegio, uma cosinheira, uma creada de copa e de meza, e uma modista para as meninas verem e aprenderem como podem fazer-se as roupas brancas e de côr com mais elegancia e mais economia. Emquanto ao material, uma cosinha, uma dispensa, uma casa de copa, uma sala de jantar e um quarto de cama, só para o ensino pratico das meninas, e com todos os seus aprestos em monte nas respectivas casas, para ellas os mandarem collocar no logar devido sob a direcção d'uma senhora que tiver mais gosto que saber, e mais pratica da boa sociedade que do convento ou vida collegial.

Preparado tudo isto, iriam as meninas por turno e em certos dias da semana ver e aprender na cosinha privativa d'ellas como se fazem os pratos de comida, desde o mais simples até aos mais delicados, tanto frios como quentes, tanto de carne como de peixe, e tanto de doce de cosinha como de copa; como podem enfeitar-se uns e outros e quaes os enfeites que vão melhor n'estes do que n'aquelles; quaes as quantidades precisas para um certo numero de pessoas, e como deve escolher-se tudo de modo que se obtenha com maior economia mais novidade e melhor vista.

Do mesmo modo iriam ver e aprender em seguida na sala de jantar como deve pôr-se a meza, como devem sentar-se n'ella os hospedes, como devem ser servidos e por que ordem; como devem pôr-se e dobrar-se os guardanapos, como devem collocar-se os pratos, os copos, os calices, as garrafas, as conservas, os saleiros, as sobremezas, e os enfeites e ornatos nos jantares de festa para, sem ostentação vaidosa e sem grande dispendio, se conseguir pela arte e boa disposição de tudo, a elegancia, apparatus e bom gosto, que muitas vezes não se consegue nas mezas muito ricas, gastando-se muito dinheiro. Pois não seria bonito, nem ficaria bem a uma senhora de provincia com educação mais distincta, chamar um estranho para lhe dirigir este serviço tanto da sua competencia e tão proprio d'uma dona de casa.»

Tão bem entregue como estava o precioso tumulo da Princeza Santa Joanna á guarda e cuidados das Irmãs Dominicanas e garantido por fôrma tão louvavel como sympathica a conservação do convento de

Jesus de Aveiro, foi mister depois tambem procurar sentinellas não menos virtuosas e vigilantes para o grandioso senão mais precioso thesouro que se guarda no mosteiro de Santa Clara em Coimbra, — o corpo incorruptivel da Rainha Santa Izabel, quando a morte da religiosa que alli ha muito se albergava pôz em risco de ser convertido em presidio militar o historico mosteiro. Era empreza difficil a escolha, mas o imminente Prelado auxiliado pela sua fê vivissima e incendrado patriotismo, não trepidou um momento e escolheu como ninguem escolheria melhor; chamou para Santa Clara em julho de 1896 as Irmãs missionarias de S. José de Cluny, a quem confiou as preciosissimas reliquias da santa esposa de el-rei D. Diniz, encarregando-as ao mesmo tempo do ensino das creanças pobres das cercanias, e, da educação e preparação de boas e instruidas irmãs que vão continuar na Africa a gloriosissima campanha do bem e da fé que com o applauso geral e as benções do céu ellas iniciaram alli, com um exito admiravel, sem igual, como o evidenciam estas palavras insuspeitissimas, cheias de verdade, d'um dos talentos mais brilhantes do nosso tempo o sr. conselheiro Antonio Ennes, e, que são tambem o maior elogio da escolha feita pelo egregio Prelado:

«O Instituto de S. Joseph de Cluny tem, mais do que outro qualquer, direitos já adquiridos á protecção do Estado e da Igreja portugueza. As irmãs d'esse Instituto é que eu conheci nos hospitaes e nas escolas da Africa oriental, e foram ellas que me ensinaram a apreciar as meias religiões modernas, dispensadas da esterilisação da clausura e consagradas a obras piedosas de utilidade social. Já por mais de uma vez prestei publico tributo de respeito e admiração pelos serviços que essas pobres senhoras fazem em Moçambique; pedi o auxilio d'algumas d'ellas quando, em Inhambane, quiz organizar serviços hos-

pitalares, caridosos e zelosos; achei-me com ellas para albergar orphãs desamparadas, para tutelar pequeninos prisioneiros de guerra, para protegerem innocencias em perigo; serviram-me de boticarias, de cosinheiras, de costureiras, e até foram ellas que fizeram quasi todas as bandeiras nacionaes que tremularam nos nossos postos estabelecidos em terras de Gaza, e creio até a que em Coolella symbolisou a nossa patria. Ouvi muitos soldados doentes pedirem que os levassem para enfermaria em que houvesse irmãs; em Lourenço Marques official que desse baixa ao hospital sahia de lá fanatisado pela irmã Maria de Jesus—uma intrepida e meiga irlandeza,—que tinha a seu cuidado os quartos particulares; acabei por fiar inteiramente d'ellas a propria administração dos hospitaes, e só assim cortei abusos inveterados e evitei que se engordassem sãos com as dietas dos doentes.» (1)

«Foi lá, foi em Africa, que tambem eu poudes apreciar bem, não só as virtudes, mas tambem os serviços das *meias religiões* de mulheres, e especialmente do Instituto de S. José de Cluny, lamentando ao mesmo tempo que quem as dirige imponha ás vezes a pobres creaturas frageis sacrificios, privações, perigos imminentes de saude e vida desproporcionados com o proveito espirital e social que d'elles pôde resultar. Vi, nomeadamente, tres creanças — a mais velha tinha 23 annos — embarcarem no *Zambeze* para irem penar na missão de Beroma. Só a viagem de mais d'um mez, n'um mau escaler a remos, sob um sol ardente, atravez d'uma nuvem de mosquitos, intimidaria varões que blasonam de intrepidados; em

(1) Carta do sr. conselheiro Antonio Ennes ao sr. Bispo Conde com data de 29 de fevereiro de 1896, transcripta em parte no livro: *A execução das leis de fazenda na extincção dos conventos,—queixa a Sua Magestade El-rei do que se fez na extincção do de Semide em agosto de 1896, feita pelo Bispo de Coimbra—Lisboa, 1896—pag 41.*

Beroma, sabiam ellas que as esperava a morte, que já tinha victimado outras irmãs e alguns missionarios. Pois lá foram sem um queixume, sem uma hesitação, resistindo até ás suggestões de quem pretendia, sem responsabilidades para ellas, detel-as no littoral ao serviço dos hospitaes. Uma disse-me: *Nós temos o nosso ponto de honra como os militares.* Talvez morresse já, pela honra do seu habito, a heroica mulher! Heroica sim. Pois nós, que nos extasiamos diante do patriotismo dos soldados que vão com vencimentos treplicados fazer uma excursão á Beira ou a Lourenço Marques, havemos de regatear laureis ás pobres creaturas que se sepultam nos recessos dos sertões pestilentos, sem recompensa, sem applauso, sem sequer deixarem os nomes e os retratos estampados no *Seculo* e no *Diario Illustrado*? São umas fanaticas? Pois abençoado seja o fanatismo do bem! Censure-se quem sacrifica os fanatisados em empresas sem proveito nem gloria, mas venere-se quem se sujeita ao sacrificio sem sequer ter essa esperança de applauso e celebridade, que principalmente nos suggere, a nós homens, as acções brilhantes.» (1)

Em março de 1893 dirigiu ao governo o venerando Prelado uma eloquente supplica pedindo uma pequena mensalidade para as duas ultimas pupilas do mosteiro de Santa Clara e que para as despesas da conservação do edificio consignada a verba annual de 100\$000 réis de que são precioso fragemento estas linhas.

«Senhor se não podemos conquistar o respeito das outras nações com os nossos territorios, com os nossos exercitos e com o nosso ouro, façamos ao menos por conquistal-o com as nossas virtudes civi-

(1) T. Lino d'Assumpção. *As ultimas freiras, com uma carta por Antonio Ennes ácerca das ordens e instituições religiosas.* Porto 1849—pag. 11 e 12.

cas e christãs, e com o nosso culto e veneração pelas tradições gloriosas do nosso passado, porque as não tem maiores os outros povos. Não lancemos, pois, ao desprezo as que nos vêm da Rainha Santa Izabel, que tanto enalteceu a nossa patria e a bandeira das quinas com a sua vida e com os tercismos da sua virtude.

.....

Não ponhamos, pois em pouco e não deixemos esfriar o culto e devoção que ha pela Rainha Santa, e que traz aqui ás suas festas milhares e milhares de romeiros, como Vossa Magestade já viu.

Evitemos a todo o custo que se arruine mais o Mosteiro, que guarda o seu corpo milagroso n'estas formosas e encantadoras margens do Mondego, que foram o jardim da sua fé, muitas vezes regado com suas lagrimas, e cultivado e santificado sempre com o fervor das suas orações; e arredemos para longe de nós a vergonha de deixarmos extinguir n'elle a flôr de toda a mais bella que desabrochou e floruiu em terras portuguezas, e cuja fragancia e doce perfume se derrama ainda hoje em todo o orbe catholico— nos templos do Senhor, nos Paços dos Reis, nos palacios dos ricos e nos tugurios dos pobres.» (1)

O governo tomou em consideração o pedido do nobillissimo prelado concedendo os subsidios pedidos.

Não só porque se liga intimamente com o assumpto como também porque são documentos de altissima valia, trasladaremos para aqui duas cartas, uma escripta por Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia ao sr. Bispo Conde e outra que em resposta s. ex.^a rev.^{ma} dirigiu a Sua Magestade, são estas:

(1) *O Bispado de Coimbra. Os mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha. Coimbra 1893 — pag. 27 e 29.*

« Lisboa, 20 de Março de 1893.—Reverendissimo Bispo Conde. — Acabo de saber que a vinda a Lisboa do Bispo Conde refere-se a um negocio que altamente me interessa, visto tratar-se do Mosteiro de Santa Clara.

• Alli, n'aquelle Claustro, dormem os restos sagrados de Isabel, da Rainha Santa, que um dia tive a felicidade de poder contemplar e venerar.

Ouvi que as recolhidas, ou pupillas, a quem é confiada a honra de vigiar o tumulo da Santa, estão na maior miseria em consequencia da morte da ultima freira, e que para ellas poderem viver e não abandonarem o encargo a ellas transmittido por tantos seculos de devoção, teve o Bispo Conde de fazer um requerimento pedindo ao Governo uma mensalidade de 8\$000 réis para cada uma das respectivas senhoras. Tambem sei que o Mosteiro carece de reparações urgentes, e que tanto para estas como para trabalhos annuaes, indispensaveis para não deixar cahir tudo em ruina, nem um real existe.

Tenho fé e confiança que a minha profunda e humilde devoção pela Rainha Santa me permite vir offerecer a minha cooperação em tudo que poder ajudar a perpetuar o seu culto.

Se, pois, o Bispo Conde encontrar qualquer difficuldade em obter tanto as mensalidades para as recolhidas como a somma annual de 100\$000 réis, que me dizem ser o indispensavel para as obras do Convento, terei o maior gosto em pôr ambas estas quantias á sua disposição.

Peço-lhe que veja n'isto, além da minha veneração para com a Santa Padroeira de Coimbra, um testemunho, aliás bem pequeno, do respeito e digo tambem da veneração que tenho pelo Bispo da antiga Cidade.

Peço-lhe, Reverendissimo Bispo Conde, me creia sempre sua muito affeiçãoada, — *Amelia.*»

« Senhora:—Quem tiver conhecimento das obras de caridade, que Vossa Magestade está praticando todos os dias com tanta abnegação e humildade christã, já não pôde admirar senão como continuação d'estas cada vez maior a carta que Vossa Magestade Se Dignou escrever-me de Seu proprio punho, para me dizer que, se não poder ser deferido o meu pedido para se guardar o tumulo e conservar o Mosteiro da Rainha Santa Isabel, terá Vossa Magestade muito gosto em pôr á minha disposição as quantias annuaes que fui pedir ao Governo para uma e outra cousa.

Todavia esta carta, que eu peço a Vossa Magestade me permita publicar, inunda de gratidão, de santas alegrias e de consoladoras esperanças o meu coração de Bispo catholico e cidadão portuguez; porque ella não é sómente um testemunho da muita piedade e devoção de Vossa Magestade para com a Santa Rainha: é tambem um grande exemplo de amor da religião e da patria, e que, n'estes nossos dias de tanto egoismo e de tanto decahimento religioso e patriotico, faz tanto bem ás almas, ás consciencias e aos corações, como faz no estio o orvalho da manhã aos terrenos resequidos pelo leste.

Pois, quando um povo tem a fortuna de ver estes exemplos no throno da sua patria, insensivelmente se vae rendendo á influencia salutar que elles exercem na sua fé e nos seus costumes; e, se outr'ora uma Rainha portugueza poude applacar as guerras e mover os belligerantes á piedade, com a pratica das suas virtudes, com as bondades do seu coração e com a lição constante dos seus exemplos, ha de Deus permittir que possa hoje tambem outra, com os mesmos processos, em que tanto se desvela, promover a regeneração dos nossos costumes, e levar nos para o viver religioso e christão, que foi no passado a origem da nossa grandeza, e que ha de ser ainda no futuro a taboa da nossa salvação.

E os factos, Senhora, hão de ir mostrando que não são vans estas esperanças, assim como mostraram já, e muito depressa, que eu não me enganei, quando escrevi ha pouco que a devoção pelo culto e o respeito pela memoria de Santa Isabel não decahiriam no reinado d'uma Herdeira tão Digna da sua Corôa e das suas virtudes.

Felizmente, Senhora, os actuaes Conselheiros da Corôa deferiram as minhas supplicas prompta e generosamente, como é proprio dos seus grandes talentos e do seu alto respeito pelas tradições e glorias da nossa patria; mas nem por isso é menor o fructo do exemplo que Vossa Magestade acaba de dar, nem menos funda a minha gratidão e a d'esta cidade pela Regia Munificencia e piedosa devoção de Vossa Magestade para com a nossa Santa Padroeira.

Não fica, porém, ainda aqui o motivo da gratidão de que vim agora de Lisboa tão possuido para com Vossa Magestade.

Tenho-me abtido sempre de pôr nas Regias Mãos de Vossa Magestade os memoriaes de alguns infelizes, que pretendem implorar com a minha intervenção a caridade de Vossa Magestade, para as suas necessidades; porque, em-

bora conste que Vossa Magestade, para poder fazer tanto bem, corta bastante nas opulências e ostentações da Côrte, sem comtudo comprometter o seu fausto e esplendor, como é indispensavel, eu não sei que Vossa Magestade faça o milagre, que fazia a Sua Santa Antecessora, de converter as rosas em ouro, e não devo augmentar as maguas que soffre o bondosissimo coração de Vossa Magestade, quando não pode deferir, por não ser possível, todas as supplicas d'esta natureza.

Todavia abalancei-me a fazer agora uma excepção, pedindo a Vossa Magestade um auxilio, que não cabia nas minhas forças, para uma necessidade domestica e social; e Vossa Magestade, em vez de extranhar a minha ousadia, desculpou-a e acolheu-a tão compassivamente que Se Dignou dizer-me que daria para essa necessidade o dobro do que pedi, ficando eu sem saber o que devia admirar mais — se a grandeza do beneficio, se a bondade adoravel e gentil com que foi concedido.

Dizem os livros santos que vale mais a palavra doce que a dadiva, mas em Vossa Magestade une-se angelicamente a generosidade da davida com a doçura da palavra, e a grandeza e magestade da Rainha com a caridade e humildade da mulher christã!

Que Deus Nosso Senhor proteja e abençoe esta ditosa união, porque ella é o diadema mais precioso e de maior valor que cinge a fronte da minha Augusta Soberana, e porque os fructos, que não pôde deixar de produzir para o bem da religião e da patria, hão de contribuir tambem para que o Seu reinado, superadas as difficuldades financeiras que ora o enredam, apparece sempre o sol depois das nuvens que o encobrem.

São estes os votos fervorosos, Senhora, do mais humilde dos Bispos portuguezes, e do mais obediente e mais grato dos subditos de Vossa Magestade. — Coimbra, 25 de Março de 1893. — *Manuel, Bispo Conde.*

Depois de tamanhos exemplos de fulgentissima dedicação pelas casas religiosas do seu bispado, como os que temos ennumerado, depois de tantos e tão titânicos esforços empregados pelo insigne Prelado para que sejam conservados como centros de piedade e de civilisação esses restos queridos da religiosidade de

nossos avós, como os que havemos descripto, escusado seria ir mais além para attestar d'uma maneira clara, precisa, inconfundivel, a benemerencia do sr. Bispo Conde, mas pesar-nos-hia eternamente na consciencia se calassemos um facto, o ultimo, com que s. ex.^a rev.^{ma} coroou essa longuissima série de serviços prestados á Egreja e á civilisação. Referimo-nos ao protesto vigorosissimo, justissimo, com que s. ex.^a rev.^{ma} estigmatizou o procedimento mil vezes condemnavel dos delegados de fazenda publica para com as pupillas e mais habitadoras do convento de Semide, por occasião do fallecimento da ultima professa em setembro de 1896, e, que fazendo lembrar o brado energico, vibrante de indignação com que Herculano ha quarenta e quatro annos pedia ao governo que não deixasse morrer de fome e de frio as outr'ora riquissimas monjas de Lorvão, como que o sobreleva na expontaneidade, na convicção, no vigor da argumentação, sem nada desmerecer na belleza da fórma que é como pedia o assumpto incisiva, cortante, mas tersa e correntia. D'esta primorosissima obra em que como diz um notavel orador, astro de primeira grandeza na moderna oratoria sagrada, o conego Alves Mendes: «a verdade, a consciencia, a historia, a correcção, a honra e a logica se fundem e recaldeam em armadura de bronze e lamina de aço contra as arrogancias da injustiça e contra as furias da iniquidade»; desprenderemos esta formosissima pagina na impossibilidade de o transcrevermos todo, por completo:

«Senhor. As infelizes pupillas e creadas do convento de Semide, desoladas e consternadissimas com o fallecimento da sua ultima religiosa professa, velavam o seu cadaver insepulto, e talvez ainda quente, soffocadas pela dôr e banhadas pelas lagrimas que lhes faziam derramar não só a saudade de quem lhes tinha sido sempre amparo e carinho na vida, mas tambem a desgraça em que iam ficar pela sua morte por não terem muitas n'este mundo nem familia,

nem conhecimentos, nem casa, nem nada de que podessem viver.

E, quando a estas agonias e soffrimentos, que a propria natureza parece não ter forças para poder supportar, se juntava o terror que a presença d'um cadaver, o fechar da noite e a escuridão do velho e arruinado cenobio causavam n'aquellas creaturas tão afflictas e assustadas, é o convento cercado de cabos de policia e posto em estado de sitio; e o escrivão de fazenda do concelho de Miranda do Corvo com o regedor da freguezia, sem as licenças e formalidades sempre até aqui observadas, entram n'elle quasi violentamente com mais sete homens no meio de grande barulho e vozeria de outros que também pretendiam entrar, e que certamente entrariam se não fosse o animo de algumas pupillas menos desfallecidas, e o auxilio que lhes prestou o vigario da freguezia.

Não havia receio algum justificado de que se tirasse alguma coisa do convento, e portanto tudo isto se fazia unicamente para, quaes abutres precipitados sobre o ninho de timidas aves, dizerem ás desoladas senhoras, áquella hora e sem caridade nem compaixão por tanta dôr e tanta desgraça, — que já alli não tinham nada, que elles iam, em nome do governo e como seus representantes, tomar conta do convento e de tudo o que lá houvesse, e que as podiam pôr já fóra d'elle; e, ainda não contentes com tanta severidade, fecharam-lhes as portas de communicacão, deixando-as emparedadas, e sem nem sequer poderem ir buscar agua para beber, e tractar dos animaes e aves que tinham na cêrca!

Não é humano e muito menos de portuguezes, usar de tal crueldade para com umas indefesas e desvalidas mulheres sem razão ou motivo algum que tal possa justificar. »

XII

Porque escreveu o livro *A extinção do convento de Sá*. Applausos com que é recebida esta apreciabilissima publicação. A faculdade de theologia da Universidade julga-se aggravada com ella. Passagem do livro que dá motivo a esses infundados aggravos. Resposta levantada e digna que lhe é dada. A Santa Sé intervem no pleito pronunciando-se contra as doutrinas perfilhadas por aquella faculdade. Periodos da resposta inequalavel dada á representação que a mesma dirigiu ao governo sobre o assumpto.

De novo e injustissimamente agredido pela imprensa miguelista por accasião da extinção do convento de Sá, de Aveiro, que então reeditou velhas calumnias e infundadas arguições já ha muito desfeitas, o sr. Bispo Conde julgou dever vir a publico com a publicação d'um livro em que compendiando a historia da sua administração ecclesiastica, se reunissem muitos e valiosissimos documentos na sua maioria inteiramente ignorados ou pouco conhecidos do publico e que eram o mais verdadeiro e irrefutavel dementido de tudo que contra o governo episcopal de s. ex.^a rev.^{ma} se havia escripto e publicado.

O livro que tem por titulo *A extinção do Convento de Sá em Aveiro e os jornaes portuguezes religiosos politicos. Carta ao ex.^{mo} sr. Nuncio Apostolico Vicente Vannutelli. Arcebispo de Sardia, pelo Bispo de Coimbra*, appareceu em principios do anno de 1886. A historia da sua publicação e do seu titulo fal-a s. ex.^a rev.^{ma} n'estas linhas:

«Em silencio e com a maior resignação e paciencia, soffri com toda a longanimidade e por mais de 25 annos as calumnias e accusações injustissimas dos jornaes do partido absolutista contra mim, e em silencio continuaria soffrendo sempre e sem lhes dar importancia, se se tractasse unica-

mente da minha humilde pessoa; mas, vendo que elles não cessavam de apodar de mações e de catholicos liberaes, como faziam a mim, a todos os padres e a todos os Bispos que não pertencessem ao seu partido; e de apregoar e fazer crer que era preciso pertencer ao mesmo partido para se poder ser catholico; e observando e sabendo tambem quanto elles eram acreditados por muitos correligionarios seus e por muita gente de boa fé e illudida, entendi em minha consciencia dever sahir a campo para obstar ao mal que estavam fazendo á religião, já desacreditando e tirando o respeito e a auctoridade aos seus ministros, já convertendo esta santa instituição em bandeira de politica, e reduzindo por consequencia a uma seita ou a um partido a religião catholica, que é de todos e para todos; e publiquei para este fim um livro com factos e documentos, no qual, defendendo a Monarchia Constitucional, os seus Ministros e o actual regimen politico, das suas constantes accusações de desprezarem a religião, os Bispos e os padres, mostrei ao mesmo tempo o mal que faziam a esta com a sua imprensa e com os seus facciosismos e exclusivismos religiosos e politicos, lembrando quanto era mais conveniente para todos a conciliação e harmonia entre a Igreja e o Estado, pelas quaes eu hei combatido tanto. E, porque era principalmente perante a Nunciatura Apostolica que me arguiam por causa dos conventos das Religiosas, por causa do meu Seminario, e das informações que dava (dizem elles) para serem providos nos beneficios ecclesiasticos os padres mais indignos, arguições de que resultaram não poucos desgostos e dissabores entre mim e o ex.^{mo} Nuncio d'então, dei ao meu livro a fórma de carta particular dirigida ao ex.^{mo} Nuncio actual, para mais directamente lhes fazer ver quanto tinham pretendido enganar a Nunciatura, e quanto faziam mal muitas vezes não poucos d'esses que se arvoram em defensores da religião, e órgãos da Santa Sé e da nunciatura em Portugal.»

O livro é um monumento para a historia da Igreja em Portugal nos ultimos tempos; e a do governo ecclesiastico de s. ex.^a, brilhante, cheia de verdade, patenteia-se alli evidentissima; a linguagem é amena e fluente como a de todos os outros escriptos de tão sabio Prelado. O seu apparecimento causou uma agradabilissima impressão, foi um verdadeiro

successo. A imprensa registou-o com merecidissimo louvor, e o publico illustrado festejou-o com sincero e fervido enthusiasmo.

Houve, porém, uma excepção, e notavel excepção foi ella. A faculdade de theologia da Universidade de Coimbra dissentiu então do pensar unanime da maioria da nação. Não só não se associou áquelles enthusiasmos, como até mesmo quiz ver na notabilissima publicação um ataque aos seus foros de corporação universitária, quando tal não havia.

N'um artigo tão verdadeiro como finamente filigranado, em que o grande poeta e eloquentissimo prosador o sr. Thomaz Ribeiro delineava o perfil grandioso e correcto do illustre Prelado, disse: «Seria curioso contar bem por miudo a lucta que o christianissimo Bispo teve de sustentar ha annos... com quem? com o grande oriente da maçonaria? com os discipulos de Voltaire ou de Rousseau? com os institutos livres pensadores? com alguns novos hereiarchas, dissidentes da orthodoxia de Roma? com o patriarcha da Babylonia? não! com a faculdade de theologia da Universidade de Coimbra.»

E na verdade é quasi inacreditavel o facto, como difficilima é a empreza de o historiar em tão acanhados limites, como são os d'este opusculo.

No livro *A Extincção de Convento de Sá* ha um appendice em que o sr. Bispo Conde reuniu differentes escriptos que em nada divergem da indole e fins do resto da obra, sendo um d'elles o que tem por titulo—*Faculdade de Theologia*,—em que s. ex.^a rev.^{ma} estranhou uma *Memoria* apresentada pelo sr. dr. Damasio Jacintho Fragoso perante o Conselho de Instrucção publica em nome da Faculdade de Theologia e que esta approvou dando um voto de louvor ao seu auctor. Foi contra aquelle appendice que se insurgiram, sem causa plausivel, injustissimamente, os lentes de theologia da Universidade. Pois ninguem mais

correcto e delicado cumpriria, como s. ex.^a rev.^{ma} cumpriu, os seus deveres de Prelado catholico, censurando tão finamente, tão proficientemente, as doutrinas expostas n'aquella *Memoria* e que eram uma offensa manifesta ás leis da Igreja e aos direitos do Episcopado. E a prova do que levamos dito é a leitura do mencionado trecho, que é o que passamos a transcrever:

« Nas differentes passagens d'este livro, em que se falla dos Seminarios, do ensino ecclesiastico e da ordenação dos ministros sagrados, julgava e julgo ainda, não obstante o meu pouco saber, que advoguei a doutrina catholica. Comtudo o lente de Vespera da Faculdade de Theologia, encarregado por ella de a representar no ultimo congresso litterario da instrucção publica, dando conta do modo por que desempenhou o seu encargo, diz na justificação das propostas que fez em nome da mesma faculdade, e auctorizado por ella, como consta da *Memoria* por elle publicada, que *ao Estado compete o direito de regular as condições de existencia e desenvolvimento d'este Instituto ecclesiastico* (a Faculdade de Theologia).

E, fazendo derivar d'elle a sorte dos Seminarios e a prosperidade das Dioceses, e toda a vida da Religião e da Igreja, cujas dignidades quer que saíam tão sómente da Faculdade de Theologia, e que só d'ella saíam tambem os professores dos Seminarios, e que não possam ser nomeados senão mediante concurso primeiramente feito perante ella; e além d'isso, deprimindo, e tachando de ignorantes sem excepção, a todos os Clerigos, ou professores de Seminarios, ou dignidades ecclesiasticas que, embora sejam formados em alguma faculdade, não o forem na de Theologia; a mesma *Memoria* diz tambem que *o Estado não póde nem deve abdicar o direito, que tem, de fazer respeitar e tornar valiosos os graus academicos de uma faculdade em que exerce directa e exclusiva superintendencia, e por intermedio da qual poderá influir de um modo efficaz no bom regimen das Dioceses.*

E posteriormente a Faculdade de Theologia approvou, e unanimemente, e sem reparo nem declaração alguma, que conste, deu um voto de louvor ao seu lente de Vespera pelo modo por que elle desempenhara o seu mandato, e o

mesmo louvor lhe deu tambem o jornal a — *Ordem* — redigido por um dos seus membros, declarando que elle representára brilhantemente a Faculdade de Theologia, e que lhe agradece a sua *magnifica* Memoria.

Como filho d'esta Universidade, que é e foi sempre tida por catholica, como Prelado, ainda que indigno, d'esta Diocese, que se ufana muito com a honra de a ter na sua séde episcopal, e como amigo e respeitador da Faculdade de Theologia, sinto profundamente que ella approve e louve uma doutrina que os Bispos Portuguezes não pôdem deixar de condemnar; — Porque são elles com o Papa os unicos juizes da fé, e os unicos mestres da doutrina e do ensino catholico em Portugal; — Porque, não offerecendo os graus academicos e as classificações, com que a Faculdade de Theologia laureia os seus discipulos, presumpção legal de idoneidade litteraria que justifique a escolha d'estes para professores dos Seminarios, como a mesma faculdade indirectamente confessa e reconhece, não pôdem os Bispos ser excluidos, como quer a mesma faculdade, de intervirem em outras provas litterarias que se exijam áquelles a quem hão de confiar o ensino dos futuros ministros do altar, seus cooperadores; — Porque não pôde nem deve coarctar-se o direito que têm os Bispos de procurarem para professores dos seus Seminarios os Clerigos que reputarem mais idoneos pelas provas que tiverem dado da sua capacidade moral e litteraria, embora não tenham sido formados na Faculdade de Theologia; — Porque, não havendo corporação ou escola alguma litteraria no Paiz inhibida de habilitar aquelles que hão de ir succedendo aos seus membros no magisterio respectivo, seria injusto e odioso fazer excepção para os Seminarios, e decretar *a priori* que nem ainda singularmente poderão nunca vir a ser professores nos Seminarios os alumnos que nos mesmos se habilitarem, por maiores que sejam os talentos, o saber e as virtudes de que derem provas, e por mais distincta ainda que tenha sido a formatura que depois tenham obtido na Faculdade de Direito; — Porque, ensinando-se nos Seminarios o Direito Natural e o Direito Canonico, que a Faculdade de Theologia não ensina, e que os seus alumnos vão estudar e apprender na Faculdade de Direito, seria muito para extranhar o não se permittir que nem ao menos d'aquellas cadeiras possam ser professores dos Seminarios os Clerigos formados em Direito, que apprenderam o ensino d'ellas onde o foi apprender a propria Faculdade de Theologia, extranheza tanto maior,

quanto a lei ecclesiastica não dá preferencia nenhuma aos estudos Theologicos sobre os juridicos ou canonicos para o desempenho dos cargos da Igreja; e pelo contrario é praxe constante da Santa Sé preferir nos mesmos cargos *caeteris paribus* os Juristas ou Canonistas aos Theologos, do que fui competentemente informado. — E porque, finalmente, os Bispos, coarctados e limitados já no seu poder episcopal e no desempenho do seu ministerio pelo chamado direito de inspecção do Imperante civil, não pôdem accéitar a aggravação do mesmo direito, como pede e propõe a faculdade de Theologia (quem poderia esperar similhante cousa?) aggravação que elles não merecem, que as leis e os estylos da Nação, ainda dos tempos de maior regalismo, não auctorisam, e que o Governo de Sua Magestade, illustrado e catholico como é, certamente não quer nem approva.

E quem poderá queixar-se dos Bispos Portuguezes por não quererem padres ensinados e formados no espirito de tal doutrina, e na delicadeza dos sentimentos com que é proposta e sustentada?

E lutando os seus Seminarios com muitas difficuldades, como se confessa na mesma proposta; e estando em muitas Dioceses muitas Igrejas fechadas e muitas parochias sem Parocho por falta de Clerigos, e vendo-se já os Bispos na tristissima necessidade de permittirem que muitos d'estes digam duas missas por dia, seria justo, e poderia alguém desculpar que os meios dados aos Seminarios para ordenarem Clerigos, que remedeiem estes apuros e necessidades, sejam desviados do seu fim para se formarem Bachareis na Faculdade de Theologia, como ella quer, para ter alumnos que a frequentem?

Todavia, quero e devo fazer á Faculdade de Theologia a justiça de acreditar que ella não pretende tanto, e que não accéita as consequencias que se derivam da doutrina que louva e approva, como são, entre outras, a de o Estado superintender *unica e exclusivamente* no ensino da fé, e das verdades e doutrinas da Religião Catholica Apostolica Romana.

E faço-lhe esta justiça não só pelo seu conhecido saber e orthodoxia, e pelo respeito e estima que tenho por tão illustre corporação e por todos os seus membros, a quem nunca faltei com repetidas attenções, cortezias e delicade-

zas, mas tambem porque deve ser indulgente para os outros quem tanto precisa de indulgencia para si proprio. »

Logo que appareceu o livro, os lentes de Theologia da Universidade, precipitadamente, irreflectidamente, continuamos a affirmal-o, dirigiram bem pouco respeitosa-mente ao venerando Prelado uma Carta não só perfilhando, sustentando, as doutrinas do auctor da *Memoria* ainda que um pouco contradictamente, como tambem demittindo-se cumulativamente de professores do Seminario diocesano. O sr. Bispo Conde manteve a censura que fizera á *Memoria* do sr. dr. Damasio e acceitou a demissão que lhe pediam os lentes de theologia. Mas fel-o com os primores de cortezia que são um dos mais bellos apanhios da sua nobilissima alma, com a convicção que lhe dictavam os seus direitos offendidos. Mas declarando nobremente que se não havia referido á Faculdade de Theologia como corporação universitaria, « cujos direitos, escreve s. ex.^a rev.^{ma}, não pretendemos violar nem agora nem nunca, e em cujo governo e administração, vida, desenvolvimento, economia e methodos de ensino não queremos nem nos compete o intrometter-nos, mas como entidade de que dimana doutrina publicada em um documento official, revestido de tanta auctoridade, doutrina que nos parecera, e parece ainda, pelo menos altamente offensiva do poder episcopal, e que nós temos o direito incontestavel de notar ou condemnar, sem termos necessidade de nos dirigirmos primeiro ao Estado para este fim, como V. Ex.^{as} tão clara e tão pronun- ciadamente pretendem. »

Depois d'estas explicações, os lentes de theologia deviam dar-se por satisfeitos e procurar reparar a offensa feita ao seu Bispo, acatando os seus ensinamentos ou aguardando que um poder superior — a Santa Sé — derimisse o pleito. Mas nada d'isto fize-

ram, antes pelo contrario procuraram promover um conflicto entre s. ex.^a rev.^{ma} e o governo, desacatando com varios escriptos, e alguns bem indignos, a auctoridade episcopal, que deviam ser os primeiros a reverenciar.

N'este meio tempo a Santa Sé julgou dever intervir na questão tomando conhecimento da *Memoria*, cuja doutrina afinal foi condemnada, sendo aquella mandada inserir no Indice por decreto da Sagrada Congregação do Santo Officio de 1 de setembro de 1886.

Nova e apropriada occasião tinham agora os lentes da Faculdade de Theologia para darem por terminada a divergencia com o seu Bispo, pois obedecendo ás decisões da Santa Sé conformavam-se com as doutrinas por elle expostas dando assim um salutar exemplo de padres e de catholicos. Nada d'isso succedeu, porém. A desobediencia e a rebellião continuou agora e d'uma forma mais condemnavel ainda. Os lentes da Faculdade de Theologia, com excepção do auctor da *Memoria*, que acatou submisso o decreto da Santa Sé, dirigiram ao governo uma representação com data de 21 de março de 1887 sobre a dessidencia havida entre elles e o sr. Bispo Conde em que se queixam, aliás sem razão nem fundamento, de s. ex.^a rev.^{ma} O governo mandou então ouvir o sr. Bispo Conde que n'uma resposta energica, brilhantissima e inegalavel desfez um por um todos aquelles suppositos aggravos, conquistando assim novos louros na sua já gloriosa carreira de destemido e vivacissimo lidador como com immensa verdade e não menos eloquencia o definiu um grande orador sagrado, entre os maiores do nosso tempo, o conego Alves Mendes.

São d'aquelle notabilissimo documento estes periodos :

« Senhor. — Tive a honra de governar o bispado de Vizeu por 3 annos e em circumstancias muito difficeis, e tenho a de superintender no governo do de Coimbra ha vinte e oito annos—13 como Vigario Geral e Capitular, e 15 como Bispo, ainda que indigno,—e em tão longo espaço de tempo, e tratando com tantos parochos e clérigos, muito mais de mil, que ou estiveram ou estão ainda sujeitos á minha jurisdicção, nem um só levou ainda queixas e agravos de mim ou perante Vossa Magestade e qualquer representante do poder civil, ou perante o Summo Pontifice e quaesquer tribunaes ecclesiasticos. E depois dos trabalhos e continuas luctas d'esta minha já longa vida publica, á qual Deus Nosso Senhor concede o premio da paz e serenidade de consciencia, que é o galardão a que aspiro, mal podia eu esperar que fossem agora os lentes da Faculdade de Theologia, incluindo um jubilado, o unico natural d'este bispado, e todos excepção nos sentimentos do demais clero para commigo, os primeiros e os unicos de todos os meus diocesanos de Coimbra e de Vizeu, leigos e não leigos, que ou saram participar a Vossa Magestade factos por mim praticados, e com os quaes dizem que eu os aggravara.

Não é esta decerto a primeira vez que os ministros da Egreja se vêem arguidos pelos representantes mais qualificados da sciencia; e n'esta diocese de Coimbra, onde as difficuldades, os espinhos e os desgostos foram sempre tristissimo apanagio dos seus Prelados, não são infelizmente poucos na historia os exemplos de taes arguições. Mas os effeitos da justiça episcopal, que de ordinario e ostensivamente as explicam, não pôdem explicar nem justificar as que fazem contra mim os actuaes lentes de Theologia, porque, em vez de justiça, eu só tive sempre attentões, delicadezas e benevolencias para com elles, como todos aqui viam e sabiam, e como elles mesmos reconhecem e confessam em um documento publico e official por todos assignado.» ⁽¹⁾

Passados poucos annos, em 1896, o decano da faculdade de theologia o dr. Luiz Maria da Silva Ramos, n'um jantar dado pelo sr. Bispo Conde no Paço Episcopal, para celebrar, depois das festas reli-

(1) *Instituições Christãs*, VI anno, n.º 9, 5 de maio de 1878, 1.ª série, pag. 265.

gias, o anniversario da coroação do Santo Padre Leão XIII, proferiu na presença de um grande numero de lentes de todas as faculdades da Universidade, o seguinte brinde:

« Houve uma epocha em que muitos catholicos estavam convencidos de que o meio mais efficaz de estabelecer e consolidar nos Estados a soberania social de Jesus Christo era combater, sem transigencias nem contemplações, os poderes legitimamente constituidos. A Igreja não poderia exercer a sua acção civilisadora sem que, sobre os escombros de monarchias e republicas, se erguessem novas instituições politicas.

Essa epocha vae passando, felizmente. graças á politica, — chamêmos-lhe assim, — eminentemente conciliadora do grande Pontifice cuja coroação como Supremo Gerarcha da Igreja universal o mundo catholico hoje commemora. Conservando sempre a pureza e integridade da fé, que para lograr os seus triumphos necessita viver em paz com os Estados, como estes para serem felizes necessitam viver em paz com a Igreja. Leão XIII ordenou aos catholicos que se unissem dentro da legalidade existente, a fim de que, unidos n'uma só alma e n'um só coração, mostrassem praticamente que a fé catholica, se prepara almas para o céu, dá aos Estados cidadãos obedientes e prestantes.

Graças a esta politica salvadora, a Allemanha lutherana abre as portas do imperio ás Congregações religiosas que havia expulsado; a Inglaterra protestante olha para Roma, como o navio em mar tempestuoso para o pharol que ao longe brilha; o Oriente scismatico de dia para dia se aproxima do Occidente catholico; na França republicana, os catholicos já não são os inimigos formidaveis, e como taes perseguidos, da republica; na Hespanha, são officialmente recebidos os representantes das Ordens religiosas que, em seu nome e em nome dos seus subditos, vão apresentar a homenagem do seu respeito e obediencia á augusta e virtuosissima princeza que, em nome de seu filho, preside aos destinos da nação catholica por excellencia; em Portugal ressurge, cheio de vida, d'um a outro extremo do paiz, o movimento catholico, como prenuncio de dias venturosos para a Igreja e para o Estado, para a tiara pontificia e para a corôa brigantina, para a cruz, que é o symbolo augusto da

nossa crença, e para o pavilhão das quinas, que é o emblema immortal da nossa autonomia.

N'esta cruzada para o resurgimento catholico de Portugal avulta, magestosa e imponente, a figura sympathica do, por tantos titulos, Prelado illustre da Santa Egreja conimbricense. Nas suas pastoraes, nos seus discursos academicos e parlamentares, nas suas allocuções em congressos e romarias catholicas, a voz auctorisada do venerando Prelado de Coimbra ergue-se sempre, impavida, convicta, eloquente, proclamando a urgente necessidade de estabelecer e consolidar em Portugal a doutrina politico-religiosa de Leão XIII.

E, cousa notavel, com o resurgimento do paiz para a vida catholica coincide o resurgimento das nossas glorias militares nas plagas d'além mar. Portugal desperta para a vida da fé, e começa desde logo uma nova epopeia de victorias alcançadas pelos nossos valentes contra inimigos formidaveis da patria estremecida.

Despertando a fé e a vida catholica em Portugal, Leão XIII preparou para o nosso paiz uma epocha de prosperidade, porque não pôde morrer nunca, nem deixar de ser verdadeiramente feliz, uma nação que é verdadeiramente catholica.

Mas de nada serviria o zelo e a solícitude apostolica de Leão XIII para connosco, se em Portugal não houvesse quem repercutisse o eccô da sua palavra augusta e secundasse os extremos de amor do Pontifice para com o berço de S. João de Deus, de Santo Antonio e de tantos outros heroes.

Interpretando, pois, os sentimentos da Egreja e da Patria agradecida, brindo ao illustre Prelado de Coimbra, interprete fiel e denodado campeão da politica salvadora de Leão XIII. »

XIII

Viagem ad sacra limina. Honras e obsequios que lhe são dispensados em Roma. Testemunhos de louvor em cartas especiaes recebidas dos Papas. Brilhantissima recepção que tem na capital da sua diocese ao regressar de Roma. Como é desaggravado pela imprensa e pelos seus diocesanos das insinuações pouco correctas d'um nuncio.

Nos fins de novembro de 1885, n'uma eloquentissima carta que o sr. Bispo Conde dirigiu a Sua Santidade Leão XIII, sobre a admiravel Encyclica — *Immortale Dei* — annunciava s. ex.^a rev.^{ma} que no proximo anno iria á capital do Orbe Catholico depôr aos pés do grande Papa, com as homenagens do seu respeito e admiração os testemunhos da sua alma agradecida pelas benevolencias e benções especiaes que elle lhe havia concedido. Era antigo e ardente este desejo de s. ex.^a rev.^{ma}, pois que n'uma sua pastoral de 9 de maio de 1877 já dizia aos seus queridos diocesanos:

«Em tempos pouco remotos e de mais prosperidade para o Christianismo e de menos difficuldades para o Episcopado, não eram muito raras as visitas feitas pelos Prelados Portuguezes á Cidade Santa e ao sagrado tumulo de Pedro, para attrahirem sobre suas Dioceses as benções celestes, e receberem do Soberano Pontifice, Successor d'Aquelle, os conselhos e a força que os dirigissem e alentassem no desempenho do seu officio pastoral. Hoje mais do que então, e a nós mais do que a ninguem, são necessarias estas benções e estes conselhos para, através de tantas luctas e paixões que em nossos dias difficultam e amarguram sobremaneira o nosso santo ministerio, praticarmos e seguirmos só o que seja recto e justo, e mais conforme ao serviço de Deus e ao bem da Santa Egreja; para procurarmos sempre, não o interesse ou gloria de nossa pessoa, mas o interesse

e gloria da nossa Diocese; não o favor ou a benevolencia dos partidos, a que não pertencemos, mas o bem da religião e a salvação das almas, que é o objecto exclusivo de nossos cuidados e vigílias; e finalmente para no desempenho cabal da nossa missão divina combatermos a impiedade d'uns, a indiferença d'outros e as imprudencias de alguns com o zelo, firmeza, solicitude e caridade que devemos a todos. E Deus Nosso Senhor, que tanto tem abençoado os nossos trabalhos e fadigas na pastoreação do rebanho que nos confiou e que é mais d'elle do que nosso, ha de abençoar tambem, como cremos, a nossa projectada visita; e, em vista dos motivos que a inspiram, conceder-nos mais facilmente por meio d'ella os auxilios que precisamos para podermos supportar o pezo da cruz que pôz sobre os nossos debeis hombros.»

N'uma outra pastoral, de 23 de janeiro de 1886, communica-lhes jubilosamente que por todo o mez seguinte partiria a cumprir aquelle gratissimo dever, que as necessidades do seu trabalhosissimo apostolado tinham obrigado a addiar até então. E foi com effeito o venerando Prelado em fevereiro d'aquelle anno *ad sacra limina*. Chegado que foi a Roma teve aqui o merecidissimo acolhimento a que lhe davam indisputavel direito os seus altos merecimentos e enormissimos serviços. Tanto o Santo Padre como todo o Sacro Collegio e corpo diplomatico acreditado junto do Vaticano, tudo emfim que em Roma havia de grande e distincto, se esforçou por lhe prodigalisar attentões e obsequios. Pouquissimas vezes um bispo catholico terá tido alli acolhimento mais sympathico e penhorante do que aquelle que teve o snr. Bispo Conde. N'uma carta que um feliz acaso nos trouxe ás mãos, dirigida a um amigo nosso ha mezes fallecido ⁽¹⁾ e escripta em Roma a 9 de março de 1886, dizia s. ex.^a rev.^{ma} com a sua natural modestia:

(1) O conselheiro Manoel Firmino d'Almeida Maia.

«Tenho sido aqui muito bem recebido, não pela minha pessoa, mas por ser um Bispo Portuguez.

.....
 Tem-me consolado muito vêr a estima que a Santa Sé tem pelo nosso Portugal. Ainda hoje o Santo Padre, que me tem tratado com um carinho superior a tudo o que eu podia esperar, me fallou no grande prazer que tinha em vêr aqui um Bispo Portuguez.»

Sua Santidade Leão XIII além d'outras honras com que distinguio por esta occasião o sr. Bispo Conde, elevou-o á dignidade de Bispo assistente ao Solio Pontificio, grandissima honra que o Summo Pontifice concede sómente aos Prelados que elle tem em maior consideração e a quem quer mais distinguir. Do Breve que lh'a conferin transcreveremos estas linhas: «Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica. E' costume e pratica dos Pontifices Romanos condecorar e cumular de particulares beneficios os que principalmente se recommendam por sua fé e dedicação a esta Sé Apostolica Romana, isto é, á Cadeira de S. Pedro. Por isso aquella affectuosa dedicação que mostrais, Veneravel Irmão, para com a mesma Sé, já conhecida e provada, conjunctamente com as demais virtudes illustres e eximias que vos exornam de certo modo e nos impelle a Nós, que occupamos agora a mesma Cadeira, com merecimentos posto que inferiores, a considerar-vos como se presente estivesseis n'esta Nossa querida Roma, e a numerar-vos tambem entre Nossos Prelados Domesticos, e a conceder-vos, da melhor vontade, as honras dos Bispos assistentes ao Solio Pontificio.» (1)

Referindo-se ás provas de particular affecto que lhe havia dado Leão XIII, dizia, no regresso da sua

(1) *Instituições Christãs*, IV anno, n.º 9, 1.ª série, 5 de maio de 1886, pag. 287.

viagem e á sua chegada a Coimbra, o virtuosissimo Prelado:

« Guardaremos toda a vida em nosso coração, como um dos maiores lenitivos para as dôres e amarguras de nosso ministerio, como um dos maiores confortos para os espinhos e pezo d'esta cruz, e como uma das nossas maiores esperanças na guarda do nosso rebanho, as palavras paternaes e affectuosissimas com que tanto nos consolou e animou o Pae commum dos Fieis; e jámais esqueceremos a magnificencia com que logo depois da nossa chegada a Roma se dignou de honrar em nossa humilde pessoa o Episcopado Portuguez e o nosso paiz. » (1)

Antes havia tambem já o venerando Prelado recebido benções especiaes e repetidos testemunhos de benevolencia e louvor não só do Papa Leão XIII, como tambem do seu antecessor Pio IX. Este dirigindo-se-lhe em data de 4 de agosto de 1877, dizia-lhe:

« Folgamos sobremaneira, Veneravel Irmão, vendo que n'estas perseguições, que affligem a Egreja, tendes firme confiança em Deus, e não duvidamos que esta vos augmente o animo, para cumbater com perseverança o bom combate, e para incender o rebanho, que vos está confiado, a provar o valor christão e demonstrar fiel sujeição a Deus.

.....
Rogamos, pois do coração á Divina clemencia que vos cumule de prosperidades, e derrame profusamente as riquezas de sua bondade sobre vós, e sobre todo o rebanho confiado a vossos cuidados. E como penhor de todas as graças vos damos na caridade do Senhor a Benção Apostolica a vós, Veneravel Irmão, a todo o Clero, e os Fieis a que presidis. » (2)

(1) Breves palavras proferidas por s. ex.^a rev.^{ma} o sr. Bispo Conde antes do solemne Te-Deum celebrado na Sé Cathedral á sua chegada de Roma no dia 8 de abril de 1886. — *Instituições Christãs*, anno IV, 20 de abril de 1886, 1.^a série.

(2) *A extinção do Convento de Sá, etc.*, pag. 232.

Além d'estas, em outras occasiões dirigiu o Santissimo Padre Leão XIII cartas especiaes ao snr. Bispo Conde como foi em 22 de junho de 1878, em 29 de maio de 1880, em 27 de maio de 1882, em 8 de março de 1883, em 16 de junho de 1884 e em 28 de junho de 1893. Esta ultima foi em resposta a uma que lhe enviou s. ex.^a rev.^{ma}, communicando o resultado da Academia de S. Thomaz de Aquino realizada em 31 de maio d'esse anno, que *Le Moniteur de Rome* transcreveu e, a que pertencem estes periodos:

«Foram accommodados ás questões do dia, repletos de boa doutrina e eminentemente catholicos os discursos que n'ella se proferiram, e pela minha parte, Santissimo Padre, tenho a honra de juntar aqui as palavras humildes e modestissimas que proferi tambem. Se algumas desagradarem a Vossa Santidade, promptamente as corrigirei, porque todo o meu empenho, como n'ellas digo, é estar sempre unido com o meu clero á Santa Sé, e obedecer e ágradar em tudo a Vossa Santidade.

Nunca tive nem tenho outra politica; e, inteiramente estranho á de todos os partidos do meu paiz, dynasticos e anti-dynasticos, procuro combater sempre, com igual imparcialidade e prudencia, os males que elles fazem á Religião com as suas injustiças e excessos; e porque me parece de grande necessidade collocar esta acima de todas as questões partidarias e dynasticas, procuro tambem evitar pela minha parte que a rebaixem e amesquinhem, aquelles que, arvorando-a em bandeira politica, querem tornal-a exclusiva de um só partido, porque as consequencias de semelhante exclusivismo seriam os odios de todos os outros partidos contra ella, e a privação dos auxilios e cooperções de que não póde nem deve prescindir.

Procedendo assim, parece-me que interpreto bem as doutrinas e recommendações de Vossa Santidade; e sigo o caminho, não o mais commodo e mais facil para mim, mas o que a minha consciencia e a observação dos factos me indicam como mais seguro e proveitoso para promover o bem da minha Diocese e os verdadeiros interesses da Religião e da Igreja. E ainda me confirma n'esta persuasão o appoio cada vez maior que encontro nos poderes publicos, no clero e fieis d'esta Diocese de todas as gerarchias e classes so-

ciaes, e, além d'outros muitos factos, bem o prova o da ultima Academia de Santo Thomaz d'Aquino.»

Sua Santidade deu-se pressa em approvar e louvar o theor do procedimento do nobre Prelado no desempenho da sua missão episcopal, escrevendo n'aquella referida carta de 28 de junho de 1893:

«Tivemos, por este motivo, grande consolação, vendo não só os vossos cuidados, e os de vossos cooperadores, em promover a cultura das sciencias e letras conforme nossos desejos, mas o amor para comvosco de cidadãos de todas as ordens, que n'esta occasião manifestaram claramente que lhes era caro tudo que respeita ao proveito e honra da religião, da sciencia e da patria. Confessamos, por isso, para com o Vosso Seminario, e para com todos os que n'essa Academia exhibiram os fructos do seu engenho, e vos damos illimitados parabens pela grandeza de toda a solemnidade e esplendido exito que teve.

Folgamos, pois, que no vosso ministerio, como de vossa carta entendemos, os dirijaes fielmente ao bem da Igreja e da Religião, no que desejamos se confirme e erija tanto mais vosso empenho, quanto mais nobres e mais viçosos são os fructos, que vedes estão conjunctos, mercê de Deus, a este vosso theor de procedimento.

Rogamos, porém, de todo o coração, a Deus, auctor de todos os bens, conceda liberalmente a vós, ao vosso Clero e Seminario os augmentos de suas graças, e vos dê os amplos dons de sua benignidade, de que sois merecedor por vosso obsequio, reverencia, e amor para comnosco e esta Sé Apostolica. (1)

Foi luzidissima e ao mesmo tempo respeitosa e commovente a recepção que o sr. Bispo Conde teve na séde da sua diocese, ao regressar de Roma; parece que os conimbricenses aguardavam esta occasião para lhe darem mais uma prova vivissima, inolvidavel, do seu grande affecto e de quanto os haviam regosijado e penhorado os testemunhos de apreço e re-

(1) *A extinção do Convento de Sá, etc.*, pag. 235.

conhecimento que s. ex.^a rev.^{ma} havia recebido na cõrte pontificia, tomando-os como um desaggravo, que bem formal o foram, do modo inconveniente, assás condemnavel que com s. ex.^a rev.^{ma} tivera o seu representante em Lisboa o nuncio monsenhor Masella, procurando insinuar-se sobre o governo interno da diocese conimbricense.

Este facto deu-se em 1882, e d'elle se occupou toda a imprensa do paiz, sendo a maioria d'ella unanime em protestar contra o procedimento do nuncio, e em louvar a maneira nobre, levantada, correctissima, como o muito estimado e por todos venerado Prelado conimbricense, repelliu as insinuações que aquelle lhe fez. Parece-nos que foi *O Diário Popular* (1) quem primeiro protestou. N'um artigo muito energico em que mostra que o nuncio estava em completo desaccordo com as ideias altamente conciliadoras do Papa Leão XIII, e em opposição aberta com quasi todos os prelados portuguezes, escrevia aquelle jornal:

« Ao respeitavel Bispo Conde de Coimbra, um dos ornamentos do episcopado portuguez pelo merecimento e virtudes, teve o nuncio a inqualificavel audacia de escrever uma carta atrevida ácerca do governo da sua diocese, carta que, de passagem se diga, recebeu resposta condigna dos altos dotes d'aquelle prelado. Emquanto o illustre bispo conimbricense affronta mau tempo e pessimos caminhos para visitar assiduamente a sua extensa diocese e prover ao bom governo d'ella, recebendo por isso moderada congrua, o nuncio Masella, que á nossa custa enriquece e de nós recebe annualmente dezenas de contos de réis, offende-o e injuria-o, estabelecendo no seu commodo palacio o centro e o foco mais activo de conspirações jesuiticas.»

Transcrevendo isto, escrevia no seu *Conimbrici-*

(1) *Diário Popular*, n.º 5:653, de 13 de novembro de 1882.

cense o independente e respeitavel jornalista sr. Joaquim Martins de Carvalho:

«Com effeito, segundo as informações fidedignas que temos, o nuncio, monsenhor Masella, pretendeu dar regras ao dignissimo bispo de Coimbra em assumptos das suas attribuições. S. ex.^a, porém, com a hombridade propria do seu nobre caracter soube responder ao nuncio de fórma que havia de tirar a vontade ao chefe do jesuitismo n'este paiz de tornar a ter equal atrevimento.

De nada vale ser o sr. Bispo Conde um dos prelados mais benemeritos que tem tido esta diocese; falta-lhe para o nuncio e para os homens da sua escola uma qualidade essencial — é não se prestar a que a educação da mocidade e as egrejas parochiaes estejam exclusivamente á mercê dos jesuitas.

E' o snr. Bispo Conde zelosissimo na administração da diocese, e estrenuo propugnador da religião catholica; mas não consente que se transforme a religião em seita, e por isso caiu no desagrado do sr. Masella e de todos os reaccionarios.»

Sobre o mesmo assumpto escreveu o brilhante escriptor Pinheiro Chagas, com a sua costumada elegancia, no *Correio da Manhã*:

«O ultimo artigo da *Nação*, que foi reproduzido por alguns jornaes, é realmente extraordinario! O que! Então os unicos prelados que são segundo o espirito de Deus são os prelados de Angra, do Funchal e de Goa, e o sr. bispo de Coimbra, um dos prelados que mais honram o clero portuguez, o sr. bispo de Coimbra, que, alheio completamente a todas e quaesquer suggestões da politica, retirado no seu velho palacio, onde se abrigam todas as virtudes christãs e todas as nobres preoccupações de um elevado espirito, cuida unicamente do governo da sua diocese, da moralisação do seu clero, do bem estar das suas ovelhas, da educação e da instrucção dos seus jovens seminaristas, educados n'este collegio a que tem consagrado toda a sua attenção, todo o seu disvelo, todo o seu amor, e que é o mais perfeito, o mais completo dos estabelecimentos d'esse genero em Portugal; o sr. bispo de Coimbra, diante de quem se curvam com respeito catholicos e livres pensadores, aquelles porque vêem

n'elle o digno herdeiro d'esses prelados portuguezes dos fins do seculo passado. Cenaculo, Brandão, Francisco de Lemos, que hão de ser a honra eterna do clero portuguez e da egreja catholica, estes porque admiram n'elle o homem que sabe fazer da religião de que é ministro um instrumento do progresso e não um instrumento de reacção; o sr. bispo de Coimbra, cuja palavra se fez ouvir ainda ha poucos mezes com tanta uncção e tanta eloquencia n'uma d'essas festas do progresso, em que appareceu, para abençoar, como Jesus abençoaria, a machina que, supprimindo as distancias e aproximando os povos, é um dos elementos mais poderosos da fraternidade humana, que é o primeiro e mais sublime dogma do christianismo; o sr. bispo de Coimbra que, visitando a sua diocese, vae levar ás mais apartadas freguezias, ás que demoram nas regiões asperrias da serra da Estrella, a consolação da sua presença e o balsamo da sua palavra; o sr. bispo de Coimbra, que, lembrando-se do santo papel que representou na peste de Marselha o arcebispo de Belzunce, envidou todos os seus esforços para arredar do seu bispado essa praga dos arrozaes, causa permanente das devastadoras epidemias que lhe dizimavam o rebanho confiado ao seu cuidado e ao seu zelo, esse que é a caridade, esse que é a illustração, esse que é o progresso, esse que é o zelo christão, esse que é a tolerancia, esse que é a expressão mais sublime do prelado como elle deve ser nas nossas épocas revoltas, esse que é o verdadeiro successor dos apostolos, esse não é um prelado segundo o espirito de Deus, a saber de um Deus que existe no oratorio do sr. Masella e no oratorio da *Nação*, um Deus pequenino e vingativo e odiento e intriguista, que os redactores da *Nação* e o reverendissimo nuncio fariam á sua imagem e semelhança se o não tivessem já encontrado prompto e fabricado pelos jesuitas e pelos inquisidores.»

XIV

Inauguração do caminho de ferro da Beira Alta. Trechos do discurso que pronunciou n'essa occasião na Figueira da Foz.

São sempre motivo de grande jubilo para o venerando Prelado qualquer commettimento que represente um melhoramento importante, quer para gloria de Deus quer para commodidade dos povos. O seu applauso e a sua benção nunca se fez esperar em taes casos. Ha annos, em junho de 1882, vinha da capital o illustrado e bondoso rei D. Luiz a fim de inaugurar a nova via ferrea que ia pôr em communicação immediata o formosissimo porto da Figueira com o coração da Beira. Uma festa do progresso era ella, mas festa da religião se tornou tambem pela pompa e esplendor de que a revestiu com a sua presença, e com a d'uma grande parte do clero do seu bispado, o sr. Bispo Conde, indo, como foi, lançar a benção ás novas locomotivas, e erguendo alli a sua voz auctorisadissima, de verdadeiro Apostolo, para mostrar que todas as maravilhas da civilisação provêm do grande poder de Deus e que esta não é em nada incompativel com a sua Igreja. Foi imponente, solemnisissima a cerimonia, commoveu a muitos e enthusiasinou a todos. Um dos que mais se impressionaram foi o monarcha, que, ao vêr o bondosissimo Prelado «ricamente paramentado, empunhando o seu baculo pastoral, erecto, augusto, magestoso na sua herculea estructura, disse que a sua phantasia sonhava ao vêr o um bispo da Idade-Media» (1). Da allocução

(1) Assim o affirma o sr. Thomaz Ribeiro quando n'um dos n.ºs da *Malta da Europa*, n.º 64 de 30 de novembro do anno passado, esboçava a biographia do sr. Bispo Conde.

de s. ex.^a rev.^{ma}, pronunciada então, bastam estes períodos para confirmar o que levamos dito:

«E ninguém se admire nem estranhe que nós, o enviado de Jesus Christo e o Ungido do Senhor para cuidar da salvação das almas para o seu santo reino, que não é o d'este mundo, nos deixemos possuir e dominar de tanto fervor e entusiasmo perante estas conquistas e esplendores materiaes da nossa civilisação; pois, segundo diz Santo Agostinho, as Nações Christãs, que vivem á sombra da fé e debaixo da bandeira de Jesus Christo, devem fazer o ornamento d'este mundo pela felicidade da vida presente em ordem ás glórias da eternidade: e por isso, quando o homem devassa os mares e rasga os continentes, quando communica os povos e as Nações, umas com as outras, com a velocidade do raio, quando domina e vence os elementos, e quando rouba á natureza os seus thesouros e o seu poder para cercar a sua existencia de esplendor, de encanto e de belleza, usa d'um direito legitimo e divino, d'um direito que Deus abençoa e que a Religião por meio dos seus Ministros santifica; porque a Religião quer, approva e applaude todo o progresso para o bem; só reprova e condemna o progresso para o mal.» (1)

(1) Allocução proferida pelo Bispo de Coimbra na benção das locomotivas do caminho de ferro da Beira Alta, no dia 4 de agosto de 1882. Coimbra, 1882, pag. 3.

XV.

Concorre para a edificação e restauração de muitos templos do seu bispado. Inauguração das egrejas de Táboa e da Louzã. Como premeia os que mais trabalharam para aquelles melhoramentos. Emprehe a restauração da Sé Velha. Cita-se uma passagem de Herculano. Maneira acertadissima como se effectua aquella restauração. Uma carta da Rainha a proposito d'ella.

Mas deixemos as glorias do progresso para fallarmos das glorias de Deus. Acolá era uma nova arteria que se proporcionava á commodidade dos povos, aqui é um novo templo que se abre á adoração dos fieis, e com a mesma solicitude, com o maior enthusiasmo e não menor pompa e magnificencia, posto que á solemnidade não assistam os monarchas da terra, o sr. Bispo Conde reveste-se da mesma magestade que lhe dão as suas muitissimas virtudes e a alta gerarchia que occupa na egreja catholica, abençoa tambem e falla aos fieis que, gratos, enternecidos até ás lagrimas, o escutam reverentes com um enthusiasmo sem igual. E este facto não se dá uma vez só, repete-se muitas e muitas, pois são innumeras as egrejas que o venerando Prelado tem feito erigir e restaurar, das quaes bem poucas tem deixado de inaugurar, o que constitue um dos maiores lenitivos da sua por vezes atribulada vida episcopal. — « Bemdito seja o Senhor, Amados filhos em Jesus Christo, porque, no meio de tantos espinhos e amarguras, que são n'estes tempos o apanagio da cruz que nos pôz aos hombros, concede-nos de quando em quando algumas consolações que levantam o nosso animo abatido, que avivam e alentam a nossa esperanza, e que nos innundam o coração de santas alegrias », dizia s. ex.^a rev.^{ma} ao começar a sua brilhantissima

allocução, pronunciada na inauguração da nova igreja de Taboa em 17 de maio de 1891.

«Uma igreja que se restaura, dizia s. ex.^a rev.^{ma} em outra ocasião, e que se restitue ao culto publico é sempre um passo que se dá no caminho do bem, um triumpho para a Religião e para a fê, um motivo de jubilos e consolações para as almas, e uma divida que se abre de benções e louvores, de respeitos e agradecimentos a quem pratica uma obra de tanta devoção e piedade.» (1)

O respeitabilissimo Prelado por ocasião de abençoar o caminho de ferro da Beira, dirigindo-se a el-rei, dissera: « Saudamos e felicitamos os Ministros de Vossa Magestade e os seus Antecessores; porque a festa que hoje celebramos é a consagração solemne dos talentos, do patriotismo e das virtudes civicas de todos, e o começo da justiça feita pelos povos e pela historia á perseverança e abnegação com que uns e outros, e tanto d'este partido como d'aquelle, se sacrificam ás invejas, ás calumnias, ás paixões politicas e aos desgostos para pugnarem, atravez de tudo, pelos interesses do Paiz, pelo bem do Estado e pela honra e decoro da Corôa Portugueza.»

Ao inaugurar a nova igreja de Taboa e ao communicar n'esse acto solemnissimo ao parocho da mesma freguezia e ao da de Midões, que Sua Magestade El-Rei os louvava pelo muito que haviam concorrido para a edificação d'aquelle templo, disse-lhes:

« Merecidos são, pois, os louvores que ambos recebem de Sua Magestade, e os que nós publicamente aqui vimos

(1) Breve allocução proferida pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo de Coimbra na benção solemne da igreja do extincto convento do Carmo em Collares, restaurada e aberta ao culto publico no dia 27 de julho de 1890, pelo novo possuidor do mesmo extincto convento o ex.^{mo} sr. José Dias Ferreira, deputado ás côrtes e ministro e secretario d'estado honorario. — *Instituições Christãs*, VIII anno, n.º 4, 1.ª série.

dar-lhes também pela nossa parte; e crêde, Amados Irmãos e cooperadores nossos, que é grande a consolação e contentamento que temos por praticarmos para convosco este acto de justiça, louvando e exaltando os vossos serviços, deante d'estes vossos antigos e actuaes parochianos, e na presença de todas estas illustres auctoridades e respeitaveis cavalheiros vossos amigos, que todos se congratulam convosco por este motivo, segundo vemos nos seus rostos.

Não se contenta, porém, só com isto o nosso coração agradecido e dedicado. Subi a este solio, vinde receber as honras de Conegos da Sé de Coimbra, que Sua Magestade a nosso pedido Se Dignou de vos conceder; vinde receber esta murça que vos queremos pôr aos hombros por nossas proprias mãos. Não recebeis com ella nem rendas nem proventos alguns, mas recebeis o que mais pôde lisongear um Parocho que se estime e se preze—o distinctivo do senado do seu Bispo, e da primeira corporação ecclesiastica do seu Bispado, corporação que em todos os tempos tem honrado as suas murças, e que hoje as está honrando sobre modo com o seu saber, com as suas virtudes, com a cooperação que nos presta, e com os serviços relevantes no magisterio, na imprensa e no pulpito. Confiamos, pois, que ellas, postas aos vossos hombros, não serão deslustradas, e que pelo contrario sabereis sempre zelar-lhes os creditos e o decoro.» ⁽¹⁾

E' assim que o sr. Bispo Conde premeia os que desinteressadamente, louvavelmente, trabalham pelo engrandecimento da religião e da patria.

Por occasião de inaugurar a nova igreja parochial de Louzã, em 7 de janeiro de 1883, pronunciou s. ex.^a rev.^{ma} um notabilissimo discurso a que pertencem estes trechos:

«E ao tomarmos estas vestes sagradas para o santo sacrificio, que em acção de graças vamos aqui celebrar de Pontifical e offerecer a Deus por vós todos, irrompem-nos

(1) *Allocução proferida pelo Bispo de Coimbra na inauguração da nova igreja de Taboã em 17 de maio de 1891. — Coimbra, 1891, pag. 13.*

espontaneas e ferventes do coração para os labios estas unic-
cas palavras — Bemdito seja o Senhor—Nem temos outras
que mais justamente exprimam os sentimentos que desperta
em nossa alma a solemnidade que celebramos; este templo
tão magestoso, tão elegante, tão harmonico e tão bello, gra-
ças ao seu intelligentissimo architecto; esta illustre e bene-
merita commissão, que sem sossobrar o emprehendeu, di-
rigiu e acabou; este concurso extraordinario de fieis que se
estão revendo n'elle, e misturando os seus regosijos e ale-
grias com as alegrias e regosijos do seu Pastor; estes nos-
sos respeitaveis e estimadissimos Conegos, Arcediagos, Pa-
rochos e Clerigos que nos rodeiam, e que se apressaram a
vir de toda a parte para nos captivarem mais ainda com a
sua dedicação para conosco, e para celebrarem com o seu
Prelado e com o R. Prior d'esta villa e seus parochianos o
maior triumpho religioso d'estas terras nos tempos moder-
nos; e finalmente estas dignissimas auctoridades judiciaes,
municipaes e administrativas, e estes respeitaveis cavalhei-
ros, que se dignaram de vir tambem tomar parte n'elle, e
honrar-nos o solio com a sua presença, imitando assim os
nossos maiores que, n'esses tempos dourados e felizes para
a Religião e para a Patria, faziam consistir sempre no res-
peito pela Igreja e pelos seus ministros o grande apanagio
da sua nobreza e os titulos mais valiosos da sua considera-
ção e estima publica.

Por tudo outra vez diremos — Bemdito seja o Senhor—
e sobejas razões temos nós para isso.

Quando no dia dez de novembro de 1872 davamos co-
meço n'esta villa á visitação das egrejas no nosso bispado,
para cumprirmos o que dispõem os sagrados canones, as
leis e disciplina da Santa Igreja Catholica, foram grandes
os nossos sustos e preocupações.

Vinhamos, sem meritos e sem recursos alguns, desem-
penhar no meio de vós os deveres d'esta Dignidade sublime
de vosso Pastor e Pae espirital, e que os nossos veneran-
dos Antecessores sublimaram ainda mais com os fulgores
do seu genio, com o brilho das suas virtudes e com a opu-
lencia das suas temporalidades: vinhamos sentar-nos aqui
na cadeira episcopal da mesma Igreja de Coimbra, sem po-
dermos sustentar-lhe a nobreza dos seus titulos honorificos
nem o lustre das suas tradições gloriosas: e comparavamos
além d'isso os tempos mais faceis e felizes d'então com es-
tes d'hoje, tão custosos e tão cheios d'amarguras para a
Igreja e seus ministros. E a estes sustos e preocupações

veio juntar-se ainda o desanimo que se apoderou de nós, quando vimos que a primeira Egreja que visitavamos, a Egreja d'uma villa tão importante, era, pelo estado em que se achava, uma vergonha para a Religião, um desgosto para o Prelado e um descredito para a própria terra.

Occorreu-nos logo o pedirmos a construcção d'uma nova; mas, n'estes tempos, quem faria caso dos pedidos d'um Bispo que vinha então, e ainda vem hoje ao meio dos seus filhos, sem talentos, sem virtudes, sem riquezas, sem o dom da palavra, e sem valimentos e influencias politicas, com que hoje se captivam e conquistam os favores e benevolencia dos povos? Era completo o nosso esmorecimento.

Acudiu-nos, porém, á lembrança, que subiamos a esta alta Dignidade, não por ambições ou vaidades humanas, ou por caminhos e meios menos rectos e puros que manchassem a pureza e alvura da nossa mitra, ou que enfraquecessem o poder de que é symbolo este bago de Pastor que empunhamos; mas por vocação legitima do Senhor, que na humildade da nossa pessoa quiz confundir as sabedorias e valimentos do mundo. E dizia-nos a nossa fé que, sendo Elle que assim nos chamava, nos havia de assistir com o seu auxilio, vista principalmente a resolução e firmeza do nosso animo de sermos fieis ao seu chamamento, e de renunciarmos a todos os gosos e liberdades da terra, e a todos os respeitos e considerações humanas, para procurarmos em tudo sómente a verdade, a justiça, o bem da Religião e a salvação das almas. E Deus Nosso Senhor, que nunca abandona, nem deixa que seja confundido, quem n'elle põe as suas esperanças, como nós punhamos as nossas—*Domine in te speravi, non confundar in æternum*—estendeu-nos o seu braço omnipotente, consolou o nosso zelo e premiou a nossa fé.»

Creemos que será hoje muito rara a parochia da grande diocese conimbricense onde não haja qualquer melhoramento a attestar o inimitavel zelo e a generosidade sem limites de tão venerando Pastor, como é o sr. Bispo Conde, e seria interessantissimo, e é necessario mesmo, que se fizesse o inventario d'essa grande obra, tão grande que não podemos nem sabemos sequer delinear-lhe nem a extensão nem o valor. Mas para não citarmos factos isolados, apontando um

ou outro d'aquelles monumentos do disvelo e piedade pastoral erguidos aqui e alli, e alguns em sitios bem ermos e quasi que esquecidos de todos menos do inclyto Prelado, faremos apenas menção d'um que a bem dizer vale por todos: — a restauração da Sé Velha.

Foi em dezembro de 1892 que o sr. Bispo Conde, dignissimo successor e preclaro continuador d'um dos mais benemeritos e magnificentes cooperadores d'aquella formosissima fabrica, o bispo D. Jorge d'Almeida, emprehendeu o arrojadissimo commettimento não só de arrancar a uma ruina total e proxima o precioso e mais completo monumento *românico* existente no paiz, como tambem o de o expurgar de uma infinidade de modernos aleijões que lhe conspurcavam enormemente a primitiva estrutura, deturpando-o.

Havendo encontrado um valiosissimo auxiliar no sr. Antonio Augusto Gonçalves, um bello talento eufudado n'uma poderosa organização de artista e cheio de boa vontade, dirigiu a Sua Magestade El-Rei uma representação que já de si é um monumento, pedindo um subsidio de 150\$000 réis por anno, que junto a outro de igual quantia que elle daria da subvenção que da Bulla da Cruzada recebe para as egrejas pobres do bispado, formaria a dotação para o custeio das obras mais necessarias e urgentes a fazer para restaurar e conservar aquella preciosa reliquia artistica. « Já que infelizmente, — dizia s. ex.^a rev.^{ma} n'aquelle documento, — esta cidade commetteu em tempos passados o grande crime de destruir a Igreja de S. Christovam coeva d'aquelle templo (seculo xii) para a converter em um theatro, evite-se por todos os modos que ella commetta o crime ainda muito maior de deixar perder a da Sé Velha; e como empenhados que devemos ser todos em conservar a todo o custo as nossas glorias artisticas, no que vae o brio

e o decoro da nossa querida patria, evitemos tambem que os estrangeiros que visitam a Sé Velha de Coimbra juntem, como agora fazem, á sua admiração pela arte que taes coisas fez, a sua admiração pelo desleixo e incomprehensivel indifferença que taes coisas deixa perder.» ⁽¹⁾

O governo deferiu ao pedido e para dirigir as obras de restauração e conservação do magnifico templo nomeou, em portaria do Ministerio das Obras Publicas de 16 de janeiro de 1893, uma commissão composta dos srs. Bispo Conde, Director das Obras Publicas e Director da Escola Industrial Brotero. A superintendencia artistica, porém, quasi que recahiú exclusivamente sobre o primeiro e o ultimo. Ao sr. Bispo Conde e a Antonio Augusto Gonçalves se deve a maravilhosa restauração da velha cathedral, restauração feita «com uma segurança de criterio, de que não ha exemplo em obra alguma do mesmo genero modernamente consummada pelas officinas officiaes», como justissimamente o affirma o sr. Ramalho Ortigão com a sua enorme auctoridade de critico d'arte que todos lhe reconhecem. ⁽²⁾

A' Sé Velha podiam ha meia duzia d'annos adaptar-se sem exaggeros, sem contradicções, indissolivelmente estas palavras sensatissimas, profundamente verdadeiras de Herculano ao photographar a arte em Portugal no seculo xviii: «... em mosteiros, em egrejas, em cathedraes, teriamos inestimaveis monumentos, se n'esta terra, desamparada de Deus e da arte, tivesse havido um vislumbre de gosto puro. Porém os bispos sabiam theologia e direito canonico: os conegos, alguns sabiam latim: os frades eram eruditos, e homens de letras: mas nem os bispos, nem

⁽¹⁾ *Bispado de Coimbra — Os mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha* — Coimbra, 1893, pag. 45.

⁽²⁾ *O culto da arte em Portugal* — Lisboa, 1896, pag. 170.

os conegos, nem os frades curavam, ou entendiam d'architectura. Entregavam tudo aos architectos, e os architectos tudo estragavam. A pedra calcarea chegava a custo para se converter em cal: os batefolhas não tinham mãos a medir; columnas, capiteis, abobodas, torres, portaes, arcarias, claustros, tudo foi caiado, dourado, enfeitado, estragado. Procuraes nas nossas sés uma d'essas columnas rendadas, cobertas de imagens, de bestiães, de lavores, onde os olhos do antiquario liam a historia dos costumes, do trajo, das crenças que vogavam n'aquellas eras; onde muitas vezes estavam esculpidos longos dramas populares, retratos de homens illustres, e até romances e imaginações de poetas: onde o esculptor copiava a sua vida intima; procuraes essas columnas e não achareis uma só! Passou por lá o picão do reformador, a colher do estucador. As columnas estão reboçadas, alvas e polidas.» ⁽¹⁾

A Sé Velha restaurada ha um ou dois seculos offerecia ainda ha pouco um aspecto semelhante ao descripto pelo grande historiador. Hoje porém, de repente, como por encanto tudo mudou completamente, desenterraram-se lapides sepulchraes, reviveram-se as antigas decorações das paredes, voltaram à primitiva fôrma os mutilados capiteis, pozeram-se a descoberto varios tumulos, desapareceu a cal branca, que sujava, deturpava tudo, lavaram-se as abobadas, arrancaram-se os azulejos que adornavam as columnas e completaram-se estas ⁽²⁾; fez-se desaparecer emfim o côro e a pesada talha dos seculos xvii e xviii que pejava o altar-mór e como que estrangulando o esbelto e formosissimo retabulo, amethysta

⁽¹⁾ O *Panorama de 1837* — pag. 268.

⁽²⁾ Aqui o apuro da restauração não se havia limitado a caiar e enfeitar, a azulejar, foi mais além: as columnas e os capiteis em especial foram brutalmente mutilados.

digna do annel do magnanimo prelado ⁽¹⁾ que o mandou fabricar. Por isso razão tinha um jornalista illustre quando dizia: — «Parece-me ainda sonho a restauração da antiga egreja, que recomeçou e que de abatida se levanta hoje com orgulho, chamando o espirito para cima, para o alto, onde ha alguma cousa de consolador e de bom: e a vermos apparecer os tumulos, ha tanto tempo esquecidos, dos antigos e heroicos bispos de Coimbra, parece-nos que elles vêm, evocados pelo Bem, apoiar e applaudir a obra do seu successor.» ⁽²⁾

E isto fez-se; operou-se o milagre, porque felizmente para a arte e para todos nós ha em Portugal ao finalisar o seculo XIX um Bispo, que aos mais vastos conhecimentos de direito canonico e de theologia, allia, além de todos os meritos e virtudes d'um grande Prelado, a mais elevada comprehensão do bello ao serviço do ideal catholico; — um Bispo de que um sacerdote muito illustrado ⁽³⁾, delineando o perfil, nos deu este vigorosissimo traço:

«Habil e dextro, malleavel e tenaz, tendo a intuição subita das cousas e a fina experiencia dos homens. na consciencia segura de si proprio e na penetrante observação da sua epocha, luctador formidavel propugnando valentemente as verdades antigas e conciliando-as com as aspirações modernas, sempre calmo e sempre equilibrado, possuido d'um tino singular e d'um aprumo gentilissimo, o Bispo de Coimbra, é o ideal dos Bispos n'estes revoltos tempos que a religião atravessa, é um prodigio de actividade e de bom senso — um dos maiores homens de governo que tem tido a Egreja portugueza n'este seculo.»

Têem sido geraes e unanimes os applausos e emboras dados pela imprensa, artistas, criticos d'arte,

⁽¹⁾ D. Jorge d'Almeida,

⁽²⁾ *Gazeta Nacional* n.º 162 de 28 de junho de 1893.

⁽³⁾ O Conego dr. Alves Mendes.

escriptores, por todos emfim que reverenceiam as glorias da patria, ao sr. Bispo Conde pelo muito que tem contribuido e pelo bem que tem encaminhado a restauração da Sé Velha. Poderíamos reunir aqui larga copia de taes testemunhos, mas dois dirão por todos, e são elles uma carta que sobre o assumpto escreveu a s. ex.^a rev.^{ma} Sua Magestade a Rainha D. Amelia e o final d'um artigo d'um jornal de Coimbra que mais de perto e com mais conhecimento de causa, e não menor enthusiasmo acompanhou aquella obra.

Disse o jornal:

«Ha um brilho de gloria em toda a egreja, e sente-se o espirito deliciosamente embalado pela musica que se levanta toda em notas metalicas e doces da faina dos canteiros, e parece vêr-se a animar tudo e todos a figura sympathica do sr. Bispo Conde, bom Prelado, bem digno d'este quadro, de tempos idos, em que a Arte se levanta em culto a Deus.» ⁽¹⁾

Escreveu a Rainha:

«Lisboa, 14 d'Abril de 93.—Reverendissimo Bispo Conde.—Se o tempo não me tivesse faltado estes ultimos dias, já lhe teria dito quanto lhe fiquei grata pela sua ultima carta. Lembrou-se da emoção que me causou a Sé Velha de Coimbra, este monumento admiravel, testemunho ainda vivo das nossas primeiras glorias, da lucta contra os Arabes; lembrou-se de que, n'esta minha visita, infelizmente tão rapida, eu lhe disse que tinha tido uma das impressões mais fortes e profundas da minha vida deante d'aquelle passado heroico, perpetuado n'um enlevo religioso de reconhecimento, na linguagem sublime d'aquellas abobadas de pedra, das columnas esculpidas, dos azulejos maravilhosos, das obras de talha emfim, que fazem d'aquelle Templo um dos Monumentos mais bellos e mais completos da nossa Arte Nacional.

Lembrou-se tambem o Bispo Conde da satisfação e do

(1) *Gazeta Nacional* de 25 de março de 1893.

interesse que me causou a noticia de se ter principiado uma obra de restauração ou, para melhor dizer, de reparação dos vandalismos commettidos por aquelles que, com cal, esconderam os capiteis cinzelados das columnas, que arrancaram os azulejos para pendurarem alguns pannos, etc., etc.

Pela sua carta vejo que os recursos de que dispõem são diminutissimos; se eu podesse, pedia ao Bispo Conde que me deixasse offerecer-lhe, e pôr á sua disposição tudo o que é necessario para levar a cabo uma obra que interessa todo o Portugal e todo aquelle que é capaz d'apreciar o que é bello.

Infelizmente não posso, e é este o humilde e pequeno obulo que deponho nas mãos d'Aquelle que, como os Antepassados, ao Culto do seu Deus sabe unir a admiração e o respeito pela Arte na sua mais bella expressão.

Peço-lhe tambem que acceite os meus agradecimentos pela gentil offerta que fez ao Príncipe, e mais uma vez, Reverendissimo Bispo Conde, lhe peço que me creia sempre, com o maior respeito, Sua muito afeiçoada, *Amelia.*»

bibliA

XVI

As grandes solemnidades da Sé. Funda o Thesouro da Sé. Difficuldades que é mister vencer. Um facto de ha dois dias a demonstral-o. O que é a collecção d'arte religiosa do Muzeu Nacional e como se encontram as das outras cathedraes do paiz, Descrevem-se os objectos mais preciosos e notaveis expostos no Thesouro da Sé de Coimbra. Brado d'alma em prol da conservação do côro de Lorrão.

Pelos grandes disvelos que o sr. Bispo Conde tem empregado na restauração da Sé Velha se pôde avaliar quanto s. ex.^a rev.^{ma} se interessa pela boa ordem e irreprehensivel asseio em que se encontra a cathedral conimbricense. São muito importantes as reformas introduzidas alli pelo venerando Prelado, como foram a illuminação a gaz e a substituição do antigo pavimento de calçada e a dos pesados suppe-

daneos de madeira que, desformando enormemente os socos das cantarias, amesquinhavam em parte a grandeza do templo, e a aquisição do precioso ornamento de damasco branco e oiro, mandado vir expressamente de França e que só serve nas grandes solemnidades religiosas, que são um dos maiores melhoramentos, o maior de todos talvez, dos introduzidos na sua Sé por s. ex.^a rev.^{ma} Não se celebram outras em Portugal com mais pompa e magnificencia, e os que têm presenciado as festas na capella sixtina e em S. Pedro, em Roma, não põem em duvida o assemelhar-lhes no seu tanto as da Sé Cathedral de Coimbra. E é deveras imponente, brilhantissimo, o aspecto que offerece a grandiosa capella-mór d'este templo, quando convertida n'um oceano de flôres, fartamente illuminada, com as suas extensas bancadas cheias de ecclesiasticos e de ordinandos, no faldistorio acompanhado pelo cabido, e revestido com as suas vestes pontificaes, presidindo a tudo, o exemplarissimo Prelado em cujo semblante parecem reflectir-se radiosamente todos os tons e bellezas d'aquelle precioso quadro, como succede nas grandes solemnidades do Natal e da Semana Santa.

Mas a tantos e tamanhos beneficios ha ainda a juntar mais um, cujo assumpto só por si dava materia para um livro. Referimo-nos ao Thesouro da Sé, que, segundo a opinião auctorizada, sensatissima, do sr. Ramalho Ortigão, é o mais completo e mais interessante museu de ourivesaria sagrada que existe em Portugal. ⁽¹⁾

Foi a exposição d'arte ornamental realisada em Lisboa em 1881, e em que a Sé de Coimbra se fez representar brilhantissimamente, que suggeriu ao sr. Bispo Conde a ideia de reunir n'um só ponto e de

(1) *O culto da arte em Portugal* — Lisboa, 1896, pag. 169.

fôrma a poderem ser facilmente admirados e apreciados os muitos objectos de valor que até ahí estiveram occultos ás vistas de todos, e como que ignorada a sua existencia de seculos. S. ex.^a rev.^{ma} communicou o seu pensamento ao dr. Filippe Simões, que o applaudiu como apaixonado cultor da arte que era e admirador entusiasta de tudo que dizia respeito a Coimbra, seu berço querido. Foi elle que por ordem do sr. Bispo Conde encommendou para Paris as primeiras *vitruines*, não chegando, porém, a ver iniciada a luxuosa installação do esplendido Thesouro.

Não foi sem difficuldades, porque estas suggerem sempre que se trata de realisar qualquer melhoramento grandioso e util, que o nobilissimo Prelado conseguiu preparar convenientemente dois grandes salões n'uma dependencia da Sé Cathedral, onde ficassem a coberto de qualquer assalto ou risco de incendio todas as preciosidades inherentes ao culto pertencentes á mesma Cathedral, e bem assim as que se viessem a reunir, provenientes dos conventos da diocese que se fossem extinguindo por morte das ultimas religiosas, mas de fôrma a ser tudo facilmente visto e apreciado. ⁽¹⁾

O facto era novo em Portugal, por isso despertou invejas e malquerenças, mas umas e outras foram supplantadas por um côro unisono de louvores e benções que ao magnanimo Prelado principiaram a

(1) O erudito escriptor D. Antonio da Costa, na sua 2.^a edição das *Auroras da Instrução* pela iniciativa particular, pag. 405, escreveu o seguinte:

«N'este momento se acha organisando o sr. Bispo Conde n'uma das dependencias da Cathedral de Coimbra um museu d'arte meramente religiosa, recolhendo e centralizando alli os objectos artisticos dos extinctos conventos da sua diocese; excellente serviço prestado ao estudo nacional; não menos bom exemplo fará se seguir nas outras dioceses; iniciativa que revela a illustração do sympathico Prelado conimbricense que tão lealmente sabe conciliar as altas funcções do seu cargo com as instituições civilisadoras do seu paiz e com as aspirações liberaes do seu tempo.»

levantar-se de toda a parte onde a arte tinha cultores e o passado verdadeiros apóstolos. Quem mais contrariou a poderosa e nunca assaz louvável iniciativa do sr. Bispo Conde foram as secretarias d'Estado, para quem muitas vezes, quasi sempre, o paiz se limita a Lisboa.

Por isso, e por desejar que as provincias não fossem inteiramente privadas dos seus monumentos artisticos, expunha s. ex.^a rev.^{ma} ao sr. Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça em officio de 6 de julho de 1887:

«Deve ser grande o nosso remorso ou antes a nossa vergonha por termos deixado perder, umas vezes, e por termos arrasado e destruido, outras, tantos monumentos e preciosidades historicas das nossas provincias.

E' já tempo de emendar a mão, e de salvar o pouco que ainda resta; e agora, que pelas facilidades e rapidez de communicações se pôde ir facilmente e sem custo a todas as provincias, tirar d'estas para a capital o que pôde chamar e attrahir para ellas os visitantes, e dar-lhes merecimento e importancia seria um contrasenso, senão até um grave erro economico, e motivo de profundissimo desgosto para as localidades, que se orgulham e gloriam de possuir, desde a mais remota antiguidade, taes prodigios e maravilhas da arte christã.» ⁽¹⁾

Um facto bem recente é a prova do que acima deixamos dito. Quando em agosto do ultimo anno se extinguiu o convento de Semide, alguns empregados da Academia das Bellas-Artes de Lisboa vieram alli por ordem superior e inventariaram, encaixotaram, e fizeram conduzir para a capital 148 objectos que reputaram dignos de figurarem no Museu Nacional, isto independente de qualquer consulta ou attenção para com o sr. Bispo Conde, a quem a lei fa-

(1) *Bispado de Coimbra.* — Os mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha. — Coimbra, 1893, pag. 10.

culta a escolha e guarda dos objectos pertencentes aos conventos extinctos que julgue necessários para o culto, e que tanto se tem desvelado pela conservação das preciosidades artisticas existentes na sua diocese já guardando-as no Thesouro da sua Sé, já fazendo-as inventariar e vigiar de perto, como succedeu em Loryão e está acontecendo agora em Tentugal. O facto, aliás sem precedentes, não ficou sem protesto. Lavrou-o o virtuosissimo Prelado no officio que ao sr. Ministro do Reino dirigiu em data de 12 de outubro de 1896. N'elle dizia s. ex.^a rev.^{ma}:

«... Aquelle procedimento seria desculpavel e até para louvar, se os objectos que levaram corressem o risco de se perderem, e não houvesse na propria diocese onde elles se guardassem com segurança; mas tendo eu fundado na Sé Cathedral da minha diocese um museu de objectos da arte christã em ouro, prata e estofos, que rivalisa com os primeiros da Europa, que é continuamente visitado e admirado por nacionaes e estrangeiros, e que offerece tantas condições de segurança como a Academia de Bellas Artes, o virem buscar por aquella fórma mesmo ao pé d'elle todos aquelles objectos descriptos em 148 verbas, sem deixarem que do visinho convento de Semide se archivasse n'elle um signal ao menos como lembrança, chega a ser despotico, e Coimbra, que tanto se orgulha e desvanecer com o seu museu da Sé Cathedral, quando souber o que se fez, não pôde deixar de sentir-se ferida, assim como eu, com semelhante despotismo.

Já demonstrei em uma publicação que fiz, e hei de demonstrar ainda mais de espaço que, depois da facilidade de communicações, principalmente, é um grave erro economico e artistico, despojar as provincias de todos os objectos d'arte que têm, e que lhes pertencem para empilhar e accumular tudo na capital onde, embora haja muita probidade para os guardar, não ha mais que na minha diocese, como tambem hei de ainda demonstrar com os proprios factos.» ⁽¹⁾

(1) *A execução das leis de fazenda na extincção dos conventos, etc., pag. 28 e 29.*

Referindo-se ao mesmo assumpto, faz tambem
s. ex.^a rev.^{ma} estas sensatissimas considerações :

«Não me opponho, nem nunca me oppuz, a que tantas preciosidades artisticas dispersas por essas provincias e em risco de se perderem sejam levadas para a Academia de Bellas Artes, e tanto assim que da minha diocese, e quando não havia ainda na capital d'ella o museu que ha hoje, para lá foram em tempo algumas dos conventos do Lourical, de Lorvão e de Santa Thereza, mas não foram nenhuma sem a minha intervenção, e pelos processos por que levaram agora, não os objectos artisticos de Semide, por que, segundo me informam, poucos lá havia, mas outros muitos que não tenham merecimento algum artistico. Sete carros de objectos d'arte d'um convento pobre é arte de mais.» (1)

E' ainda assombroso o numero de preciosidades artisticas destinadas ao culto existentes em Portugal, e incalculavel o seu valor. De tudo isto, do mesmo modo que de todos os nossos monumentos, não ha sombra de catalogo nem de inventario sequer. A maior parte é desconhecido do publico. Tudo está disseminado ou então fechado, aferrolhado. A collecção do Museu Nacional, para o que podia e devia ser, é pobrissima. Acantoadá n'uma pequena sala, offerece-nos o aspecto d'uma sachristia de egreja sertaneja no dia seguinte ao da festa do respectivo orago. A da Sé e Mitra patriarchal, e que apesar de ser uma tenuissima sombra do que foi a da antiga patriarchal, contém ainda assim alfaías de muito valor, está parte na Sé e parte em S. Vicente; aqui guardada em dois grandes arcazes, acolá occulta n'uma dependencia escusa e quasi que inaccessible. Para se

(1) *A execução das leis de fazenda na extincção dos conventos. etc., pag. 31.*

poder ver qualquer objecto d'ellas seria preciso perder muitos dias, semanas ou até mezes, tal é a difficuldade de se patentear taes riquezas a olhos profanos. E o que succede aqui succede tambem com o thesouro da capella de S. João Baptista, com o pouco que ainda resta na egreja de Belem, etc. E se da capital passarmos ás provincias, ver-se-ha que não ha mais oportunidade para se conseguir o admirar os thesouros das differentes egrejas e cathedraes. Em Evora, por exemplo, onde é muito difficil ver o interior da maioria dos templos, a não ser em dia de festa que n'elles haja, como examinar d'um dia para outro o aliás notabilissimo thesouro da sua Sé? Em Guimarães, na collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, onde ha um riquissimo thesouro, hoje um dos primeiros de Portugal, como obter que se abram as pesadas portas chapeadas de ferro do grande armario embebido na parede da sachristia? seria necessario tocar a capitulo. Na Sé do Porto, visto o altar de prata da capella do Santissimo, pôde dizer-se que está visto tudo, e para isso basta levantar uma cortina. Na de Braga tambem não são demasiado avaros, qualquer sachristão abre uma das gavetas do grande arcaz da sachristia onde se patenteia á vista do visitante o chamado calix de S. Geraldo, e o seu pseudo cofre de marfim, o calix do arcebispo D. Diogo de Sousa, o supposto baculo de Santo Ovidio, e pouco mais, pois o resto foi rapinado pelos francezes em 1809, para não fallar nos sapatos archiepiscopaes de D. Rodrigo de Moura Telles que se encontram no mesmo local, e fazem por si dizer parte do thesouro. Em Vizeu dão-se factos identicos; na sachristia é facil vêr uma bella custodia de estylo ogival e um calix de prata dourada com pedras e esmaltes, do seculo xvii, e subindo á casa do capitulo, sobre a grande meza capitular, quasi que ao abandono um ou dois relicarios de cobre esmaltado, de Limoges, do seculo xiii, e um

antigo Evangeliario com encadernação de prata, obra talvez do seculo xii.

E assim successivamente no resto do paiz, com excepção unica, agora, de Coimbra, graças á arrojada e utilissima iniciativa do sr. Bispo Conde de dotar a sua Cathedral com um esplendido e riquissimo museu d'arte religiosa, franqueado sem minima difficuldade, que é o assombro de nacionaes e estrangeiros.

Compõem-se presentemente de tres grandes salas o Thesouro da Sé, sendo duas d'ellas continuas. A primeira é destinada especialmente aos tecidos e bordados e as outras aos objectos de ourivesaria. Aquella, que é a que dá accesso ao Thesouro, tem uma dupla porta de ferro e madeira. O pavimento é de lixsonja e as paredes estucadas a branco. N'uma d'estas, tomando-a quasi toda, vê-se um enorme e bello panno de raz, d'Arras em Flandres, um d'esses pannos historiados que tão vulgares foram na Peninsula e que hoje são já uma verdadeira raridade, um quadro emoldurado n'uma orla de flôres representando um assumpto qualquer da Fabula, de fabricação sem duvida do seculo xvi.

Em armarios enormes de madeira escura e crystal, que vão quasi do pavimento até á abobada, guarda-se uma parte dos tecidos e bordados, isto é, frontaes, capas d'asperges, casulas, dalmaticas, pannos de pulpito e de estante, véus de hombros, etc. Uma collecção riquissima, deslumbrante. Dizemos parte, porque a falta absoluta de espaço tem obstado á collocação de muitas outras peças que só para isso esperam oportunidade, a qual se não demorará, pois o sr. Bispo Conde vae dentro em pouco augmentar o recinto do Thesouro com mais duas grandes salas que serão exclusivamente destinadas a paramentos.

Mas o que alli ha já, além de muito rico, é inte-

ressantissimo, não obstante não ir além do seculo xvi. D'esta epocha admiram-se aqui muitas especies verdadeiramente notaveis, como são alguns frontaes com faxas de veludo recamadas de bordados de applicação, ou fio de oiro e troçal de varias côres, em alto relevo, um primor.

Do seculo anterior ha uma capa d'asperges, que é uma verdadeira preciosidade. Pertenceu ao convento de Lorvão. Os sebastos são tambem de velludo, bordados a oiro e seda, em alto relevo, mas divididos em nichos ou altares, cada um com sua imagem differente, mas todos com as quinas do reino no fecho do arco de volta abatida que fôrma aquelles.

De epochas relativamente mais modernas, ha alli tambem egualmente esplendidos exemplares, que fazem lembrar os que el-rei D. João v mandou vir de Roma para a capella de S. João Baptista, e de Genova e França para a basilica de Mafra. A variedade dos bordados e tecidos preciosos é enorme, entonce.

As duas restantes salas com as paredes forradas de papel aveludado, magenta, o pavimento alcatifado, e as grandes janellas que as enchem de luz com cortinas e sanefas, estão completamente cheias de *vitruines* de madeira escura e crystal e misulas de pau santo entalhado e marmore preto. Cadeiras de nogueira de pés de garra com assento e costas de coiro lavrado e pregaria miuda, e grandes jarrões da India completam-lhe a ornamentação.

O mais antigo exemplar em ourivesaria que alli se encontra é uma imagem de S. Nicolau em prata dourada, talvez do seculo xii. Ao mesmo seculo deve attribuir-se um bello calix bysantino, de prata dourada com o apostolado e os emblemas dos Evangelistas em baixo relevo, e assignatura Geda Menendiz, nome que não é, como durante muito tempo se julgou, o do artista que o executou, mas sim o da pes-

soa que o mandou fazer, um prior do convento de Refoios de Lima a quem o mesmo pertencia. ⁽¹⁾

Seguem-se depois a esta preciosidade outras do seculo xiv, taes como: A Virgem do Pilar, em prata dourada, que diz a tradição haver pertencido á Rainha Santa Izabel e feito parte da capella ou oratorio portatil de que sempre se fazia acompanhar ⁽²⁾, e que é interessantissimo a sob muitos pontos de vista. Por toda a correia que liga a imagem vêem-se alternados os escudos de Portugal e Aragão, motivo que foi habilmente aproveitado pelo snr. Teixeira Lopes na formosissima estatua que da mesma Santa Rainha esculpiu ha pouco. Um fragmento d'um colar de ouro com pedras, que se diz haver pertencido tambem á mesma Rainha Santa Izabel e que á devoção que motiva junta o ser um bello especimen da joalheria no seculo xiv; uma cruz procissional de agatha e prata dourada com as armas de Portugal e Aragão, decerto, como aquellas peças, pertença da mesma Santa Rainha; uma cruz procissional de prata dourada com esmaltes, tendo as extremidades terminadas em flôr de liz, e tendo d'um lado a imagem de Christo e do outro a da Virgem com o Menino, ambas sob baldaquinos gothicos; e um baculo de cobre dourado, que pertenceu ao extincto convento de Semide.

Os objectos, que pela ordem da sua antiguidade mais se aproximam d'estes, são um curiosissimo relicario em prata dourada do seculo xv com uma inscripção latina em caracteres gothicos. Sob uma cobertura ou tecto em fôrma pyramidal sustentada por

(1) *Artes e artistas em Portugal*, pelo sr. Sousa Viterbo. — Lisboa, 1892, pag. 117 e 118.

(2) *Evolução do culto de Dona Izabel de Aragão, esposa do rei lavrador, D. Diniz de Portugal; a Rainha Santa. Estudo de investigação historica, feito pelo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, lente cathedratico da faculdade de theologia na Universidade de Coimbra e socio effectivo do Instituto da mesma cidade.* Vol. I, pag. 108.

quatro columnas e rematada por torres ameiadas, uma arqueta de época posterior fórma o relicario propriamente dito.

Parte d'um relicario de prata dourada rematado pelo Calvario. Dizemos parte, porque o relicario é composto pelo menos de tres peças diversas representando cada uma d'ellas um estylo differente, a saber: o bysantino, o ogival e o da renascença.

Duas cruzes procissionaes de crystal com engastes de prata, provenientes do extincto convento de Santa Clara, onde eram tidas como havendo pertencido á capella da Rainha Santa Izabel, mas contra o que protesta o typo caracteristico do principio do seculo xv que apresentam as extremidades dos braços.

Do seculo seguinte, o xvi, é talvez o maior numero de exemplares que se guarda no Thesouro; pelo menos os mais preciosos pelo lado artistico são incontestavelmente d'esta época.

Principiemos pelos que se nos affiguram mais antigos. Relicario de prata dourada com ornatos gravados a buril, contendo um humero d'um dos Santos Martyres de Marrocos. Tem d'um lado sobre fundo d'oiro uma pintura assaz interessante, representando o martyrio d'um dos mesmos santos, e do outro o brazão não menos interessante e caracteristico dos Eças, tal como se acha descripto no livro de Armaria da Torre do Tombo ⁽¹⁾. Uma pedra de ara de serpentina verde emoldurada em tenuissima folha de prata dourada com o brazão dos Eças tambem, e uma longa inscripção em caracteres gothicos, por onde se vê que foi mandada fazer pela abbadessa de Lorvão, D. Catharina d'Eça, e dada por ella ao mesmo mosteiro em 1514, bein como outros objectos do culto,

(1) Archivo heraldico-geneologico pelo sr. visconde de Sanches de Baena. Parte II.

alguns dos quaes se encontram tambem no Thesouro, como são: um par de castiças de crystal e bronze, e uma caldeirinha e respectivo hyssope de prata dourada e crystal com pequenos camapheus, cabuchões e pedras lapidadas, ornando-lhe a parte superior.

D'este mesmo seculo ha alli uma outra caldeirinha de prata, enorme, descommunal, com uma larga facha de arabescos em estylo renascença e o brazão do bispo D. Jorge d'Almeida.

A collecção de calices d'esta epocha é importantissima, como tudo o mais. Além de um de ouro com a sua patena, ornado tanto na base como na copa de arabescos, cabeças de serafins, e baixos relevos, representando differentes mysterios do christianismo, como a Annunciação, a Adoração dos Reis, etc., e povoado de nichos com imagens de Santos, dadiva do bispo D. João Soares, como o attesta o brazão d'este prelado que n'elle se vê gravado, ha mais dois calices muito notaveis, ambos gothicos, emquanto que aquelle é já da Renascença, sendo um maior do que o outro, mas quasi que do mesmo typo e idade, principios do seculo XVI. Ambos têm a base ornada com imagens de santos, com a differença de serem em baixo ou em alto relevo; o nó tanto n'um como n'outro é formado por arcarias gothicas.

Entre as muitas e valiosas dadivas que á sua Sé fez o bispo conde D. Jorge d'Almeida, conta-se uma magnifica custodia de prata dourada do mais bello estylo gothico e que chama a attenção de todos os que visitam o Thesouro, trazendo logo á memoria o esplendido retabulo da Sé Velha, obra do mesmo prelado. Na base que é sustentada por leões um dos attributos do brazão d'aquelle bispo, que se vê esculpido nas seis faces em que esta se divide, e se vae repetir em cima nas quatro do corpo architectonico formado de columnas acoruchadas, que serve de cu-

pula ao hostiario, e que resguardado por uma grade se levanta ao centro de seis columnas igualmente acoruchadas ligadas umas ás outras por arcadas ogivales. Uma belleza.

Foi igualmente dadiva de tão generoso prelado que governou a Sé conimbricense de 1483 a 1543, uma caixa de hostias, de prata dourada, tendo na tampa gravado o seu brazão — escudo esquartelado: no primeiro e quarto quarteis seis basantes divididos por uma cruz doble, e no segundo e terceiro um leão rompante.

Do seculo xvi guardam-se ainda no riquissimo thesouro um porta-paz de prata dourada com a imagem da Virgem da Conceição em alto relevo emquadrada n'uma tarja de ramagem relevada: duas corôas de prata dourada, sendo uma ornada de pedras e tendo outra uma inscripção latina gravada; um cofre de reliquias de tartaruga com ornatos de prata; uma imagem da Virgem da Conceição de prata dourada; um thuribulo de prata, hexagono, povoado de nichos com imagens de santos em baixo relevo e arabescos da Renascença, curiosissimo; um relicario de prata branca e dourada rematado por uma cupula circular de arcadas, em dois corpos, no ultimo dos quaes se ergue um cruxifixo, com a imagem de S. Sebastião, que assenta sobre uma base muito ornamentada de arabescos; finalmente um gomil e prato de prata dourada, com cuja descripção fecharemos este cyclo. Fazem lembrar estes formosos objectos, outros do mesmo genero que na exposição d'arte ornamental de 1882 em Lisboa expoz el-rei D. Fernando, não obstante a sua ornamentação ser mais sobria e a sua execução menos primorosa. O prato é profusamente ornamentado de folhagens, arvores, navios e grupos de animaes e homens luctando. A ornamentação do gomil consiste em medalhões, arabescos e outras figuras ornamentaes, sendo o bico formado

por uma figura de phantasia com azas, terminando á maneira de gargula.

Pertencem já ao seculo xvii uma naveta de prata em fôrma de galeão; um pequeno cofre de prata rematado por uma cruz, dadiva do bispo D. fr. Alvaro de S. Boaventura; differentes jarras de prata, tambem dadiva do mesmo prelado, dois thuribulos de prata dourada em fôrma de esphera com uma base formada por tres pês de cabra, offerta dos bispos D. Affonso Castello Branco e D. João Mendes de Tavora; uma cruz relicario de prata dourada com esmaltes, presente do bispo D. João Manuel, cujo brasão alli se encontra; relicario de prata dourada com esmaltes, em fôrma de pyramide, ornado com estatuas de cherubins, e coroadado pela imagem de Santa Comba, e um outro triangular, egualmente de prata dourada e com esmaltes, em que se guarda uma reliquia de S. Thomaz de Villa Nova, proveniente de Hespanha; uma cruz de azeviche com a imagem de Christo, em prata, decerto de origem oriental; galhetas de crystal e respectivo prato de prata dourada com lavores, sendo aquellas cobertas de ornatos de prata dourada de delicado lavor; naveta de prata dourada com lavores; cofre de pau santo com guarnições de bronze (era do convento de Lorvão); dois grandes copos de prata batida; um baldaquino que pertenceu ao mosteiro de Lorvão, com capa de veludo carmezim com guarnições de prata, tendo d'um e d'outro lado o brasão da Ordem de S. Bernardo, e muitos relicarios com a fôrma das custodias, da segunda metade do seculo anterior, tendo o ediculo ao centro de columnas que sustentam uma cupula quasi que sempre rematada por uma cruz. Todos estes relicarios, bem como muitos outros mais simples de prata abolhada ou rebatida egualmente do seculo xvii, são provenientes do extincto convento de Santa Clara.

Do seculo xviii é a elegante banquetta do altar, de

grandes dimensões e magnifica execução, um jogo de sacras profusamente ornamentadas, que apesar do seu *barroquismo* são muito interessantes; meios corpos de santos, braços de prata, contendo reliquias; tudo obra do cabido séde-vacante, por morte do bispo D. Antonio de Vasconcellos — (1719-1739); pyxide de prata dourada; duas grandes lampadas de prata; diferentes missaes encadernados em veludo com guarnições de prata, etc., de lavor sobrio e nitido.

Tambem alli ha uma outra lampada mais pequena mas muito curiosa, que pertenceu ao convento de Semide e que já estava, como o baculo de cobre a que nos referimos, bem como outros objectos que agora se encontram tambem no Thesouro, no Museu Nacional de Bellas Artes, e d'onde voltou a instancias do sr. Bispo Conde. E' de prata lisa com cinco quartellas batidas que ligam a cupula com a base. Pertence ao seculo xvii.

Contém muitos outros objectos o thesouro, e é para lamentar que ainda não esteja publicado o catalogo com a enumeração de todos, pois assim melhor se apreciaria o seu altissimo valor. Mas estamos certos de que quem, como o sr. Bispo Conde, tanto tem trabalhado para a criação e augmento de tão util e necessaria instituição, ha de concluir a sua esplendida obra, mandando organizar aquelle catalogo, que será como que o fecho d'ella.

O Thesouro da Sé de Coimbra, splendidissima criação do sr. Bispo Conde, faz lembrar a obra d'uma outra notabilidade do nosso episcopado o sabio e illustre Cenaculo, com a differença de que a epocha e os meios são inteiramente outros, pois a d'hoje é muito mais difficil para taes empresas, e aquelles muito exiguos para semelhantes accommettimentos. Mas como não ha difficuldade que empeça a prodigiosa energia do benemerito Prelado, quando se tracta de salvar uma reliquia do passado, emprehender

um melhoramento grandioso e util, perpetuar as glorias nacionaes, ou erguer emfim mais um altar ou levantar mais um templo, o sr. Bispo Conde continua a brilhantissima tarefa, que a si proprio se impoz, de salvar o pouco que ainda nos resta, preservando-o, conservando-o, onde sempre esteve, e onde deve continuar a estar. Por isso s. ex.^a rev.^{ma}, advogando e instando pela conservação das primorosas cadeiras do magnifico côro de Lorvão, um brilhante da mais pura agua, perdido entre cerros, é verdade, mas conservado no seu primitivo engaste, dizia n'um documento official, escripto por mão portugueza e por coração portuguez dictado, como diria Herculano, ao snr. ministro dos negocios ecclesiasticos:

«... A egreja de Lorvão, o côro, as grades e as cadeiras são uma só peça que não pôde mutilar-se. Tirada d'esta uma parte, ficaria a outra sem merecimento e valor historico.

Aquellas cadeiras, vistas ao pé d'aquella Egreja, d'aquella grade, de aquellos claustros, d'aquellas capellas semeadas por toda a parte, e n'aquelle fundo e estreitissimo valle sem horisonte senão o que vae d'elle quasi perpendicularmente para abobada celeste, elevam-nos e arrebatam-nos o espirito para a contemplação do passado, e para essa força da fé e do sentimento religioso d'outr'ora, que operou todos os prodigios e grandezas que ainda hoje admiramos, e que são a honra e gloria da patria.

Vistas, porém, e examinadas fóra d'aquelle local e d'aquelle conjuncto de preciosidades historicas, que se completam, que se explicam e se realçam umas ás outras, e que nos põem ao vivo deante dos olhos as origens e as causas determinativas d'aquella inspiração e execução artistica, convertem-se em um objecto todo material e positivo em que se admira o labor artistico e nada mais. Desapparece d'ella a historia, que nos faz remontar o espirito ás ideias, aos costumes, ás artes e aos sentimentos religiosos e patrioticos dos seculos idos.

.....
N'estas circumstancias, remover d'elle as cadeiras do côro, que são o seu ornato mais precioso e mais admirado,

e que mais attrahiria ali os visitantes, importaria o esquecimento e abandono, senão a anniquilação quasi de tão veneranda reliquia da opulencia religiosa d'outr'ora e da influencia que esta exerceu nos habitos e costumes dos povos; e uma tal medida encontraria o desgosto, senão talvez a resistencia, d'esta cidade e dos povos circumvisinhos do Mosteiro.» (1)

XVII

Grandes melhoramentos e reformas introduzidas no Seminario. Incalculaveis beneficios que este presta á instrucção e subsidios valiosos que prodigalisa aos alumnos pobres que se destinam á vida ecclesiastica. A esculpula e felicissima escolha do seu professorado torna-o o primeiro estabelecimento do seu genero existente no paiz. Carta de louvor de Leão XIII pelos cuidados que consagra á instrucção do clero.

Um dos monumentos que mais alto apregõem a grandiosa iniciativa do snr. Bispo Conde, um dos factos mais eminentes do seu notabilissimo episcopado é o Seminario diocesano que com o Thesouro da Sé formam os dois focos absorventissimos do seu alto espirito. Que cuidados paternaes, que canceiras sem fim não tem custado ao benemerito Prelado a prosperidade e grandeza em que se encontra a fundação do seu ainda hoje lembrado antecessor D. Miguel da Annunciação? O Seminario é por assim dizer um pedaço da sua grande alma, tem por elle o mais entranhado affecto, consagra-lhe a maior parte da sua enorme actividade.

Pertencem-lhe todos os modernos melhoramentos do edificio, desde a edificação dos dois esplendidos annexos, que, por assim dizer, sobrelevam a

(1) *Bispado de Coimbra. — Os mosteiros de Lôrvão e de Santa Clara e o templo da Sé Velha — Coimbra, 1893 — pag. 8 e 9.*

primitiva fabrica até á construcção dos esplendidos e amplos terraços, supportados por grossas muralhas e povoados de arvores e d'assentos de cantaria; o bello jardim em que se converteu o claustro, outr'ora deposito de entulhos e viveiro dê plantas parasitas; a substituição dos velhos pavimentos e renovação completa de todas as vidraças e portas interiores, e a edificação de bellas salas e quartos para hospedagem dos altos dignatarios da egreja que se dignam visitar o estabelecimento, melhoramentos estes que tem custado algumas dezenas de contos de réis. Referindo-se a elles, e especialmente ao primeiro annexo que se construiu, dizia s. ex.^a rev.^{ma} na sua Carta Pastoral de 2 de fevereiro de 1877:

« Tambem, não obstante os beneficios prestados pelo Seminario em mais larga escala nos ultimos annos aos alumnos ecclesiasticos, tem elle podido proseguir por tal modo nas obras da nova casa que edificamos junto ao edificio, e nos grandes reparos, concertos e melhoramentos de que este precisa, que foi de 6:124\$545 réis em 1875, e de 6:893\$455 réis em 1876, a verba que se dispendeu em obras e reparos. E Deus Nosso Senhor sabe os sustos que tivemos pelo arrojo de emprehendermos com tão poucos recursos a construcção de um edificio tão vasto e com a solidez, elegancia e grandeza que n'elle se vê, e que era indispensavel para não desdizer d'aquelle, junto do qual se construiu, sabe tambem as graças que lhe damos pelo muito que abençoou, e as grandes consolações que sentimos não só por vermos tão adiantado, e habitado já desde o principio do anno lectivo um dos andares por alguns estudantes, mas tambem por esperarmos que d'esta construcção ha de resultar grande vantagem e utilidade para a disciplina e para o maior aproveitamento moral e litterario dos alumnos do nosso Seminario.

Não julgueis, porém, que o grande desenvolvimento, que temos dado aos melhoramentos materiaes d'este estabelecimento, nos façam esquecer os moraes e litterarios, que são os de maior importancia e que nos têm merecido sempre mais cuidado.»

O testemunho mais eloquente d'esta ultima affirmativa de s. ex.^a rev.^{ma} são os resultados praticos obtidos pelos centenaes de alumnos que no Seminario, e com o maior aproveitamento, têm completado a sua educação litteraria e scientifica, a escolha do seu professorado e os methodos de ensino, a boa alimentação dos alumnos, os exercicios physicos e de piedade em que estes empregam nas horas feriadadas, a disciplina e vigilancia exercida sobre elles, a educação moral e religiosa que alli se lhes ministra, a organização de gabinetes de physica, chimica, historia natural e mineralogia, como em nenhum lyceu do reino ha melhor, etc.

E fez-se tudo isto sem favores nem auxilios, pois de todos os seminarios do paiz é este o unico que, de 1870 em diante não recebe subsidio algum, quer da Bulla quer do governo.

Dir-se-ha que o Seminario faz interesses. Não o contestamos; mas a favor de quem revertem esses interesses? A resposta dá o sr. Bispo Conde n'estas linhas:

«... para beneficiar, melhorar e augmentar o estabelecimento, como se está vendo, a fim de que possa prestar serviços cada vez maiores á nossa Diocese, á Igreja e ao Estado: — são para dar trabalho a tantos artistas e a tantos pobres, homens, mulheres e creanças, que, se não fossem os jornaes ganhados alli, ficariam mais expostos á miseria e á corrupção: — para recolher e salvar, com a disciplina e vigilancia mantidas no estabelecimento, muitos filhos familias, que seus paes julgavam já perdidos pelos maus habitos e más companhias: — para dar o pão do corpo e do espirito a tantos pobresinhos com talento, que temos encontrado em nossas visitas episcopaes, e que, se não fosse o abrigo do Seminario, ficariam desaproveitados e perdidos em suas terras, e tambem alguns nas ruas da cidade: — para, com a ordenação de taes alumnos e com os serviços por elles prestados depois ás suas terras, á Igreja e ao Estado, proporcionar tambem a muitas das familias d'elles o amparo e sustento, livrando-as da indigencia em que

d'outro modo continuariam vivendo: — são, finalmente, estes interesses realísados pelo Seminario, para obstar a que se fechem muitas egrejas do nosso bispado; porque, sem os muitos alumnos que o mesmo Seminario sustenta gratuitamente, em breve faltariam clérigos para servir mais de metade d'ellas, pois são já 49 as egrejas d'esta Diocese que estão sendo parochiadas por clérigos modernamente n'elle ordenados e quasi todos gratuitamente...» (1)

Antes do sr. Bispo Conde assumir a gerencia da diocese, os beneficios concedidos pelo Seminario aos alumnos pobres eram diminutissimos e prestados a troco de serviços proprios de creados; hoje, ha muitos annos já, esses serviços, prestados sem retribuição alguma e calculados segundo as verbas que pagam os pensionistas, sobem á avultada somma de quatro, cinco, seis, sete e oito contos de réis annuaes. E agora, de 1865 em diante, o que não succedia até ahi, «todos comem á mesma meza, como diz s. ex.^a rev.^{ma}, sem differença nem distincção entre pobre e rico, sentados juntos, assim como os filhos das primeiras familias de Portugal, como os dos mais pobres artistas e trabalhadores do nosso Bispado, sendo todos servidos do mesmo modo, não por ordenados, mas por creados decente e uniformemente vestidos.» (2)

Apezar d'este engrandecimento moral e material do Seminario, sempre progressivo e constante, houve quem procurasse já amesquinhar a obra do egregio Prelado, levantando accusações, triste é dizel-o, contra todos estes melhoramentos.

Por isso dizia o sr. Bispo Conde ao Nuncio Monsenhor Masella em carta que lhe enviou em 9 de março de 1882:

(1) *Officio do Bispo de Coimbra ao excellentissimo governador civil do districto sobre o Seminario diocesano.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879. — pag. 25 e 26.

(2) *Officio do Bispo de Coimbra, etc.*, pag. 23.

« Se eu não conhecesse por uma larga experiencia a quantas contrariedades, desgostos e calumnias se expõem aquelles que, principalmente n'esta terra, emprehendem obras e melhoramentos de certa importancia, quer na ordem religiosa, quer na civil; e se não soubesse tambem o muito que soffreram os meus venerandos Antecessores de saudosa memoria, os srs. D. Miguel da Annuniação e D. Francisco de Lemos, por construirem — aquelle o Seminario Diocesano e este o Jardim Botanico, obras que são hoje um padrão de gloria para esta cidade e para o paiz, talvez houvesse desanimado e sossobrado já no constante proposito de augmentar e engrandecer o mesmo Seminario, fazendo d'elle um Estabelecimento cada vez mais util á Egreja e á sociedade, e isto sem recorrer ao auxilio nem causar o grave de ninguem.

Felizmente os protestos, de que tem lançado mão a inveja d'uns e má vontade d'outros, a vingança d'estes, os despeitos e interesses offendidos d'aquelles, e as paixões politicas de não poucos, com o fim de desacreditarem e deprimirem este estabelecimento e os seus empregados, têm desaparecido sempre como o fumo deante da verdade dos factos, que ninguem se atreve a contestar, e aos quaes eu tenho procurado dar toda a publicidade com franqueza e desassombro que só podem nascer da justiça e da tranquillidade da propria consciencia.» ⁽¹⁾

Referindo-se ao Seminario, dizia tambem s. ex.^a rev.^{ma} n'uma das suas mais esplendidas festas, a sessão solemne da Academia de S. Thomaz celebrada em 1892:

«... trouxemos para elle da pobreza de muitas aldeias, e sustentámos e educámos aqui gratuitamente á custa de grandes milagres de economia e administração, e sem auxilio algum da Bulla da Cruzada, muitos mancebos que estão illustrando e honrando já o ministerio parochial, a oratoria sagrada, as cadeiras do magisterio secundario e superior e a tribuna da imprensa com a publicação de escriptos e com-

(1) *A extinção do Convento de Sá*, pag. 36.

pendios, por alguns dos quaes se está já ensinando em todo o reino.»

Os grandes e immensuraveis beneficios que o Seminario deve ao sr. Bispo Conde estão ahí patentes ás vistas de todos, palpaveis, inconfundiveis, mas por isso mesmo e porque a historia d'elle é uma das paginas mais brilhantes do seu episcopado, todos os seus biographos se referem com fervido enthusiasmo a esta parcella da sua grandissima obra. ⁽¹⁾

Referindo-se ao Seminario, diz um outro biographo de s. ex.^a rev.^{ma}:

« Uma das coisas que mereceu sempre ao distincto Bispo Conde todos os seus disvellos foi a escolha escrupulosa do corpo docente. » ⁽²⁾

E na verdade tem sido escrupulosissima, felicissima a escolha do professorado do Seminario. E' esta tambem uma das maiores glorias do governo episcopal do virtuoso Prelado. Até n'isto é o Seminario de Coimbra o primeiro do paiz, e, se outras provas d'isto não houvesse, ahí estavam a attestal-o as numerosas e valiosissimas publicações, devidas ao brilhante talento e inquebrantavel trabalho de alguns dos seus doutos professores, d'uma das quaes ⁽³⁾ disse ainda ha pouco um dos mais brilhantes ornamentos

⁽¹⁾ *D. Manuel Corrêa de Bastos Pina*, pelo dr. Manuel de Albuquerque. *A Voz do Christão*. Novembro de 1885.—D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, bispo de Coimbra, conde de Arganil. *O Occidente*. Dezembro de 1884.—O Senhor Bispo Conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina. *Imparcial de Coimbra*. Maio de 1888.

⁽²⁾ D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, bispo de Coimbra, conde de Arganil.—*Instituições Catholicas*, de maio de 1887.

⁽³⁾ *Lições de isagoge e hermeneutica sagrada*, por Egidio Pereira de Oliveira de Azevedo, Bacharel formado em Theologia, Conego capitular da Sé cathedral de Coimbra, Professor de sciencias ecclesiasticas no seminario da mesma cidade.—(Coimbra, Typ. do Seminario e Imprensa da Universidade 1892-1896.) Tres vol. in-4.º de XX=496, XXXII=522 e XXIV=402 pag.

da faculdade de theologia na Universidade ⁽¹⁾, denunciar « muitas vigílias, muito amor ao estudo, muita persistencia no trabalho, e uma força de vontade digna de todo o elogio » ⁽²⁾ e que o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Arcebispo d'Evora, D. Augusto Eduardo Nunes, uma das glorias do episcopado portuguez, e uma das constellações mais brilhantes d'aquella mesma faculdade, considerou como « valioso e excellente subsidio para os estudos biblicos e para a genuina e orthodoxa interpretação da Sagrada Escripura, confirmando assim a competencia e erudição, já vantajosamente conhecidas, do seu indefesso e prestante auctor, benemerito das letras catholicas. » ⁽³⁾ Outros Prelados portuguezes falam d'esta obra com igual encarecimento e louvor.

Levar-nos-hia muito longe a ennumeração dos continuos e merecidissimos louvores levantados de toda a parte ao benemerito Prelado pelo muito que tem feito em prol do seu Seminario; mas como outros assumptos estão chamando ainda a nossa attenção, fecharemos este periodo com o importantissimo documento que segue:

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica. — Foi-nos entregue a vossa estimadissima carta de 24 de junho pelo dilecto filho Thiago Sinibaldi, a quem recebemos com a benevolencia a que davam jus a vossa recommendação e os seus egregios serviços na nossa diocese. Além d'isso, as suas palavras e o que escrevestes na vossa carta trouxeram-nos á memoria o especial cuidado com que vos esforçaes para que a mocidade, e especialmente o clero, floresça na vossa diocese, progredindo com louvor no estudo da sciencia solida. Bem sabeis e conheceis que muitissimo consideramos e vehementemente estimamos estes vossos esforços;

⁽¹⁾ O sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos.

⁽²⁾ O *Instituto*, vol. XLIII, pag. 400.

⁽³⁾ *Boletim mensal do governo ecclesiastico da diocese de Coimbra*, III anno, n.º 2, de 30 de abril de 1895.

assim como estamos certos de que nunca deixareis de corresponder ás Nossas esperanças e expectativa.

Por isso, pedindo a Deus para os vossos trabalhos, successos prosperos e fructos cada vez mais abundantes, concedemos de muito bom agrado a vós, Veneravel Irmão, ao clero e aos fieis confiados á vossa vigilancia, como testemunho da nossa boa vontade, a Benção Apostolica.

Dada em Roma, junto a S. Pedro, em 14 de julho de 1893, anno XVI do Nosso Pontificado.—*Leão XIII, Papa.*»

XVIII

Protecção dada ás artes e industrias de Coimbra. Palavras que pronuncia no encerramento da exposição districtal em 1884. Manda distribuir lapis, tintas e objectos de desenho e livros aos alumnos pobres das escolas. Premios e auxilios precuniaris a operarios. Congresso nacional de tuberculose. Opulenta com dadivas valiosas os museus da Escola Brotero e do Instituto. Discurso que pronuncia ao inaugurar este, e publico testemunho de acendrado agradecimento que por essa occasião recebe. Procurando o bem-estar da classe operaria empreehde a edificação d'um bairro onde alguns dos mais morigerados e pobres tenham habitação saudavel e gratuita. Commemora com este enorme beneficio as suas bodas de prata. Trecho do discurso em que annuncia tão feliz nova. Não se limita só a Coimbra a sua protecção ás classes trabalhadoras.

A poderosissima, a beneficentissima protecção do sr. Bispo Conde não se tem limitado em Coimbra á restauração da Sé Velha, á fundação do Thesouro da Cathedral e ás grandes reformas e importantissimos melhoramentos do Seminario, vae muito mais além, estende-se a tudo e a todos que carecem de auxilio e amparo. Por isso dizia ha tempos com in-

teira e completa justiça um jornal d'aquella cidade, tão independente como illustrado: (1)

«Coimbra não tem medido bem o alcance da obra de propaganda e de iniciativa que o sr. Bispo Conde tem desenvolvido a favor dos interesses d'esta cidade e do seu desenvolvimento.»

Factos de todos os dias estão a demonstrar isto mesmo, como vamos ver. Quando em 1884 se realisou em Coimbra uma notavel exposição dos productos industriaes do districto, s. ex.^a rev.^{ma} não só a honrou por mais d'uma vez com a sua presença, mas até adquiriu um dos objectos de maior custo que estavam expostos—um elegante *coupé* (2),—animando assim com o seu concurso a industria coimbricense.

Convidado a honrar com a sua presença a sessão do encerramento da exposição, s. ex.^a rev.^{ma} foi gostosamente assistir a essa solemnidade, pronunciando então um notabilissimo discurso que foi a mais brilhante consagração que podia receber esta festa do trabalho. Depois de louvar a iniciativa dos promotores da exposição e de se congratular com elles pelo exito alcançado, disse s. ex.^a rev.^{ma}:

«Que sendo o primeiro ministro de Christo na santa egreja coimbricense, não podia tambem, n'essa qualidade, deixar de acceitar o convite que lhe fôra feito; porque, se Jesus Christo honrou, abençoou e santificou o trabalho;—se sobre a civilisação antiga, na qual eram desprezados os pobres, abandonados os velhos e aleijados, e tidos como vís os que exerciam artes e officios mechanicos, elle levantou a civilisação moderna, que deu a todos os homens a mesma consideração e os mesmos direitos por effeito das doutrinas de amor e caridade que praticou e ensinou;—se

(1) *A Gazeta Nacional.*

(2) *Exposição districtal de Coimbra em 1884*, pelo sr. Eduardo Mendes Simões de Castro.—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884, pag. 50.

Jesus Christo teve sempre benções e carinhos especiaes para os que soffrem e trabalham, não podia elle, como seu ministro, deixar de vir abençoar os fructos do trabalho intelligente e perseverante, que esta brilhante Exposição representava; e de certificar a todos os artistas que a ella concorreram do alto apreço e sincera estima em que os tinha. Que n'isto não obedecia sómente aos deveres do seu ministerio, mas tambem aos impulsos do seu coração.

Que vivia ha muitos annos n'esta cidade; e que era de todos muito sabido quanto gostava de emprehender obras que dêssem trabalho aos artistas; que experimentava por isso grande contentamento em se ver alli no meio d'elles n'aquelle honroso certamen do trabalho, como já o experimentára na visita que havia feito á Exposição, em que vira attestados nas obras expostas a intelligencia, actividade e amor do trabalho de muitos d'elles, tanto d'esta cidade como da Figueira da Foz e de muitos outros pontos do districto.

Que no esforço immenso e mui louvavel dos iniciadores d'aquelle certamen industrial, tão briosamente correspondido pelos expositores, via um elemento de progresso e prosperidade para esta cidade e para todo o districto, com que muito exultava: — que a todos pedia e muito recomendava que continuassem a aperfeiçoar as suas artes e industrias, para que n'outra Exposição podessem apresentar ainda com maior vantagem os seus productos.

Mas que se lembrassem de que o trabalho, por si só, não basta para o bem e perfeição do individuo, da familia e da sociedade; — que era preciso que o amor do trabalho fosse acompanhado dos sentimentos de honra e probidade e do cumprimento de todos os deveres religiosos e civis.

Que por isso lhes pedia que em tudo dessem um testemunho das suas virtudes civicas, e principalmente das christãs; tendo bem presente ao seu espirito que a fiel observancia dos preceitos da santa religião que professamos era, e seria sempre, o mais seguro penhor, a mais solida garantia da sua felicidade.

Que concluia, protestando-lhes novameete o seu affecto e asseverando-lhes que o teriam sempre a seu lado como seu pastor e como seu amigo.» ⁽¹⁾

(1) *Exposição districtal de Coimbra em 1884*, pelo sr. Eduardo Mendes Simões de Castro.—Coimbra, Imprensa da Universidade, 1884, pag. 86-87.

Em maio de 1888 tendo s. ex.^a rev.^{ma} noticia de que um habil operario estava preparando um bello trabalho em madeira e em estylo arabe, para mandar á exposiçãõ industrial de Lisboa, mas que para o seu acabamento luctava com difficuldades pecuniarias, dirigiu-se a casa do modesto artista e depois de apreciar e elogiar aquelle trabalho, entregou-lhe a quantia de 45\$000 réis, o que fez dizer ao illustre jornalista sr. Joaquim Martins de Carvalho:

« Factos nobilissimos como este fazem recordar o illustre arcebispo de Braga, D. fr. Caetano Brandão.

Na sua propria consciencia achará o nobre Prelado conimbricense a recompensa de tão levantadas acções.» (1)

Dias depois mandava s. ex.^a rev.^{ma} entregar ao presidente do municipio a quantia de 150\$000 réis para que no dia 8 de maio do anno seguinte fossem distribuidos em dez premios de 10\$000 réis e outros tantos de 5\$000 réis pelos operarios que mais se distinguissem pelo seu bom comportamento e trabalho nas obras do alargamento do caes, que então se inauguravam.

E, como este, podem citar-se muitos outros exemplos da magnanimidade, da alma gentil e sempre generosa do bondoso Prelado. A acção subtilmente caridosa e altamente protectora do sr. Bispo Conde faz-se sentir tanto na officina como na escola. Assim o testemunham os donativos, que s. ex.^a rev.^{ma} fez em 1891 ao Commissario de Instrucção primaria do districto de Coimbra, de 200 exemplares do livro *As creanças e os animaes*, e de 400 do *Cathecismo da Diocese*, e em 1893 de 3:600 exemplares do opusculo *Fé e Patria*, para serem distribuidos pelas escolas

(1) O Conimbricense n.º 4:246, de 5 de maio de 1888.

como auxiliar á educação moral e religiosa da infancia.

Quando em 1895 se tratou de reunir em Coimbra o congresso nacional de tuberculose, o sr. Bispo Conde, apesar de inteiramente extranho ao assumpto do mesmo congresso, como disse, veio logo em auxilio da sua commissão promotora offerecendo-lhe o importante donativo de 100\$000 réis. Do officio que o acompanhou destacaremos este periodo:

« No interesse e empenho que temos sempre por tudo quanto aqui se faça de que possa resultar ou importancia e consideração para Coimbra, ou progresso para as sciencias, ou beneficio para a humanidade, não podemos deixar de louvar e applaudir este congresso, por nos parecer que d'elle hão de provir estes tres resultados; e fazemos votos ao céo para que assim aconteça.» ⁽¹⁾

O sr. Bispo Conde ao mesmo tempo que fundava o Thesouro da Sé enriquecia o Museu da Escola Brotero com objectos de valor, como já antes levado pelo ardente desejo de animar o ensino artistico e a industria, offerecera utensilios de desenho, papel, lapis e tintas aos alumnos pobres da Escola livre das artes de desenho, fundada por Antonio Augusto Gonçalves, um apaixonado cultor da arte a quem tambem depois auxiliou e animou quando este procurou resuscitar a antiga faiança coimbrã. Facto identico está-se agora dando com o Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra e de que, ao inaugural-o, dizia s. ex.^a rev.^{ma} que «sendo quasi como um ramô novo da grande arvore das letras e das sciencias portuguezas que o Rei lavrador aqui plantou, e que a fertilidade do terreno, e o esmero dos seus cultores tem tornado tão gigante, e por

(¹) O *Conimbricense* de 12 de março de 1895.

isso mesmo mais batida dos ventos da inveja e das paixões humanas, ha de contribuir muito não só para lhe estender e aprofundar mais as raizes, tornando mais copiosos e sazonados os seus fructos, mas tambem para levantar mais e mais os creditos e a gloria d'esta nossa Coimbra, onde estão todas as dedicações do nosso ministerio, todos os affectos do nosso coração e todos os desvelos e ambições da nossa alma e da nossa vida. » (1)

Do auxilio prestado por s. ex.^a rev.^{ma} a esta notabilissima instituição, dão publico testemunho estas palavras d'um dos seus mais benemeritos e illustrados cooperadores, o sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, por occasião d'aquella solemnidade:

S. ex.^a rev.^{ma} o sr. *Bispo Conde D. Manuel Corrêa de Bastos Pina* tem sido um protector desvelado das artes e da archeologia. Quem desconhece os trabalhos e empreendimentos de conservação e restauração de antigos documentos e obras d'arte que devemos á iniciativa e vontade persistente de s. ex.^a rev.^{ma}?

O museu da Sé cathedral e a restauração da Sé Velha ahi estão attestando a grande e arrojada iniciativa do benemerito Prelado, a alta comprehensão que tem do valor d'essas reliquias, que a antiguidade nos legou, e que conseguiram escapar á acção do tempo e á bem mais devastadora acção do homem ignorante.

A s. ex.^a deve o nosso museu serviços inolvidaveis, e esperamos que ainda virá a dever mais e mais. Na sua mão está o concorrer largamente para o enriquecer com outros muitos objectos, e da sua boa vontade não nos é licito duvidar, nem sequer por um momento. O sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, que na qualidade de *Presidente Honorario*, que é da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, veio hoje honrar e auctorisar esta sessão com a sua respeitabilissima presença, continuará certamente a dis-

(1) *Palavras proferidas pelo Bispo de Coimbra na inauguração do Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra no dia 26 de abril de 1896. Coimbra — Imprensa da Universidade, 1896 — pag. 3.*

pensar aos nossos trabalhos toda a protecção e apoio, de que muito carecemos na crusada civilisadora em que andamos empenhados.» (1)

Por tudo isto e pelo que fica por dizer, que é muito mais ainda, mas que não nos recorda agora, escrevia o jornal que ha pouco citámos: «Todas as vezes que tem apparecido em Coimbra uma empresa, um homem ou uma instituição que mostrem vontade de fazer progredir esta terra, nunca lhe falta o apoio sincero e espontaneo do sr. Bispo Conde.»

Temo-nos referido já por vezes no decurso d'esta ligeirissima noticia, quanto o sr. Bispo Conde tem trabalhado para melhorar as condições do operariado, mas é mister citar mais um facto ainda, o mais recente de todos, e sem duvida um dos mais intercedores. Tratava este anno o cabido e mais clero do bispado de Coimbra de commemorar o dia 19 de maio, 25.º anniversario da sagração do seu venerando e eximio Prelado, e, para isso, resolveu celebrar na Sé um solemnisimo *Te-Deum* e offerecer a s. ex.^a rev.^{ma} uma cruz peitoral como lembrança das suas bodas de prata.

O *Te-Deum* realisou-se com effeito e com uma magnificencia sem igual; a offerta da cruz, porém, essa é que não chegou a ter logar, porque tendo o sr. Bispo Conde conhecimento d'esta ideia, aliás muito sympathica ao seu coração, pediu que ella fosse traduzida n'um pensamento mais levantado ainda se isso é possivel, que era o juntar as sommas para tal fim reunidas ás sobras de uma subscripção que obtivera para os inundados, em 1881, e ha muito depositadas na caixa geral dos depositos, e applicar umas e outras á construcção d'um bairro operario, na Quin-

(1) O Instituto, Vol. XLII, pag. 259.

ta de Santa Cruz «onde tenham habitação quasi gratuita os operarios que, além da sua pobreza, mais se distinguirem pelo seu bom comportamento na familia, no trabalho e na sociedade, pois não accitaria como commemoração d'esta festa cousa alguma ou presente algum que não revertesse em beneficio de Coimbra e da sua classe operaria», como o declarou s. ex.^a rev.^{ma} no eloquente e tocante discurso que pronunciou por occasião do *Te-Deum*, agradecendo a festa do seu jubileu episcopal. A este discurso pertencem tambem os seguintes periodos:

«Alegremo-nos no Senhor, queridos irmãos e cooperadores nossos, porque, convertendo as nossas festas em socorro dos necessitados, satisfazemos as inclinações do coração de nós todos e imitamos o nosso Divino Mestre cujas maiores predilecções foram sempre para os infelizes e para os pobres que vivem do suor do seu rosto. E, visto que nos accusam de cuidarmos só da salvação das almas para depois da morte, respondamos aos nossos accusadores que cuidamos tambem do bem-estar dos corpos durante a vida, e que, preparando a bemaventurança eterna, preparamos tambem a felicidade na vida presente, no que não fazemos senão seguir as doutrinas do Calvario e da Cruz, e os exemplos da Igreja e dos seus Ministros, de que veio unica e exclusivamente o germen de todas as instituições de caridade e beneficencia que fazem a honra, a gloria e o esplendor da nossa civilisação, e que ensinam aos que tanto prégam hoje o socialismo o caminho por que o hão de realisar, que não é destruir e arrazar tudo, como pretendem, mas conservar e respeitar a ordem que Deus estabeleceu no mundo e promover que se observem os mandamentos da sua lei e se pratiquem as obras da sua misericordia.»

Esta allocução do sr. Bispo Conde produziu uma tão profunda sensação no selecto e numerosissimo auditorio que enchia o vasto templo, que parece que de repente todos os espiritos se enlevaram até o Céu, e a vontade de todos se confundiu n'um pensamento só, o depôr aos pés do throno do Altissimo

uma prece de infindo reconhecimento por mais este importantissimo beneficio prestado em prol dos desvalidos, pelo seu santo Ministro.

XIX

A Quinta da Costeira. Um parochio benemerito. Ensaio de viticultura em Carregosa. Um *atelier* entre cerros. Um brejo convertido em jardim. Mortos queridos. Fidalga hospitalidade.

Factos identicos aos que acabamos de relatar repetem-se a cada passo por toda a diocese além e muitas vezes ultrapassam até os seus dilatados limites, pois a caridade do sr. Bispo Conde é inexgotavel, não procura logares nem pessoas, faz-se sentir em toda a parte onde ha necessidade de pão e de trabalho, de incentivo e de benções. Mas onde ella tambem mais visivelmente, mais eloquentemente se manifesta é na formosa aldeia de Carregosa, onde estanceia a quinta da Costeira, pequeno berço de tão grande Prelado, e de quem disse o illustre cantor do D. Jayme:

«A quinta da Costeira, no formoso paiz de Oliveira d'Azêmeis, — (cabeça dos aduares), deve ser um torrão abençoado, visto que nasceram alli: — Antonio Corrêa de Bastos Pina e D. Maria Joaquina da Silva, de quem são filhos o actual bispo de Coimbra, de Aveiro e de Leiria e o D. Prior de Cedofeita, que eu conheço, admiro e preso»: que todos conhecem, admiram e presam, accrescentamos nós, pois os altos meritos e preclaras virtudes do sr. conselheiro Antonio Maria Corrêa de Bastos Pina, honradissimo e dignissimo sacerdote, como o desi-

gna o poeta, são geralmente reverenciadas. No Porto, na sua antiga e populosissima parochia, é ainda hoje e será sempre respeitado e louvado o seu nome querido pelo bem que alli praticou n'um longo periodo de quasi trinta annos.

Com o fim de acudir a uma enorme crise de trabalho, que ha annos se deu na sua Carregosa, e embaraçar d'algum modo a corrente de emigração para a America, que principiava a manifestar-se alli d'uma maneira assustadora, o sr. Bispo Conde fez construir, junto da modesta casa que lhe fôra berço, um bello palacete, solidamente construido e elegantemente decorado, cercado de vinhas, pomares e pittorescos jardins, onde, durante annos, empregou centenaes de braços, e de que foi o engenheiro, architecto e decorador unico, pois tudo esboçou, delineou e fez executar, e esplendidamente, sob a sua immediata direcção. Fez plantações, arroteou montados, accidentou terrenos, explorou aguas, construiu, enfim, uma habitação principesca, só para empregar braços e converter em trabalho honesto o pão da esmola. Foi fecunda em resultados beneficos a iniciativa do nobilissimo Prelado. N'aquelle novo centro de actividade humana criaram-se artistas e educaram-se agricultores; por isso, quem visita hoje Carregosa, encontra em varios pontos da freguezia promettedores ensaios da cultura da vinha baixa, exemplo aberto com feliz resultado pelo sr. Bispo Conde em 1887 ou 1888, pois antes nunca alli se cultivou a vinha, a não ser pelo systema usado no Minho — a videira encostada ás arvores que bordam os campos agricultados; e ao sopé d'um pequeno outeiro, no fundo d'um modestissimo casal, confundido com as córtes das vaccas e o mais das vezes com a entrada obstruida por montes de tojo hirsuto, que tapeta o *quinteiro*, um atelier (!) de entalhador, vasto casarão de telha vã, escassamente alumiado e completamente desprovido de

todos os modernos instrumentos de trabalho, e em que algumas ferramentas, o mais rudimentares que é possível, parecem denunciar mais uma loja de *carpinteiro de maçonaria* dos seculos xvii ou xviii, do que a officina de artista da actualidade, onde se filigram baldaquinos gothicos, se burila um mundo inteiro de chimeras, e se cinzela uma legião de episodios sagrados, d'uma ingenuidade pasmosa, com o apuro e arte d'um lavrante da Renascença, com a dissimilhança apenas dos metaes preciosos serem aqui substituidos pela madeira de castanho, como está succedendo agora com os fragmentos que alli se estão preparando para a restauração do incomparavel retabulo da Sé Velha, e que vão ser a consagração solenne do artista que deu as suas primeiras provas de entalhador nos trabalhos decorativos da casa da Costeira, onde, além d'outras, estão a apregoar-lhe o merito as bellas molduras dos espelhos da grande sala de jantar. As obras de talha que saem do *pobre atelier* de Carregosa são de tal ordem, que o mestre Olivell, o grande esculptor flamengo do seculo xvi, a quem são devidos os maravilhosos entalhados da egreja de S. Francisco d'Evora e do côro do convento de Christo, em Thomar, ou o mallogrado Leandro Braga, cujos trabalhos Lisboa inteira ainda ha pouco admirou extasiada, não se desdenhariam de perfilhar.

O artista, Antonio Ferreira dos Santos, tudo o que é deve-o exclusivamente a si e ao sr. Bispo Conde, seu protector. São multiplices as suas aptidões, como escassas são as suas habilitações profissionaes. Aprendeu a lêr na escola da sua aldeia, e nada mais, o que não obsta que seja um artista na legitima accepção da palavra. Por tanto bem lhe quadra o cognome d'*artista*, por que é já conhecido, vindo assim repetir-se o facto que se deu ha tres seculos com o notavel gravador de moedas, e homem de extraordi-

narias aptidões também, João Gonçalves, que quasi ninguém conhece senão pelo *Imaginoso*.

Uma das causas que mais concorrem para a aprazibilidade da quinta da Costeira, é, depois dos seus bellos jardins, estufas, lagos e cascatas, a agua que alli corre por toda a parte. Ella ora se despenha dos pés da estatua de Moysés, erguida no planalto d'um morro ex-abrupto e artificiosamente levantado no meio d'uma extensa planura, e a que dá accesso uma ponte rustica, que liga os dois grandes lagos, formada de informes blocos de granito, e que mais parece uma construcção megalithica do que obra do presente, ora jorra n'um grande lago circular, subindo em aspiraes altissimas, ora, finalmente, cõe gottejando, parecendo semear lagrimas ou derramar aljofres, sobre pequenas taças cheias de plantas mimosas, e que servem como que de throno ás imagens dos Principes dos Apostolos, que, do alto dos seus pedestaes de granito, revestidos de caprichosos embrechados de seixos pretos e brancos, no estylo peculiar do Bussaco, e que as heras vão engrinaldando, parecem estar abençoando a obra do seu Successor. Não brota alli espontaneo tamanho manancial; vem de longe a agua: vem dos montes visinhos, cuidadosamente encanada, e tão bem distribuida esta, que faz lembrar a sentença repetida pelo brilhante chronista dominico: — «que aguas e annos, se se não aproveitam com bons empregos, perdidos são e pouco de estimar»; e, da sua qualidade, pôde bem dizer-se o que o mesmo Sousa disse das de Bemfica: «E' quanto pôde ser excellente, e d'uma qualidade propria das que nascem nas serras, fria, e desnervada na maior força do sol do Estio: temperada no inverno, como um banho (1).»

Na Carregosa nasceu, como dissemos, o sr. Bispo

(1) *Historia de S. Domingos*. Segunda parte. Liv. II, cap. III.

Conde, e na Carregosa dormem o derradeiro somno os seus illustres progenitores. Dos dias de luto de tão formosa estancia, dizem estas linhas, colhidas n'um jornal de Aveiro e n'um outro de Lisboa:

« Abysmados na mais acerba dôr e envoltos nos luctuosos crepes da mais pungente saudade estão, a estas horas, dois homens sympathicos e respeitaveis. O ex.^{mo} sr. Bispo de Coimbra e o rev.^{mo} sr. chantre da real collegiada de Cedofeita acabam de perder, para sempre, seu illustre e virtuoso pae!

O dia 5 do corrente foi um dia em extremo calamitoso para os illustres orphãos e para a sua respeitavel familia; e por elles será commemorado sempre, com lagrimas, tão infausto anniversario!

O sr. Antonio Corrêa de Bastos Pina achava-se já n'uma idade bastante provecta: no seculo actual poucos logram distanciarem-se tanto do seu primeiro dia. Acabrunhado pelos achaques proprios da idade, quasi já não sahia de casa, mas assim mesmo era alli ainda o tronco robusto aonde se encostavam aquellas abençoadas vergonteas, que tiveram a sorte de nascer e medrar a sua benefica sombra: elle entornava-lhes no coração aquelle prazer indescriptivel, que todos os bons filhos sentem, quando imploram e recebem a benção de seu pae! Era o verdadeiro quadro da familia, que se agrupa em torno do patriarcha veneravel, que lhe fez luzir o sol da existencia e lhe aplanou o caminho para um brilhante futuro.

O illustre finado morreu, porque era homem, porém a sua memoria viverá eternamente. E, se a nossa penna é frouxa para descrever tão elevado character, ficam os filhos, que elle educou, para dizerem que elle foi um pae exemplar; o archivo municipal de Oliveira d'Azemeis, para attestar que elle foi um cidadão prestavel, e os pobres, a quem elle bem fazia, para proclamarem que elle era um christão piedoso». (*Campeão das Províncias* n.º 2:678, de 8 de maio de 1878),

« O dia 9 de fevereiro ficará para sempre rememorado como um dia de lagrimas entre os povos do concelho de Oliveira d'Azemeis e de outras localidades por um facto lancinantemente commovedor.

Em Carregosa, e na sua casa da Costeira, falleceu n'este dia a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Joaquina da Silva Corrêa

de Bastos Pina, que era exemplo edificante e admiravel das mais acrisoladas virtudes e amparo valioso e efficacissimo de toda a pobreza, alvo dos mais sinceros affectos e da mais entranhada veneração, é verdadeiro modelo da mulher christã.

De crenças firmes e profundamente arreigadas por uma educação religiosa e cheia de piedade, a sr.^a D. Maria Joaquina passava os ultimos annos da sua santa vida, firmada nos purissimos affectos de sua illustre familia e das esplendidas glorias de seus filhos, entre os suaves confortos da oração, que era como um colloquio assiduo com a Divindade, e a prática das boas obras, que a punha em contacto com as penurias e miserias do mundo.

Com os olhos muito vivos fitos no céu, a formosa patria dos eleitos, e o rosto risonho e sempre sereno, com aquella serenidade que dá a paz da consciencia do justo, era a doce alegria da sua ex.^{ma} familia e a sombra amiga e sympathica aonde se acolhiam os que a veneravam, que eram todos quantos a conheciam.

Nunca uma angustia alheia deixou de ter echo no seu bondoso e affabilissimo coração. promettendo dar-lhe prompto allivio; e as lagrimas da pobreza, vertidas ao perto e ao longe, eram immediatamente enxugadas pela sua mão carinhosa e caritativa.

Estremecida pelos filhos extremosos, que abdicavam gostosamente os seus merecidos titulos, os seus altos poderes e a sua acatada e prestigiosa auctoridade ante a magestade veneranda de sua mãe extremosissima e sempre amavel, a sr.^a D. Maria Corrêa tinha, n'estes profundos respeitos e homenagens filiaes, a mais eloquente prova de quanto era querida e amada por elles.

De uma idade já muito avançada, a sua saude combalida trazia a familia sempre alvoroçada e em continuos sobresaltos; mas ella, no meio das suas doenças prolongadissimas e bem dolorosas, nunca deixou de soffrer pacientemente resignada, sendo ella própria quem animava e consolava a familia abatida e cheia de desalentos.

Era um doce encanto ver como os filhos, com aquellas cãs venerandas e respeitaveis, se acercavam de sua mãe não menos veneranda e respeitavel, tapetando-lhe de rosas e de perfumes a existencia, que lhes ia escapando pela fatalidade das coisas d'este mundo.

E a boa senhora, com o seu espirito sempre gentil e lucido, tinha sempre palavras meigas e carinhosas, e ditos

agudos e penetrantes, em occasiões ainda as mais afflictivas, para os seus e para os extranhos.

Vivendo para a sua querida e extremosa familia e para a pratica das virtudes christãs, a sr.^a D. Maria Joaquina nunca sãhiu do seu lar, da terra que lhe foi berço, onde reinava no coração de todos, para o meio do mundo, que ella conhecia pelas amarguras e lagrimas de muitos, para quem foi sempre doce balsamo e suavissimo lenitivo.

Modesta e recatada, simples nos seus costumes patriarchaes, affavel e indulgente para com todos, sempre bondosa e caritativa, sem ostentação nem pretenções, a vida d'esta senhora era uma lição perennal e edificante, repartindo graciosissimos affectos entre a familia, que a estremecia, e os pobres e desvalidos, que tanto a veneravam.» (*O Correio Nacional* n.º 606, de 13 de fevereiro de 1895).

XX

Congressos catholicos de Braga e Lisboa. Discursos e apreciações. No alto do Sameiro. Prefaciando uma obra estrangeira sobre uma rainha portugueza, torna conhecida uma carta que uma outra rainha portugueza tambem lhe dirigiu, e que é um documento importantissimo para a historia dos nossos dias.

O anno de 1891 ficou memoravel nas festas da egreja portugueza por o notabilissimo Congresso catholico que se realisou em Braga, sob a presidencia do venerando arcebispo D. Antonio José de Freitas Honorato, e a que assistiu, além d'outros Prelados, o sr. Bispo Conde, que n'esta imponente assembleia catholica pronunciou um dos mais brilhantes e eloquentes discursos que alli se ouviram, e não foram elles poucos. São d'elle estes periodos:

« Salvê, Religião Santa de Jesus Christo! Salvê, bahuarte querido e inexpugnavel das nossas crenças, do nosso amor e das nossas esperanças! Quando os teus inimigos,

que são os inimigos das nossas almas e do bem da nossa querida patria, te julgam decahida e abandonada no meio do povo portuguez, tu levantas e ostentas por este modo o teu prestigio, a tua influencia e o teu poder n'esta formosa capital da mais bella e encantadora Provincia do nosso Paiz.

.....
E vêem todos, de perto e de longe, e apinham-se aqui por esta fórma para, sem distincção de hierarchias, de classes ou de partidos, applaudirem, uns com a sua palavra e todos com a sua presença, este memoravel Congresso Catholico; todos para confessarem publicamente a sua fé e o seu apoio e fidelidade ás tuas doutrinas; todos para protestarem a sua adhesão e obediencia á Cadeira de Pedro, e para reclamarem a liberdade e independencia do Glorioso Pontifice, que ora n'ella se senta; e todos finalmente para elevarem ao Ceu os seus votos e as suas supplicas, para que reines sempre nos corações e nas consciencias, nos costumes e nas leis, nas sciencias e nas artes; e para que d'este modo o nosso fidelissimo Portugal, tão respeitado outr'ora, quando era crente e a cruz era a sua bandeira, como abatido e humilhado com infortunios e affrontas hoje, que, em vez de seguir o caminho da tua fé e da tua lei, parece querer ir para o da descrença, do egoismo e da soltura dos costumes e das paixões, não se demore em voltar novamente ao viver religioso e christão d'outros tempos, e á pratica d'essas grandes virtudes civicas e christãs que só tu inspiras e inflammas — a abnegação, a justiça, a nobreza de character, o valor, a honra e o patriotismo, — que tornaram respeitado e admirado no mundo o nome portuguez, e que são ainda hoje e sempre condição necessaria e indispensavel da fortuna e prosperidade dos Estados e dos progressos e esplendores da civilisação — » (1).

Sobre o discurso de s. ex.^a rev.^{ma} escreveram circumstanciadamente todos os jornaes que no Congresso tiveram representação, e foram unanimes em proclamar o seu grande merito, terminando assim: *A Palavra*: «O illustre Prelado de Coimbra foi varias vezes interrompido com entusiasticos applau-

(1) *Palavras proferidas pelo Bispo de Coimbra no Congresso catholico de Braga em 6 de abril de 1891—pag. 2 e 3.*

sos, e no fim estalejou por toda a sala uma unisona salva de palmas.» — *O Commercio do Minho*: «S. ex.^a rev.^{ma} foi alvo de calorosos applausos por diferentes vezes. Em alguns pontos do seu discurso revoaram estrepitosos *bravos* da grande assembleia. Tocando de passagem os erros principaes da sociedade moderna, o nobre Prelado foi felicissimo na maneira como os escarpellou, apontando o remedio para cada um d'elles. Muito bem! Muito bem!» — *O Commercio do Porto*: «O discurso do illustre Prelado conimbricense foi d'um altissimo merecimento, e, por isso, applaudido por toda a assembleia.» — *A Cruz e Espada*: «S. ex.^a rev.^{ma} foi por vezes muito applaudido pelo auditorio, que admirou a proficiencia com que s. ex.^a discursou.» — *O Amigo da Religião*: «Os applausos interromperam frequentes vezes o discurso do ex.^{mo} sr. Bispo Conde; immensos e espontaneamente irrompiam de toda a assembleia, enthusiasmada pela pericia com que o nobre Prelado mostrava o erro e lhe contrapunha a verdade.»

Não foi menor o triumpho alcançado pelo sr. Bispo Conde no Congresso catholico internacional de Lisboa, em junho de 1895.

Está ainda na memoria de todos, que uma das mais brilhantes commemorações do centenario Antoino, foi o Congresso catholico, realisado por essa occasião na egreja de S. Vicente de Fóra, e que um dos oradores d'essa notabilissima assembleia foi tambem o sr. Bispo Conde, sendo o seu discurso um dos que mais gratas impressões deixaram. D'elle disse o *Correio da Noite*, poucas horas depois do mesmo haver sido pronunciado, no extracto da 4.^a sessão do Congresso:

«O sr. Bispo Conde de Coimbra, figura primacial entre os nossos prelados e a quem foi dada a honrosa missão de encerrar o congresso. E' acolhido com muitas palmas. A

sua dicção é primorosa. Diz que quando orou na igreja de Santa Cruz em Coimbra antes de vir a este congresso, lhe pareceu ver levantarem-se do seu tumulo os restos mortaes de D. Affonso Henriques a dizer-lhe: « Ide, bispo de Coimbra, dizei ao congresso e dizei especialmente ao meu successor que foi pela religião e pela fé que eu combati a minha longa vida e conquistei aos infieis o reino de Portugal, pequeno pelo territorio e grande pelas glorias e pelo fervor das crenças christãs. Dizei-lhe que sem a religião nem a fé não se poderá manter a sua independencia e que não receie o meu successor e o seu governo seguirem o caminho que lhes aponta a verdadeira fé, porque só por ella poderão tornar a nação feliz.» Pareceu-lhe tambem vêr surgir a figura luminosa da Rainha Santa que lhe dizia: Ide, bispo de Coimbra, representar a cidade de que eu sou padroeira e vós pastor; advogae lá a causa da religião que foi a força que me amparou nas tribulações da vida e que foi a força que me deu na paz da clausura em que morria o descanso e a serenidade dos meus ultimos annos. Dize á rainha minha successora que entre as tristezas com que vejo a decadencia do velho Portugal me alegro pelas virtudes que ella ostenta e que faço votos incessantes ao Altissimo para que lhe premeie a sua caridade e o seu exemplo.

Dizei-lhe mais que nada deve temer uma rainha quando pela sua parte tem a limpidez da sua consciencia e o amor dos seus subditos. Sauda o cardeal arcebispo de Valencia, como nobre representante do episcopado hespanhol, d'esse episcopado tão unido, tão intelligente e tão digno, que é um dos maiores esteios para a nobre senhora que preside aos destinos d'aquella gloriosa nação; sauda os sabios que vieram illuminar este congresso com as suas luzes e todos os dignos congressistas, e ergue-lhes vivas calorosos. Agora que o congresso está a findar tem o seu espirito alegre e feliz. Póde ir sereno a Santa Cruz de Coimbra dizer a Affonso Henriques e á Rainha Santa que descancem tranquilos nos seus tumulos porque o Portugal de hoje ainda é o antigo Portugal cheio de crenças e de fé, como o têm mostrado as ultimas peregrinações ao Sameiro e agora este congresso, afóra tantas provas ultimamente dadas de robustecimento das forças catholicas. Esse movimento é apoiado por estadistas esclarecidos, e aponta para exemplo o nome do sr. conde de Casal Ribeiro, é patrocinado pela Santa Sé, como o prova a honrosa assistencia ao congresso do sr. nuncio de Sua Santidade, a quem presta eloquente homena-

gem. O orador diz que a Igreja vai sempre resistindo, sempre lutando, sempre vencendo nas suas luctas, sem temores nem receios, porque não pôde morrer ás mãos dos homens o que é de natureza divina.

Ameaçam-na com a liberdade dos cultos e a separação da igreja e do estado. Pela sua parte não teme essas ameaças. Já em 1875, ha vinte annos, n'uma carta pastoral, referindo-se ao primeiro ponto, sustentava a doutrina de que ella, quando vingasse, não conseguiria diminuir a influencia do episcopado e do clero, porque os povos não deixariam nunca de acatar as indicações dos seus pastores. Passa depois em rapida revista o valor e a significação dos discursos proferidos, exaltando especialmente os dos srs. : arcebispo d'Evora, arcebispo do Algarve, conselheiro Barros Gomes, padre Senna Freitas e D. Thomaz de Vilhena. Exalta o prestigio e a auctoridade do Papa, que, isolado em Roma, sem exercito, nem soldados, sem fortalezas, nem estado, é acatado e ouvido pelos mais altos poderes do mundo, que se vergam respeitosos ás suas palavras e indicações. Esta verdade era ainda ha pouco reconhecida pelo mallogrado e saudoso escriptor Pinheiro Chagas.

Exalta a gloriosa personalidade de Leão XIII e a sua politica conciliadora, recommendando auxilio e respeito aos poderes constituídos, dizendo que os catholicos portuguezes devem esquecer os agravos de muitas leis e disposições contrarias ás regalias da Igreja, para respeitarem os poderes constituídos, mesmo como o melhor meio de defender os interesses d'essa mesma Igreja. Não se trata d'uma prova de fraqueza, mas sim de reconhecer que a historia ensina que as deferencias e respeitos prestados aos ministros de *Cesar* não prejudicam os ministros de Deus e antes concorrem para se manter o prestigio da Igreja. Apoia todos os meios de propaganda catholica, mas condemna os exaggeros dos mais intransigentes que, com as suas desconfianças, só conseguem levar o desanimo ás fileiras dos crentes.

Faz depois um eloquente panegyrico de Sua Magestade a Rainha a quem consagra phrases da maior admiração e o elogio de Sua Magestade a sr.^a D. Maria Pia, da sr.^a duqueza de Palmella e de todas as damas portuguezas votadas á obra de caridade. Agradece ao rei, ao governo, que o orador diz ter ligada a sua responsabilidade ao congresso, fazendo-se representar na primeira sessão, e á camara municipal de Lisboa, o apoio dado ás festas do centenario.

Dirige um appello aos catholicos para que pelo seu trabalho consigam levar a caridade ao capital e a resignação ao trabalho, cumprindo-se assim o verdadeiro socialismo prégado por Leão XIII; appella para o patriarcha, para que este consiga a realisação de congressos catholicos em todas as capitães das dioceses que fôr possível e acaba supplicando aos catholicos que esqueçam todas as suas divergencias e desattendam a voz do orgulho para ir segurar a bandeira da cruz e ouvirem a palavra inspirada do papa.

O discurso do sr. Bispo Conde foi dos mais notaveis do congresso. Habil, sereno e elegante na fórma. A assembleia applaudiu-o com enthusiasmo, enlevada tanto na figura magestosa do orador, como dominado por aquella palavra firme e precisa, reflexo das mais profundas virtudes, da mais solida illustração e do mais distincto bom senso.

O nobre prelado foi immensamente cumprimentado pelos congressistas e pôde ter a gloria de ter salvo com a sua bella oração o fiasco da sessão de hoje.» ⁽¹⁾

Se ficou notavelmente assignalado nos fastos da egreja portugueza o Congresso catholico de Lisboa, não occupa n'elles logar menos distincto a grande peregrinação ao Sameiro realisada em 20 de maio de 1895, em que tomou parte o sr. Bispo Conde e alguns milhares de romeiros, muitos d'elles vindos de bem longe, formando um auditorio tão numeroso como até hoje não ha memoria de se haver reunido em Portugal em manifestações d'esta natureza. Perante esse concurso immenso, no alto d'aquella montanha consagrada á Virgem, o sr. Bispo Conde pronuncia um bello discurso, tão espontaneo como eloquente, tão piedoso como energico, que abre com esta saudação vibrante de fé, dirigida ao povo que o cercava :

« Salvè! povo de Braga e do Minho. Só n'esta cidade que é o baluarte da fé portugueza, só n'esta Provincia que é a vida e a força do paiz e da alma nacional, podia reali-

(1) O *Correio da Noite* n.º 4:776 de 28 de junho de 1895.

zar-se esta grandissima, esta imponentissima manifestação religiosa, este espectaculo surprehendente, maravilhoso e ainda não visto em Portugal, que se desenrola aos nossos olhos, encerrando tudo quanto ha de mais sublime e arrebatador para o espirito, de mais profundo e commovente para o sentimento, de mais grato e consolador para o coração, e de mais util e proveitoso para a religião e para a patria.» ⁽¹⁾

O conde de Moucheron pediu em 1896 ao sr. Bispo Conde para lhe prefaciar uma obra que ia publicar sobre a rainha Santa Izabel e que era dedicada a S. M. a Rainha D. Amelia. O nobilissimo Prelado accedeu ao pedido do illustre escriptor francez, enviando-lhe copia d'uma carta que no anno anterior lhe havia dirigido a Augusta Soberana, e «que só de per si, dizia s. ex.^a rev^{ma}, seria bastante para fazer a reputação d'uma Rainha, ainda da mais poderosa Côrte da Europa, pela muito que revela a sua grandeza de alma, a comprehensão dos deveres e melindres da sua posição, a justiça do seu caracter e a largueza das suas vistas perante as questões religiosas e sociaes que por toda a parte assoberbam a sociedade moderna». Que lhe enviava a copia da carta, accrescentava o benemerito Prelado, para elle conhecer por este documento que, se a Rainha Santa era digna do seu livro, a sua Successora era digna do offerecimento d'elle, e que, se a Esposa d'El-Rei D. Diniz honrou Portugal e a Hespanha, a Esposa d'El-Rei D. Carlos estava honrando Portugal e a França.

E na verdade é deveras importantissima esta carta, é um documento de altissima valia que no futuro ha de vir a formar uma das paginas mais brilhantes da chronica da illustre Princeza, que, como poucas, tem sabido e sabe ser Rainha e Mãe do seu povo. E' esta:

⁽¹⁾ *Boletim mensal do governo ecclesiastico da diocese de Coimbra.*—II anno, n.º 4, pag. 50.

«Pena, 20 de julho de 1895. — Reverendissimo Bispo Conde. — Recebi com muito gosto a sua ultima carta, na qual mandava-me a representação dirigida ao Ministro das Obras Publicas para eu junto d'elle interceder em favor da continuação das obras da Sé Velha.

Sabe o Bispo Conde que não tenho senão razões para ser obrigada aos Ministros pela boa vontade com que sempre attendem os meus pedidos, mas sabe tambem que respeito muito os melindres e delicadezas da minha posição e da d'elles, e que não devo e não quero nunca intrometter-me nos seus actos governativos, para que não se desviem, por minha causa, do que elles entenderem que é justo, que é o que quero sempre em tudo.

Por achar, porém, justissimo o seu pedido d'um subsidio para as obras da Sé Velha, de muito boa vontade transmittir o-hei ao Campos Henriques. Muito grandes são o meu interesse e o meu empenho n'estas obras, e, se por qualquer motivo houvesse duvidas, que espero não haverá, na concessão de 1:200\$000 réis que se pede, eu promptamente ponho esta somma á disposição do Bispo Conde, pedindo-lhe que prosiga nas obras como se já a tivesse no seu poder.

Tenho só uma pena, é a de, apesar do meu grande desejo, não me ter sido possivel ver a restauração d'esta admiravel Sé Velha. Mas isto tudo sabe o Bispo Conde muito bem. Agradeço-lhe a photographia da cabeça de D. Betaça ⁽¹⁾, que mostra um estado de conservação verdadeiramente extraordinario. Tambem ainda não agradei, mas agradeço-lhe agora, o Discurso que proferiu no Congresso Catholico, e a não ser as referencias que me fez e que agradeço, apesar de não as merecer, diria eu simples e francamente que achei tudo bem, sensato e prudente. Desejei ir tambem ao Congresso Catholico, como em Lisboa lhe disse, mas apesar de eu nunca ter receio e de nada me impedir de mostrar em tudo que tenho Fé e Religião, entendo tambem que, nas manifestações religiosas, que não forem obrigatorias para mim, e que uns applaudem e outros combatem, devo abster-me de tomar parte n'ellas para me collocar no meu lugar acima d'uns e d'outros, e como Rainha

(1) Esta senhora veio com a Rainha Santa de Aragão, e abrindo-se ha pouco o seu tumulo que está na Sé Velha, tirou-se a photographia do rosto e cabeça ainda bem conservada.

que sou e devo ser de todos, sem me envolver nas paixões e exaggeros de uns, nem nas paixões e exaggeros de outros.

Lamento muito, e só Deus sabe quanto me custa, que da Religião, que é tão boa e necessaria para todos, ricos e pobres, governantes e governados, se esteja fazendo partido e causa politica, e nunca apoiarei os que assim procedem, tanto d'um lado, como d'outro.

E nas festas Antoninas, que, partindo d'uma idéa tão sympathica, tão bons resultados podiam ter dado, embora sejam dignos de muito louvor os que as promoveram, por tanto que trabalharam e por tantas coisas boas que fizeram, e com tão boa intenção, não posso deixar de dizer que houve um bocadinho de exaggero no muito que as prolongaram: 18 dias de festas, foram festas de mais. Assim sempre me pareceu, e nunca aprovei semelhante coisa, como lhe disse em S. Pedro do Sul, e depois em Lisboa.

E se não fosse este exaggero, e se infelizmente a má vontade d'alguns não visse n'ellas uma especie de provocação, ainda que sem razão, talvez não se dessem os acontecimentos lamentaveis da procissão do dia 3o, que eu tanto senti.

Por isso mesmo que os tempos vão difficeis e perigosos, é necessario que haja muita cautella e prudencia em tudo e em todos, e que se tire ás festas, quanto puder ser, tudo o que possa revelar odio ou revindicta contra os seus adversarios.

Combatam-lhes as doutrinas e os seus fins e processos dissolventes e anarchicos, mas procurem fazel-o de modo que, em vez de os provocarem e exacerbarem, forcejem antes por abrandal-os e attrahil-os, como é proprio do verdadeiro espirito piedoso e christão.

Desculpe, meu caro Bispo Conde, este desabafo, mas não tive occasião de fallar comsigo antes da minha ida para a Pena, e sabe quaes são o meu respeito e confiança na sua opinião e o meu reconhecimento para com a sua dedicação e amizade.

Peço-lhe me creia sempre e com o maior respeito—Sua muito affeição, *Amelia.*»

XXI

Hospeda no seu Paço os prelados, os representantes da Santa Sé e as primeiras summidades do paiz sem distincção de côr politica. A' Familia Real Portugueza offerece um almoço no Seminario. Discurso que pronuncia por essa occasião. Hospeda no seu Paço de Leiria a SS. MM. El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia. Como agradece esta visita. Brinde tão eloquente como entusiastico.

Um biographo do egregio Prelado, escreveu: «Uma das grandes virtudes do sr. Bispo Conde, que nós celebrariamos aqui na mais remontada eloquencia, se a possuimos, é aquella rara virtude com que se faz bemquisto e respeitado de todos os homens mais importantes do seu paiz. A todos recebe com igual agrado e distincção no seu Paço episcopal. Alli vão procurar seus aposentos, quando visitam Coimbra, os chefes de todos os partidos da politica dirigente. Significa este grande facto que o sr. Bispo Conde não se tem servido do seu baculo pastoral para conduzir seus diocesanos ao gremio de qualquer partido, e que todos esses homens notaveis lhe votam muito profunda estima e muito alta consideração.» (1)

E na verdade nenhum homem publico importante do paiz ou mesmo do estrangeiro, que nos ultimos trinta annos tenha visitado Coimbra, jámais deixou de ser obsequiado em extremo pelo illustre Prelado, sem distincção de côr politica ou nacionalidade. São sempre brilhantissimas as suas recepções officiaes e os seus jantares de gala. Ninguém recebe com mais fidalga gentileza do que o sr. Bispo Conde, por isso

(1) *A Voz do Christão*.—Novembro de 1885.

quem uma vez entrou nas salas do Paço episcopal de Coimbra, aneja por lá voltar de novo, tão penhorante e attrahente é a hospitalidade que alli se recebe.

N'aquelles jantares além da elegante disposição da mesa e do aprimorado do serviço, tornam-se sempre notaveis pela sua correcção e eloquencia os brindes levantados pelo benemerito Prelado a Sua Santidade, á familia real portugueza, aos seus collegas do episcopado, ao governo, etc. S. ex.^a rev.^{ma} nunca esquece n'essas occasiões o nome do ministro que o apresentou na egreja conimbricense e seu amigo de ha longos annos, o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Além de muitos vultos eminentes da politica como Fontes, Dias Ferreira, Pinheiro Chagas, Casal Ribeiro, o sr. Bispo Conde tem hospedado no seu Paço, além de outros prelados portuguezes e estrangeiros, os ex.^{mos} e rev.^{mos} srs. Patriarcha das Indias e Nuncios Vanutelli e Jacobini. No seu hospício de Aveiro teve s. ex.^a rev.^{ma} por hospede tambem, em 1886, S. A. o Senhor Infante D. Augusto.

Quando em julho de 1892, Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha Sr.^a D. Amelia visitaram Coimbra, offereceu-lhes um almoço no Seminario que foi a festa mais brilhante das que então alli se realisaram. S. M. El-Rei fez um brinde muito affectuoso ao sr. Bispo Conde que agradecendo, pronunciou este esplendido discurso:

«Senhor. — Por differentes vezes, e na presença d'assembleias muito illustradas e distinctissimas, tenho eu tido a honra de advogar n'este mesmo salão as doutrinas da harmonia entre a Egreja e o Estado e a necessidade d'estes dois grandes poderes se auxiliarem reciprocamente para apasiguarem as grandes crises sociaes que ao perto e ao longe estão preoccupando todos os espiritos e cercando de difficuldades todos os Governos.

Na ordem social e politica não quer nem aspira a outra

cousa a Igreja e o seu chefe supremo; e é grande hoje o meu jubilo e a minha gratidão por ver que Vossa Magestade, que é o supremo chefe do Estado, se digna de sancionar, e como que pôr o esmalte n'estas doutrinas com esta regia visita, agora feita a Coimbra, para honrar a religião e exaltar os cultos da sua Santa Padroeira; com a honra incomparavel d'esta vinda ao meu Seminario para considerar e honrar uma casa de padres e de ministros da Igreja, e finalmente com o que n'este sentido se tem dignado de manifestar e dizer hoje, e que tanta honra faz a um Rei Catholico.

Tudo isto ficará para sempre registado com letras de ouro n'este Seminario, assim como para sempre ficarão também registadas no meu coração as bondades, tão singulares e captivantes, com que Vossa Magestade se tem dignado de honrar e confundir o mais humilde dos Bispos portuguezes, mas não o menos leal e dedicado ao seu Rei e á sua patria.

Senhor: — Podem ser grandes os infortunios com que a Providencia Divina queira provar mais ainda o honrado e brioso povo portuguez, mas jámais sossobrará no meio d'elles, porque Deus não o ha de abandonar, e porque o seu Rei, piedoso, illustrado e forte ha de tornar mais forte ainda a forte gente.

N'esta esperança, pois, que é a esperança de nós todos, eu tenho a honra de saudar, cheio de alegria, de respeito e gratidão, em meu nome, e em nome do meu seminario e de todos estes clérigos, o nosso Rei fidelissimo, que, hasteando por igual a bandeira da cruz e a bandeira das quinas, ha de procurar força e apoio para o seu throno, paz e felicidade para o seu povo, na religião e nos seus ministros, e não na impiedade e nos livres pensadores; no direito, na justiça, na moral e na obediencia ás leis, e não nos calculos da politica, e nas suggestões interesseiras e apaixonadas dos partidos; e finalmente na bemquerença e amor do povo portuguez, conquistado por exemplos de moralidade publica, como Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha sabem dar, e não nas baionetas dos soldados, pagos pelos cofres do thesouro publico, embora não se afastem da fidelidade que distingue o exercito portuguez.

Sendo o nosso Rei Fidelissimo que, sabendo muito bem que a importancia das nações não está na extensão dos seus territorios, nos montes do seu ouro, nas legiões dos seus exercitos e nas armadas dos seus navios, mas no poder milagroso da sua fé, na austeridade da sua moral, no ardor e

entusiasmo do seu patriotismo, e na sua cooperação, illustrada e civilisadora, para o bem da humanidade, ha de despertar em todos os seus subditos estas virtudes civicas e christãs, que são o cimento mais forte dos thronos, com o seu exemplo e com o seu valor para, levantando

.....

 Braço forte de gente sublimada
 Não menos nos engenhos que na espada

.....

 Tornar-nos nossas forças o Rei novo,
 Se é certo que c'o Rei se muda o povo.

Tenho a honra de saudar tambem Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia, que, vindo das margens do Sena fulgurar com tanto brilho nas margens do Tejo, não pelos esplendores da realza e pelo porte elegante e gentilissimo da sua figura, mas pelas formosuras do seu coração, sempre fazendo bem, e sempre rescendendo a doce fragancia das mais santas e delicadas virtudes, acaba de receber do Vigario de Christo na terra um mercedissimo premio para as suas boas obras, e uma grandissima honra para o seu paiz.

Saudo a nossa Augusta Soberana, a filha predilecta e premiada do grande Leão XIII, saudo a mulher Christã e a mulher forte do Evangelho que, sabendo converter, como eu já aqui disse, as rosas no dinheiro de Izabel, e o soccorro aos necessitados e as consolações aos afflictos em joias preciosas da sua corôa, é a honra e a gloria do seu throno, e o anjo bom de Portugal.

Saudo, finalmente, Sua Alteza o Principe Real, este encanto e alegria do presente e esta lisongeira e promettedora esperanza do futuro, que nos prende e captiva a todos com a sua formosura e graça infantil, com as felizes alvoradas do seu espirito, e com as canduras e purezas do seu coração, que seus Augustos Paes, tão louvavelmente, principiam já a formar com os seus desvelos e bons exemplos.

Que Deus Nosso Senhor abençoe estas saudações e os sentimentos e votos que ellas exprimem, sentimentos e votos que estão inscriptos n'estas paredes e gravados nos corações de nós todos.

Viva Sua Magestade El-Rei, o snr. D. Carlos I.

Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia.

Viva Sua Alteza, o Principe Real.

Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Manoel.

Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia.

Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Afonso.»

Em agosto do mesmo anno teve o sr. Bispo Conde a altissima honra de hospedar Suas Magestades em Leiria, onde lhes offereceu um sumptuoso banquete. No brinde que s. ex.^a rev.^{ma} fez por essa occasião a Suas Magestades, que foi ouvido de pé e coberto de applausos, exprimiu-se assim :

« Foi grande a honra que Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha Se Dignaram de conceder-me ha pouco tempo em Coimbra : é maior ainda a que Se Dignam de conceder-me agora em Leiria escolhendo este Paço deshabitado e desprovido para n'elle Se hospedarem na sua visita a esta cidade, e realçam sobre tudo esta honra as bondades tão singulares com que Vossa Magestade Se Digna de considerar esta Diocese, e confundir o seu humilde pastor.

Senhor. — Obedecer a Deus, e depois de Deus obedecer a Cesar é doutrina catholica sempre por mim prégada com a palavra e com o exemplo, e da qual não pôde nunca afastar-se quem fôr verdadeiramente christão.

E se quando Jesus Christo proclamou com tão admiravel concisão esta doutrina que abrange o ceu e a terra, as almas e as consciencias, os espiritos e os corações, Cesar era Nero e Tiberio, como pôde haver em Portugal quem se recuse a respeitar e obedecer a Cesar, quando Cesar é Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. Carlos, e Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Amelia, que, de continuo e por toda a parte, estão dando eloquentes testemunhos dos seus sentimentos religiosos, da sua consideração e respeito pela Igreja e pelos seus ministros, e das suas virtudes christãs, sociaes e domesticas?

Não sou eu que as apregão, porque não é para tanto a rudeza da minha palavra, e porque me impediriam de o fazer os receios e melindres do meu ministerio, para não se

dizer que o Bispo Catholico sacrifica aos seus agrados para Cesar os seus agrados para a verdade e para Deus.

E' o grande Pontifice Leão XIII, o grande vulto d'este seculo na religião e na politica, nas sciencias e nas letras, que as apregôa, proclama e consagra á face da Europa e do mundo inteiro.

Pois quem não vê a devoção e piedade com que Suas Magestades, mal chegados a Coimbra e Leiria vão logo, e antes de tudo, ajoelhar e orar perante a Magestade Divina, ouvir o santo sacrificio da Missa, e implorar o auxilio e protecção das santas Padroeiras das duas Cidades?

Quem não vê esse rasto de beneficios e de benções, e não ouve esse côro unisono de louvores, que Suas Magestades deixam sempre atraz de si em todas as terras a que vão, pelas artes que animam, pelas industrias que favorecem, pelas sciencias que protegem, pelos necessitados que soccorrem, pelos afflictos que consolam, pelos desvalidos que amparam, e pela affabilidade e doçura, tão natural e espontanea, com que a todos prendem e captivam?

E no meio d'um luxo exaggerado a que chegámos, e que tanto mal está fazendo aos bons costumes, ás familias e á sociedade, quem não ouve, como eu tenho ouvido, elogios e louvores a Sua Magestade a Rainha pelo bom exemplo que está dando com a modestia e simplicidade do seu traje nos annos mais risonhos da sua mocidade, modestia e simplicidade que fica tão bem, e sobresahe tanto na sua dignidade de Rainha e na sua formosura de mulher, como sobresahe nas mais bellas e mimosas flores o aroma delicioso e suavissimo da humilde e modesta violeta?

Como a Santa Esposa do Sr. Dom Diniz que, na escarpa d'este monte e aqui mesmo tão perto de nós, viveu vida santa e amargurada, e que para as suas amarguras só encontrava consolação nos seus extasis d'amor divino e nos suspiros e anseios constantes da sua alma pela eterna gloria, — como não exultará ella agora no ceu, vendo n'estes logares, que tanto santificou com as suas orações, e regou com as suas lagrimas, uma herdeira-tão digna da sua corôa, e tão imitadora das suas virtudes? — Como não bemdirá a sua sorte, tão differente da d'ella na terra, porque, em vez das guerras internas e externas, que a amarguravam e lhe despedaçavam a alma, tem a virtuosissima Esposa do Sr. Dom Carlos a paz de seu reino, as benções de seu povo, o amor e adoração do seu Esposo e as ternuras e encantos dos seus filhos a tapetar-lhe de flores os caminhos da vida,

e a inundar-lhe de santas alegrias o seu coração bondoso e amantissimo de Rainha, de Esposa e de Mãe?

Senhor:— O ministro de Jesus Christo, a quem está cabendo a honra de levantar a voz perante Vossa Magestade, cheio de respeito, de humildade e de obediencia, mas tambem cheio de força e sempre indefectivel na sua missão de dizer a verdade aos Reis e aos povos, não pôde deixar de louvar com todas as veras da sua alma as crenças religiosas e moraes que tanto resplendem na corôa Portugueza, e que são um protesto contra aquelles que pretendem que se governe a sociedade sem Deus, sem templos e sem altares, e que se substitua a moral santa do Evangelho, á qual devemos os esplendores da civilisação de que gosamos, por uma moral evolucionista, independente e fundada na ideia do Bem, moral que se resumiria no *Quidquid placet sanctum*.

Que seria da sociedade, se para ella não houvesse áquem da campa senão esta moral, e *au delà* senão o nada?

Que seria d'ella ainda, se além da sua força publica, e de seu poder material, não houvesse outro poder que imperrasse nas consciencias e nos corações, e que não tivesse outra sanção, senão as penas do código penal, os ferros das prisões e as costas africanas?

A força e o poder material podem intimidar os animos, constringer as vontades e trucidar os corpos, mas não podem subjugar e aniquilar as almas, vencer as consciencias, e conquistar os corações.

Digam a um exercito, por mais aguerrido que seja, que vá civilisar povos e captivar corações com a sua espada, como civilisa aquelles e captiva estes o ministro de Christo com a sua cruz e com o seu Evangelho.

Digam a esses innovadores dos nossos dias, que façam com a sua força e com o seu ouro cortejos civicos aos seus heroes, como nós fazemos procissões á Rainha Santa em Coimbra só com a nossa fé e piedade christã.

Digam a esses espiritos fortes e avançados, que se lembrem de affrontar o sentimento religioso do paiz com a liberdade de cultos, que ponham assim os Bispos á vontade para irem para o meio dos povos com a sua cruz, com o seu baculo e com a sua mitra prégar dentro das leis a favor da religião catholica e contra os que a perseguem, e verão depois o que são luctas e difficuldades governativas.

Em Vossa Magestade, porém, que tanto está honrando

as tradições religiosas do seu throno com a sua illustração e piedade, e no seu Governo que está envidando os mais louvaveis esforços para bem servir o paiz com o seu muito talento, reconhecida energia e reconhecidissima probidade, tem felizmente a Egreja portugueza, e temos nós todos um penhor seguro de que jámais se chegará em Portugal a taes excessos.

Que a religião catholica, pois, sem mundanidades e exaggerações; que este grande poder das almas e das consciencias; que este symbolo santo da paz e do amor entre os povos; que esta grande força moral que d'um punhado de terra fez uma nação que avassallou mares e continentes, e que dos nossos avós

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana

fez egualmente um passado de glorias, que é ainda hoje a honra do povo portuguez, e o grande brazão do orgulho nacional; que esta religião santa, finalmente, com as doutrinas que prega e com as virtudes que inspira, seja sempre o apoio e a força do throno de Vossa Magestade, e a bussola que dirija e guie constantemente a nau do Estado n'este mar revolto e procelloso das paixões humanas.

Não tenha, pois, Vossa Magestade nem o seu Governo receio algum de auxiliar e dar a mão á Religião e aos seus ministros, porque ou a sociedade portugueza se salva ajudada pela religião, ou se perde corrompida pela impiedade e esphacelada pela revolução.

O clero e os Bispos portuguezes não querem resuscitar antigos regimens, nem aspiram a predomínios politicos e temporaes dos tempos que lá vão. O que elles querem é procurar os bens das almas e o bem da sua patria, adorar o seu Deus no Ceu, e respeitar e obedecer ao seu Rei na terra.

Viva Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos.

Viva Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

Viva Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia.

Viva Sua Alteza o Principe Real.

Viva Sua Alteza o Serenissimo Principe Infante D. Manuel.

Viva Sua Alteza o Serenissimo Principe Infante D. Affonso.

XXII

Eleito socio da Real Academia de Historia de Madrid dirige a esta douda corporação um agradecimento que é um modelo de linguagem e de patriotismo. Como a proposito d'elle se expressa um dos homens mais notaveis de Portugal. Em Madrid. Sanchez Moguel e Herculano. Honras e obsequios mercedissimos que recebe alli. Discurso que pronuncia na Academia Real de Historia. Carta muito notavel que dirige ao ministro da guerra Moraes Sarmiento, em que exalta os feitos do exercito portuguez nas campanhas d'Africa. Sauda n'um brinde tão religioso como patriotico o heroe de Chaimite.

No começo do anno de 1893, por proposta do illustrado publicista hespanhol o sr. D. Antonio Sanchez Moguel, foi o sr. Bispo Conde eleito socio correspondente da Real Academia de Historia de Madrid.

S. ex.^a rev.^{ma} agradeceu a mercedissima distincção, que esta douda corporação lhe conferiu, n'esta bella carta que despertou o maior enthusiasmo em toda a Hespanha:

«Tive hoje a honra de receber o officio, datado de 8 do corrente, em que V. E. se serve communicar-me que a Real Academia de Historia se dignou de nomear-me seu socio correspondente.

Surprehendeu-me por inesperada e confundiu-me por immerecida, honra tão desproporcionada aos meus pouquissimos ou nullos merecimentos; e, se é profunda a minha gratidão para com tão respeitavel corporação litteraria, não são menores a minha preocupação e o meu receio de não poder corresponder a distincção tão elevada e de deixar mal a mão generosa e amiga que fez penetrar o mais humilde dos bispos portuguezes n'esse santuario das sciencias, no qual tanto resplandecem os grandes engenhos e as glorias de Hespanha na religião, na politica, nas letras e nas armas.

Mas, assim como na fabrica dos grandes edificios não ha sómente mestres e officiaes a quem Deus concede a scente-

lha do genio, mas tambem peões e aprendizes, rogo a V. E. e a essa illustre Academia, que, na grande obra litteraria que assiduamente vae levantando, me considerem apenas como aprendiz de seus grandes mestres, e que embora não possa contribuir com um só grão de areia do meu proprio cabedal, nem por isso serei o servo inutil do Evangelho, porque hei de consagrar-lhe sempre meus esforços, minha boa vontade e o copioso tributo de minha admiração e respeito.

Tenho pois a honra de supplicar a V. E. se digne de receber e transmittir a toda a Academia, com a expressão de meus sentimentos, o testemunho da minha sincera e profunda gratidão, pela honra que se dignou de me dispensar.

O meu respeitavel e bom amigo e distincto academico ex.^{mo} sr. D. Antonio Sanchez Moguel me fará o favor de receber o Diploma e os Estatutos pela forma que V. E. me indica no seu officio.

E, dito isto, permitta-me V. E. declarar aqui que não recebi nem receberei diploma algum que mais estime nem que por todos os motivos mais me lisongeie, apezar da consciencia me dizer constantemente que o não mereço; porque poderá ter tambem de bom o ser o principio de maior fraternidade religiosa e litteraria entre os dois povos da Península, o que é o mais grato para mim como bispo e como portuguez.

Como bispo, porque admirador como sou do grande Episcopado hespanhol, é honroso e consolador para o Episcopado portuguez que o seu nome figure, ainda que com o meu que é obscuro, ao lado de prelados hespanhoes, correspondentes tambem d'essa academia, que são, por sua fé, sciencia e zelo apostolico, honra da sua patria e gloria da Igreja hespanhola.

E como portuguez, porque d'essa fraternidade devem provir necessariamente maiores estimulos para a cultura das letras e das sciencias, e maior lustre e esplendor para a vida intellectual e litteraria da Nação Catholica e da Nação Fidelissima.

Já é tempo de que os progressos da civilisação, os adeantamentos actuaes das sciencias sociologicas e os interesses reciprocos das duas nações, impeçam que vivam isoladas e separadas uma da outra, como se entre ellas se interpozesse a extensão dos mares, a altura dos Alpes e dos Pyrneos ou differenças de raça e de crença. A historia de uma é em muitos pontos a história da outra, e estão entre-

laçadas em ambas muitas das tradições e das glórias de que se ufana cada uma d'ellas.

Aqui mesmo n'este palacio episcopal, de onde vejo todos os dias e a todas as horas o mosteiro de Santa Clara, no qual está o corpo da Rainha Santa Izabel, honra e gloria da minha patria, eu não posso contemplal-o, sem que o meu espirito me leve ao mesmo tempo a Hespanha, onde nasceu e d'onde veio para Portugal a Santa Padroeira de Coimbra, que é simultaneamente encanto da devoção e da piedade hespanhola e o mais nobre brazão que ostenta a corôa dos reis de Portugal.

De igual maneira não pôde Hespanha adorar em Granada S. João de Deus, atravessando incolume grandes labaredas de fogo, sem remontar-se a Portugal, d'onde sahiu para alli este grande prodigio da caridade e amor do proximo que, decorridos mais de quatro seculos, se perpetua ainda hoje no amparo que seus irmãos prestam á humanidade enferma em toda a Peninsula.

Egualmente, na dilatação dos dominios da fé, na propagação das doutrinas da Cruz e do Evangelho, na navegação dos mares, nas conquistas de continentes, no valor das armas e nos serviços prestados á civilisação e á humanidade, encontram-se sempre no mesmo terreno as duas nações que a natureza creou para viverem unidas e amigas, e ás quaes Deus protege e abençoa, por igual, na firmeza de suas crenças e na chamma do seu amor patrio.

Não ha, pois, motivo algum para que uma deixe de apertar a mão da outra, e para que, auxiliando-se reciprocamente, conquistem o respeito e a consideração que devem ter na Europa, conservando respectivamente sua independencia e autonomia.

*Felizmente vejo, cheio de satisfação, que a este fim se encaminha hoje a mira dos homens mais notaveis de Hespanha e de Portugal; e para isso contribuem poderosamente as relações de amizade e a identidade de sentimentos e de virtudes das duas côrtes, a maior facilidade de communicações entre os dois paizes, os tratados de commercio celebrados entre ambos, a gentileza e fidalguia com que Hespanha recebeu Portugal nas festas colombinas e os sentimentos eguaes com que este ha de seguramente corresponder-lhe.

Queira Deus que não venha alguma nuvem empanar esta aurora que começa a raiar tão promettedora de esperança, de paz e de prosperidades para as duas nações, e que

sejam ouvidos no ceu estes votos que faço no excesso do meu amor a Portugal e no do meu respeito e gratidão para com a Hespanha.

Deus guarde a v. ex.^a. — Coimbra, 17 de abril de 1893.
— *Manuel, Bispo Conde.*

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Secretario da Real Academia de Historia.»

Referindo-se a este interessantissimo documento, que foi publicado pela *Illustracion hespanola y americana*, e depois transcripto por quasi todos os jornaes da Peninsula, dizia o finado Visconde de Seabra n'uma carta que dirigiu em 14 de maio de 1893 á *Correspondencia de Coimbra*: «... é minha opinião que a carta do nosso illustradissimo Prelado não precisa de commentarios; é tão cheia de sentimentos patrioticos e humanitarios, tão impregnada d'aquella unção pia, sublime e evangelica que é propria dos Chrysostomos, que não deixa no nosso espirito mais que desejar.»

Em 31 de maio de 1896 realizou-se na Real Academia de Historia de Madrid uma sessão publica em honra do grande historiador Alexandre Herculano, cujo elogio foi lido pelo illustre academico e distinctissimo publicista o sr. D. Antonio Sanchez Moguel. Rarissimas vezes se terá prestado em terras estranhas identica homenagem a um escriptor portuguez como esta foi, e rarissimas vezes tambem um estrangeiro se terá occupado tão sabia e proficientemente dos trabalhos litterarios d'esse escriptor, como o fez o sr. Sanchez Moguel com relação a Herculano, chegando a revindicar glorias que os proprios compatriotas lhe disputavam, como é a originalidade do seu *municipalismo*.» ⁽¹⁾

(1) *Alejandro Herculano de Carvalho, estudio critico-historico leido ante la real academia de la historia en la junta pública el día 31 de mayo de 1896. por el academico de número D. Antonio Sanchez Moguel. Madrid, 1896.*

A esta grandiosa festa academica foi assistir o sr. Bispo Conde, recebendo por essa occasião em Madrid da parte da Rainha Regente, do governo, da côrte, das academias, da imprensa e do povo em fim os mais elevados testemunhos de justificadissima admiração e respeitosa sympathia.

Agraciado com a gran-cruz de Carlos III, honra que rarissimas vezes se consegue a estrangeiros, a não ser aos principes de sangue, além da de Izabel a Catholica que já tinha recebido no Paço da Praça do Oriente em audiencia solemne, obsequiado com um banquete pelo presidente de conselho Canovas del Castillo, recebido nos primeiros salões pela imprensa, visitado por tudo que alli tinha um nome nas letras, na aristocracia, na politica, enaltecido no alto clero e reverenciado por o povo que, pressuroso, lhe sahia ao encontro nas ruas e nos templos para lhe oscular o anel, sr. Bispo Conde deixou Madrid penhoradissimo.

Na Real Academia de Historia, no dia 5 de junho, agradecendo as deferencias que alli lhe haviam sido dispensadas por occasião da sessão consagrada á memoria de Herculano, e em que teve um lugar de honra, pronunciou s. ex.^a rev.^{ma} um discurso tão eloquente como commovedor, em que o mais acendrado patriotismo resalta de cada phrase, e em que todo elle se espelham os crystalinos dotes do seu nobilissimo coração. D'esse formosissimo ramalhete, coberto de applausos pelas primeiras glorias litterarias e politicas de Madrid que assistiam á sessão, arrancaremos estes trechos:

« Parece que a Hespanha sempre distincta e brilhante na religião, na politica, nas letras e nas armas; sempre briosa e inexcedivel em tudo o que fôr nobre e grande, quer para o espirito no campo das ideias, das sciencias e das artes, quer para o coração nos sentimentos da fé, da caridade e do amor da familia, da religião e da patria; e sempre va-

lente, arrojada e destemida a ponto de não fazer caso do seu sangue e da sua vida quando se trata de sustentar o decoro e a gloria do seu nome, entendendo, mais que nenhum outro povo do mundo, que é melhor morrer com honra do que viver com ignominia; parece, dizemos, que esta nação altiva, fidalga e cavalheirosa se compraz em ser generosa e magnanima para com os humildes.

Não o admiramos, senhores, porque é proprio de quem vale muito dar a mão a quem nada vale, e de quem respeita tanto a religião e a Egreja, como nós aqui temos visto, considerar e honrar os seus ministros ainda que sem virtudes, como nós, e ainda que estrangeiros, como nós somos, porque, se na religião não ha fronteiras, na bizzarria e longanimidade da Hespanha não ha limites.

«... a apothéose que se fez aqui a Alexandre Herculanó, não obstante o não ser hespanhol, apothéose a que nós viemos assistir, não só para significarmos por este modo os nossos agradecimentos á Hespanha que lh'a fez, mas também para honrarmos a memoria do illustre filho de Portugal que se por vezes teve algumas nuvens no sol do seu talento e das suas crenças, essas nuvens foram por ultimo dissipadas, como aqui se disse, e a Egreja absolveu-as e perdoou-as por tal forma que nós não tivemos duvida em estar aqui não só como cidadão portuguez, mas também como Bispo catholico...»

Reproduzido em opusculo este famoso discurso, teve em Portugal successo igual ao que havia tido em Hespanha, todos o desejavam conhecer e lêr, tal era a justificadissima reputação de que vinha precedido. O sr. conselheiro José Estevão de Moraes Sarmiento, então titular da pasta da guerra, que ás suas brillhantes qualidades de escriptor e de estadista junta um grande amor pela patria e pelas prosperidades do nosso exercito, de quem é um dos mais illustres ornamentos, solicitou do sr. Bispo Conde alguns exemplares da sua bella oração para as bibliothecas regimentaes. Accedeu gostosamente ao pedido o venerando Prelado, offertando para o indicado fim 1:200 exemplares do discurso que pronunciara na Real Aca-

demia de Historia, e fez acompanhar a offerenda de uma carta não menos notavel, que é uma joia de altissimo valor em tudo digna do Prelado e do Ministro, e em que ha periodos como estes :

« Além d'isso o ferro e o fogo poderiam afogar tudo em sangue, mas não poderiam nunca extinguir no coração dos bons portuguezes o amor da sua patria, a saudade da sua independencia e o ansear constante pelo seu resgate.

E que lucraria a Hespanha, que não precisa de nós, tomando com as balas das suas espingardas, e com a metralha dos seus canhões, as torres e castellos de Portugal, para n'elles hastear as suas bandeiras, se em vez de subditos para as respeitarem e defenderem não teria aqui senão inimigos sem numero e sem fim, e de continuo abrazados na sêde de vingança e desafronta contra ella ?

Não se conquista, nem se algema e avassala impunemente um povo como o povo portuguez.

Podem enfraquecel-o exteriormente os ocios da paz, as mollezas da civilisação, os gozos do prazer e os estonteamentos da politica, mas não dessora nunca o sangue que é só de christãos e de filhos da cruz, e nem degenera a raça que tem, como a nossa, celebrada na historia a altivez do seu caracter, o valor do seu genio, os quilates do seu patriotismo e a força do seu pulso.

.....
Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra. Depois de 42 annos de vida publica, todos gastos no serviço da Egreja e do Estado como Bispo catholico, e sem nunca ter faltado á fidelidade ao Rei, ás instituições e ao meu paiz como cidadão portuguez, eu não aspiro a outra recompensa que não seja a de baixar ao tumulo em paz com a minha consciencia, e com a certeza de que ficará na minha querida patria, como tem estado sempre, a religião, a fé e o civismo que fez a sua grandeza e a sua gloria, e de que jámais ella se deixará enganar e vencer ou por alguns dos seus que degeneraram, ou pelos estranhos que a cobiçam; e a minha esperança de que assim ha de ser, e que tanto me alenta e conforta, vem-me tambem muito do nosso exercito.

.....
Parece que me correm ainda nas faces as lagrimas que derramei ao ver como os nossos soldados, depois de tantos soffrimentos e inclemencias para defenderem na Africa a

nossa bandeira e o nosso decoro e brio nacional, desembarcavam em Lisboa, cansados, exaustos, e não poucos prostrados pela doença, mas todos cheios de alegria e de entusiasmo, aclamando fervorosamente a integridade da patria e a honra do exercito; e não são de animo e valor differente os que a sorte cá deixou, privando-os, bem a seu pesar, de partilharem as glorias dos que foram. Com soldados assim, tão soffredores, tão bravos, tão patriotas e tão crentes ninguem poderá servir-se d'elles para conspirar contra o seu Deus e contra a sua patria, senão abusando da sua ignorancia e illudindo a sua boa fé.»

Não é menos significativo e eloquente o brinde com que já este anno em Leiria o benemerito Prelado saudou o heroe de Chaimite sr. major Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, por occasião do jantar que alli lhe foi offerecido pela officialidade do regimento de caçadores n.º 6, depois de assistir a um solemne *Te-Deum*, como o estão a demonstrar estas palavras proferidas por s. ex.^a rev.^{ma}:

«E' grande o desvanecimento e orgulho que temos de ser portuguez e mais o augmentam agora ainda estes jubilos e enthusiasmos com que um povo inteiro, sem distincção de classes, se levanta magestoso, imponente e vibrante para receber e victoriar o vingador da honra da sua patria e das armas portuguezas, e para lavrar assim o seu protesto contra tudo e contra todos que pretendam, ou amesquinhar a gratidão nacional que lhe é devida, ou pôr as suas proezas e victorias em menos do que as pozeram já alguns Estados mais poderosos da Europa.

Saudemos e louvemos estas explosões patrioticas da justiça popular e do sentimento publico, e regosijemo-nos e ufanemo-nos todos com o motivo d'ellas:

— Vós, illustres militares e officiaes do brioso corpo de caçadores 6, porque vêem da espada, que vós tanto honraes, e d'um camarada vosso, que é o vosso orgulho e a vossa gloria, os feitos heroicos e grandiosos, que ha pouco agradecemos a Deus no Templo, e que celebramos agora n'esta festa de irmãos, tão captivante e encantadora, e para a qual muito vos agradecemos a honra de termos sido convidado.

— E vós, illustres habitantes da cidade e concelho de

Leiria, tão dignamente aqui representados pelo dignissimo Presidente da Camara Municipal, porque a vossa terra, tão notavel já pelas suas tradições e pelo muito que n'ella têm florescido a fé, as musas, as lettras e as armas, tem agora a invejavel fortuna de ter dado o berço ao maior heroe de Portugal nos tempos modernos.

E não menos fortuna e menos regosijo temos nós tambem por sermos pastor, ainda que indigno, d'esta parte tão querida do nosso rebanho, e por que estas festas, se por um lado encham de jubilo e de consolações o nosso coração de portuguez, não contentam e não consolam menos o nosso coração de Bispo catholico.

Filho da fé, creado na fé, e descendente de uma familia tão profundamente religiosa e christã, como por isso mesmo tão valorosamente civica e patriotica, o glorioso filho de Leiria, e destemido vencedor africano, é um religioso e um crente, porque só um religioso e um crente leva a sua propria esposa para os campos da batalha, — elle para brandir a espada, defendendo e honrando a patria, ella para brandir as armas do ceu, curando os feridos e praticando a religião santa que professamos, no que ella tem de mais sublime.

Ponhamos os olhos n'este exemplo, e desenganemo'-nos de que da religião e das virtudes christãs é que vem o verdadeiro amor da patria e as virtudes civicas, — a abnegação, o valor, o patriotismo e a honra, que tornaram outr'ora respeitado em todo o mundo o nome portuguez.

Os nossos antigos guerreiros, que,

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que permittia a força humana,

fizeram d'um punhado de terra uma nação, que avassalou mares e continentes, nunca separaram a espada da cruz, nem os lampejos do ferro dos lampejos da fé.

Que em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

Em nosso nome, pois, e da nossa diocese e do seu cle-
ro, saudamos com todas as veras da nossa alma o sr. Mou-
sinho de Albuquerque e os seus camaradas nas batalhas de
Africa, porque, imitando os bravos portuguezes d'outr'ora,
despertaram os sentimentos patrioticos do nosso povo do
adormecimento em que estava; e hão de levantar com o seu

exemplo esta nação decahida e necessitada de muitos Mou-sinhos na politica, para a altivez de caracter, para o amor da patria e para a pratica das virtudes civicas, que são a nossa esperança de redempção no presente e no futuro.»

XXIII

Quebra o absentismo quasi normal do episcopado portuguez no parlamento. Abnegação com que cura das relações da Igreja com o Estado.

Ha annos, um catholico fervoroso e escriptor illustradissimo, escrevia: «Respondo ao *Primeiro de Janeiro* que os Prelados têm cômparecido pouco na camara dos pares para tractar dos negocios ecclesiasticos, mas não sei se teriam feito muito peor, indo lá tractal-os. A atmosphera, contaminada e viciada pelas paixões politicas, não é saudavel para quem a respira, e a tosse, que ella excita, abafa a voz suave e branda dos ministros do Evangelho.» ⁽¹⁾

Durante muitos annos foi com effeito aquelle o procedimento geralmente adoptado pelos prelados portuguezes; ultimamente, porém, tem-se seguido rumo muito diverso e affigura-se-nos que com altissimas vantagens para a Igreja. O absentismo, já quasi normal do episcopado nacional no parlamento, tende a desapparecer, e isso é em grande parte devido aos louvaveis esforços e sensatissimos conselhos do sr. Bispo Conde, que n'esse sentido pronunciou na camara dos pares, na sessão de 27 de novembro

(1) O sr. Conde de Samodães — *A liberdade da igreja em Portugal*.—Porto, 1880.

de 1894, um discurso esplendido, notabilissimo, de uma importancia excepcional, unica. Na impossibilidade de o transcrevermos por completo, transcrevemos d'elle estes preciosos trechos:

« Mas, sr. presidente, sendo eu já, e infelizmente, o mais antigo de todos em Portugal no serviço do governo diocesano, como vigário geral, como vigário capitular, e depois como Bispo, e tendo pugnado sempre desde o principio da minha carreira publica com a palavra, com a penna e com exemplo pela harmonia entre a Igreja e o Estado, e pelo auxilio reciproco que entre si devem prestar-se estes dois poderes, sem prejuizo dos direitos privativos de cada um, para mais facilmente conseguirem os fins a que ambos se propõem, fim religioso e fim social, que não podem separar-se um do outro; eu não pude deixar, sr. presidente, de pedir a palavra a V. Ex.^a para testemunhar a satisfação e o contentamento que tenho por ver que vamos entrando no caminho das minhas aspirações; o auxilio dos governos ao ministerio e acção religiosa justa e legitima dos Bispos, e o auxilio e cooperação d'estes ao desempenho da acção temporal e civil dos governos, quaesquer que sejam os partidos a que pertençam.

Sr. presidente, o grandissimo erro que commetteu o clero de 1834, entrando em demasia nas luctas e guerras de então a favor do partido vencido, trouxe, como era natural, as represalias do partido vencedor, e o receio e a desconfiança em que este tem estado sempre de que para o futuro lhe pôde ainda vir mal da classe ecclesiastica.

E com relação aos Bispos, os partidos liberaes e a sua imprensa estão sempre a julgar que tudo quanto vem d'elles é absolutismo, reacção e perigo para a liberdade, não cessando de lhes attribuir vistas absorventes do governo temporal, e ambições de predomínios temporaes e politicos dos tempos que lá vão.

Sr. presidente, o grande perigo da sociedade de hoje parece-me que não está em ella andar para traz, mas sim em que ande demasiadamente para diante, e que se precipite na ruina e na guerra do pobre contra o rico, do trabalho contra o capital, do operario contra o patrão, do proletarismo contra a propriedade, e da anarchia contra a ordem; e

em que, a par do antagonismo que d'ahi vem, entre as diferentes classes da sociedade, que é o peor de todos os males, e a maior de todas as desgraças, se quebrem e se rompam os laços sociaes, e se destruam e aniquilem as verdades e as doutrinas sobre que assenta a paz e o governo das nações.

.....

Tambem, sr. presidente, está-se para ahi sempre a dizer, talvez para desvirtuar as intenções rectas dos Bispos e para os indispor com os partidos politicos, que elles que-rem formar um partido catholico que aspire ao poder e governo da nação, com gente só do mesmo partido. Podiam fazer isso, sr. presidente, porque dentro das instituições ha campo para todos, e em que todos podem caber, e não seríamos nós, que, unidos com o nosso clero e com muitos dos nossos diocesanos, teríamos menos elementos e menos força para realisarmos taes intentos, se o tivéssemos.

Mas a verdade é que isso que dizem não tem fundamento absolutamente nenhum. Além de não ter razão de ser um partido catholico n'um paiz em que a totalidade ou quasi totalidade dos seus habitantes são catholicos, e em que a sua constituição politica e a sua legislação reconhecem e protegem a religião catholica como religião do estado, esse partido, sr. presidente, no meu entender, poderia ter o gravissimo perigo de quebrar a unidade da fé: os que não pertencessem a elle podiam deixar de ir ás egrejas e de cumprir os seus deveres de religiosos e catholicos para não parecer que pertenciam ao partido catholico.

.....

Podem, pois, os partidos politicos, que se alternam no poder, governar á sua vontade, porque nós não lhe fazemos concorrência. O que nós queremos é ajudal-os a governar bem e christãmente, e constituir uma especie de união e de força junto d'elles para que, sem impedir a sua acção governativa e a sua politica, possâmos evitar, quanto fôr possível, que elles, condescendendo com exigencias ultra-avancadas, possam combater a religião, a igreja e os seus direitos.

N'esta união e força podem estar muito á sua vontade, sem antagonismos e sem contradicções, todos aquelles que desejem a influencia salutar da religião no viver e governo do povo portuguez, ou pertençam ao partido progressista, ao partido regenerador ou a outra qualquer agremiação politica. E não se tema que d'aqui possam vir ou difficulda-

des para o exercicio do direito de inspecção do governo *circa sacra*, ou restricções para as liberdades e prerogativas da corôa, ou quaesquer obstaculos na apresentação do Real Padroeiro para o provimento dos beneficios ecclesiasticos.»

Depois e por outras vezes mais tem o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde usado da palavra na camara dos dignos pares, de que é um dos mais illustres membros, sempre com a superioridade e illustração que todos lhe reconhecem, sendo a sua palavra, verdadeiramente evangelica, ouvida com indefinivel prazer e summo respeito.

Sob o ponto de vista do episcopado portuguez se ter apresentado no parlamento a pugnar pelos interesses da egreja e do clero, é devêras interessante esta passagem d'uma importantissima pastoral do sr. Bispo Conde :

«Com os seus processos de harmonia e de reciprocas deferencias entre a Egreja e o Estado, conseguiram os Bispos que na reforma da Carta em 1885 fossem supprimidos e riscados do respectivo projecto todos os artigos e disposições que aggravavam muito o Beneplacito Regio, indo todos por essa occasião á Camara, não para combaterem o Governo, mas para obterem, como obtiveram, por meios conciliatorios e amigaveis a eliminacão de taes aggravamentos.

Mais tarde, pelos mesmos processos e com a confiança que têm conquistado de muitos homens dos partidos liberaes, com a sua isenção de paixões politicas e reaccionarias, como costuma dizer-se, e com a sinceridade que têm mostrado sempre em quererem auxiliar os Governos de todos os partidos para poderem governar bem e com justiça, tanto para o Estado como para a Egreja, não poucos beneficios têm obtido para esta; como são, entre outros, a aposentação parochial e a sua execução; a reforma das juntas de parochia; a concessão do Beneplacito ha quatro annos demorado para as Lettras Apostolicas sobre a santificação do dia de S. José; a modificação da lei eleitoral sobre as eleições nos templos; a participação legal do Clero nas funcções municipaes e administrativas; a concecção justissima

de não poucos edificios para fins de Religião e de caridade, e as obras e reparos n'outros, que têm o mesmo destino, por conta do Estado; a tolerancia bem entendida sobre o alargamento maior da vida religiosa no que respeita ao ensino, á caridade e ao culto; o auxilio e apoio dado pelo Governo ás festas e procissões religiosas, algumas das quaes os proprios Ministros do Estado têm acompanhado e abrihantado com a sua presença; a maior consideração dos Governos para com os Prelados sobre a administração das suas Dioceses, na parte que n'esta tem o Real Padroeiro pelo systema concordatario das nossas relações entre a Egreja e o Estado; e ainda ultimamente a emenda dos decretos dictatoriaes do anno passado, que suppririam os capellães no serviço da armada, e que obrigavam todos os ordinandos ao serviço militar, emendas estas de grande alcance religioso, como ninguem poderá contestar».

A maneira nobre, correctissima, como os prelados portuguezes se houveram mereceu a approvação e louvor de sua Santidade o Papa Leão XIII como o testemunha esta carta do Eminentissimo Cardeal Rampolla ao sr. Bispo Conde:

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor: — Não pude deixar de levar ao conhecimento do Santo Padre a sua apreciavel Carta de 14 do corrente e os discursos que V. S.^a Rev.^a pronunciou na Camara dos Pares em fevereiro proximo passado.

Sua Santidade teve grande prazer ao tomar conhecimento do modo como V. S.^a procedeu. Na verdade, é digno de elogio que os Bispos, conservando-se estranhos á politica partidaria, se aproveitem da honrosa qualidade de Pares do Reino para intervir todas as vezes que for necessario defender os interesses religiosos, dos quaes tambem muito depende o bem estar civil do paiz.

Congratulando-me, pois, com V. S.^a Rev.^{ma} pela defeza, que tão sabiamente tomou, dos direitos da Egreja, e transmittindo-lhe uma bençãam especial do Santo Padre, confirmo os sentimentos da mais distincta estima com que sou. — De V. S.^a Rev.^{ma}, servo M. Cardeal Rampolla.

Roma, 29 de março de 1896. — Monsenhor D. Manuel Corrêa, Bispo de Coimbra.

Na pastoral a que nos vimos referindo ha passagens d'um altissimo valor, e que no futuro hão de ser o melhor guia para quem houver de escrever a historia das relações da Egreja com o Estado, no periodo que vamos atravessando e no que diz respeito ao nosso paiz, e senão que o digam estas linhas:

«De tudo quanto vos temos exposto, amados Irmãos e Cooperadores nossos, resalta clara e nitida a conveniencia de procurarmos o bem da Religião, da Egreja e do Clero por meios conciliatorios e pacificos até onde poder ser, e não por descomedimentos de linguagem e aggressões menos moderadas contra os poderes constituídos, que infelizmente parece ter sido muitas vezes a norma de grande parte da imprensa e da politica que se diz catholica.

Diga, porém, a consciencia de todos se podiamos ter melhorado a vida da Egreja em relação ao que era ha annos atraz por este ultimo caminho. Mas não obstante o primeiro ser aconselhado e seguido por Sua Santidade Leão XIII e pelos seus dignissimos Representantes n'este Reino, os Eminentissimos Senhores Cardeaes Vanutelli e Jacobini, alguns catholicos portuguezes parecem querer antes combater e destruir todo o existente para lhe substituir o chamado partido catholico, formado na maior parte por padres e inspirado por padres. Sentimos muito não os podermos acompanhar em taes aspirações, não porque ellas não sejam as melhores sob o ponto de vista religioso, mas porque nos parecem actualmente irrealizaveis e perigosas.

Estão nos partidos liberaes, que ha sessenta annos se alternam no poder, os differentes e complicados conhecimentos da governação publica, e os grandes talentos, praticos e governativos, do paiz pelo accesso que lhes dá o actual regimen politico; e é n'elles por conseguinte que está a grande influencia e força da nação, porque os talentos, á parte os desvarios de muitos que são para lamentar, hão de sempre dominar e preponderar em tudo.

Como, pois, julgam possivel em um paiz pequeno como o nosso supplantar os todos, ou conseguir que elles se sujeitem a um Governo catholico n'aquellas condições, sem haver logo grande quebra na unidade da fé, o que seria uma grande desgraça ou grande antagonismo entre a classe

sacerdotal e laical, o que não seria menor mal nas circunstâncias em que nos achamos?

Se não nos contentarmos, como por tantas vezes temos declarado, em constituir com a nossa união perante as Camaras e junto dos Governos, quaesquer que sejam os seus partidos, um apoio e uma força que os leve a governar bem e christamente, e que evite a pressão de influencias oppositas ou a tendencia das proprias inclinações para prejudicarem a Religião e a Egreja, ou para deixarem de attender as suas justas necessidades e as dos seus ministros; se quizermos ir mais além, e se os homens, que estão nos partidos liberaes, e que não forem fervorosamente catholicos, descobrirem no Clero depois de unido, já não dizemos aspirações a governo proprio, mas vistas absorventes como dizem, ou ideias de supremacia sobre o Estado e as actuaes instituições politicas, deixarão logo de considerar e beneficiar a Egreja, e de estarem ao nosso lado, ciosos como são sempre dos seus partidos e da sua liberdade e influencia, e sempre desconfiados e possuidos do medo de que lh'a pretendam tirar.

Nem nos digam que o Clero pôde impôr-se e vencer tudo com a sua força. Pôde muito o Clero, é verdade, mas devia poder muito mais; e para este ideal, de que tanto bem viria para a patria, que não só para a religião, temos nós trabalhado sempre com vontade e perseverança na medida das nossas limitadissimas forças.

Infelizmente, porém, está elle ainda longe da sua realização.

Desde sempre, e ainda presentemente, o Clero portuguez pertence — um ao partido absolutista, outro ao partido progressista, este ao partido regenerador, e ainda algum ao partido republicano, e não poucos com pouco animo e energia, como se tem visto, para quebrar estes laços, quando seja necessario, e para fazer os sacrificios que demandar a defeza da nossa causa.

Sem a propaganda pela imprensa, como recommenda o Santo Padre, pouco ou nada se pôde fazer hoje. Os partidos avançados inimigos da Egreja, e que tanto e tão injusta e delirantemente a combatem, sustentam muitos periodicos, e alguns mais que todos florescentes; e todo o Clero do paiz não obstante o zelo e dedicação de muitos dos seus membros, e o auxilio e não pequeno dos seus Bispos, nem ao menos sustenta bem um na capital. Quantos e quantos

assignam e pagam os jornaes que não se importam com a religião, e até aquelles que a combatem, e não assignam nem pagam aquelles que a defendem.

E comtudo não faltam queixas de que o Clero não tem generaes que o guiem nas campanhas a favor da religião e da patria.

Se se referem aos Bispos, consintam-nos dizer que não têm razão. Podem não ter generaes ao sabor de cada um, mas todos têm visto que nas Camaras, nos Congressos, nas grandes festas religiosas e na imprensa, não tem faltado nunca a assistencia, a palavra e a cooperação do Episcopado portuguez, e que todo elle faz o que póde para ajudar os seus Irmãos e Cooperadores no desempenho do seu ministerio, e para bem servir a religião e o seu paiz.

Motivou esta pastoral a lei de 4 de maio de 1896, que trouxe um grande aggravamento de imposto de sello nos assentos de baptismo e casamento, e que sugeriu reclamações justificadissimas da parte do clero parochial.

N'esta questão houve-se o benemerito Prelado, como em todas as outras que o seu elevado ministerio o chama a intervir, com consumado zelo e a mais louvavel energia, reclamando desde logo perante o governo contra a execução da lei na parte que dizia respeito ao registo ecclesiastico. Foi porfiada a lucta, como se vê dos documentos publicados conjunctamente com a referida pastoral e de muitos outros que se trocaram depois, mas d'ella saiu s. ex.^a mais uma vez victorioso, como era de justiça que succedesse.

O benemerito Prelado tambem depois não regateou agradecimentos e louvores a todos os que com elle cooperaram para que fosse votada a lei que modificou as taxas do sello nos diplomas ecclesiasticos, como se vê do discurso que proferiu na sessão da camara dos dignos pares, de 27 de agosto de 1887, e que termina por estas palavras:

« Sr. presidente, na minha já bem longa carreira publica e ecclesiastica tem sido sempre este o meu ideal politico — auxiliarmos e ajudarmos os governos dos differentes partidos, para que elles nos ajudem a nós; respeitarmos e attendermos quanto possivel os ministros de Cesar, para que elles respeitem e attendam os ministros de Deus, procurando sempre desterrar d'entre uns e outros todos os preconceitos, e todos os motivos de desconfiança e discordia — por quanto, afóra os conflictos e casos extremos que felizmente não se dão, e que oxalá nunca se dêem no nosso paiz, a experiencia tem mostrado, e vae mostrando todos os dias cada vez mais, que esta politica, tão aconselhada e recomendada pelo nosso Santissimo Padre Leão XIII, é a que mais convem aos interesses religiosos da nossa querida patria; e prasa a Deus que se convença d'isto tambem todo o clero portuguez, e todos aquelles que, levados pela sua fé e pelos seus sentimentos religiosos que muito louvo, estão prestando o grandissimo serviço, que tambem muito louvo e applaudo, de protegerem e auxiliarem efficazmente a causa religiosa e catholica em Portugal.»

Pela sua parte o clero de todo o paiz, e especialmente o da diocese conimbricense, tambem se deu pressa em testemunhar ao sr. Bispo Conde quão grato lhe estava. Abriu o exemplo, se nos não falha a memoria, o arcepreste de Aveiro sr. Manoel Ferreira Pinto de Sousa, que conjunctamente com os demais parochos do arceprestado dirigiu ao nobilissimo Prelado esta mensagem:

« Ex.^{mo} rev.^{mo} sr. — São sempre motivo de jubilo para o clero parochial do arceprestado de Aveiro, como o são de certo para o de toda a diocese, as victorias alcançadas por v. ex.^a rev.^{ma} em favor da Egreja, dos pobres e dos humildes.

Aos esforços sempre louvaveis e nunca equalados de v. ex.^a rev.^{ma}, deve elle, sem duvida, muitas das concessões de que modernamente goza, e a que acresce agora a alteração feita nas vexatorias taxas das tabellas decretadas pelas leis do sello de 21 de julho de 1893 e 4 de maio de 1896, que, além de representarem um enorme gravame para os

povos, eram também, em parte, um grande estorvo para o desempenho do munus parochial.

Nunca v. ex.^a rev.^{ma} se esquece do bem estar dos fieis, que gozam a felicidade de o ter por Pastor: e é por isso, que todos são unanimes em reconhecer o muito que v. ex.^a rev.^{ma} trabalhou para conseguir aquella justissima providencia, e unanimes são também em testemunhar a v. ex.^a rev.^{ma} o muito que lhes devem, pois, se não fosse a inquebrantavel energia de v. ex.^a rev.^{ma}, jámais se conseguiria tão necessaria medida.

Immensamente agradecidos, vimos, pois, depôr aos pés de v. ex.^a rev.^{ma} em nosso nome, do nosso clero e dos nossos parochianos os testemunhos da maior gratidão e do maior respeito, fazendo votos a Deus para que prolongue por muitos annos a preciosissima vida de v. ex.^a rev.^{ma} para felicidade de todos e honra e lustre da Egreja Portuguesa.

Deus guarde a v. ex.^a rev.^{ma} — Aveiro, 3o de agosto de 1897.—Ex.^{mo} rev.^{mo} sr. Bispo de Coimbra, Conde d'Arnanil.»

O sr. Bispo Conde não descursa um só momento dos interesses da religião e da sua diocese indo ao parlamento todas as vezes que a sua presença é necessaria alli, não o detendo nunca nem os incommodos da jornada nem os muitos e variadissimos assumptos que de continuo lhe tomam o tempo e abalam a saude. Ainda na penultima sessão legislativa s. ex.^a discursou ali não só para fazer o elogio de duas grandes notabilidades politicas dos nossos dias, o conde de Casal Ribeiro e Canovas del Castillo, como também para pugnar pelos direitos e interesses da Egreja e do clero, que são a sua preocupação constante. O sr. Bispo Conde advogou ultimamente no parlamento a ideia de as eleições politicas não serem feitas nos templos como até aqui, e fel-o por tal fôrma que, alcançou do actual gabinete promessa formal de em nova lei eleitoral, ser estabelecido esse salutar principio, o que fez dizer a s. ex.^a rev.^{ma} na sessão de 24 de julho de 1897:

«Sr. presidente, tenho sido em differentes epochas apellidado, umas vezes de reaccionario e outras de liberal. Não sou nem uma nem outra cousa, sou bispo catholico e cidadão portuguez. Pois com a minha isenção de todos os partidos e de todos os exageros religiosos e politicos; com a força da minha fé, da minha consciencia e da minha convicção; e com o amor ardente e entranhado que tenho ao meu paiz, eu peço encarecidamente ao governo que seja inteiro, rasgado e completo o importante serviço que lhe vae prestar. E se assim o fizer, não lhe faltarão os applausos do publico, nem as benções do céo, nem as benções da terra.»

E' tempo de concluir. Ahi ficam ligeirissimamente esboçados alguns dos muitos e relevantissimos serviços e meritos do venerando Prelado conimbricense, materiaes talvez não de todo inuteis para quem de futuro se propozer a escrever a historia do governo episcopal do ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Manoel Corrêa de Bastos Pina, podendo egualmente ser valioso o auxilio para esse commettimento a lista completa dos escriptos de s. ex.^a rev.^{ma} com que fechamos este modestissimo escripto.



bibRIA

BIBLIOGRAPHIA
bibRIA

bibRIA



BIBLIOGRAPHIA

1) *Provisão sobre o Concilio ecumenico de 8 de dezembro de 1869.* Coimbra. Imp. da Universidade, 1869. Fol. de 5 pag.

2) *Pastoral dispensando no bispado de Coimbra a lei da abstinencia de carne durante a quaresma.* Coimbra. Imp. da Universidade, 1872. Fol. de 4 pag.

3) *Pastoral de saudação aos parochos, clero e fieis da diocese de Coimbra, dada no dia da sua sagração, 19 de maio de 1872.* Ibidem, na mesma imp., 1872. 4.º de 30 pag.

4) *Advertencia aos parochos sobre a primeira communhão dos meninos e das meninas.* Ibidem, na mesma imp., 1893. Pag. solta.

5) *Provisão para o sagrado Lausperenne nos primeiros domingos de cada mez na capella episcopal de S. João de Almedina, em Coimbra.* E' de 26 de janeiro de 1874. Pag. solta.

6) *Provisão dispensando na diocese de Coimhbra a lei da abstinencia de carne durante a quaresma.* E' de 10 de fevereiro de 1874. Pag. solta.

7) *Carta pastoral aos reverendos arciprestes, parochas e mais clero do bispado de Coimbra,* de 15 de janeiro de 1875, relativa á Bulla da Cruzada. Coimbra, na Imp. da Universidade, 1875. 4.º de 35 pag.

8) *Provisão de 14 de fevereiro de 1875, dispensando na diocese de Coimbra a lei da abstinencia de carne durante a quaresma.* Pag. avulsa.

9) *Provisão* sobre a festa da Anunciação em Quinta-feira Santa. E' de 14 de fevereiro de 1875. Imp. da Univ. Pag. solta.

10) *Carta* do bispo de Coimbra ao seu Cabido sobre a visita pastoral de 1875. Ibidem, na mesma imp., 1875, 4.º de 12 pag. fóra a folha do rosto.

11) *Pastoral* sobre o jubileu do anno de 1875. E' de 16 de junho de 1875. Idem, 1875, 4.º de 22 pag., além da fol. do rosto.

12) *Providencia* sobre a residencia coral na Sé de Coimbra. Disposições regulamentares estabelecidas pelo ex.º sr. Bispo Conde com o accordo e approvação do rev.º cabido em sessão de 21 de outubro de 1875. Idem, 4.º de 7 pag. contando as fol. do rosto.

13) *Provisão* sobre o habito talar ecclesiastico. E' de 27 d'outubro de 1875. Imp. da Universidade. Pag. solta.

14) *Provisão* dispensando na diocese de Coimbra a lei de abstinencia de carne durante a quaresma, de 17 de fevereiro de 1876. Pag. solta.

15) *Carta pastoral* aos reverendos arciprestes, parochos e mais clerigos do bispado de Coimbra. E' datada de 2 de fevereiro de 1877 e relativa á Bulla da Santa Cruzada. Coimbra, Imp. da Universidade, 1877, 4.º de 72 pag. fóra a capa, sendo algumas occupadas com documentos.

16) *Provisão* dispensando na diocese de Coimbra a lei da abstinencia de carne durante a quaresma, de 3 de fevereiro de 1877. Pag. solta.

17) *Pastoral* de 9 de maio de 1877 relativa ao quinquagesimo anniversario da sagração episcopal do Santo Padre Pio IX. Ibidem, na mesma Imp. 1877, 4.º de 6 pag.

18) *Circular* relativa ao procedimento dos parochos e clerigos nos actos eleitoraes. E' de 28 de novembro de 1877. Ibidem, 4.º de 3 pag.

19) *Circular* relativa ao recenseamento geral da população do paiz. Tem a data de 5 de dezembro de 1877. Ibidem, na Imp. da Universidade. Folha solta.

20) *Provisão* de 10 de fevereiro de 1878, ordenando súffragios por alma de Sua Santidade Pio IX, e preces *pro eligendo Summo Pontifice*. Ibidem, na mesma imp. 4.º de 4 pag.

21) *Pastoral* sobre o jubileu do anno de 1879. Ibidem, na mesma imp. 1878, 4.º de 23 pag. parte d'ellas occupadas com peças annexas.

22) *Officio* do bispo de Coimbra ao ex.^{mo} sr. governador civil do districto sobre o seminario diocesano. Ibidem, na mesma imp., 1879. 8.º de 63 pag.

23) *Circular* sobre o dinheiro de S. Pedro. E' de 30 d'outubro de 1879. 8.º de 4 pag. Ibidem, na mesma imp., 1879.

24) *Provisão* sobre a festa da Annunciação em Quinta-feira Santa. E' de 3 de março de 1880. Ibidem, na Imp. da Universidade. Pag. solta.

25) *Carta pastoral*, de 15 de janeiro de 1881, relativa á perniciosa cultura do arroz. Ibidem, na mesma imp., 1881. 4.º de 15 pag., algumas occupadas com documentos.

26) *Carta pastoral aos reverendos arciprestes, parochos e mais clero do bispado de Coimbra*, relativa á bulla da Santa Cruzada e datada de 2 de fevereiro de 1881. Ibidem, na mesma imp., 1881. 4.º de 34 pag., algumas occupadas com documentos e mais 6 folhas desdobráveis com varios mappas.

27) *Officio* do bispo de Coimbra ao governo de Sua Magestade sobre a cultura do arroz no seu bispado. Tem a data de 26 de fevereiro de 1881. Ibidem, na mesma imp., 1881. 4.º de 43 pag., muitas d'ellas occupadas com documentos interessantes ácerca da prejudicial cultura do arroz.

28) *Pastoral* sobre o jubileu extraordinario no anno de 1881. E' datada de 29 de julho de 1881. Ibidem, na mesma imp., 1881. 4.º de 23 pag. fóra da capa.

29) *Portaria* aos arciprestes, relativa ao subsidio da bulla da Cruzada para as egrejas pobres do bispado de Coimbra. E' de 30 de janeiro de 1882. Ibidem, na mesma imp., 1882. 8.º de 3 folhas.

30) *Circular* ácerca das esmolas para o dinheiro de S. Pedro. E' de 15 de fevereiro de 1882. Ibidem, na mesma imp., 1882. Folha solta.

31) *Provisão* de 15 de fevereiro de 1882, dispensando a lei da abstinencia de carne na quaresma. Ibidem, na mesma imp., 1882. Folha solta.

32) *Circular* de 7 de março de 1882, relativa á distribuição do subsidio da bulla da Cruzada pelas egrejas mais pobres da diocese de Coimbra. Ibidem, na mesma imp. 1 folha, tendo junta outra com o mappa dos arciprestados pelos quaes se fez a distribuição.

33) *Carta pastoral*, de 3 de abril de 1882, relativa á benefica prohibição da cultura do arroz em alguns conce-

lhos do bispado de Coimbra. Tem annexos alguns documentos. Ibidem, na mesma imp., 1882. 8.º de 8 pag.

34) *Palavras proferidas pelo bispo de Coimbra na academia que houve no Seminario no domingo 14 de maio de 1882, em honra de Santo Thomaz d'Aquino.* Ibidem, na mesma imp., 1882. 8.º de 8 pag.

35) *Allocução proferida pelo bispo de Coimbra na benção das locomotivas do caminho de ferro da Beira Alta, no dia 4 de agosto de 1882.* Ibidem, na mesma imp., 1882. 8.º de 12 pag.

36) *Carta do bispo de Coimbra aos arceprestes do Couto do Mosteiro, Sandomil e Santa Marinha, sobre a circumscrição diocesana.* E' de 18 de setembro de 1882. Ibidem, na mesma imp., 1882. 8.º de 8 pag., fóra as da capa.

37) *Provisão do bispo de Coimbra sobre a circumscrição diocesana de 1882.* E' datada de 30 de setembro de 1882. Ibidem, na mesma imp. 8.º de 76 pag., fóra as do rosto e do resumo d'esta provisão.

38) *Circular de 14 de dezembro de 1882, relativa aos effeitos da prohibição da cultura do arroz em alguns concelhos da diocese de Coimbra.* Ibidem, na mesma imp. 2 pag. n'uma só folha.

39) *Provisão de 15 de dezembro de 1882, mandando que nas freguezias de novo incorporadas no bispado se observasse a de 27 de outubro de 1875 ácerca do traje ecclesiastico.* Ibidem, na mesma imp. 1 folha.

40) *Circular de 21 de dezembro de 1882, relativa á observancia das regras disciplinares da diocese pelo clero que novamente lhe ficou pertencendo em virtude da circumscrição diocesana.* Ibidem, na mesma imp. 2 pag. n'uma só folha.

41) *A igreja nova da Louzã no bispado de Coimbra.* Imp. Independencia, 1883. 8.º de 25 pag. com uma noticia ácerca da mesma festividade por F. A. Rodrigues de Gusmão.

42) *Discurso proferido pelo bispo de Coimbra na academia de Santo Thomaz d'Aquino no seminario diocesano no dia 20 de maio de 1883.* Coimbra, imp. Independencia, 1883. 8.º de 19 pag. incluindo a do rosto.

43) *Circular sobre a dispensa da carne para a quaresma de 1883.* E' de 27 de janeiro de 1883. Imp. Independencia. Folha solta.

44) *Pastoral ácerca da festa do Rosario em 1883,* E'

de 27 de setembro de 1883. Imp. da Universidade. 8.º de 13 pag. fóra a da capa.

45) *Circular* de 1 de dezembro de 1883, relativa á distribuição do subsidio da bulla da Cruzada pelas egrejas pobres do bispado. Com um mappa. Imprensa da Universidade. 1883.

46) *Circular* recommendando as instrucções dadas pela Comissão central anti-phyloxerica do sul do Reino. E' de 13 de março de 1883. *Instituições Christãs*, vol. 1.º, 1.ª série, n.º 7.

47) *Romaria do Rosario a Aveiro*. Officio ao governo. E' de 30 de outubro de 1883. *Instituições Christãs*, vol. 1.º, 2.ª série, n.º 9.

48) *Provisão* agradecendo a fé e piedade com que a diocese celebrou a festa do Rosario. E' de 30 de novembro de 1883. *Instituições Christãs*, vol. 1.º, 1.ª série, n.º 11.

49) *Provisão* de 13 de fevereiro de 1884, relativa ás preces que os sacerdotes devem recitar depois das missas resadas. Imp. da Universidade. 1 folha.

50) *Provisão*, de 13 de fevereiro de 1884, sobre a recitação do Rosario e accrescentamento de um verso na laldinha de Nossa Senhora. Imp. da Universidade. 1 folha.

51) *Provisão* de 15 de fevereiro de 1884, relativo á dispensa da lei de abstinencia de carne na quaresma de 1884. Imp. da Universidade. 1 folha.

52) *Provisão* sobre a celebração do matrimonio. E' de 17 de março de 1884. *Instituições Christãs*, vol. 2.º, 1.ª série, n.º 7.

53) *Circular* sobre o subsidio da Bulla. E' de 21 de março de 1884. *Instituições Christãs*, vol. 2.º, 1.ª série, n.º 9.

54) *Discurso* proferido pelo bispo de Coimbra na academia de Santo Thomaz d'Aquino em 25 de maio de 1884. *Instituições Christãs*, vol. 2.º, 1.ª série, n.º 11.

55) *Allocução* proferida pelo bispo de Coimbra na celebração do sacramento do matrimonio a que assistiu em 5 de junho de 1884, sendo contrahentes um filho do Visconde de Montesão e uma filha do sr. José Pereira Soares, da Quinta das Laranjeiras, em Lisboa. *Instituições Christãs*, vol. 2.º, 2.ª série, n.º 4.

56) *Pastoral. Rosario. 1884*. Imp. da Universidade. 8.º de 7 pag. fóra o frontispicio.

57) *Portaria* sobre a defeza dos direitos parochiaes no enterro do reitor da Universidade, Visconde de Villa

Maior. E' de 26 d'outubro de 1884. *Instituições Christãs*, vol. 2.^o, 2.^a série, n.^o 10.

58) *Officio sobre a nomeação do bispo de Bethsaida*, dr. Ayres de Gouveia. E' de 29 de novembro de 1884. *Instituições Christãs*, vol. 2.^o, 2.^a série, n.^o 11.

59) *Questão sobre o funeral do reitor da Universidade*. Janeiro de 1885. *Instituições Christãs*, vol. 3.^o, 2.^a série, n.^o 2.

60) *Circular de 21 de janeiro de 1885*, mostrando os beneficios da bulla da Cruzada. Imp. da Universidade, 8.^o, de 6 pag.

61) *Provisão sobre a dispensa da carne na quaresma de 1885*. E' de 28 de janeiro de 1885. *Instituições Christãs*, vol. 3.^o, 1.^a série, n.^o 5.

62) *Circular sobre o subsidio da Bulla com o respectivo mappa*. E' de 7 de março de 1885. *Instituições Christãs*, vol. 3.^o, 1.^a série, n.^o 6.

63) *Discurso na academia de Santo Thomaz d'Aquino no seminario diocesano no dia 31 de maio de 1885*. Imp. da Universidade, 1885. 8.^o de 12 pag.

64) *Allocução ás associadas do Santissimo Coração de Jesus, em Aveiro, no dia 9 de agosto de 1885*. Imp. da Universidade, 1885. 8.^o de 7 pag.

65) *Pastoral. Rosario. 1885*. Imp. da Universidade. 8.^o de 8 pag.

66) *Pastoral de 23 de janeiro de 1886*, annunciando a sua proxima visita *ad sacra limina*. Imp. da Universidade, 1886. 8.^o de 5 pag.

67) *Breves palavras proferidas antes do solemne Te Deum celebrado na Sé Cathedral á sua chegada de Roma no dia 8 de abril de 1886*. Imp. da Universidade, 1886. 8.^o de 8 pag.

68) *Portaria sobre a vaccina*. E' de 26 de abril de 1886. *Instituições Christãs*, vol. 4.^o, 1.^a série, n.^o 12.

69) *Portaria sobre o canto de mulheres nas egrejas*. *Instituições Christãs*, idem.

70) *Portaria sobre a desobriga dos fieis em freguezias estranhas á sua residencia*. E' de 5 de maio de 1886. *Instituições Christãs*, idem.

71) *A extinção do convento de Sá em Aveiro e os jornaes portuguezes religioso-politicos*. Carta ao ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. nuncio apostolico Vicente Vanutelli, arcebispo de Sardia. Coimbra. Imp. da Universidade, 1886. 8.^o de 288 pag.

72) *Resposta* que, em 31 de maio de 1887, deu o bispo de Coimbra à representação da faculdade de theologia que o digno par do reino, sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, pediu, em uma das primeiras sessões do mez de abril de 1888, que fosse enviada á camara dos dignos pares.

73) *Palavras* proferidas na sessão solemne da academia de Santo Thomaz d'Aquino, celebrada no seminario diocesano no dia 2 de junho de 1889. Typ. das «Instituições Christãs» no seminario de Coimbra, 1889. 8.º de 16 pag.

74) *Pastoral* sobre a abstinencia de carne e esmola da bulla da Cruzada. E' de 8 de fevereiro de 1887. Coimbra, typ. das «Instituições Christãs», 1887. 8 pag. incluindo a do rosto.

75) *Circular* mandando fazer preces «pro felici partu» de Sua Alteza a Princeza D. Amelia. E' de 24 de fevereiro de 1887. Tem annexas as respectivas preces em latim. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 5.

76) *Circular* recommendando a do ministerio da marinha que convida o clerigo a ir exercer o seu ministerio em Africa. E' de 5 de março de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 6.

77) *Portaria* recommendando a pastoral de 8 de fevereiro de 1887 sobre as esmolos da Bulla. E' de 6 de março de 1887. Tem annexos os mappas das esmolos da mesma Bulla nas freguezias do bispado nos annos de 1885 e 1886. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 6.

78) *Circular* sobre o inquerito agricola. E' de 13 de abril de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 9.

79) *Circular* sobre a organização das reservas do exercito. E' de 17 de maio de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 11.

80) *Discurso* proferido pelo bispo de Coimbra na academia de Santo Thomaz d'Aquino no seminario diocesano no dia 5 de junho de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 12.

81) *Carta pastoral* sobre o Jubileu sacerdotal de Leão XIII. E' de 26 de setembro de 1887.

82) *Allocução* proferida pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios no Collegio de Santa Joanna em Aveiro no dia 23 d'agosto de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 2.ª serie, n.º 8.

83) *Circular* recommendando de novo o auxilio dos

RR. Parochos para o inquerito agricola. E' de 30 de novembro de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 5.º, 1.ª série, n.º 11.

84) *Provisão* sobre o Jubileu sacerdotal de Leão XIII. E' de 23 de dezembro de 1887. *Instituições Christãs*, vol. 6.º, 1.ª série, n.º 1.

85) *Felicitação* a S. Santidade pelo seu Jubileu sacerdotal. E' de 25 de dezembro de 1887. E' tambem assignado por todo o clero do Bispado. *Instituições Christãs*, idem.

86) *Pastoral* sobre a abstinencia de carne na quaresma de 1888. E' de 8 de fevereiro de 1888. *Instituições Christãs*, vol. 6.º, 1.ª série, n.º 4.

87) *Portaria* sobre os incidentes que o inquerito agricola produziu na freguezia das Febres. *Instituições Christãs*, vol. 6.º, 1.ª série, n.º 10.

88) *Provisão* sobre os suffragios que devem fazer-se pelas almas do purgatorio conforme a encyclica *ad anniversarios*. E' de 4 de setembro de 1888. *Instituições Christãs*, vol. 6.º, 1.ª série, n.º 6.

89) *Circular* sobre a distribuição do subsidio da Bulla. E' de 3 de março de 1888.

90) *Palavras* proferidas pelo Bispo de Coimbra na sessão solemne da Academia de S. Thomaz d'Aquino no dia 3 de junho de 1888. Coimbra, typ. das *Instituições Christãs*, 1888, 8.º de 7 pag.

91) *Circular* sobre o encerramento do anno do Jubileu sacerdotal de S. Santidade. E' de 18 de dezembro de 1888. *Instituições Christãs*, vol. 6.º, 2.ª série, n.º 12.

92) *Provisão* sobre a dispensa da carne para a quaresma de 1889. E' de 12 de fevereiro de 1889. *Instituições Christãs*, vol. 7.º, 1.ª série, n.º 4.

93) *Circular* sobre o subsidio da Bulla ás Egrejas do Bispado. E' de 11 de março de 1889. *Instituições Christãs*, vol. 7.º, 1.ª série, n.º 6.

94) *Circular* sobre a conducção de cadaveres para a sepultura. E' de 16 de março de 1889. *Instituições Christãs*, vol. 7.º, 1.ª série, n.º 7.

95) *Palavras* proferidas pelo Bispo de Coimbra na sessão solemne da Academia de S. Thomaz de Aquino celebrada no Seminario Diocesano, no dia 2 de junho de 1889. Typ. das *Instituições Christãs*, 1889, 8.º de 26 pag.

96) *Pastoral*—Rosario. 1889. Typ. das *Instituições Christãs*, 1889, 8.º de 16 pag.

- 97) *Officio* ao governo sobre a isenção do imposto de 4\$500 réis às dispensas de contrahentes pobres. E' de 30 de agosto de 1889. *Instituições Christãs*, vol. 7.º 2.ª série, n.º 10.
- 98) *Circular* sobre a collecta da missa. E' de 4 de novembro de 1889. *Instituições Christãs*, idem.
- 99) *Provisão* sobre a dispensa de carne para a quaresma de 1890. *Instituições Christãs*, 19 série, n.º 4.
- 100) *Circular* sobre a subscrição nacional. E' de 23 de fevereiro de 1890. Imp. da Universidade, 1890, 8.º de 6 pag. *Instituições Christãs*, vol. 1.º 1.ª série n.º 5.
- 101) *Circular* sobre o subsidio da Bulla. E' de 22 de fevereiro de 1890. *Instituições Christãs*, idem.
- 102) *Palavras* proferidas pelo Bispo de Coimbra na sessão solemne da Academia de S. Thomaz de Aquino, celebrada no Seminario Diocesano no dia 8 de junho de 1890. Typ. das *Instituições Christãs*, no Seminario de Coimbra, 1880, 8.º de 15 pag.
- 103) *Breve allocução* proferida pelo Bispo de Coimbra na Benção solemne da Igreja do extincto convento do Carmo em Collares restaurada e aberta ao culto publico no dia 27 de julho de 1890 pelo novo possuidor do mesmo extincto convento o ex.º sr. José Dias Ferreira, deputado ás côrtes e ministro e secretario d'Estado honorario, 8.º de 7 pag.
- 104) *Circular* sobre o recenseamento da população. E' de 28 de outubro de 1890. *Instituições Christãs*, vol. 8.º, 2.ª série n.º 9.
- 105) *Circular* suscitando o cumprimento de varias determinações e providencias disiplinares. E' de 8 de novembro de 1890. *Instituições Christãs*, vol. 8.º, 2.ª série, n.º 10.
- 106) *Circular* sobre a dispensa de carne na quaresma de 1891. E' de 2 de fevereiro de 1891. *Instituições Christãs*, vol. 9.º 1.ª série n.º 3.
- 107) *Palavras* proferidas pelo Bispo de Coimbra no Congresso Catholico de Braga, em 6 d'abril de 1891. Typ. das *Instituições Christãs* no Seminario de Coimbra, 1891, 8.º de 8 pag.
- 108) *Allocução* proferida pelo Bispo de Coimbra na inauguração da nova Igreja de Taboa em 17 de maio de 1861. Typ. das *Instituições Christãs* no Seminario de Coimbra, 1891, 8.º, 24 pag.

109) *Pastoral* do Bispo de Coimbra sobre a ria de Aveiro, 1891. 8.º, 12 pag.

110) *Ordens religiosas* discurso proferido pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios do Collegio de Santa Joanna de Aveiro em 19 de agosto de 1891. Typ. das *Instituições Christãs* no Seminario de Coimbra, 1891, 8.º 26 pag. fóra a advertencia final.

111) *Circular* sobre o subsidio da Bulla. E' de 23 de outubro de 1891. *Instituições Christãs*, vol. 9.º, 1.ª série, n.º 9.

112) *Pastoral* sobre a dispensa de carne na proxima quaresma de 1892. Graças espirituaes da Bulla da Cruzada e subsidio por esta concedido a egrejas pobres do Bispado. E' de 14 de fevereiro de 1892. Tem annexo o mappa das freguezias subsidiadas no anno economico de 90 a 91. *Instituições Christãs*, vol. 10.º, 1.ª série, n.º 4.

113) *Discurso* proferido pelo Bispo de Coimbra na sessão solemne da academia de S. Thomaz d'Aquino e celebrada no seminario diocesano no dia 29 de maio de 1892. Typ. das «*Instituições Christãs*», 1892. 8.º de 20 pag.

114) *Bispado de Coimbra*. O Jubileu Episcopal de Sua Santidade Leão XIII, 1893. Coimbra, typ. das «*Instituições Christãs*», 8.º de 7 pag.

115) *Bispado de Coimbra*. Os Mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o Templo da Sé Velha com uma carta em photogravura de S. M. a Rainha, 8.º de 70 pag. Coimbra, imp. do Seminario, 1893.

116) *Palavras* proferidas pelo Bispo de Coimbra na sessão solemne da academia de S. Thomaz d'Aquino, celebrada no Seminario Diocesano, no dia 11 de junho de 1893. Coimbra, typ. do Seminario, 1893. 8.º de 15 pag.

117) *Bispado de Coimbra*. A educação da mulher portugueza. Doutrinas expostas pelo Bispo de Coimbra na distribuição dos premios no Real Collegio Ursulino de Coimbra e no de Santa Joanna de Aveiro em 10 e 17 de agosto de 1893. Coimbra, typ. do Seminario, 1893, fol. 8.º 29 pag.

118) *Carta* do bispo de Coimbra ao arcepreste da Pampilhosa da Serra, sobre a sementeira do tabaco. Datada de Carregosa de 4 de setembro de 1894. 8.º de 11 pag.

119) *Discurso* proferido pelo bispo de Coimbra no congresso catholico internacional de Lisboa celebrado em 1895. Coimbra, typ. do Seminario, 1895. 8.º de 16 pag.

120) *Pastoral* do bispo de Coimbra sobre as taxas do sello nos assentos do baptismo e casamento, e sobre as relações da egreja com o estado. Coimbra, Imp. da Universidade, 1896. 8.º de 24 pag.

121) *Palavras* proferidas pelo bispo de Coimbra na inauguração do Museu de antiguidades no Instituto de Coimbra, no dia 26 de abril de 1896. Coimbra, Imp. da Universidade, 1896. 8.º de 14 pag.

122) *Palavras* proferidas pelo bispo de Coimbra, quando foi recebido na Real Academia de Historia de Madrid no dia 6 de junho de 1896. Coimbra, Imp. da Universidade, 1896. 8.º de 13 pag.

123) *A execução* das leis de fazenda na extincção dos conventos, queixa a Sua Magestade El-Rei do que se fez na extincção do de Semide em agosto de 1896, feita pelo bispo de Coimbra. Lisboa, Manoel Gomes, editor, 1895. 8.º de 131 pag.

124) *Palavras* relativas ao fallecimento do snr. conde de Casal Ribeiro proferidas na camara dos dignos pares do reino pelo bispo de Coimbra em sessão de 9 de janeiro de 1897. Lisboa, Imp. Nacional, 1897. 8.º de 8 pag.

125) *Allocução* proferida pelo Bispo de Coimbra no 25.º anniversario da sua sagração episcopal. Coimbra, typ. do Seminario, 1897. 8.º de 7 pag.

126) *O dia de S. José*. Provisão de 10 de março de 1895. 8.º de 8 pag.

127) *Carta* do sr. Bispo Conde a Sua Magestade El-Rei—No Boletim Mensal do governo ecclesiastico da diocese de Coimbra, III anno, n.º 61, pag. 88 e 89.

128) *Palavras* proferidas pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Bispo Conde no alto do Sameiro quando alli chegou a peregrinação no dia 20 de maio de 1894.—No Boletim Mensal do governo ecclesiastico da diocese de Coimbra, II anno, n.º 4, pag. 50 e 54.

129) *Carta* do ex.^{mo} sr. Bispo Conde a Sua Magestade a Rainha. E' datada de Coimbra. 20 de junho de 1894, Idem, pag. 54 e 56.

130) *Na camara* dos dignos pares — Sessão de 27 de novembro de 1894 — Discursos de interesse religioso, 8.º de 22 pag.

131) *Carta* do Bispo de Coimbra ao illustrissimo e excellentissimo senhor José Estevão de Moraes Sarmiento, ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra. Coimbra, 1896. 8.º de 15 pag.

132) *Palavras* proferidas pelo bispo de Coimbra na camara dos dignos pares do reino em 1897, nas sessões de 13 e 24 de julho sobre as eleições nas egrejas; na de 9 de agosto sobre o assassinio de Canovas del Castillo; e na de 27 do mesmo mez sobre a lei do sello nos diplomas ecclesiasticos. Coimbra, typ. do Seminario, 1897. 8.º de 20 pag.

133) *Carta* do Bispo de Coimbra ao em.^{mo} e rev.^{mo} sr. Cardeal Patriarcha sobre os acontecimentos de Lisboa no dia 30 de julho de 1895. Coimbra, typ. do Seminario, 1891. 8.º de 10 pag.

134) *Correspondencia* do Bispo de Coimbra com o governo de Sua Magestade sobre as esmolas da capella de Semide. Coimbra, typ. do Seminario, 1897, 8.º de 21 pag.

135) *Circular* sobre a commemoração do IV centenario da descoberta do caminho maritimo da India. Coimbra, Imp. Academica, 1898. 8.º de 8 pag.

bibRIA



bibRIA

INDICE ANALYTICO

bibRIA



INDICE ANALYTICO

I

Nascimento e primeiros estudos.—Forma-se em direito e abraça em seguida a vida ecclesiastica 1 a 2

II

E' nomeado chantre e vigario geral da diocese de Bragança. Passa a exercer identicas funcções na de Vizeu e em seguida na de Coimbra. Primeira e segunda vez vigario capitular *sede vacante* em Vizeu. Scisma incipiente promptamente desfeito. Os seus actos merecem a sanção da Santa Sé e do governo portuguez 3 a 6

III

De novo vigario geral em Coimbra. Sae victorioso na lucta da nomeação do escrivão da camara ecclesiastica 7 a 8

IV

Nomeado governador do bispado de Coimbra introduz importantes reformas no Seminario. E' apresentado coadjutor e futuro successor do bispo D. José Manoel de Lemos. Morte d'este prelado antes da sua confirmação. Vigario capitular *sede vacante* e nova apresentação na diocese conimbricense. Delongas na confirmação. Carta notabilissima que a tal respeito dirige ao bispo de Bragança D. José Alves Feijó. Falsas accusações de que fôra franco-maçõ e era inimigo dos conventos desfeitas. Como se puluerisa uma calumnia. E' enfim confirmado pela Santa Se. Jubilo com que esta nova é recebida em Coimbra. Luzidissima festa da sua sagração. Pastoral de saudação aos seus diocesanos. Preeminencias da mitra de Coimbra 8 a 28

V

Visitas pastoraes. Campanha contra os arrozaes. Procura beneficiar as tristes condições da pesca na ria de Aveiro

28 a 35

VI

Liberaes e absolutistas. Imparcialidade politica. A questão dos capellães do convento das Therezinhas resolvida a contento de todos. Medidas salutareas quanto a missões. Allocução que é um verdadeiro modelo de piedade e de doutrina. Strenuo defensor do seu clero. Condenna que este se envolva nas luctas politicas

36 a 43

VII

Cria no Seminario uma nova cadeira destinada ao ensino da philosophia thomista. *Instituições Christãs*. Academia de S. Thomaz e as suas brillantissimas festas litterarias. Trechos notaveis dos eloquentissimos discursos que pronunciou nas de 1883, 1884, 1885, 1887, 1888, 1889, 1890 e 1892

43 a 58

VIII

Nova circumscripção diocesana. E' contrario tanto ao augmento como á diminuição territorial do seu bispado. Despede-se commovido das freguezias que por aquella medida governativa passam a fazer parte de outras dioceses. Palavras de saudação que dirige aos que vem agora para o rebanho de que é Pastor. Testemunhos de gratidão e saudade que recebe d'aquelles e provas de subido apreço e fervido enthusiasmo com que é acolhido por estes. Visita Leiria onde deixa em cada habitante um amigo. Auxilia poderosissimamente a construcção de um novo templo em Aveiro e esta cidade dá-lhe o primeiro testemunho de reconhecimento, fazendo esculpir alli o seu brazão episcopal. Visita Aveiro onde é recebido com grande enthusiasmo. Saudações e cumprimentos que lhe dirige a imprensa local. Emprehe a grande romaria do Rosario. Descripção d'esta imponentissima solemnidade religiosa

59 a 76

IX

Providencias justissimas tomadas a proposito do enterro do visconde de Villa Maior, reitor da Universidade. Replica brillantissima

77 a 79

X

Criado pela reforma do exercito de 1884 um corpo de cavallaria em Aveiro, a camara d'esta cidade pede o seu concurso para edificação do quartel onde se ha de alojar o novo regimento. O coração e o dever. Extincção do convento de Sá em Aveiro e quanto procurou vital-a.

80 a 85

XI

Revive-se a velha intriga de ser inimigo dos conventos; provas evidentissimas demonstrando o contrario. Os conventos de Santa Thereza e Santa Clara de Coimbra, padrões de piedade e de gloria, continuam a subsistir em seguida á morte das ultimas professas, graças á dedicação e aos esforços de s. ex.^a rev.^{ma} Enthusiasmo pela vida piedosa dos antigos mosteiros. Reorganisa o collegio de Santa Joanna Princeza estabelecido no extincto convento de Jesus em Aveiro. Invoca-se o insuspeito testemunho de Lino da Assumpção quanto aos methodos de ensino n'elle adoptados. Cuidados e disvelos com que acompanha aquella reorganisação. Trechos de um discurso notabilissimo sobre qual deva ser a educação da mulher portugueza. Chama para o seu bispado as Irmãs missionarias de S. José de Cluny. Apreciação entusiastica que das mesmas faz Antonio Ennes. Muito que se interessa pela conservação do edificio do convento de Santa Clara e existencia das suas antigas pupilas. Carta da Rainha sobre o assumpto. Agradecimento de s. ex.^a rev.^{ma} Brado eloquente e energico em prol das recolhidas do convento de Semide

85 a 111

XII

Porque escreveu o livro *A extincção do convento de Sá*. Applausos com que é recebida esta apreciabilissima publicação. A faculdade de theologia da Universidade julga-se aggravada com ella. Passagem do livro que dá motivo a esses infundados agravos. Resposta levantada e digna que lhe é dada. A Santa Sé intervem no pleito pronunciando-se contra as doutrinas perfilhadas por aquella faculdade. Períodos da resposta inequalvel dada á representação que a mesma dirigiu ao governo sobre o assumpto

112 a 122

XIII

Viagem ad sacra limina. Honras e obsequios que lhe são dispensados em Roma. Testemunhos de louvor em cartas especiaes recebidas dos Papas. Brilhantissima recepção que tem na capital da sua diocese ao regressar

de Roma. Como é desaggravado pela imprensa e pelos seus diocesanos das insinuações pouco correctas de um nuncio

123 a 131

XIV

Inauguração do caminho de ferro da Beira Alta. Trechos do discurso que pronunciou n'essa occasião na Figueira da Foz

132 a 133

XV

Concorre para a edificação e restauração de muitos templos do seu bispado. Inauguração das egrejas de Tábua e da Louzã. Como premeia os que mais trabalharam para aquelles melhoramentos. Emprehe a restauração da Sé Velha. Cita-se uma passagem de Herculano. Maneira acertadissima como se effectua aquella restauração. Uma carta da Rainha a proposito d'ella . .

134 a 144

XVI

As grandes solemnidades da Sé. Funda o Thesouro da Sé. Difficuldades que é mister vencer. Um facto de ha dois dias a demonstral-o. O que é a collecção d'arte religiosa do Museu Nacional e como se encontram as das outras cathedraes do paiz. Descrevem-se os objectos mais preciosos e notaveis expostos no Thesouro da Sé de Coimbra. Brado d'alma em prol da conservação do côro de Loryão.

144 a 160

XVII

Grandes melhoramentos e reformas introduzidas no Seminario. Incalculaveis beneficios que este presta á instrucção e subsidios valiosos que prodigalisa aos alumnos pobres que se destinam á vida ecclesiastica. A escrupulosa e felicissima escolha do seu professorado torna-o o primeiro estabelecimento do seu genero existente no paiz. Carta de louvor de Leão XIII pelos cuidados que consagra á instrucção do clero

160 a 167

XVIII

Protecção dada ás artes e industrias de Coimbra. Palavras que pronuncia no encerramento da exposição districtal em 1884. Manda distribuir lapis, tintas e objectos de desenho e livros aos alumnos pobres das escolas. Premios e auxilios pecuniarios a operarios. Congresso nacional de tuberculose. Opulenta com dadivas os muzeus da Escola Brotero e do Instituto. Discurso que pro-

nuncia a inaugurar este, e, publico testemunho de acendrado agradecimento que por essa occasião recebe. Procurando o bem estar da classe operaria emprehende a edificação de um bairro onde alguns dos mais morigerados e pobres tenham habitação saudavel e gratuita. Commemora com este enorme beneficio as suas bodas de prata. Trecho do discurso em que annuncia tão feliz nova. Não se limita só a Coimbra a sua protecção ás classes trabalhadoras

167 a 175

XIX

A Quinta da Costeira. Um parochio benemerito. Ensaio de viticultura em Carregosa. Um *atelier* entre cerros. Um brejo convertido em jardim. Mortos queridos. Ficalga hospitalidade

175 a 181

XX

Congressos catholicos de Braga e Lisboa. Discursos e apreciações. No alto do Sameiro: Prefaciando uma obra estrangeira sobre uma rainha portugueza, torna conhecida uma carta que uma outra rainha portugueza tambem lhe dirigiu, e que é um documento importantissimo para a historia dos nossos dias

181 a 189

XXI

Hospeda no seu Paço os prelados, os representantes da Santa Sé e as primeiras sumidades do paiz sem distincção de cor politica. A Familia Real Portugueza offerece um almoço no Seminario. Discurso que pronuncia por essa occasião. Hospeda no seu Paço de Leiria a SS. MM. El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia. Trecho de um brinde tão eloquente como entusiastico

190 a 197

XXII

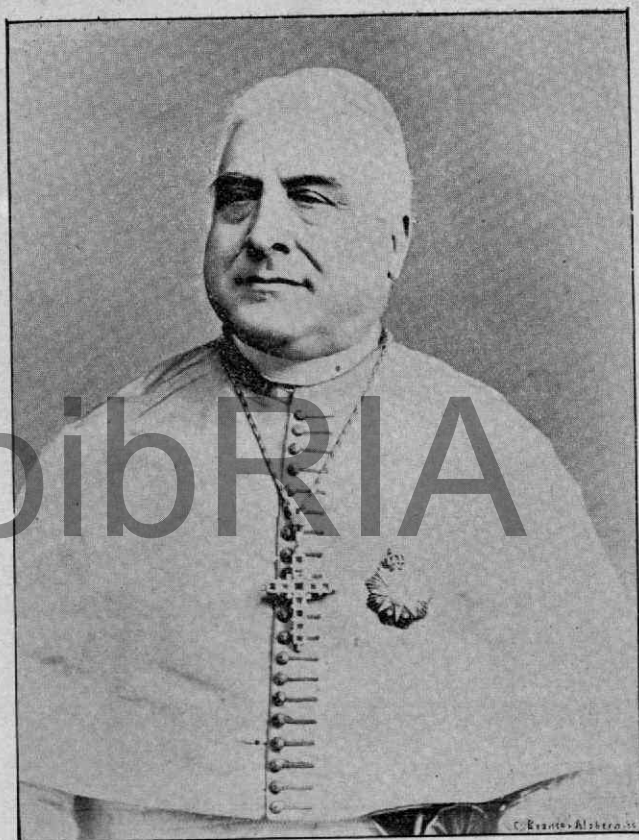
Eleito socio da Real Academia de Historia de Madrid dirige a esta douta corporação um agradecimento que é um modelo de linguagem e de patriotismo. Como a proposito d'elle se expressa um dos homens mais notaveis de Portugal. Em Madrid. Sanchez Moguel e Herculano. Honras e obsequios mercedissimos que recebe alli. Discurso que pronuncia na Academia Real de Historia. Carta muito notavel que dirige ao ministro da guerra Moraes Sarmiento em que exalta os feitos do ex-portuguez nas campanhas d'Africa. Sauda n'um brinco religioso como patriótico o heroe de Chaimite. Negociação com que cura das relações da Igreja com o estado. Quebra o absentismo quasi normal do episcopado portuguez no parlamento. Bibliographia.

198 a 217

ESBOÇO BIOGRAPHICO

bibRIA

biblioteca



C. Beato - Alghero 18

19204
D. MANOEL CORRÊA DE BASTOS PINA

BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL

ESBOÇO BIOGRAPHICO

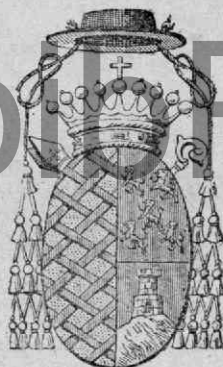
POR

MARQUES GOMES

Da Real Academia de Historia de Madrid, da Academia Real
das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra

SEGUNDA EDIÇÃO

1956/06/18



biblioteca

10
/

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1898



007460